



**Odete Firmino Alhadass Salgado**

**RECONSTRUINDO VIDAS NA LEITURA  
LITERÁRIA: ANÁLISE DE NARRATIVAS DE  
MIGRAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA  
SOCIODISCURSIVA**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Prof. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega

**Rio de Janeiro  
Dezembro de 2019**



**Odete Firmino Alhadas Salgado**

**RECONSTRUINDO VIDAS NA LEITURA  
LITERÁRIA: ANÁLISE DE NARRATIVAS DE  
MIGRAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA  
SOCIODISCURSIVA**

Tese apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-  
graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.  
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Profa. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega**  
Orientadora  
Departamento de Letras da PUC-Rio

**Profa. Inés Kayon De Miller**  
Departamento de Letras da PUC-Rio

**Profa. Liliana Cabral Bastos**  
Departamento de Letras da PUC-Rio

**Profa. Maria Das Graças Santana Salgado**  
UFRRJ

**Prof. Gustavo Bernardo Galvão Krause**  
UERJ

**Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 2019.**

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

### **Odete Firmino Alhadassal**

Graduada em Letras (Português e Latim) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011) e Mestre em Linguística pela mesma instituição (2014). Possui experiência na área de produção de material didático e tecnologias educacionais, foi Professora Substituta do Instituto de Letras da UERJ e, atualmente, é Docente do curso de Letras na rede particular. Sua pesquisa se insere no âmbito da Linguística Aplicada, trabalhando em interface com os Estudos Literários.

### Ficha Catalográfica

Salgado, Odete Firmino Alhadassal

Reconstruindo vidas na leitura literária : análise de narrativas de migração sob uma perspectiva sociodiscursiva / Odete Firmino Alhadassal Salgado ; orientadora: Adriana Nogueira Accioly Nóbrega. – 2019.

223 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2019.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Migração. 3. Linguística Aplicada. 4. Relação texto-leitor. 5. Análise de narrativas. 6. Clarice Lispector. I. Nóbrega, Adriana Nogueira Accioly. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para todas as mulheres nordestinas e migrantes, que honro em memória. Em especial, para minha mãe, de quem herdei o sangue e a história.

## Agradecimentos

Uma imensa vida acontece ao longo de quatro anos. Nesse meio tempo, muita gente chegou e partiu. Muitas estavam só de passagem, algumas apareceram para ficar; outras tantas foram embora; umas transitaram, indo e voltando, migrantes de mim. É certo que todos levam meu afeto e deixam um pouco de si, tornando todas as trocas humanas fundamentais para o que sou e o que escrevo aqui. Minha mais profunda e eterna gratidão a todas as pessoas com quem cruzei meus caminhos nesse ciclo, fortalecendo laços ou apenas deixando-os ir.

Em especial, agradeço às pessoas que foram fundamentais para que essa tese fosse materialidade:

Mãe, apesar de você ser participante desta pesquisa, uso esse espaço para te agradecer apenas por ser minha mãe. Por ter me conduzido por bons caminhos, por ter valorizado a minha formação acadêmica, por ter sempre apoiado as minhas escolhas e por ter segurado a barra de todas elas comigo. Eu te amo!

Adriana Nóbrega, obrigada por nunca ter deixado com que eu me sentisse errada, ou no lugar errado, por querer conduzir uma pesquisa sobre literatura em estudos do discurso. Desde que cheguei à PUC, em 2015, você "comprou minha ideia" e me ajudou a fazê-la florescer, me orientando quando eu estava desorientada, me abraçando quando eu precisava de afeto (que você tem de sobra), me guiando para a luz, em todos os sentidos. Muito obrigada por ser minha orientadora, parceira e amiga – encontros de alma são eternos.

Carlos Gouveia, meu orientador no período de doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa, meu muito obrigada pela recepção carinhosa e cuidadosa em Portugal, pela paciência na explicação de pontos teóricos e na discussão dos dados comigo – o seu olhar foi fundamental para a construção e finalização desta tese, tornando tudo muito mais "pêra doce".

Inés Miller, muito obrigada por todo afeto, ensinamentos, construções de entendimentos, compartilhamentos e trocas. Desde o primeiro período do doutorado, sentia em você uma permissão – e até um pedido – para o meu fazer poético, que acredito estar presente em tudo o que faço, desde a tese à sala de aula.

Eu realmente adoraria que você fosse uma das minhas avós (já disse isso para todo mundo, agora escrevo para registrar!), só porque acho que deve ser muito bom estar tão pertinho do seu carinho o tempo todo.

Liliana Bastos, esse pesquisa não seria o que é se eu não tivesse passado pelas suas mãos. Muito obrigada por toda a doação, por toda troca, por acreditar nas conexões que eu propus desde nossa disciplina, no primeiro período de 2016, e por me apresentar o mundo maravilhoso das narrativas orais – agora nenhuma história passa despercebida.

Graça Salgado, muito obrigada pela sua leitura atenta e afetuosa, desde minha banca de mestrado. Naquela ocasião, ainda não nos conhecíamos e receber um parecer positivo foi fundamental para que eu pudesse seguir em frente, confiando em mim mesma e em minha capacidade de conduzir uma pesquisa no doutorado.

Gustavo Bernardo, você me lê desde o terceiro período de graduação, nos idos de 2009 (e espero ter melhorado um pouco nos últimos dez anos!), sempre disponível para a dúvida, sempre me ensinando que o principal é protegê-la. Muito obrigada por sua leitura sempre sincera, generosa e emocionada.

Quero agradecer também às professoras Tania Salies e Liana Biar, por aceitarem fazer parte dessa banca como membros suplentes. Liana, em particular, muito obrigada por todas as trocas ao longo de nossas aulas no doutorado e em eventos. Todas as suas considerações sobre este trabalho são parte do que ele é hoje.

Meu muito obrigada, em suma, a todos os professores que contribuíram para a minha formação e para o meu crescimento acadêmico. Em especial, agradeço às professora da UERJ, Gisele de Carvalho e Marina Augusto.

Um obrigada, ainda, a todos os funcionários da secretaria de Letras da PUC-Rio, especialmente à Chiquinha, sempre muito amorosa e disposta à ajudar. Também agradeço à PUC-Rio, ao CNPq e à FAPERJ pelos auxílios concedidos.

Por fim, agradeço às participantes desta pesquisa, Cássia e Taís, pela disponibilidade, entrega e confiança. Espero ter honrado suas memórias e histórias.

E, claro, agradeço às leitoras e aos leitores que por aqui passarem.

## Resumo

Salgado, Odete Firmino Alhadas; Nóbrega, Adriana Nogueira Accioly (orientadora). **Reconstruindo vidas na leitura literária: análise de narrativas de migração sob uma perspectiva sociodiscursiva**. Rio de Janeiro, 2019. 223p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo tem como objetivo a análise discursiva de narrativas geradas na interação entre mulheres migrantes e a obra literária "A hora da estrela", de Clarice Lispector, que possui como temática central a migração. O ambiente de geração dos dados, assim, é contextualizado pela literatura, que é pano de fundo para as interações; e pela temática da migração, que tangencia as histórias de vida dessas mulheres - Cássia, Taís, eu mesma e Macabéa - protagonista da obra literária escolhida. O foco da pesquisa está voltado para o acontece na interação entre as participantes e para a (re)elaboração de experiências nas narrativas, quando temas ligados à construção de identidades, estigmas e instituições emergiram de forma recorrente. Sendo assim, de forma mais específica, os objetivos são: (i) analisar o discurso narrativo das participantes no que diz respeito às suas experiências migratórias; (ii) analisar como as participantes avaliam suas experiências vividas a partir da interação com a obra literária e (iii) analisar que identidades, estigmas e instituições emergem nessa prática discursiva avaliativa que as participantes elaboram acerca de seu processo migratório. Esta pesquisa insere-se no âmbito da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013) e propõe uma investigação de cunho interdisciplinar entre os Estudos da Linguagem e a Literatura. Para fundamentar as análises, o arcabouço teórico-metodológico dialoga com teorias de linguagem de base social, a saber as áreas de análise de narrativa e os estudos de identidade (BASTOS, 2008); da sociolinguística interacional, a partir de alguns conceitos cunhados por Goffman (1961; 1963; 1979); e da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; GOUVEIA, 2009; NÓBREGA, 2009), especialmente, o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). No âmbito dos Estudos Literários, recorro à estética da recepção à teoria do efeito estético, principalmente aos postulados de Jaus (1994 [1969]) e de Iser (1996 [1976]), que se preocupam com a relação entre texto e leitor. Dessa forma, o alinhamento metodológico se dá com a pesquisa qualitativa

(DENZIN; LINCOLN, 2006), por ser uma investigação situada em teorias de bases sociais. A pesquisa também possui um cunho autoetnográfico (ELLIS, ADAMS; BOCHNER, 2010), visto que se desenvolve em um contexto familiar, em que uma das participantes possui uma relação direta de parentesco com a pesquisadora. Os resultados das análises sugerem que as interlocutoras, por meio de suas histórias de vida, (re)constróem identidades e afetos pela diferenciação de Macabéa, personagem da obra literária. Os momentos avaliativos se mostram fundamentais para (re)construção das narrativas, que dialogam com o contexto de leitura da obra de Clarice. Sendo assim, Cássia e Taís (co)constróem e (re)constróem identidades para migrante nordestina, recontextualizando uma mulher crédula e ingênuo na figura de uma mulher batalhadora, estudiosa, que busca e conquista sua ascensão social apesar dos estigmas sofridos e das vivências de abuso nas chamadas "casas de famílias", entendidas como instituições totais. Esta tese pode contribuir de forma original para a área de Linguística Aplicada, que incentiva pesquisas de caráter inter/transdisciplinar. Além disso, mostra-se um ato de (re)existência - e de resistência - de tantas histórias de mulheres nordestinas e migrantes.

### **Palavras-chave**

Migração; Linguística Aplicada; relação texto-leitor; análise de narrativas; afeto; Sistema de Avaliatividade; identidade; estigma; instituições totais; A hora da Estrela; Clarice Lispector.



## Abstract

Salgado, Odete Firmino Alhadas; Nóbrega, Adriana Nogueira Accioly (advisor). **Rebuilding lives in literary reading: analysis of migration narratives under a sociodiscursive perspective**. Rio de Janeiro, 2019. 223p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present study aims at analyzing narratives generated in the interaction between migrant women and the literary work "The hour of the star", by Clarice Lispector, whose main theme is migration. Thus, the environment of data generation is contextualized by the literature, which is the background for interactions; and by migration, topic that touches the life stories of these women – Cassia, Taís, myself and Macabéa – protagonist of the chosen literary work. The focus of the research is on what happens in the interaction between the participants and the (re)elaboration of narrative experiences, when themes related to the construction of identities, stigmas and institutions emerged in a recurrent way. Hence the objectives are: (i) to analyze the narrative discourse of the participants regarding their migratory experiences; (ii) to investigate how the participants evaluate their lived experiences in the interaction with the literary work and (iii) to observe which identities, stigmas and institutions emerge in this evaluative discursive practice that the participants made about their migratory process. This research is developed within the scope of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006; 2013) and proposes an interdisciplinary investigation between Language Studies and Literature. To support the analysis, the theoretical-methodological framework dialogues with socially based language theories, namely the areas of Narrative Analysis and Identity Studies (BASTOS, 2008); of Sociointeractional Perspective of Discourse, based on some concepts from Goffman (1961; 1963; 1979); and of SFL (HALLIDAY, 1994; GOUVEIA, 2009; NÓBREGA, 2009), especially the Appraisal Theory (MARTIN; WHITE, 2005). In the context of Literary Studies, I refer to the Aesthetic of Reception and the Theory of Aesthetic Effect, especially to the postulates of Jauss ([1969] 1994) and Iser ([1976] 1996), that concern with the relationship between text and reader. The methodological framework aligns with qualitative research (DENZIN; LINCOLN, 2006), as it is an investigation situated on socially based theories. The research also has an auto-ethnographic aspect

(ELLIS, ADAMS; BOCHNER, 2010), since it is carried out in a familiar context, in which one of the participants has a direct relationship with the researcher. Results suggest that interlocutors, through their life stories, (re)construct identities and emotions through the differentiation of Macabéa, character of the literary work. The evaluative moments are fundamental for the (re)construction of narratives, which dialogues with the reading context of Clarice's work. Cassia and Taís (co)construct and (re)construct identities for the migrant from northeastern of Brazil, recontextualizing a gullible and naive woman in the figure of a struggling, studious woman who seeks and conquers her social ascension despite the stigmas suffered and experiences of abuse in the so-called "family homes", understood here as total institutions. This thesis may contribute in an original way to the area of Applied Linguistics, encouraging inter and transdisciplinary research. Moreover, it is shown an act of (re)existence – and resistance – of so many stories of migrant women from northeastern of Brazil.

### **Keywords**

Migration; Applied Linguistics; text-reader relationship; narrative analysis; emotions; Appraisal Theory; identity; stigma; total institutions; The hour of the star; Clarice Lispector.

## Sumário

<b>1 SOBRE NOVOS COMEÇOS</b>	<b>14</b>
<b>2 LONGE DE CASA</b>	<b>23</b>
2.1 Migrações no contexto brasileiro	31
2.2 Migrações no recorte de gênero social	33
2.3 Migrações no âmbito dos Estudos da Linguagem e dos Estudos Literários	35
<b>3 CAMINHOS PERCORRIDOS</b>	<b>37</b>
3.1 O posicionamento metodológico: o olhar da pesquisa qualitativa	38
3.2 O enquadramento epistemológico: o entendimento da Linguística Aplicada	39
3.3 O lugar social ocupado pelo texto literário	41
3.4 O viés autoetnográfico	45
3.4.1 O contexto de geração de dados e as participante	48
3.4.1.1 Cássia	49
3.4.1.2 Taís	50
3.4.1.3 Odete	52
3.4.1.4 Macabéa	53
3.4.2 Questões éticas da pesquisa	54
3.4.3 Recorte, seleção e análise dos dados	58
<b>4 QUEM CONTA A HISTÓRIA</b>	<b>62</b>
4.1 Sobre a relação texto-leitor e a ficção que fala de si mesma	64
4.2 Sobre as narrativas geradas nas interações	68
4.3 Sobre a linguagem da avaliação e o afeto como construto social	73
4.4 Sobre as identidades (re)construídas nas narrativas	76
4.5 Sobre a construção do estigma e das intuições totais	78
<b>5 O ESPELHO DE CLARICE: (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NARRATIVOS E DE IDENTIDADES</b>	<b>83</b>
5.1 "Tinha uma cartomante e ela leu o meu futuro"	84
5.1.1 No meio da história tinha uma história	93
5.1.2 Construção pela diferença	95
5.1.3 Pesquisadora-personagem	101
5.2 "Tem uma pré-história na minha cidade e tem uma pré-história no Rio de Janeiro"	105
5.2.1 No meio da história tinha algumas histórias	108
5.2.2 Construção pela diferença	111
5.2.3 Pesquisadora-professora	115
<b>6 GAIOLAS DO MUNDO NOVO: (RE)CONSTRUÇÕES DO ESTIGMA E DAS RELAÇÕES DE TRABALHO</b>	<b>118</b>
6.1 "Era igual escrava"	119
6.2 "Mandou embora não, ela me expulsou"	131

<b>7 RECONSTRUINDO VIDAS NA LEITURA LITERÁRIA: RECEPÇÃO E EFEITO ESTÉTICO</b>	<b>140</b>
7.1 Sobre o narrador-autor-personagem	142
7.2 Sobre as cartomantes que habitam esta história	146
<b>8 DE VOLTA PARA CASA?</b>	<b>152</b>
8.1 O que contamos quando contamos uma história	154
8.2 Uma soma de todos os afetos	156
8.3 Ser mulher, nordestina, migrante: do estigma ao confinamento	158
8.4 O "eu" que resta depois do fim	161
<b>9 (IN)CONCLUSÕES</b>	<b>164</b>
<b>10 ESTANTE</b>	<b>169</b>
<b>ANEXO I</b>	<b>177</b>
<b>ANEXO II</b>	<b>178</b>
<b>ANEXO III</b>	<b>202</b>
<b>ANEXO IV</b>	<b>222</b>

Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com seu estrondo possível de átomos. O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito. Então eu grito.

Clarice Lispector em "A hora da estrela".

## **SOBRE NOVOS COMEÇOS**

Se esta história não existe, passará a existir.<sup>1</sup>

Fora uma decisão intempestiva. Depois de muita hipótese familiar, em janeiro de 2018, comprei uma passagem aérea que me levaria até João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Durante muitos anos, procurar os parentes perdidos no interior era uma questão para as duas matriarcas da família – minha mãe e minha tia. Para mim, é claro, isso só se tornou uma necessidade no meio do fazer desta pesquisa. Que laços, afinal, eu poderia ter com uma família distante, com o Nordeste e com todas as suas histórias antes de observar esse recorte de mundo como objeto de pesquisa? Os laços de sangue são biológicos; no entanto, os laços afetivos são construções sociais.

Então, em abril de 2018, quando, de fato, eu deveria estar escrevendo estas palavras, estava indo ao encontro do completamente desconhecido. Chegando em João Pessoa, o primeiro descobrimento foi a rede de solidariedade e de amizade: paraibanos me ajudando a encontrar paraibanos. Partindo de uma pequena pista, datada de mais de uma década, fui até o distrito de Cajá, localizado no município de Caldas Brandão, região do agreste. E foi nessa terra, no meio do Nordeste brasileiro, que pude significar este ser-outro que ainda não podia compreender, apesar de ter nascido em uma família de mulheres nordestinas e migrantes. Encontrei uma gente de antagonismos: de vasto conhecimento sobre a vida e de baixo letramento; de felicidade estampada no sorriso e de rosto marcado pelo tempo; de completa doação, em uma acolhida sincera, e de histórias sofridas.

Para além da reunião com a família e com um irmão que eu não conhecia em meus quase trinta anos de existência, pude descobrir um significado maior para as páginas deste estudo. É preciso olhar para o nordestino e, por extensão para o migrante, a partir de seu próprio entendimento do que é a realidade<sup>2</sup>. Parece

---

<sup>1</sup> LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998, p. 11.

<sup>2</sup> O uso do termo "realidade", neste estudo, não pressupõe a existência de um real pré-concebido, estático, imutável. Em contrapartida, me alinho à perspectiva da Psicologia Social de Bruner ([1990], 1997), que entende o "real" como um construto social.

relativamente fácil pensar, mas o exercício concreto é difícil. Seria muito mais cômodo chegar ao Nordeste imbuída dos meus valores, construídos no Sudeste (o que, em verdade, aconteceu), do que é uma vida boa, digna e saudável. Contudo, para tentar compreender esse povo, é preciso se despir do que podemos julgar como certo. É preciso sair do quadrado e da forma que nos constrói. É preciso dar lugar a uma nova concepção de ser e de estar no mundo, o que tento colocar em prática nas análises que empreendo neste estudo.

O mesmo ímpeto que me levou ao Nordeste, me fez atravessar o oceano. Em setembro de 2018, estava indo rumo à Portugal, onde realizei o meu estágio de doutoramento sanduíche<sup>3</sup>. Nesse período, entrei em contato com inúmeras histórias de vida de mulheres migrantes e construí muitas reflexões sobre o fenômeno migratório, temática foco das narrativas orais observadas ao longo desta pesquisa. Embora não tenham se transformado em dados transcritos e analisados aqui, todas as histórias que ouvi nesse período de vida em Lisboa, incluindo a minha própria, me perpassam, me atravessam e compõem quem sou hoje e o texto que apresento a seguir.

Começo esta tese em "media res", no meio do curso de eventos desse vir a ser que é o doutorado, para já antecipar a sensação de reorganização temporal que as narrativas orais podem proporcionar às minhas leitoras e aos meus leitores. Começo não pelo início, mas pelo meio do caminho, porque o narrar nunca é linear. Contar uma história é uma tentativa de dar forma ao caos que é a experiência humana a partir de nacos de memória. O tempo de uma narrativa é maleável, dobrável, podendo caminhar para frente e para trás ao costurar a poética dos acontecimentos.

O impulso de ir, eu mesma, à Paraíba para procurar minha família nasceu destas linhas, o que pode parecer paradoxal. Basta que a leitora e o leitor imaginem a serpente que morde a própria cauda – a ouroboros – para compreender a relação intrínseca entre experiência e escrita; entre atribuir significado à própria vida e contribuir socialmente com esta pesquisa. Dessa forma, me tornar eu mesma migrante em outro país, em um continente completamente desconhecido, também foi uma experiência essencial para o processo de escrita destas páginas. Foi por

---

<sup>3</sup> O estágio denominado "doutorado sanduíche no exterior" foi realizado na Universidade de Lisboa, Portugal, sob orientação do Professor Doutor Carlos Gouveia a quem agradeço a contribuição para este estudo. Também agradeço à FAPERJ pelo fomento concedido para realização deste período da pesquisa.

meio de minha própria locomoção, que pude ocupar, similarmente, o lugar de deslocamento, o lugar do outro, o ser estrangeiro.

Minha reflexão sobre a minha própria migração – possível ou voluntária – em oposição à migração – forçada – das participantes deste estudo, Cássia, minha mãe, e Taís, minha aluna, é mais uma peça no quebra cabeças que monto com este texto. Portanto, um olhar para mim mesma, a partir de uma perspectiva autoetnográfica, é essencial no contexto deste trabalho, cujo objetivo é, em linhas gerais, analisar discursivamente histórias orais de mulheres migrantes, que convenciono chamar de narrativas<sup>4</sup>, geradas por meio da interação com uma obra literária. Esta pesquisa, portanto, que me modificou de forma irreversível, incentivou meus próprios movimentos de vida; ao mesmo tempo, dialeticamente, todos os caminhos que trilhei ao longo desses quatro anos de pesquisa foram fundamentais para a narrativa que conto nesta tese.

Este estudo nasceu no primeiro semestre de 2016, quando decidi empreender um encontro de leitura com minha mãe, Cássia. Escolhi o romance "A hora da estrela", de Clarice Lispector, cuja temática central é a migração de Macabéa e sua vida no Rio de Janeiro. Minha intenção era causar alguma identificação, uma catarse nos termos aristotélicos, entre minha interlocutora e a obra literária. Com isso, pretendia ouvir suas próprias histórias de migração, o que de fato aconteceu. Entretanto, naquele momento, ainda não sabia a potência criadora dessas narrativas e como elas me afetariam de forma a constituir, de fato, meu objeto de pesquisa.

Como as leitoras e os leitores devem ter percebido logo nos primeiros parágrafos, o interesse em trabalhar com a temática da migração nasceu, em primeira instância, de minha própria história familiar que reflete a diáspora do mundo pós-colonial (HALL, 2005 [1992]). Desde pequena, já escutava histórias de migração contadas por meu pai, cuja família emigrou de Portugal em 1889, para buscar uma nova vida no Brasil. Pelo lado materno, revivo diariamente os contos sobre a migração de Cássia, que saiu do Nordeste em direção ao Rio de Janeiro, em 1974.

---

<sup>4</sup> O termo "narrativa" é aqui empregado não em uma concepção literária, mas de acordo com a perspectiva socioconstrucionista, em que o significado é construído pela ação em conjunto de participantes em práticas discursivas, situadas na história, na cultura e na instituição (MOITA LOPES, 2001).



Minha segunda motivação para a realização desta pesquisa é de caráter acadêmico, proveniente do anseio em trabalhar com o texto literário a partir de uma perspectiva social de linguagem. Tal encanto começou a se formar ainda durante minha graduação e na dificuldade de localizar meus objetivos de pesquisa em apenas uma área de conhecimento. Durante o curso de Letras, vivenciando a separação entre as áreas de Linguagens e de Literaturas, percebi que desejava ocupar um entre-lugar dessas disciplinas. Portanto, desde o Mestrado na subárea de Linguística, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (SALGADO, 2014), minha agenda de pesquisa já propunha um trabalho de cunho interdisciplinar<sup>5</sup>.

Justamente por propor uma conexão entre áreas dos Estudos da Linguagem de base social e a Literatura, insiro a presente tese no âmbito da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013). Para Moita Lopes (2013), o discurso das Ciências Sociais e das Ciências Humanas, grandes áreas em que este estudo se insere, é um discurso sobre a sociedade e sobre as pessoas no mundo, por isso é preciso trazer à tona não as grandes narrativas, mas as pequenas histórias dos entre-lugares da vida social, que podem apresentar alternativas para o nosso presente, adiantando o futuro ou, devo completar, (re)criando o passado. Este estudo, portanto, ao oferecer uma relação estreita com o texto literário, pretende olhar para a interação e para as narrativas de migração, que se constituem histórias de vida (LINDE, 1993).

Como área de produção de conhecimento, a Linguística Aplicada também se encontra nesse entre-lugar. Segundo Moita Lopes (2006), o campo é lugar de desestabilização e de desconstrução de certezas; de indisciplina em relação ao que está dado e posto como verdade absoluta; de transgressão ao que é fixo e homogêneo, o que significa, em muitos casos, não estar amarrado à teorização de uma única disciplina. Entendida como uma área de "mestiçagem", propõe-se uma indisciplinaridade, um "sair da caixa" ao buscar saber o que outros campos do conhecimento podem dizer sobre a linguagem (MOITA LOPES, 2006). Sendo assim, existe a necessidade de pensar os Estudos da Linguagem e os Estudos

---

<sup>5</sup> O objetivo de minha pesquisa de Mestrado foi analisar um texto literário a partir da perspectiva sociosemiótica de Linguagem. Assim, utilizei o arcabouço teórico-metodológico da Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004; GOUVEIA, 2009) para compreender aspectos representacionais na obra "Caim" de José Saramago (SALGADO, 2014).

Literários em diálogo com outras teorias que atravessam o campo das Ciências Sociais e Humanas.

Considero que a interrelação entre os campos do saber supracitados é essencial, uma vez que ainda parece existir um vácuo no diálogo entre departamentos de Língua e de Literatura em muitas instituições – seja no âmbito de graduação ou de pós-graduação. Encaixotamos o conhecimento, nos trancamos em salas separadas e, logo, trabalhamos a portas fechadas, desconhecendo pesquisas e interesses de áreas afins que poderiam estar em colaboração mútua. Dessa forma, ao intentar uma análise que se situa no entre-lugar, no campo dos Estudos da Linguagem e dos Estudos Literários, este estudo pode se mostrar relevante na construção de pontes entre saberes.

Portanto, situo esta pesquisa nesse lugar inter e transdisciplinar para abrir a possibilidade de repensar o que é dado como modelo de construção de conhecimento. Como linguistas aplicados críticos<sup>6</sup>, nossa posição deve ser a de nos situar nas fronteiras (MOITA LOPES, 2006, p. 99), ou, como eu diria, nos entre-lugares, em que diferentes áreas de investigação se encontram.

Posto isso, o propósito deste estudo é analisar a interação entre as leitoras e o texto literário, observando quais sentidos as participantes constroem para as suas próprias histórias de vida de migração a partir da obra "A hora da estrela" de Clarice Lispector. O ambiente de geração dos dados, assim, é contextualizado pela literatura, que é pano de fundo para as interações; e pela temática da migração, que tangencia as histórias de vida dessas mulheres – Cássia, Taís, eu mesma e Macabéa – protagonista da obra literária escolhida. Meu olhar está voltado para o acontece na interação entre as participantes e para a (re)elaboração de experiências nas narrativas, a partir da leitura literária.

Mais especificamente, os meus objetivos são:

- analisar o discurso narrativo das participantes no que diz respeito às suas experiências migratórias.
- analisar como as participantes avaliam suas experiências vividas a partir da interação com a obra literária.

---

<sup>6</sup> É importante frisar que situo este trabalho em uma Linguística Aplicada Contemporânea e Crítica (MOITA LOPES, 2006; 2013; PENNYCOOK, 2006).

- analisar que identidades, estigmas e instituições emergem nessa prática discursiva avaliativa que as participantes elaboram acerca de seu processo migratório.

Sendo assim, acredito que a relevância deste estudo se encontra na reflexão sobre como um encontro social de leitura pode contribuir para entendimentos de questões macro, que envolvem o próprio movimento migratório; e, além disso, questões no nível micro, sobre como as narrativas de migração emergem a partir de uma leitura literária e que sentidos são construídos e reconstruídos nessas histórias de vida.

Em geral, o contato com o mundo dos livros começa muito cedo. Podemos folhear as primeiras páginas quando crianças e contamos histórias antes de decifrar a palavra escrita. É a partir da tinta gravada sobre o papel que o discurso literário<sup>7</sup> se materializa. Entretanto, criamos histórias desde que nos constituímos como seres de linguagem no mundo, pois as narrativas são propriamente o ato de contar e recontar na interação com o outro, ou seja, constituem um discurso organizado temporalmente, (co)construído em nossas relações sociais. Por conseguinte, em meu entendimento, é possível dizer que a literatura surgiu de nossa capacidade humana e social de contar e recontar histórias. Só escrevemos histórias porque organizamos nosso discurso oral de modo a narrar algo a nossos interlocutores.

Estamos sempre contando algo que aconteceu, buscando uma maior compreensão para nossas experiências e (re)construindo nossas identidades em conjunto com o outro. Nossas pequenas narrativas diárias são práticas sociais, assim como a leitura, incluindo a literária. É por meio das histórias que organizamos nossa experiência de vida e (re)construímos sentidos sobre nós mesmos. Entendendo a literatura e as narrativas orais como práticas sociais, percebo que a leitura literária é uma situação de linguagem que acontece na sociedade e não pode ser compreendida fora de seu contexto, isto é, um texto só pode ser entendido a partir das circunstâncias de sua produção. Logo, este

---

<sup>7</sup> Entendo o termo "discurso literário" não apenas como a designação do fenômeno literário, mas como a produção de significados que abrange questões ideológicas, contextuais e a própria materialidade do texto literário do autor, ou seja, o discurso literário é uma prática social que constrói representações e relações em uma mensagem textualmente organizada.

trabalho propõe uma reflexão sobre a vida social e sobre a relação com a literatura como um modo de ser e de estar no mundo, a partir da (re)construção da própria vida das participantes em suas histórias (LINDE, 1993; MISHLER, 1999; 2002; BASTOS; 2005; 2008).

Para fundamentar minhas análises, como brevemente mencionei, busco respaldo teórico em teorias de linguagem de base social. Fabrício e Moita Lopes (2002) tratam sobre a natureza socioconstrucionista<sup>8</sup> do discurso, entendendo, portanto, a linguagem como um construto social. De forma alinhada a essa concepção, realizo um diálogo teórico-metodológico entre as áreas de análise de narrativa e os estudos de identidade (LABOV, 1972; BRUNER [1990] 1997; MISHLER, 1999; 2002; LINDE, 1993; BASTOS, 2005; 2008); da sociolinguística interacional, a partir de alguns conceitos cunhados por Goffman (1961; 1963; 1979); e da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004; GOUVEIA, 2009), mais especificamente buscando apoio no Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009), que preocupa-se com a compreensão da dimensão interpessoal da linguagem e como os sentidos são negociados por meio de nossos posicionamentos avaliativos.

No âmbito dos Estudos Literários, já que me proponho a estar no entre-lugar entre esses grandes campos do saber, recorro aos estudos da recepção e do efeito estético, principalmente aos postulados de Jaus ([1969] 1994) e de Iser ([1976] 1996; 1999), que se preocupam com a relação entre texto e leitor. Segundo os autores, o processo de leitura é dialógico, dinâmico e mutável. O leitor sempre interage com a obra a partir de suas próprias leituras e experiências anteriores, sua bagagem particular conversa com a obra nesse encontro. Sendo assim, o efeito produzido por uma obra está ligado à subjetividade do leitor. Busco apoio também no conceito de metaficção e metarrealidade (KRAUSE, 2010) para compreender a relação entre a obra literária e a construção de sentidos narrativos elaborada pelas participantes. Em suma, me alinho a concepções que, de alguma forma, deslocam o foco da análise literária, deixando de olhar apenas para a relação entre autor-obra para entender a relação do sujeito com o texto lido.

---

<sup>8</sup> O conceito de socioconstrucionismo está relacionado à Psicologia Social, que se preocupa com a construção social da realidade (BRUNER, [1990], 1997, p. 57).

Nessa perspectiva, o capítulo a seguir contextualiza o fenômeno migratório, traçando, por meio de um breve panorama dos estudos na área de migração, um esboço sobre o contexto em que estão situadas as narrativas analisadas. Penso, além disso, sobre a relação dessas narrativas de migração com os Estudos da Linguagem e os Estudos Literários. No terceiro capítulo, apresento os caminhos epistemológicos e metodológicos que percorri para empreender as análises realizadas. Estabeleço o posicionamento da pesquisa qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006) e da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013), como alicerces fundamentais para a discussão deste estudo, e ilustro como a autoetnografia (ELLIS, ADAMS; BOCHNER, 2010) pode auxiliar minhas análises ao considerar a figura do próprio pesquisador como participante no momento de geração dos dados. Neste momento, também relaciono os diversos arcabouços teóricos que utilizo com o campo interdisciplinar da Linguística Aplicada, buscando entender o entre-lugar da literatura (SANTIAGO, [1971] 2000).

Posteriormente, no capítulo quatro, apresento os pressupostos teóricos que fundamentam minhas análises. Mais especificamente, relaciono os entendimentos da recepção e do efeito estético aos estudos de narrativa e mostro, ainda, o embasamento teórico do meu foco na construção de sentidos avaliativos sobre as experiências narradas e como elas podem ser compreendidas a partir da construção de identidades, estigmas e instituições. Nos capítulos cinco, seis e sete, apresento minhas propostas de análise das interações entre as participantes e a obra literária. Em seguida, no capítulo oito, proponho uma discussão e uma reflexão crítica a partir dessas análises, observando o que os entendimentos construídos pelo olhar micro podem nos dizer sobre o macro, isto é, a vida social. Por fim, no nono capítulo divido algumas (in)conclusões.

Para seguir em frente, acredito na importância de pensar esta tese como metáfora da vida social, o que significa admitir que ela é intrinsecamente imperfeita, por vezes incoerente, mas aberta a (re)construções sempre que lida. Com isso, é apenas por meio deste diálogo com minha leitora e meu leitor que este trabalho pode se consolidar e, de fato, prestar sua contribuição à sociedade.

É preciso confessar, ainda, que percebo o meu próprio ofício de escrita desta tese como uma contadora de histórias o faria. Cássia, Taís e eu – mulheres tão reais quanto Macabéa – se tornam também personagens de minhas análises. Convido minha leitora e meu leitor, então, a conhecer a história dessas mulheres

migrantes. Similar à história de Macabéa, que não existe, mas passa a existir pelas letras de Clarice, penso este trabalho como um ato de (re)existência – e talvez de resistência – de tantas histórias de mulheres nordestinas e migrantes.

## LONGE DE CASA

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?<sup>9</sup>

Desde o princípio da industrialização dos centros urbanos brasileiros, milhões de nordestinos e nordestinas migraram, e ainda migram, para o Rio de Janeiro. Suas histórias, por vezes esquecidas e silenciadas, hoje pairam sobre minha cabeça. Eu, cria de uma mulher nordestina migrante, vivi muito tempo ausente dessa reflexão necessária para compreensão das identidades que construo como professora e pesquisadora na grande área das Ciências Humanas. Neste capítulo, portanto, apresento um breve exame da diáspora nordestina a partir de um recorte de estudos sobre o que é o fenômeno migratório sob o ponto de vista de outras áreas do conhecimento e situo minha própria pesquisa como uma contribuição para esse campo do saber. Sendo assim, veremos as migrações no contexto brasileiro, em seguida, em um recorte de gênero social e, por fim, alguns exemplos de trabalhos no âmbito dos Estudos da Linguagem, mais especificamente no que tange à Linguística Aplicada<sup>10</sup>, e dos Estudos Literários.

\* \* \*

Basta apenas um olhar de relance em direção à história da humanidade para associá-la com a movimentação de pessoas e povos de um local para o outro. Em meu entendimento, o que comumente chamamos de migração pode ser considerado um ato quase inerente a nossa espécie que, desde os primórdios de sua existência, vivia de forma nômade. Partindo dos conhecimentos construídos

---

<sup>9</sup> LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998, p. 14

<sup>10</sup> Como já mencionado no capítulo introdutório, a Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013) é uma grande área do conhecimento, de caráter inter e transdisciplinar, que preocupa-se com a vida social. No próximo capítulo, explicarei de forma pormenorizada como entendo esses pressupostos fundamentais para as bases epistemológicas deste estudo.

ainda na educação básica, sabemos que desde o período pré-histórico os seres humanos se deslocavam no espaço, buscando encontrar alimentos ou fugindo de adversidades climáticas.

Mesmo quando a descoberta da agricultura gerou o hábito de vida sedentário, o comércio entre os povos forneceu uma nova roupagem para esse modo de vida marcado pela ausência de raízes. Na época das grandes navegações, durante a transição da Idade Média para a Idade Moderna, é possível perceber que a busca pelo novo e pelo desconhecido havia se consolidado como uma das grandes questões humanas.

Justamente por perceber a migração como um fato passível de observação de forma natural em nossa sociedade, se torna difícil (e até mesmo impossível) atribuir a esse movimento um significado único. De acordo com Hall ([1992] 2005), é possível considerar a migração como um fenômeno intrínseco à vida social e ao processo de globalização. Em uma tentativa de valorizar as vozes do Sul<sup>11</sup>, escopo da Linguística Aplicada, escolho me alinhar à Lisboa (2006), cuja definição de migração dialoga de forma mais ampla com o tempo-espaço desta escrita. Segundo a autora:

[Migração é] uma ação social de caráter individual ou coletiva, espontânea ou forçada, que ocorre através de um deslocamento interno (do campo para a cidade, de uma cidade para outra, no mesmo país), ou externo (de um país para o outro); envolve cruzamento de fronteiras administrativas e políticas (territórios), e fixação de nova residência, bem como um processo de desenraizamento do local de origem seguido de novo enraizamento (aculturação) no local de chegada. (LISBOA, 2006, p. 152).

É fato que diversas áreas do conhecimento, tais como os estudos demográficos, as ciências sociais, a antropologia, dentre outros, se debruçam sobre esta temática, traçando diferentes acepções a partir de suas perspectivas, o que indica a necessidade de uma compreensão mais aprofundada. Este capítulo

---

<sup>11</sup> No âmbito da Linguística Aplicada, Moita Lopes (2006), assim como outros autores, argumenta sobre a necessidade de abrir espaço para as chamadas "vozes do Sul", isto é, para os sujeitos que constituem e são constituídos nas práticas sociais e históricas em que nos situamos no hemisfério sul. Isso não significa, contudo, rotular todo o conhecimento produzido no hemisfério norte como colonizador ou inadequado. Segundo a visão de Moita Lopes (2013), há inúmeras contribuições para estudos pautados na vida social produzidas por pesquisadores que estão "do lado de lá" do mundo. O ponto crucial de sua argumentação é a construção de um desenho de pesquisa que seja responsivo a nossa prática social.



pretende, portanto, traçar um breve panorama dos estudos migratórios e apresentar a necessidade desta pesquisa em um âmbito discursivo.

E, ainda, é importante esclarecer, por mais que possa parecer óbvio para minha leitora e para meu leitor, que este capítulo é fruto de meu próprio olhar como pesquisadora do tema, por isso o estado da arte dos estudos migratórios que apresento é um recorte e não pretende exaurir a questão, mas embasar como compreendo o fenômeno e fundamentar as análises propostas nos capítulos a seguir.

Sendo assim, para observar as diferentes visões sobre o fenômeno, elenco como ponto de partida os estudos da chamada Escola de Chicago<sup>12</sup>, que, de acordo com Zanforlin (2014), formulou as principais teorias e conceitos sobre imigração no início do século XX. Isso porque, naquela época, os maiores desafios dos Estados Unidos eram, segundo Becker ([1990] 1996), a pobreza e a imigração, que ainda hoje são consideradas um problema. Um grande influenciador do pensamento gerado em Chicago foi Simmel, que, em 1908, formulou o conceito sociológico de estrangeiro.

Diferentemente da compreensão habitual, do viajante que chega um dia e parte novamente no dia seguinte, o estrangeiro é aquele que está no limiar, na tensão entre proximidade e distância: embora já pertença a um grupo, espacialmente determinado, sua posição é condicionada pelo próprio não pertencimento. Para Simmel ([1908] 2005), portanto, o estrangeiro, embora não tenha prosseguido o seu caminho, não abandonou completamente a liberdade de ir e vir, ele é um "inimigo interno".

Conforme Zanforlin (2014), as ideias lançadas por Simmel constroem um caminho para se pensar a relação entre cidade, migração, e trocas culturais e comunicacionais iniciadas pela Escola de Chicago. Sendo assim, já em Chicago, Park, que fora aluno de Simmel, desenvolve o conceito de "homem marginal". Segundo Park ([1928] 2017), o homem marginal é o que, ao separar-se de sua cultura de origem, está sempre construindo para si uma nova identidade. O ser híbrido, mestiço, se encontra em um estado de crise permanente, porque vive entre

---

<sup>12</sup>Fundada em 1895, a chamada Escola de Chicago foi berço dos estudos sociológicos na região leste dos Estados Unidos, possuindo grande tradição em pesquisa etnográfica e interesse pela interação social. Mais do que uma instituição, se tornou uma escola de pensamento, já que suas ideias se espalharam pelo mundo junto com os pesquisadores que ela formou.

dois mundos e, em ambos, é um pouco estrangeiro. Este ser humano, que vive entre fronteiras e que está à margem, é o modelo do cosmopolita, do cidadão do mundo. Dessa forma, de acordo com o autor, os processos migratórios são a força motriz que colocam os seres humanos em movimento, em competição, em conflito ou em cooperação, construindo, assim, as mudanças culturais, a própria ideia de civilização e de progresso pela da mistura étnico-racial (PARK, [1928] 2017).

Na mesma época do surgimento da Escola de Chicago, no final do século XIX, Ravenstein (1885) desenvolvia, no âmbito dos estudos geográficos e demográficos, sua teoria sobre o fenômeno migratório com o modelo de atração-repulsão. O autor, ainda considerado um clássico, entendia que a decisão do ato migratório seria do indivíduo, que sempre procurava maximizar seu lucro dentro da lógica da economia. Logo, os migrantes seriam influenciados pela existência de fatores repulsivos existentes no território de partida e, ao mesmo tempo, por fatores atrativos no território de destino.

Ravenstein (1885), a partir de estudos empíricos e pouco sistemáticos baseados em recenseamentos da população britânica, traçou as chamadas Leis da Migração, que foram revistas por Lee (1966) posteriormente. Nessa recapitulação, Lee considerava a existência de obstáculos intervenientes e fatores pessoais como aspetos determinantes na decisão de migrar (LEE, 1966). Contudo, é importante destacar que, para ambos os autores, o ato de migrar está fortemente associado a questões econômicas, que seriam a principal causa dos deslocamentos populacionais.

O mesmo entendimento pode ser observado em estudos mais recentes, no tronco teórico neoclássico, que, assim como Ravenstein (1885) e Lee (1966), compreendem as migrações por sua expressão econômica. Os deslocamentos espaciais de trabalhadores seriam o somatório de suas decisões individuais e o ato de migrar, nesse caso, funciona como fator corretivo de desequilíbrios socioeconômicos. O ser migrante é entendido como homem ou mulher livre, portador do trabalho, que busca o máximo de retorno para seu investimento (SALIM, 1992). Uma crítica sobre a concepção neoclássica diz que a sua adoção para análise da questão migratória significa desconsiderar toda a questão histórica que está no entorno, isto é, o contexto social em que a movimentação de pessoas ocorre (PÓVOA-NETO, 1997).

Outro arcabouço teórico que pode ser utilizado para compreender as migrações é a concepção histórico-estrutural (SALIM, 1992). Diferentemente do entendimento dos autores clássicos, que colocavam o poder sobre o próprio deslocamento no indivíduo inserido no mercado capitalista, esse modelo observa como os grupos e as classes sociais sofrem a dinâmica das estruturas sociais e econômicas às quais estão submetidos, ou seja, o ato de migrar só ganha sentido dentro dos processos sociais, deixando de ser uma decisão individual e passa a ser entendido como um fenômeno. Migração aqui significa a saída de trabalhadores anteriormente inseridos em estruturas sociais tradicionais para inserção em um mercado de trabalho essencialmente capitalista.

Entretanto, segundo Póvoa-Neto (1997), na concepção histórico-estrutural há uma desvalorização da escuta do próprio migrante, pois ele não traria em si a explicação dos processos vividos. Para o autor, assim, compatibilizar os níveis micro e macro parece ser uma dificuldade para o pesquisador que assume este tronco teórico (PÓVOA-NETO, 1997). Nesta pesquisa, por outro lado, o enfoque está justamente em observar como um pequeno encontro social – o encontro de mulheres migrantes com uma obra literária e com a pesquisadora – pode informar sobre o contexto macro. Este estudo não intenciona, adicionalmente, encontrar uma resposta para os fenômenos, mas entender como as participantes (re)constroem e (co)constroem<sup>13</sup> discursivamente suas experiências, quando em interação com uma obra literária.

Para além dos troncos teóricos neoclássico e histórico-cultural, Salim (1992) apresenta um terceiro entendimento, cujo foco recai sobre a mobilidade da força de trabalho com base na teoria marxista. Nesse caso, as migrações não podem ser encaradas fora da realidade do trabalho social, mas sim como um pressuposto econômico dele. Isto significa que é preciso observar as condições em que ocorre a produção de bens e serviços e como se estruturam as relações de trabalho em determinado tempo-espço (PÓVOA-NETO, 1997). Para essa concepção, o ato de migrar não é uma condição permanente da humanidade, como eu disse no início deste capítulo, mas, ao contrário, é um fenômeno produzido pelo processo de desenvolvimento do capitalismo.

---

<sup>13</sup> Entendo que há uma (re)construção, mas também uma (co)construção, visto que as narrativas são fruto de uma interação social, ou seja, as participantes reelaboram suas as experiências de forma colaborativa comigo e com a obra literária.

Como o foco da minha pesquisa incide sobre questões discursivas, não aprofundarei a discussão sobre os troncos teóricos que analisam o fenômeno migratório sob a ótica dos estudos geográficos e demográficos. Contudo, acredito que não poderia deixar de aludir a este aspecto, visto que, quando pensamos em migração, essas são as áreas de estudo que parecem saltar primeiro a nossa memória. É preciso destacar, ainda, que os três troncos teóricos mencionados colocam o trabalho no centro da análise do fenômeno. Entretanto, em meu ponto de vista, justamente por levarem em consideração o aspecto histórico e social, os entendimentos da concepção histórico-cultural e o da mobilidade da força de trabalho podem apresentar um avanço em relação ao tronco neoclássico.

Em suma, podemos observar, neste breve passeio teórico, que existe uma enorme heterogeneidade de estudos e concepções de migração na modernidade (SALIM, 1992). Não existe, pois, um corpo de estudiosos examinando um conjunto de fenômenos consensualmente delimitados, mas, ao contrário, há um campo de enfrentamentos a respeito da questão migratória.

É preciso aceitar a existência dessas questões e de suas formas de intervenção - a política migratória -, o que implica ainda, na visão de Póvoa-Neto (1997), descartar a ilusão do analista observador privilegiado, que se coloca a distância e acima do vagar de tantos brasileiros. Segundo Póvoa-Neto (1997), todos esses impasses na definição do que é migração não impede que os discursos sobre a questão migratória sejam formulados, mas exige que as análises sejam menos ingênuas. Sendo assim, a discussão sobre migração possui um sentido social mais amplo do que apenas atestar a existência de fluxos migratórios no espaço geográfico (PÓVOA-NETO, 1997). É instigante mencionar que esse entendimento se alinha a própria discussão sobre o que é fazer pesquisa em Linguística Aplicada, tópico explorado no próximo capítulo.

Quando pensamos no fenômeno migratório, em geral, o primeiro motivo que supostamente leva pessoas e povos a se locomoverem envolve uma busca por melhores condições de trabalho e de vida. Na modernidade, que é proveniente da expansão do capitalismo como modo dominante de produção após a revolução industrial no século XIX, vemos nascer a ideia de divisão do trabalho, de ampliação da produtividade e de progresso. Para Sousa Santos (1995), são as promessas do capitalismo que orquestram a trajetória da humanidade (SOUSA SANTOS, 1995, p. 78-79) e, conseqüentemente, a meu ver, o processo de migração para os países

mais desenvolvidos, por exemplo. Sendo assim, a conjuntura do mundo moderno torna as questões econômicas mais evidentes quando se trata de deslocamentos populacionais. O desenvolvimento do capitalismo, portanto, precisa ser considerado na análise da mobilidade populacional, pois é a própria estrutura que promove os deslocamentos dos grupos pelo espaço.

Nós vivenciamos uma modernidade em crise por conta de todas as promessas não cumpridas do capitalismo (SOUSA SANTOS, 1995) e do próprio questionamento do ser humano como sujeito no mundo. Mondardo (2007), discutindo a produção teórica sobre as migrações no contexto da modernidade, mostra a problemática de apenas os fatores econômicos protagonizarem os estudos a partir do contexto pós-moderno. Nesse sentido, para o autor, é preciso incorporar novos elementos aos estudos migratórios, tais como a subjetividade, a identidade, a relação eu/outro, a memória e as representações e o duo ausência/presença, dando ênfase para as questões socioculturais (MONDARDO, 2007). Essa perspectiva é também valorizada por Diniz e Coelho (2007), pois, de acordo com as autoras, a migração é um fenômeno social complexo, multidimensional e multifacetado, que é afetado por fatores pessoais, relacionais, históricos, sociais, econômicos e culturais.

Outra consideração de Mondardo (2007) para a questão é a necessidade de perceber a modernidade e a pós-modernidade como momentos de um mesmo processo e, por ser um fenômeno intrincado, a migração precisa ser observada a partir de uma perspectiva teórico-metodológica que incorpore, além dos elementos econômicos, o fator cultural. Para o estudioso, é necessário romper com um modelo dicotômico, superando a exclusividade do elemento econômico nos estudos migratórios (MONDARDO, 2007).

Dessa forma, estudiosos de geografia e da demografia percebem a necessidade de indagar mais o aspecto social e subjetivo do fenômeno. Por exemplo, Nogueira (1991) entende que a migração, ao contrário dos outros componentes da dinâmica demográfica, como a mortalidade ou a fecundidade, não possui uma precisão biológica, e, por isso, depende das noções de tempo e de distância, ambas ancoradas na interpretação de cada pesquisador. Portanto, pensar sobre o lugar do pesquisador e a valorização da subjetividade, tópico que será explorado no próximo capítulo, também é uma dimensão presente nos estudos sobre migração.

É possível perceber que muitas das preocupações pós-modernas, relacionadas ao próprio questionamento sobre o fazer científico, são comuns às grandes áreas das Ciências Humanas e Sociais. Mais um exemplo é o impasse das relações entre micro e macro. Salim (1992) e Mondardo (2007), assim como Póvoa-Neto (1997), ressaltam que um ponto problemático em comum de todo o arcabouço teórico sobre migração é o foco único e exclusivo em aspectos micro ou em aspectos macro, o que indica, em minha visão, a necessidade de estabelecer pontes entre essas percepções.

No âmbito dos estudos sociológicos, Gastaldo chama a atenção para uma super valoração atribuída aos estudos macro em abordagens sociológicas. Nas ciências sociais brasileiras, o termo micro por vezes foi entendido de forma equivocada como sendo de menor valor (VELHO, 2004; GASTALDO, 2008). Por isso, é importante destacar que micro e macro são ordens diferentes e que o primeiro não pode ser tomado como uma espécie de colcha de retalhos para acessar o segundo.

Para compreender as relações micro e macro, de fato, é necessária uma perspectiva crítica, não necessariamente nas interações com as participantes, mas na forma como esses temas sensíveis à vida social emergem e são percebidos por mim nos dados gerados. Nosso discurso é permeado por questões ideológicas, de gênero, de estigma social, dentre outras. Sendo assim, acredito que a eleição do micro como ponto de partida para a análise e o que ele pode nos informar sobre o macro<sup>14</sup> apresenta uma contribuição relevante para o entendimento do fenômeno migratório.

Entendo, assim, que o ato de migrar precisa ser visto por uma espécie de lente de aumento, pois são diversas as questões socioeconômicas, socioculturais, políticas, religiosas ou mesmo dimensões subjetivas do indivíduo que estão envolvidas. É importante destacar, contudo, que um olhar mais holístico não significa esgotar o tema em todas as suas nuances de subjetividade, estrutura social e conjuntura política, mas, no contexto deste estudo, examinar como o fenômeno é construído discursivamente. Na próxima seção, observo, de forma mais

---

<sup>14</sup> É importante mencionar que percebo uma relação dialética entre micro e macro. Há uma eleição do micro, concretizado pelo encontro social de leitura, que pode me auxiliar a tecer entendimentos sobre o contexto da vida macrossocial. Por outro lado, na análise dos dados, parto do contexto – compreendido como aspecto macro – para observar a sua construção na materialidade discursiva – aspecto micro.

específica, os estudos que enfocam as migrações do Nordeste para o Sudeste do Brasil, contexto desta pesquisa.

## 2.1

### Migrações no contexto brasileiro

Quando pensamos a migração dentro do quadro brasileiro, é possível notar que as suas motivações são muito semelhantes às já apresentadas. Segundo Diniz e Coelho (2007), a história da colonização brasileira é também uma história de migração. Desde o achamento<sup>15</sup> do Brasil, em 1500, houve um enorme fluxo de pessoas, primeiro com a chegada dos próprios portugueses e, logo em seguida, com a migração forçada de africanos para servirem como mão de obra escrava. Posteriormente, com a abolição da escravatura, há um novo fluxo migratório, dessa vez de mão de obra branca, europeia e livre, atraída principalmente após a Segunda Guerra Mundial. No momento atual, a migração ainda é um fenômeno recorrente. Os dados do IBGE mostram que, no ano de 2015, as pessoas não naturais em relação à Unidade da Federação de residência, isto é, migrantes, somavam um contingente de 31,4 milhões, representando 15,3% da população do País (IBGE, 2016).

Com território extenso, aproximadamente 8.516.000 km<sup>2</sup>, hoje o Brasil possui outra organização política, democrática, formada pela União, o Distrito Federal, os vinte e seis Estados divididos em cinco regiões (Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul), e os Municípios. O exercício do poder é atribuído a órgãos distintos e independentes, submetidos à Constituição Federal de 1988. De acordo com Vargas (2003), as regiões brasileiras apresentam numerosas diferenças, no que se refere aos aspectos econômicos, culturais, sociais e ambientais, configurando uma determinada realidade de contrastes entre os contextos do Sudeste e Sul, que resultaram de processos acelerados de industrialização, e do Norte e Nordeste, onde permaneceu por mais tempo o sistema econômico baseado na agricultura e na criação de gado.

---

<sup>15</sup> Neste trabalho, assumo a concepção de "achamento", em oposição ao termo "descobrimento", por endossar a ideia de Chauí (2000) de que o Brasil já existia e, portanto, não foi descoberto. Nesse sentido, a autora refuta o mito fundador do Brasil criado pela perspectiva do homem branco, navegador e colonizador.

Em consonância com tal fato, Ojima e Fusco (2015) argumentam que, no Brasil, nenhuma região tem sido mais afetada por processos migratórios do que o Nordeste, fazendo desta diáspora um capítulo central da história nacional. Os motivos que levam nordestinos e nordestinas a deixarem sua terra são muitos. O país possui uma história marcada profundamente pela desigualdade socioeconômica, consolidada ao longo do tempo na estrutura latifundiária.

Segundo a análise de Villa (2017), o processo de migração do Nordeste para o Sudeste se deu a partir de uma expulsão do sertanejo de sua localidade de origem, de seu mundo. O autor mostra que as elites usaram o jogo político para se livrarem do excedente de força de trabalho e, em continuidade, a permanência da miséria levou à mobilidade desse povo, que migrou em larga escala em direção ao Sul (VILLA, 2017).

Para além das questões econômicas e políticas, as características ambientais da própria região se destacam como fator estrutural para o fluxo conhecido como êxodo rural. Com a severa seca no Nordeste, vimos a grande movimentação de imigrantes nordestinos em busca de uma vida melhor na região Sudeste do Brasil, único polo industrial brasileiro na década de 1970 (OJIMA e FUSCO, 2015).

Sendo assim, a saída do campo para a cidade, em larga escala, associada à ausência de estrutura e investimento para receber os migrantes, gerou outros problemas sociais no ambiente urbano, como o aumento do desemprego, da ocupação de subempregos nos setores de serviços e de trabalhos informais. Os nordestinos e as nordestinas que aqui chagaram, e ainda chegam, ocupam os lugares que nós não queremos ocupar, ficando à margem da sociedade e performando o que Park ([1928] 2017) chama de homem marginal.

Observando as diversas práticas sociais diárias, percebo que a migração nordestina causa uma sensação de mal-estar, ela incomoda, e se torna uma ferida social que não cicatriza. Migrantes são vistos como intrusos ou estrangeiros. Eles são caracterizados como pessoas sem memória, sem história, sem pertencimento. Comumente, nordestinos e nordestinas são tratados de forma depreciativa por sua origem, por sua linguagem, e são alvo de piadas, de ofensas, isto é, são estigmatizados por sua origem.

No ano de defesa desta tese, vemos o discurso de ódio contra nordestinos cada vez mais crescente, principalmente no ambiente virtual, em virtude dos recentes embates político-ideológicos. Desde as últimas eleições presidenciais, em



2018, pesquisadores observam o crescente binarismo entre Sudeste/Nordeste, em uma dicotomia de oposição, que coloca as duas regiões em polos distintos, em consonância com as dinâmicas da disputa pelo poder. Dessa forma, o Nordeste tem sido vinculado à ideia de atraso, pobreza, improdutividade, e consequentemente, ignorância, falta de noção da realidade política do país, etc. Segundo Lopes e Silva (2019), ao analisar reportagens no contexto das eleições já citadas, a temática da migração nordestina para outras regiões, sobretudo Sul e Sudeste, também é bastante presente nos comentários preconceituosos (LOPES; SILVA, 2019).

Por ser tão evidente em nossa sociedade, o migrante parece estar oculto (VILLA, 2017). Os nordestinos e as nordestinas estão presentes todos os dias, sempre os vemos e os encontramos nas mais diversas práticas sociais cotidianas, mas isso não significa que eles sejam, de fato, notados. Como nos mostra Velho (1978), pressupomos uma familiaridade que precisa ser relativizada. Sendo assim, é preciso observar o familiar com um olhar mais sensível, para uma (re)aproximação com aquilo que achamos comum, mas que, na verdade, não conhecemos (VELHO, 1978). Este (re)aproximar o familiar, observando-o como lócus de estudo, diretamente me afeta e me inclui, visto que, apesar de filha de uma mulher migrante, pouco sabia sobre este universo – com suas alegrias e suas dores – antes da realização deste trabalho.

## 2.2

### **Migrações no recorte de gênero social**

Outra questão importante mencionada por estudiosas do fenômeno migratório é o foco na questão de gênero social. Segundo Lisboa (2006), além de as teorias clássicas sobre migração terem como foco principal as suas causas econômicas e políticas, como explicitarei, elas vinculam a migração a oportunidades de emprego para homens – provedores de família – no modelo capitalista, reduzindo o migrante ao proletário, e promovendo o apagamento da mulher nos estudos.

Pesquisadoras da área do Serviço Social e da Psicologia atentam para esse aspecto, observando que a migração é observada por uma lógica masculina, como se apenas homens migrassem e apenas eles fossem afetados por essa dinâmica

(DINIZ; COELHO, 2007). Há, além disso, uma tendência entre os estudiosos do tema em representarem as mulheres de forma estereotipada, como seguidoras passivas e dependentes dos homens, encobrindo seu papel (ASSIS, 2007). Portanto, percebo que o recorte de gênero social se torna relevante para esta pesquisa, pois intenciona suprir mais uma lacuna nos estudos sobre migração, no âmbito do discurso.

Para Lisboa (2006), os principais motivos da emigração de mulheres eram e, em minha percepção, continuam a ser: (i) solucionar questões socioeconômicas; (ii) ter acesso à educação; (iii) conquistar independência; (iv) alcançar mobilidade social na cidade; (v) ter acesso a serviços básicos; (vi) transitar por diferentes grupos e práticas sócias na cidade; (vii) ir em busca da rede familiar, ou seja, a maioria dos membros da família já se encontram na cidade e motivam a emigração. Em consonância com a visão de Lisboa (2006), Diniz e Coelho (2007) refletem que, por vezes, a migração é a única possibilidade de resistência ou saída para manutenção da dignidade humana.

É importante notar que os estudos mencionados, apesar de serem datados em mais de dez anos, mostram-se atuais, principalmente ao encarar os dados que serão apresentados nos capítulos a seguir. No caso das mulheres em recorte nesta análise, a migração pode significar uma fuga não apenas das condições de vida e de subsistência, mas também da opressão e da exploração. Lisboa (2006) indica ainda que o processo de migração para as mulheres significa, muitas vezes, a fuga de uma estrutura social patriarcal com rígidas noções do que constitui propriedade em relação à mulher. Em muitos casos, como nas histórias de vida analisadas neste estudo, as mulheres migram para fugir de situações socioeconômicas de privação e encontram na "cidade grande" novas formas de violência e dominação.

Em função das atividades de subsistência atribuídas em geral às mulheres, elas são mais penalizadas do que os migrantes do sexo masculino. É possível perceber uma raiz histórico-cultural, advinda do período colonial, que coloca as mulheres em condição subalterna e com a responsabilidade pelos afazeres domésticos, assim como havia escravizados encarregados pelas tarefas do lar. Essas mulheres, de acordo com Lisboa (2006), comumente se encontram em subempregos e assumem trabalhos domésticos na esfera privada, seguindo a lógica de nossa sociedade escravocrata, o que, como veremos nos capítulos a seguir, surgem nos dados analisados.

## 2.3

### Migrações no âmbito dos Estudos da Linguagem e dos Estudos Literários

Uma diversidade de estudos sobre o fenômeno migratório e, conseqüentemente uma ausência de fundações teóricas engessadas, indica a possibilidade de um vasto trabalho interdisciplinar, caro aos estudos da Linguística Aplicada, como o que proponho aqui. Dessa forma, acredito que, assim como para este campo de investigação no qual me incluo, os estudos mais recentes sobre migração também interrogam a modernidade. Compreender o fenômeno da migração exige um esforço interdisciplinar e, por isso, no âmbito dos Estudos da Linguagem, se torna relevante analisar como o sujeito migrante se constrói discursivamente, o que pode levar a um entendimento mais amplo sobre o processo migratório.

Como já explicitado anteriormente, as narrativas orais<sup>16</sup>, meu objeto de estudo nesta pesquisa, são geradas a partir da leitura literária da obra "A hora da estrela". Em alinhamento a Bastos (2005) e a outros autores, entendo as narrativas como o ato de contar histórias na interação com o outro. De forma mais específica, defino narrativas de migração como o conjunto de histórias que envolvem a vida pré-migração, conectando o narrador a uma memória de pertencimento ao local de origem, bem como as histórias pós-migração, em que o migrante (re)constrói suas memórias a partir do contato com um novo local e uma nova cultura.

Nesse sentido, há diversas pesquisas que pensam sobre o contexto do movimento migratório analisando narrativas de experiências de vida<sup>17</sup>. O estudo de Oliveira e Bastos (2002), por exemplo, enfoca as construções identitárias e sua relação com o trabalho em narrativas de migrantes portugueses. Outra pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (PPGEL), no qual me insiro, foi o de Lima (2008). Neste estudo, de forma similar, o olhar estava voltado para as construções identitárias de um migrante paraibano, porteiro no Rio de Janeiro na época da pesquisa. Em outras instituições, por exemplo, encontro a pesquisa de Freitas (2008) realizada na Universidade de

---

<sup>16</sup> O entendimento do termo "narrativas", no âmbito dos Estudos da Linguagem, será mais bem explorado nos capítulos a seguir.

<sup>17</sup> Há inúmeras pesquisas, no âmbito dos Estudos da Linguagem, que abordam a temática da migração. Logo, sendo impossível mencionar todos os estudos, apresento algumas investigações como forma de ilustração.

Brasília. O estudo reflete sobre as relações sociais que envolvem os contextos de chegada dos migrantes e as questões identitárias resultantes de tal movimento. Dessa forma, esta tese pode ser vista como mais uma contribuição, complementando e enriquecendo a área dos estudos discursivos, uma vez que propõe uma orientação para as questões de gênero social e uma relação íntima com o texto literário.

No campo da Literatura, também há pesquisas cujo foco recai na questão migratória a partir de diversos autores. Por exemplo, o trabalho de Araújo (2006) observa os migrantes nordestinos que figuram como protagonistas em obras canônicas da literatura brasileira, incluindo "A hora da estrela". Os trabalhos de Souza (2006) e Oliveira (2007), além disso, buscam resgatar os aspectos sociais da obra clariceana, tão marcado pelo caráter intimista. É notável que, apesar de vários estudos tangenciarem a temática desta pesquisa, parece não haver pesquisas que busquem este entrelaçamento - ou o entre-lugar - teórico com os Estudos da Linguagem. Desse modo, o presente estudo, ao perceber a leitura do texto literário como prática social, também pode ser uma contribuição para os Estudos Literários.

Em conclusão, este capítulo buscou apresentar o contexto macro em que emergem as narrativas geradas na leitura da obra literária. Mencionei, ainda, alguns exemplos de como os estudos da linguagem e os estudos literários observam a questão da migração, indicando como o escopo de minha pesquisa se encontra na inter/transdisciplinaridade. No próximo capítulo, então, apresento os caminhos que percorri para chegar à escrita destas linhas.

## CAMINHOS PERCORRIDOS

Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um [...].<sup>18</sup>

Quando pensamos em metodologia, rapidamente nos remetemos ao caminho que traçamos para alcançar determinado objetivo. De uma forma literal, metodologia significa estudo do método, o que indica tanto as escolhas epistemológicas que embasam as teorias utilizadas em um estudo, quanto o conjunto de procedimentos estabelecidos para a realização de uma de pesquisa com validade de ciência. Minayo (2007), ao discutir a produção de conhecimento no âmbito das Ciências Sociais, define metodologia como (i) a discussão epistemológica sobre o caminho do pensamento que o tema ou o objeto de investigação requer; (ii) a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e instrumentos utilizados para a investigação; e (iii) a criatividade do pesquisador, ou seja, a marca pessoal e específica do pesquisador na forma de articular teoria e métodos.

Quando tomo por base uma concepção social de linguagem e de literatura, preciso de um alicerce teórico e metodológico que possa respaldar as análises propostas. Desse modo, este capítulo pretende situar minha leitora e meu leitor em relação ao enquadramento epistemológico no qual me situo, apresentando os pressupostos da pesquisa qualitativa, além da Linguística Aplicada, grande área do conhecimento já mencionada desde a introdução; e em relação às escolhas metodológicas realizadas a partir do posicionamento da pesquisa autoetnográfica. Em seguida, discuto o contexto de geração dos dados, o viés autoetnográfico deste trabalho e suas questões éticas. Para além disso, apresento o perfil de cada uma das participantes desta pesquisa, o procedimento de recorte e de seleção dos dados, além de retomar, de forma sucinta, o arcabouço teórico-metodológico que apoia as análises realizadas.

\*\*\*

---

<sup>18</sup> LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998, p. 12.

### 3.1

#### O posicionamento metodológico: o olhar da pesquisa qualitativa

O alinhamento metodológico deste estudo se dá com a pesquisa qualitativa, pois ela preocupa-se com o contexto de geração dos dados e com seus aspectos sociais, olhando para um universo que não pode ser quantificado. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa, entendida em si mesma como um campo de investigação, consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade à vida social. Para os autores, ela pode ser conceituada como uma atividade situada, que localiza o observador no mundo (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17).

Questionando e, ao mesmo tempo, se afastando de uma concepção positivista de ciência, a pesquisa qualitativa olha para os significados das práticas sociais, o que vai ao encontro de meu entendimento sobre a linguagem e o fazer literário como modo de ser e de estar no mundo. Compreendo que, neste estudo, a objetividade é posta sob suspeita para uma valorização da subjetividade dos participantes, incluindo a minha, como pesquisadora. Os significados que criamos discursivamente não estão previamente dados, mas, assim como na leitura literária, (re)construímos nossas representações<sup>19</sup> de mundo. Este trabalho não objetiva, desse modo, encontrar uma verdade ou mesmo gerar uma compreensão sobre algo real que poderia, porventura, ser apreendido ou capturado.

Minhas análises são situadas em um determinado contexto, logo também são uma construção discursiva e não necessariamente correspondem a uma dada realidade. Como fala Rodrigo, o narrador da história de Macabéa, no texto da epígrafe deste capítulo, a história é verdadeira, embora inventada. Sendo assim, é importante mencionar que, devido a esse alinhamento epistemológico, não existe a necessidade de refletir sobre a veracidade das narrativas que serão geradas por

---

<sup>19</sup> O termo "representação" está comumente ligado à ideia da utilização de uma entidade no lugar de outra. Quando pensamos em "representação da realidade", a utilização do termo parece errônea, visto que, como já postulei, me alinho a uma perspectiva que entende a realidade como uma construção social e não como um objeto estático. Contudo, apesar de assumir que não existe um "real" ou uma "verdade sobre o que é a realidade", nossas narrativas intencionam construir um mundo verossímilante à experiência compartilhada, representando o que determinado grupo ou cultura construiu previamente para si como "realidade". Sendo assim, compreendo o termo "representação" não como uma cópia idêntica de uma "realidade verdadeira", mas como uma (co)construção que ocorre no dado momento de interação.

meio da leitura literária. Reitero, portanto, que meu interesse está voltado para as interações entre as participantes com a obra literária e comigo, e para a construção de sentidos geradas nas interações analisadas.

Nesta pesquisa, ainda, o conceito de bricolagem trazido por Denzin e Lincoln (2006) pode ser aplicado, visto que, como veremos a seguir, realizo uma articulação de diferentes bases teóricas, o que lembra a metáfora da montagem de uma colcha de retalhos. Segundo os autores, o pesquisador no papel teórico de "bricoleur" trabalha dentro de perspectivas e paradigmas concorrentes e sobrepostos. No trabalho de bricolagem, os retalhos somam um todo, possuindo sua própria unidade. Dessa forma, minha intenção, ao vincular diferentes teorias de linguagem de base social e teorias literárias, é alargar as possibilidades de interpretação das interações entre texto e leitor, observando como as narrativas emergentes da leitura literária colaboram para a (re)elaboração e (re)construção de experiências de vida.

O olhar qualitativo permite perspectivar a própria figura de um pesquisador observador, que, segundo o imaginário do que é o fazer científico, não se afeta com a vida social e que fica invisível no campo. Sendo assim, assumo que a neutralidade é impossível, já que eu, como pesquisadora, sou um sujeito social, repleto de incoerências e instabilidades. Esse apagamento de um ideal de neutralidade e o próprio questionamento sobre o que é o fazer científico no campo dos estudos linguísticos é discutido no âmbito da Linguística Aplicada, como será explicitado na próxima seção.

### 3.2

#### **O enquadramento epistemológico: o entendimento da Linguística Aplicada**

Na introdução desta tese, menciono que a presente pesquisa está situada no âmbito da Linguística Aplicada<sup>20</sup> (MOITA LOPES, 2006; 2013). Moita Lopes

---

<sup>20</sup> O campo chamado de Linguística Aplicada nasceu enfocando a área de ensino-aprendizagem de línguas e, na década de quarenta, preconizava o desenvolvimento de materiais didáticos. Naquela época, a Linguística Aplicada era compreendida como uma aplicação da Linguística, o que indica uma clara divisão entre quem teoriza e quem coloca as teorias em prática no mundo. O entendimento como uma área de investigação autônoma só veio nos anos setenta e tomou força no Brasil nas décadas seguintes, ganhando esse caráter inter e transdisciplinar, mencionado no capítulo introdutório, como um campo das Ciências Sociais.

(2006) afirma que para construir conhecimentos a partir da vida social é preciso compreender a Linguística Aplicada não como uma disciplina, mas como uma grande área de estudos. Entendo, assim, que uma descrição hermética, que se encerra em si mesma, não encontra espaço quando se trata da área, ainda hoje de difícil definição. É preciso, portanto, um olhar mais holístico para como se entende o próprio fazer científico.

Nesse sentido, problematizar a relação entre teoria e prática também está no escopo da Linguística Aplicada. De acordo com Moita Lopes (2006, p. 100), tradicionalmente, o conhecimento tido como científico foi formulado com base na crença do distanciamento entre pesquisador e objeto para obter uma visão neutra, que não contaminasse a pesquisa. Compreendo, assim como o autor, que estamos diretamente conectados ao conhecimento que produzimos, por isso não caberia falar em uma pesquisa sobre o outro, mas sim em uma pesquisa com o outro. Desse modo, assumo também que meu lugar de fala não é o do fazer científico tido como tradicional. Este estudo só pode existir a partir da (co)construção com o outro e sem a ingenuidade da neutralidade do pesquisador.

No âmbito da Linguística Aplicada, os estudos são situados e objetivam pesquisar a vida social a partir dela e junto com os sujeitos. Sendo assim, teoria e prática se misturam, ambos essenciais para o estudo da vida social. O entendimento da teoria separada da prática deve-se não só à concepção positivista de ciência, mas à própria concepção do que faz a Linguística, considerada como disciplina científica.

É incompatível, portanto, entender a Linguística como a área que faz teorizações e a Linguística Aplicada como área de aplicação delas. Segundo Moita Lopes (2006, p. 18), essa concepção aplicacionista da Linguística Aplicada é reducionista, pois entende que as teorias linguísticas podem fornecer soluções para os problemas relativos à linguagem. Como de costume, a partir do que consideramos "fazer científico", tenta-se colocar os conhecimentos em caixas separadas, não levando em conta que teoria e prática não se separam.

Na mesma perspectiva, Rajagopalan (2006, p. 158) questiona a relevância de estudos que são construídos e se mantêm em uma "torre de marfim", com elucubrações teóricas que ficam à margem do mundo real. Para que se tenha alguma utilidade, uma teoria deve ser concebida levando-se em consideração os possíveis fins práticos. O propósito maior de pesquisas não pode ser gerar



teorizações que ficam suspensas no mundo das ideias, mas sim contribuir para uma sociedade mais crítica e reflexiva.

É importante considerar, então, que a Linguística Aplicada pretende criar maior inteligibilidade sobre os temas que estuda e não resolver problemas sociais. Compreendo que as situações e os contextos estudados são complexos e não se repetem da mesma forma, o que impossibilita pensar em soluções, afinal elas se tornariam generalizações. Isso quer dizer que não tenho a pretensão de resolver os problemas sociais suscitados pelas interações com a obra literária, mas sim criar maior inteligibilidade sobre eles. Sendo assim, o objetivo maior desta pesquisa não é postular uma resposta, mas sim fazer perguntas e gerar ainda mais questionamentos.

Nesse sentido, em Linguística Aplicada, não se busca uma confirmação de teorias, pois não há a intenção de realizar generalizações. Teorias nascem da própria prática, da vida social, e, portanto, devem servir para nos ajudar a compreender nossas análises. Sabemos que a linguagem humana é complexa, por isso, para tentar vislumbrar os problemas relacionados a esse campo, precisamos de um arcabouço teórico inter ou transdisciplinar, orientado pelos dados.

Portanto, uma uniformização do pensamento e do que se entende por "fazer pesquisa" é incongruente com o propósito da área. O presente estudo, conseqüentemente, por se alinhar à Linguística Aplicada, em sua vertente crítica e contemporânea, não pretende se fazer classificar, ou se encaixar, em um rótulo disciplinar. Por outro lado, pretendo assumir o entre-lugar do qual proponho falar e traçar diálogos teóricos. Esse posicionamento mostra que não se deve essencializar ou mesmo ter uma definição única sobre o que o campo dos Estudos da Linguagem é e faz. (MOITA LOPES, 2006, p. 17). Sendo assim, mostro, a seguir, uma possível conexão entre a Linguística Aplicada e a literatura, a partir da compreensão do lugar social ocupado pelo texto literário.

### 3.3

#### **O lugar social ocupado pelo texto literário**

Cerceamentos acadêmicos e disciplinares, seguindo a concepção de uma Linguística Aplicada Crítica (PENNYCOOK, 2006), acabam por engessar o pensamento. Por isso, ao problematizar a área como autônoma, inter ou

transdisciplinar, transgressora e mestiça, me permito este lugar de fala que não reivindica uma única disciplina, mas elege diversos campos de estudos para construir determinada leitura sobre um fenômeno discursivo. Como já disse desde a introdução, este estudo pretende ser, portanto, uma simbiose de entendimentos, teorias e, por que não, disciplinas, que, em meu entendimento, não precisam necessariamente estar separadas. Reforço, assim, o entre-lugar entre os estudos de língua e literatura no qual desejo me colocar.

Silviano Santiago ([1971] 2000) trata sobre o conceito de entre-lugar ao discutir o espaço que ocupa o discurso literário latino-americano no confronto com o europeu. De acordo com o escritor, "o lugar de observação, de análise, de interpretação não é nem cá, nem lá, é um determinado 'entre' que tem que ser inventado pelo leitor" (SANTIAGO, [1971] 2000, p. 7). Penso que a literatura pode assumir este entre-lugar justamente por ser uma prática social, inserida em um contexto cultural que não pode ser considerado homogêneo, mas sim mestiço, no sentido utilizado por Moita Lopes (2006), que significa heterogêneo, múltiplo e fluído. Meu próprio contexto de geração de dados, em que as participantes (re)constroem sentidos com a obra, proporciona esse "nem cá, nem lá", o entre-lugar em que os sentidos têm sua gênese.

Nessa empreitada indisciplinar, ainda de acordo com Moita Lopes (2013), é preciso ler autores que operem em outras lógicas, refutando uma visão ocidentalista; essa seria a chamada "valorização das vozes do sul". Contudo, tal lógica não se trata de uma questão geográfica, mas sim político-teórica, em que o mais importante é o encontro com teorias e conhecimentos que fazem sentido para cada contexto estudado. Dessa forma, me alinho ao autor ao não me opor ao conhecimento que vem do Norte, mas compreendendo que é preciso contemplar a minha realidade, a do Sul do hemisfério, e propor um diálogo que expanda os horizontes deste trabalho. Nesse sentido, o olhar mais atento para as narrativas de Cássia e Taís, mulheres nordestinas e migrantes, cumpre esse propósito da Linguística Aplicada. Em adição, a escolha de uma obra literária brasileira, cuja autora é uma mulher também migrante<sup>21</sup> e cujo enredo aborda questões tão sensíveis às demandas sociais, também retira a literatura de uma forma-prisão, nos termos de Santiago ([1971] 2000).

---

<sup>21</sup> Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, em 1920, e veio para o Brasil junto com a família aos dois anos de idade.

Essa ideia de suleamento em oposição ao norreamento remete ao que Santiago coloca sobre o entre-lugar da literatura latino-americana, ou, mais especificamente em meu escopo, da literatura brasileira. Para o autor, o escritor latino-americano, ou em sociedades estética, econômica e socialmente dependentes de uma certa hegemonia metropolitana, é obrigado a trabalhar com formas-prisões (SANTIAGO ([1971] 2000)), que seriam o próprio modelo canônico, imposto pelo mundo exterior. É preciso transgredir essas formas-prisões para que surja uma voz que tenha certa originalidade, que não seja mera cópia. Santiago ([1971] 2000)) ainda acrescenta que é o leitor que fica "entre" o canônico e a cópia, sendo capaz, portanto, de ler e de interpretar o que é a transgressão.

O autor também leva a questão para o âmbito da academia, cujas pesquisas conduzem majoritariamente ao estudo das fontes e das influências que os autores latino-americanos possuem de seus colonizadores. Na universidade se fala em nome da objetividade, do conhecimento enciclopédico e da verdade científica e esse discurso reduz a criação dos artistas latino-americanos à condição de obra parasita, uma obra que se nutre de uma outra sem nunca acrescentar algo de próprio; uma obra cuja vida é limitada e precária, aprisionada pelo brilho e pelo prestígio da fonte (SANTIAGO, [1971] 2000, p. 18).

Entendo, portanto, que a ideia desenvolvida por Moita Lopes (2006) sobre "ouvir as vozes do Sul" se aplica à literatura, afinal é preciso olhar nossa produção a partir do contexto no qual estamos inseridos e não a partir de um ideal que se deve alcançar, uma forma-prisão como diria Santiago ([1971] 2000). O escritor latino-americano vive, ainda segundo o autor, entre a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e que, muitas vezes, o negue. (SANTIAGO, [1971] 2000, p. 23).

Esse é o entre-lugar da nossa produção literária, que, em meu entendimento, deve ser assumido e discutido de forma crítica. É preciso liberar a imagem de uma América latina sorridente e feliz, do carnaval e da festa (SANTIAGO, [1971] 2010). Nesta pesquisa, em que utilizo a obra literária "A hora da estrela" como pano de fundo para as interações, é possível problematizar a questão social que aparece por meio da personagem Macabéa, nordestina e pobre, que migra para a cidade grande.

Clarice Lispector, comumente analisada pelos teóricos da literatura pelo aspecto intimista de sua obra, mostra-se, nesse romance, engajada com a vida social. Isso indica, de acordo com minha percepção, que o trabalho aqui proposto pode ser uma contribuição nessa direção. Como os sentidos da obra de Clarice são (re)construídos por duas participantes nordestinas? Para gerar entendimentos sobre essas interações, é preciso levar em consideração a própria materialidade do texto e as possíveis (re)construções de significados contextualizados.

Pensando sobre a cultura, Bhabha (1998) fala sobre o hibridismo, mostrando que esse entre-lugar é o marginal, o estranho, o deslizante. É o lugar de desestabilização dos essencialismos. É no entre-lugar, portanto, que se pode perceber os significados da cultura. Para o autor (1998, p. 69), é nesse espaço que temos a chance de evitar a polaridade e emergir como os outros de nós mesmos. Cosson (2014, p. 17) pensa de forma similar em relação ao texto literário, a partir da ideia de "ser o outro em si mesmo" por meio do texto literário, e, também, alude aos pressupostos de Santiago ([1971] 2000) sobre o entre-lugar da literatura:

Na leitura e na reescritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais do que um conhecimento a ser reelaborado, a literatura permite a incorporação do outro em mim, sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2014, p. 17).

Creio que o questionamento desses autores remeta à própria Linguística Aplicada, exatamente por ela se preocupar com o sujeito social e com questões de linguagem relacionadas aos problemas da vida cotidiana. Esse é o sujeito que se forma nos entre-lugares mencionados por Bhabha (1998) e Santiago ([1971] 2000), um sujeito que possui uma natureza fragmentada, heterogênea, contraditória e fluída, ou seja, é o sujeito da vida social (MOITA LOPES, 2006, p. 202). Compreendo, portanto, o discurso literário como lugar de (re)construção de identidades e de reflexão crítica sobre o mundo.

Sendo assim, percebo a importância de pesquisas como a que proponho, que se quer em um entre-lugar, tanto da Literatura como da Linguagem, para assumir um hibridismo teórico que penso ser necessário para uma análise da vida social. Quando entendemos a linguagem, e como construímos nossas percepções

a partir dela, também é possível entender nossos modos de existir no mundo. Dito isto, a seguir veremos como este estudo também se desenvolve no âmbito da autoetnografia.

### 3.4

#### O viés autoetnográfico

Nesta seção pretendo realizar apenas uma breve introdução à autoetnografia de forma a situar o meu estudo e a eleição do ambiente familiar como ponto de partida. Contudo, como esta não é uma pesquisa sobre a abordagem teórico-metodológica autoetnográfica, penso que a demasiada ênfase na construção epistemológica do campo pode ser nociva para o caminho analítico que é traçado. Prefiro, portanto, evitar a metalinguagem, fazendo mais uma autoetnografia do que falando sobre a autoetnografia<sup>22</sup>.

Esta pesquisa teve seu início com Cássia, minha mãe, quando decidi ler para ela obra literária "A hora da estrela", propiciando um momento de interação com o texto. O objetivo inicial desta experiência era a geração de narrativas para posterior análise e escrita do trabalho final da disciplina Análise de Narrativas, cursada em meu primeiro período do curso de doutorado, em 2016. De acordo com minha expectativa, esse seria o ambiente para a emergência de narrativa diversas. Selecionei a obra "A hora da estrela", de Clarice Lispector, partindo do próprio contexto de vida da interlocutora, que migrou do Nordeste para o Sudeste ainda na adolescência, temática retratada no texto em questão. Minha intenção era, de fato, causar alguma identificação entre Cássia e a obra de Clarice.

Sendo assim, a gênese desta investigação reside no seio de meu contexto familiar. Foi a partir da primeira geração de dados que a pesquisa se consolidou e ganhou forma, se configurando como uma análise de narrativas de migração. Esse contexto familiar, então, mostra-se não apenas relevante, mas imprescindível, dado que as histórias de vida das pessoas que me cercam desde pequena se tornaram cada vez mais uma motivação para a elaboração, a continuidade e a conclusão do presente estudo. Isso denota, em meu entendimento, o caráter autoetnográfico desta pesquisa, em que eu, como pesquisadora, estou envolvida

---

<sup>22</sup> Para as leitoras e os leitores que desejam saber mais sobre este modo de fazer pesquisa, sugiro a leitura de Ellis e Bochner (2000) e Ellis, Adams e Bochner (2010).

com os dados e assumo este aspecto abandonando qualquer tentativa de neutralidade.

O campo da autoetnografia é uma abordagem de pesquisa e de escrita que procura descrever e analisar uma experiência pessoal, a fim de compreender uma experiência cultural. O fazer autoetnográfico desafia formas canônicas de fazer pesquisa e representar os outros e trata a pesquisa como um ato político e socialmente consciente. Um pesquisador usa princípios de autobiografia e etnografia para fazer e escrever uma autoetnografia. Sendo assim, a autoetnografia, como método, é tanto um processo quanto um produto (ELLIS, ADAMS; BOCHNER, 2010).

Segundo Ellis e Bochner (2000), por meio da autoetnografia, o indivíduo, ora pesquisador, ora objeto pesquisado, compreende a si mesmo por meio do aprofundamento intrínseco e de seu ambiente vivido. Compreendendo a si mesmo, abre-se a possibilidade de compreender o meio e os outros envolvidos. Os autores acreditam, assim, que a autoetnografia possibilita uma série de reflexões significativas para o autor e para o mundo (ELLIS e BOCHNER, 2000).

Na explicação dos autores, portanto, esse modo de fazer pesquisa permite o envolvimento pessoal, assim como a narrativa dos pensamentos e opiniões reflexivas do pesquisador, possibilitando transpor para a pesquisa experiências emocionais, que, por ventura, revelam detalhes da vida privada. Neste paradigma, é possível reconhecer e acomodar a subjetividade, a emoção e a influência do pesquisador na pesquisa (ELLIS, ADAMS; BOCHNER, 2010).

O questionamento próprio da autoetnografia pode ser extremamente difícil, afinal podemos nos deparar com o medo, a dúvida e as dores emocionais. Há, além disso, a insegurança em revelar-se, sem ser capaz de retomar o que foi escrito ou ter controle de como os leitores vão interpretá-lo (ELLIS; BOCHNER, 2000), o que aconteceu comigo em diversas ocasiões durante os anos de desenvolvimento deste estudo.

Uma pesquisa realizada no âmbito do curso de doutorado acaba sendo bastante longa, o que inclui aspectos positivos e negativos. O tempo nos permite amadurecimento por meio dos diversos olhares que direcionamos aos dados. No caso da pesquisa em tela, especificamente, os primeiros dados – as narrativas de Cássia, minha mãe – foram gerados no primeiro ano de curso. Como será possível observar nos capítulos subsequentes, são narrativas fortes e que, acredito,

envolveriam emocionalmente qualquer pesquisador, mesmo aqueles que pretendessem a neutralidade. Para uma filha, entretanto, esses dados são ainda mais dolorosos.

Em alguns momentos, desde o começo desta investigação, me questionei se deveria prosseguir com a pesquisa. E, é importante ressaltar que as dúvidas eram minhas, da pesquisadora e da filha, e não da participante Cássia. Para materializar esse sentimento de incomodo, posso lembrar o fato de simplesmente não ter compartilhado uma das narrativas analisadas nesta tese em uma das aulas de um curso de doutoramento por me sentir exposta e vulnerável.

Fazer parte da história de Cássia me coloca em um movimento dialético de ser pesquisadora e pesquisada. Tomo parte em duas configurações: observadora e observada (por mim mesma). Ser filha me permite a reflexão autoetnográfica, me permite incluir minhas impressões e emoções neste texto, visto que existe uma impossibilidade de neutralidade ou objetividade de minha parte. Eu cresci ouvindo as histórias de Cássia. Ouvia, contudo ainda não escutava. Raramente damos atenção às memórias, ao que esses relatos podem nos dizer sobre a vida social. Essa demanda por uma escuta de tantas narrativas silenciadas pelo cotidiano me conduziu até o fim. Era preciso contar essa história.

O fazer autoetnográfico não pressupõe um mero escrever sobre si mesmo, mas sim considerar que as reflexões geradas sejam parte de experiências pessoais, emocionais, sociais e discursivas (co)construídas sobre a sociedade, produzindo teorizações caras ao ambiente acadêmico. Sendo assim, o que proponho neste trabalho é que as reflexões geradas sejam pautadas nas próprias vivências das participantes, incluindo eu mesma, observando como essas histórias pessoais, em contato com a leitura literária, ressoam a vida macrossocial.

Pode parecer difícil e estranho sentir que a própria vida está sendo compartilhada, escorregando das minhas mãos para o papel ao longo da escrita deste texto. Entretanto, atualmente penso que, ao deixar aqui meu próprio sentimento traduzido em palavras, crio a possibilidade de tecer uma análise ainda mais viva e pulsante, cujo sentido reside em nossas próprias vivências – minhas e das mulheres com quem realizo esta pesquisa. O amadurecimento acadêmico e pessoal que construí ao longo deste curso de doutoramento foram fundamentais para que eu pudesse fornecer e exercer uma escuta genuína para essas mulheres, primeiro Cássia e depois Taís. Considero, portanto, o modo de conduzir esta

investigação como um fazer autoetnográfico, visto que assumo o ambiente familiar e profissional como contextos válidos para a geração de dados, que apresentarei com maior detalhamento a seguir.

### 3.4.1

#### O contexto de geração de dados e as participantes

Pensar sobre a postura que adotei no desenvolvimento desta pesquisa, e também sobre as participantes, encaminha este capítulo para a descrição do momento de geração de dados. O momento de leitura da obra literária foi realizado separadamente com cada uma das participantes, seguido de uma conversa informal que, conforme o esperado, foi permeada pela questão da migração, posto que essa temática tangencia o texto literário. Por conta dos diversos níveis de letramento leitor<sup>23</sup> das participantes, eu promovi a leitura das obras. Dessa forma, ambas as participantes ouviram o texto de Clarice lido por mim. Penso que esse movimento de escuta, primeiro das participantes e posteriormente meu, promove um espaço de confiança para a conversa, i.e., um espaço de acolhimento das histórias de vidas dessas mulheres, que são o foco de interesse desta análise.

Os dados gerados a partir da leitura literária foram gravados em áudio e, em um primeiro momento, transcritos de forma literal (cf. anexo II e III). Os segmentos que apresento como exemplares de análise, nos capítulos a seguir, foram transcritos seguindo as convenções baseadas nos estudos da Análise da Conversação<sup>24</sup> de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989) (cf. anexo I). Como minha intenção

---

<sup>23</sup> O letramento se trata não dá aquisição da habilidade de ler e de escrever, como era concebido usualmente no processo de alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão relacionadas a ela. Em nossa sociedade essencialmente letrada, uma pessoa analfabeta participa de processos de letramento, ou seja, pode-se não saber ler e escrever, mas possuir alto grau de letramento em seu ofício, em sua prática social. O grau de letramento depende das necessidades pessoais ou das demandas sociais (COSSON, 2014). Nesse caso, de forma mais específica, me refiro ao letramento leitor das participantes.

<sup>24</sup> Em linhas gerais, a Análise da Conversa Etnometodológica é uma área de estudos que entende a linguagem como um instrumento para estudo da ação social humana situada no espaço e no decorrer do tempo real (GARCEZ, 2008).



não é analisar turnos de fala, as convenções adotadas são aquelas que permitem mostrar, principalmente, as marcas avaliativas das participantes.

Na transcrição de Cássia, em especial, antes do início de cada trecho de interação, indico em que ponto da leitura do texto estávamos. O trecho citado entre aspas é sempre o último trecho lido por mim antes de interromper a leitura ou ser interrompida. É importante mencionar que as pausas não foram previamente estabelecidas por mim. Creio que muitos dos intervalos realizados reflete um cansaço físico e mental do próprio ato de ler para outra pessoa. Em determinados momentos, com Cássia, percebi que sentia necessidade de testar se ela acompanhava a leitura e se compreendia o que estava sendo lido por mim, talvez por uma insegurança na condução do momento. Essa reação já não aparece no encontro com Taís, em que eu praticamente não interrompi a leitura.

Considero, ainda, que o momento da transcrição já mostra a subjetividade do estudo, sendo também uma primeira fase de interpretação dos dados, visto que foram orientados pelo meu próprio olhar de pesquisadora. Com isso, apresento a seguir, de forma mais específica, as participantes deste estudo, as relações entre elas e o contexto em que foi realizada a leitura da obra literária.

#### **3.4.1.1 Cássia**

Como já mencionado, o primeiro encontro de leitura foi realizado com Cássia e aconteceu no dia 02 de maio de 2016, em nossa casa. Esse momento foi realizado de forma dividida: a primeira parte à tarde, gerando o primeiro áudio de 01:49:50s; e a segunda, à noite, gerando o segundo áudio com 01:53:48s. Na altura da geração dos dados, Cássia é uma mulher de quase sessenta anos, que mora há mais de quarenta no Rio de Janeiro. Chegou neste Estado em 1974, com dezesseis anos. Corroborando as análises de Lisboa (2006) e Diniz e Coelho (2007), por motivos principalmente de ordem econômica, Cássia precisou migrar dentro de seu próprio Estado, saindo do interior para a Capital da Paraíba para depois se dirigir ao Sudeste. É interessante mencionar que Cássia chega ao Rio de Janeiro apenas três anos antes de Clarice Lispector lançar "A hora da estrela", em 1977. Para me auxiliar nesta tarefa árdua de descrever o outro (tão árdua quanto descrever a mim mesma), pedi a Cássia que se falasse um pouco sobre quem ela é, como podemos observar a seguir em suas próprias palavras.

Quem sou eu? Quem sou eu? Sou uma nordestina, vim lá do Norte, da seca, fugi da seca, vim trabalhar adolescente para mandar dinheiro para a minha mãezinha que eu ajudava, trabalhei muito e não consegui ficar rica mas pelo menos hoje em dia tenho minha casa, não tenho casa mais de madame que eu vivia, dormia no quartinho quente do caramba, superei tudo isso. Chorei muito quando eu vim do Norte pra cá- nossa, saudades da minha mãe e da minha família. Eu me sentia muito só, igual quando você chega em Portugal, um lugar assim que você se sente só, depois foi acostumando, entendeu? Então, e hoje em dia eu sou uma pessoa, não vou dizer que sou "aí plenamente feliz", mas eu sou feliz, tenho uma filha maravilhosa, entendeu? Só isso né; já isso é bom demais, é minha família né; não tenho minha mãe hoje em dia mas tenho minha filha né. Seu pai foi uma pessoa legal, bom comigo, não foi essa pessoa "ah bom assim de financeiramente", mas pelo menos deu uma filha legal, uma filha estudiosa, eu sou feliz, é isso, sou uma pessoa feliz.

Cássia, interação ao vivo, em 02/11/19.

Foi a partir dos dados gerados com Cássia e das análises apresentadas nos próximos capítulos que entendi o conjunto de histórias de vida pré/pós mudança de Estado como narrativas de migração. Dessa forma, reitero que o escopo desta pesquisa se solidificou juntamente com o meu olhar para esses primeiros dados, o que me levou à busca de realizar esse momento de leitura com outra mulher, agora selecionada por seu contexto de vida necessariamente marcado pelo movimento migratório. Os dados gerados com Cássia, a primeira participante, definiram o escopo das análises. Sendo assim, a segunda participante, como veremos a seguir, foi selecionada a partir de meu conhecimento sobre seu histórico de migração.

#### **3.4.1.2 Taís**

Conheci Taís com esta pesquisa já em curso. Na época da geração dos dados, recém-chegada à cidade, a segunda participante deste estudo possuía vinte e cinco anos e era minha aluna em um Centro Universitário localizado na Zona

Norte do Rio de Janeiro. O nosso encontro com a obra literária aconteceu em 27 de setembro de 2017, pouco mais de um ano depois de ter iniciado esta pesquisa com minha mãe. O momento de leitura aconteceu no referido Centro Universitário, fora do horário da aula e em uma sala cedida para este fim, gerando um áudio com 03:09:37s. Similar à Cássia, a primeira migração de Taís foi dentro do próprio Estado - do Município de Nova Cruz, localizado na região do agreste do Rio Grande do Norte, para a capital potiguar Natal. Depois de Taís, conheci diversas outras mulheres migrantes na mesma instituição de ensino, o que parece indicar que essas jovens estudantes percebem a educação como uma chance de ascensão social e econômica. Como veremos nas análises, é importante mencionar que a chegada de Cássia e Taís ao Rio de Janeiro estão separadas por um hiato de mais de quarenta anos. Similarmente, pedi a Taís que se descrevesse para que eu pudesse fornecer um perfil mais seja adequado às identidades que ela constrói para si mesma.

Eu nasci no Rio Grande do Norte minha família é de lá, minha mãe é lavadeira de roupas e meu pai é pedreiro. Morei um ano em São Paulo, viajei para lá, trabalhei lá, fiquei na casa da uma prima minha super gente boa comigo. Voltei pra minha cidade, fui para a capital do Rio Grande do Norte, que se chama Natal, morei lá um ano com outra prima minha. Trabalhei sempre com vendas, aí voltei de novo para a minha cidade que se chama Nova Cruz, trabalhei quase um ano lá e aí também com vendas (tinha contrato) a loja fechou, aí então estava desempregada, vim para o Rio de Janeiro e iniciei o meu trabalho como- vim para cá com a proposta de trabalhar na casa de uma médica e aí não deu certo... É fui parar numa comunidade, uma prima minha mora lá que é no Complexo da Maré e botei o currículo em um supermercado que tinha lá perto, que se chama XYZ e aí fui chamada e comecei trabalhando lá como empacotadora e passei a caixa. Aí eu resolvi casar com o meu esposo, vim morar com ele. Já faz quatro anos que estou no Rio de Janeiro, eu vim pra cá em 2015. Hoje eu faço faculdade de Pedagogia; parei, mas voltei agora e, assim, o meu sonho era- é ser professora e eu estou correndo atrás para ser professora... então falar um pouco sobre mim é assim

eu tive uma infância que eu tinha que ajudar minha mãe, eu tinha que cuidar da minha irmã então eu tive uma responsabilidade muito cedo e sair da minha cidade para trabalhar pra sobreviver eu sempre pensava assim "eu tenho que me virar, eu tenho que trabalhar, eu tenho que ajudar a minha mãe" é, na minha cidade não tem emprego, então fui uma guerreira em estar aqui em uma cid- no Rio de Janeiro onde eu vim nem sabia onde a minha prima morava, depois que eu descobri onde ela morava, e aí tô aqui.[...] E aí há um detalhe, eu parei a- tive que parar a faculdade porque meu esposo, como eu tinha dito, meu esposo foi transplantado, teve um problema de saúde e não tinha quem cuidasse dele. É questões financeiras também não tinha como eu pagar a faculdade e ajudar ele em casa financeiramente também. Então, é agora pouco ele teve um probleminha, o médico passou um medicamento para ele aconteceu dele ter uma verminose, a medicação que ele tomou ativou essa verminose e ele tá faz dez dias amanhã faz 10 dias que ele está internado no hospital, agora tá tudo bem, tá no antibiótico, e eu voltei à faculdade na metade desse ano e esse ano também eu aceitei, na escola que eu trabalho, ser professora. Então eu tô como professora do maternalzinho, a minha primeira turma, eu sei que eu estou fazendo um trabalho muito bom, eu faço o meu planejamento, preparo as minhas aulas, é super cansativo né; faço faculdade à noite; ano que vem assim- é maravilhoso ser professora, mas ano que vem eu não pretendo pegar turma porque é, eu preciso me dedicar mais à teoria da faculdade; a faculdade, ela têm as suas exigências, assim como o trabalho, então eu preciso de tempo para estudar, eu sou um pouquinho lenta para compreender as coisas.

Táís, via mensagem de áudio enviada pelo celular, em

02/11/19.

### 3.4.1.3 Odete

Incluo a mim mesma como participante por considerar, como já dito, que não sou uma observadora passiva e distante dos fatos narrados; ao contrário, sou parte da história de Cássia, inclusive me tornando sua personagem, como veremos nas análises a seguir. Quem escreve essas linhas hoje é uma mulher, pesquisadora, professora com trinta anos, dividida entre a arte e a ciência, tentando costurar e borrar essas fronteiras em cada gesto de existência. Creio que essas páginas são o resultado de um processo que começou ainda em 2015, quando de minha chegada ao PPGEL para ser aluna extraordinária. Desde então, o doutorado aconteceu em concorrência com a vida, sendo também parte dela. Durante este curso, passei pelo luto da perda de meu pai, voltei para a casa da minha mãe, retirei um tumor benigno do ovário, terminei um longo relacionamento afetivo, comecei a atuar como professora universitária, aprendi a andar de bicicleta, morei sozinha, fui à Paraíba procurar minha família e conhecer meu irmão quinze anos mais velho, migrei para outro país, conheci outras culturas, aprendi a dirigir, comecei a bordar, voltei a escrever poesia e ficção (incluindo, de certa forma, este próprio texto que está agora em suas mãos) e, enfim, termino essa sentença muito diferente da pessoa que escreveu as primeiras letras. Sendo assim, para além da contribuição acadêmica, a contribuição pessoal deste estudo é imensurável. Escrevo sobre a histórias dessas mulheres para entender também a mulher que sou.

### 3.4.1.4 Macabéa

Como a ficção pode, em alguma medida, ser considerada mais real que o "real" (KRAUSE, 2004; 2010), justamente pela ausência do movimento e da fragmentação com a qual a vida social nos presenteia diariamente, é muito mais simples descrever a personagem de Clarice Lispector. Macabéa não poderia deixar de figurar aqui como participante deste estudo. Migrante alagoana, a personagem literária forjada pela autora e apresentada através do narrador-personagem Rodrigo, ganha vida ao ser lida por nós. Similar à Cássia e Taís, Maca - a nordestina sobre quem se fala - primeiro migra dentro de seu Estado, do interior para a capital, e, posteriormente, para o Rio de Janeiro. Ela possui dezenove anos

e, segundo o narrador, sua imagem gera uma espécie de aversão, é contrária ao que se entende como "belo" no senso comum:

Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. (LISPECTOR, [1977] 1998, p. 13-14).

[...]

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se "panos", diziam que vinham do fígado. Disfarçava os panos com grossa camada de pó branco e se ficava meio caiada era melhor que o pardacento. Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação. Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofende-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio. (ibidem, p. 27).

Macabéa é descrita com a dureza de palavras, com o sabor amargo de uma vida condenada a uma felicidade tola, que se sente por viver à toa, sem qualquer reflexão sobre a pergunta das perguntas "quem sou eu?" - a pergunta que gera necessidade (LISPECTOR, [1977] 1998). Nossa personagem vive em um limpo impessoal, cujo rastro pode ser encontrado inclusive no apagamento da identidade construída pelo seu nome, que nos é informado apenas na página quarenta e três do romance. Macabéa é metáfora da mulher nordestina, migrante, e de sua solidão na cidade grande. Na voz do narrador-escritor Rodrigo, a autora traça um perfil de sofrimento para a protagonista que vive em um completo desajuste. Ela beira o grotesco na obra clariceana: é nordestina, feia e pobre. Por vezes, reflito que a história da personagem é uma história possível de milhares de mulheres nordestinas e migrantes, de Cássia e de Taís.

Entretanto, juntas, nós quatro - Odete, Cássia, Taís e Macabéa - reconstruímos novos caminhos, reelaboramos nossas experiências, afinal não existe uma história única. Por meio de nossa leitura, Macabéa deixa de ser uma mulher anônima, assim como toda e qualquer nordestina. Em minhas palavras, costurando uma colcha de retalhos de histórias, teorias, análises, apresento um entendimento possível como essas narrativas avaliam a experiência de migração e

como elas (co)construem identidades, estigmas e instituições no discurso. Sendo assim, a seguir teço algumas considerações sobre as questões éticas da pesquisa.

### 3.4.2

#### Questões éticas da pesquisa

É preciso ter em mente que, no escopo da Linguística Aplicada, os estudos enfatizam o sujeito social e sua relação com a alteridade, assim como sua heterogeneidade na construção do conhecimento, para pensar sobre as questões de ética e de poder. Para Moita Lopes (2006, p. 31), uma vez que não é possível relativizar todos os significados, precisamos dos limites éticos para guiar nossos estudos. De acordo com Celani (2005, p. 109), as questões essenciais para pensar a ética em Linguística Aplicada são, além do papel das participantes, são as relações assimétricas de poder e a responsabilidade social. Nesta pesquisa, essas noções se tornam fundamentais.

Moita Lopes (2006) postula que nossas escolhas devem ser baseadas em nossa sensibilidade e empatia, isto é, excluindo significados que causem sofrimento humano ou que façam mal aos outros. No presente estudo, ao pesquisar sobre os efeitos da leitura literária em uma interação com participantes de meu contexto, incluindo o familiar e o profissional, existe a possibilidade de emergência de conteúdos que podem, inclusive, deixar em situação de vulnerabilidade a minha própria figura de pesquisadora, justamente por me situar na própria análise. Quando uma narrativa pessoal é desenvolvida, o contexto e as pessoas que interagem com as participantes começam a surgir na prática reflexiva (ELLIS e BOCHNER, 2000). Por isso, o consentimento livre e esclarecido dessas mulheres participantes é fundamental, visto que, nessas narrativas, emergem questões sensíveis, emocionais e de cunho particular.

Sendo assim, é importante mencionar que as participantes assinaram, em duas vias, o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE – (cf. anexo IV), cujo objetivo é o esclarecimento de dúvidas em relação a sua participação na pesquisa, permitindo a essas mulheres uma decisão autônoma, o que inclui, ainda, uma possível desistência, a qualquer tempo, tanto da participação quanto do uso dos dados gravados. Cabe mencionar que o TCLE foi apresentado em uma linguagem acessível, sendo um documento compreensível para as participantes,

que estão em diversos níveis de letramento, como já mencionado. Esta pesquisa, ainda, encontra-se de acordo com Resolução 510, de 07 de abril de 2016.

Estudos na grande área das Ciências Humanas e Sociais preocupam-se com o ser humano e com a sua subjetividade. Dessa forma, há um cuidado para que as pessoas não sejam expostas indevidamente, ou seja, elas devem sentir-se em um ambiente seguro quanto a garantia de preservação da dignidade humana (CELANI, 2005, p. 107). Portanto, é importante mencionar ainda que a identidade das participantes está protegida. Para a primeira participante, utilizo o segundo nome de batismo, o que, de alguma forma, dissipa e borra o seu nome real – sua identidade –, pelo qual é conhecida em seu cotidiano. Para a segunda participante, utilizo um nome fictício, que impede a identificação da participante fora deste texto.

Chegar a essa conclusão gerou (e ainda gera) muitas dúvidas e inseguranças. Cássia é minha mãe, sendo assim, como apagar uma identidade tão conectada com a minha própria? Escolher o nome pelo qual ela não é, de fato, conhecida, permite criar uma persona outra; minha mãe é participante desta pesquisa e também personagem de minha narrativa. Devo indicar, ainda, que todos os nomes por ventura mencionados nas narrativas foram trocados, preservando, assim, a identidade das pessoas reais e transformando-os em personagens na voz das participantes.

Discutir as relações entre as participantes e as possíveis assimetrias também é necessário. Creio na importância de ter uma percepção sobre como os nossos papéis se sobrepõem e sobre como eles podem interferir em nossa interação com a obra. Em um momento inicial, meus dados são gerados em um contexto familiar e pedagógico. Essas relações continuam existindo no momento de geração de dados e ao longo da pesquisa.

Em relação à Cássia, embora eu ocupe o papel de pesquisadora, nossa relação de mãe e filha não é apagada. Posteriormente, no momento da geração dos dados com Taís, sou também sua professora. Mais uma vez, o fato de Taís ser minha aluna não pode ser extinguido de minha análise. Esse aspecto será mais explorado nos capítulos a seguir, em que busco analisar as identidades construídas a partir das relações de poder emergentes em nossas interações. Essas relações, em meu entendimento, contribuem para a criação de um ambiente de segurança para compartilhamento das histórias de vida dessas mulheres.



Por fim, a noção de responsabilidade social se torna latente ao conceber esta pesquisa como uma contribuição para pensar questões macro, como o movimento migratório, as questões identitárias, de estigma e da construção das instituições realizadas no discurso das participantes. Para além da contribuição acadêmica, existe a necessidade de gerar entendimentos sobre o mundo e sobre a vida social de forma mais ampla. Por isso, a perspectiva assumida aqui enfoca um estudo do discurso e das interações no mundo social como um "espaço no qual é possível reescrever outras narrativas sobre quem somos ou podemos ser, reinventando o futuro" (MOITA LOPES, 2013, p. 232).

Como coloca Celani (2005), acredito que a dimensão ética vai além das questões que podemos considerar mais comuns na pesquisa científica. É preciso sempre questionarmos nossas próprias práticas, afinal nossas questões éticas estão relacionadas às pessoas com quem pesquisamos. Estar alinhado à uma perspectiva ética significa não trabalhar com regimes de verdade, mas sim trabalhar com interpretações subjetivas (co)construídas. Entendo, portanto, como ética esse constante questionamento sobre como as minhas escolhas no papel de pesquisadora podem afetar as participantes desta pesquisa. Existem diversas possibilidades de análise e nenhuma delas se configura como mais ou menos correta. Entendo que as teorias são provenientes de uma ponderação sobre o mundo. Do mesmo modo, é o meu olhar analítico que pode indicar os caminhos possíveis, diferentes alinhamentos teóricos que me auxiliaram no processo de construir entendimentos sobre os dados.

Em termos práticos, é preciso estar sempre atento a uma autorreflexão, em um questionamento constante ao próprio trabalho. Tal conscientização pode ajudar a (co)construir uma experiência literária e colocar os participantes como protagonistas. Por me alinhar à perspectiva da socioconstrução do conhecimento (MOILA LOPES, 2006; 2013), entendo que minha intenção não é dar voz às participantes, mas ouvi-las por meio de nosso contato com a leitura literária.

Sendo assim, no decorrer desta pesquisa, realizei um encontro em conjunto com as duas participantes para discutirmos os entendimentos gerados em minhas análises. Esse encontro também foi gravado e, posteriormente, decidi por não incluir tal momento na análise que apresento nos capítulos a seguir, por acreditar que esse tenha sido um encontro das participantes comigo e não entre as participantes, eu e a obra literária, o que é o cerne do estudo. O tempo para

realização das transcrições e análises também foi um fator decisivo para não inclusão deste terceiro encontro na tese. Entretanto, percebo que esse momento foi uma grande oportunidade de compartilhamento e de escuta das contribuições dessas mulheres, tornando-se fundamental para meu entendimento sobre pesquisar "com" o outro e não "sobre" o outro como indica os pressupostos da Linguística Aplicada. Para prosseguirmos, apresento, a seguir, o processo de recorte, seleção e análise dos dados.

### 3.4.3

#### **Recorte, seleção e análise dos dados**

O primeiro momento de análise dos dados gerados com Cássia foi realizado no âmbito da já mencionada disciplina análise de narrativas, cursada por mim no primeiro período de doutoramento. Como a disciplina motivou a geração de dados, ela também foi fundamental para o recorte e a seleção dos dados. Escolhi, portanto, começar as análises pelas narrativas, o que delimitou, posteriormente, o escopo e o objetivo maior do estudo, que é analisar os sentidos narrativos construídos pelas participantes, quando em contato com a obra literária.

Dessa forma, meu primeiro olhar buscou recortar e entender quais eram os momentos narrativos de toda a interação. Em seguida, o primeiro trecho selecionado e analisado foi uma narrativa que chamou minha atenção, inicialmente, por apresentar a estrutura canônica de Labov (1972) e por ser em si mesma uma (re)construção de toda a vida de Cássia. Essa narrativa encontra-se no segundo áudio, após o término da leitura da obra literária (cf. linhas 702 a 798 do anexo II) e será analisada, no capítulo cinco, a partir dos pressupostos da análise de narrativas (LABOV, 1972; BRUNER [1990] 1997; LINDE, 1993; BASTOS, 2005); dos construtos de identidade (MISHLER, 1999; 2002; MOITA LOPES, 2009) e dos posicionamentos avaliativos (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009). Indico, ainda, que dentro da referida narrativa há duas narrativas breves (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), que também serão analisadas em conjunto.

O segundo trecho selecionado dos dados da Cássia para análise está localizado exatamente antes da primeira narrativa analisada (cf. linhas 527 a 670 do anexo II). Nesse momento, eu já começava a perceber que uma das temáticas recorrentes nos dados era a construção do estigma de ser mulher nordestina

migrante e das instituições de trabalho, o que analiso no capítulo seis à luz dos conceitos goffmanianos de estigma (GOFFMAN, [1963] 1988) e de instituições totais (GOFFMAN, [1961] 1974). Para além disso, também retomo aspectos da construção identitária da participante. Sendo assim, os momentos narrativos de Cássia podem ser visualizados a seguir. Em negrito, indico as narrativas analisadas ao longo desta pesquisa.

Momentos narrativos de Cássia:

1º áudio

- linha 2 a 10 – sobre vestido de chita;
- linha 149 a 176 – sobre acreditar nas pessoas;
- linha 280 a 290 – sobre tomar banho no rio;
- linha 326 a 384 – sobre relações familiares;
- linha 388 a 399 – sobre comer carne de gato.

2º áudio

- **linha 527 a 670 – sobre sua chegada ao Rio de Janeiro;**
- **linha 702 a 798 – sobre seu encontro com a cartomante;**
  - **linhas 715 a 720 – sobre os filhos da cartomante;**
  - **linhas 720 a 728 – sobre pegar manga no sítio.**
- 798 a 909 – sobre a cartomante.

Em relação aos dados gerados com a segunda participante, é preciso dizer que estabelecer um recorte, no qual eu pudesse visualizar cada uma das narrativas e como elas se relacionam, foi bastante difícil. Partindo da linha 92, a interlocutora conta uma grande narrativa, sua história de vida, que só terá um fim na linha 763, quando a participante conclui, reconstruindo suas memórias, que todos os percalços pelos quais passou não foram ruins. É oportuno notar que a participante narra uma série de outras histórias ao logo da narrativa maior, lembrando o que disse logo na introdução desta tese – contar uma história não é um evento linear.

Podemos observar, a seguir, os momentos narrativos que identifiquei na interação com Taís, também com as indicações das linhas referentes às transcrições do anexo III. No capítulo cinco, também analiso a grande narrativa de Taís e algumas das narrativas breves (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) a partir

do mesmo arcabouço teórico já mencionado, adicionando a perspectiva de De Fina (2003; 2009) para compreender essas narrativas breves como "accounts". No capítulo seis, similarmente à Cássia, observo a (re)construção do estigma e das instituições, além da (re)construção identitária por meio dos posicionamentos avaliativos. Em seguida, apresento os momentos narrativos de Taís, destacando em negrito os excertos que foram selecionados para análise.

Momentos narrativos de Taís:

- **linha 1 a 44 - sobre a cartomante;**
- **linha 92 a 763 - sobre sua chegada ao Rio de Janeiro;**
  - **linha 144 a 154 - sobre o dia a dia do trabalho;**
  - **linha 154 a 161 - sobre uma conversa com a patroa;**
  - **linha 173 a 176 - sobre outra conversa com a patroa;**
  - **linha 179 a 191 - sobre uma conversa relacionada às folgas;**
  - **linha 194 a 224 - sobre como conheceu o marido;**
  - linha 234 a 264 - sobre como o marido a ajudou após incidente no trabalho;
  - linha 300 a 327 - sobre a necessidade de pegar suas coisas após o incidente;
  - linha 328 a 336 - sobre conhecer uma comunidade do Rio de Janeiro;
  - linha 337 a 365 - sobre descoberta do amor;
  - linha 365 a 394 - sobre o período em que viveu sozinha na comunidade;
  - **linha 396 a 455 - sobre a relação com o marido e o desenvolvimento da vida acadêmica;**
  - linha 473 a 503 - sobre confiar nas pessoas;
  - linha 505 a 554 - sobre o que aconteceu às pessoas após incidente no trabalho;
  - linha 594 a 625 - sobre a entrada na faculdade;
  - linha 657 a 700 - sobre a sua relação com a família;
  - linha 702 a 712 - sobre a faculdade.
- linha 767 a 801 - sobre humilhação no trabalho.

Cássia e Taís se (re)constroem de formas distintas, mas apresentam muitas similaridades entre temáticas, apesar do hiato de quarenta anos entre uma migração e outra e, ainda, da diferença geracional entre ambas, visto que a segunda participante é uma jovem de vinte e cinco anos. Por conseguinte, escolho apresentar a análise realizada em três capítulos, divididos por temas. O primeiro enfoca a análise de narrativas e (re)construção identitária por meio da linguagem da avaliação. Em seguida, penso sobre o estigma de ser mulher, nordestina, migrante, além da construção do lócus de trabalho como instituições totais, nos termos de Goffman ([1963] 1988; [1961] 1974). Neste capítulo, ainda, retomo alguns aspectos da (re)construção identitária das participantes que me auxiliam a compreender como elas observam o estigma e se constroem de forma a se afastar dele.

Em ambos os capítulos mencionados, falo sobre a relação texto-leitor com base nos pressupostos teóricos de Jauss ([1967] 1994) e Iser ([1976] 1996; 1999), além de buscar o conceito de metaficção e metarrealidade de Krause (2010) para embasar minha percepção sobre o texto de Clarice Lispector e sua relação com as narrativas (co)construídas pelas participantes em interação comigo. Entretanto, destino mais um capítulo analítico para focalizar em particular os aspectos literários que podem ser elucubrados a partir do discurso.

É importante dizer, ainda, que essa divisão é apenas uma das formas possíveis de organizar a análise. Separar as análises por temáticas, trazendo em todos os capítulos fragmentos das narrativas de ambas as participantes, reflete a minha própria percepção em relação aos dados, o caminho que percorri ao lidar com essas histórias durante tanto tempo. Penso que ao tentar trazer as (re)construções de Cássia e Taís organizadas dessa forma pode me auxiliar a mostrar às minhas leitoras e meus leitores os pontos de contato entre essas duas grandes histórias de vida (LINDE, 1993), o que discuto no capítulo oito. Em suma, antes de avançar para as análises propriamente ditas, apresento de forma pormenorizada, no próximo capítulo, os pressupostos teóricos que fundamentam o meu olhar sobre os dados.

## QUEM CONTA A HISTÓRIA

Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem? Talvez porque nela haja um recolhimento e também porque na pobreza de corpo e espírito eu toco na santidade, eu que quero sentir o sopro do meu além. Para ser mais do que eu, pois tão pouco sou.

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias<sup>25</sup>.

Como já dito anteriormente, o presente texto materializa uma história sobre as histórias de vida que me foram contadas com base na obra de Clarice Lispector, lida por mim às participantes deste estudo, nos indicando um movimento metaficcional (KRAUSE, 2010). Todas essas histórias, portanto, estão interligadas – já não podem existir uma sem a outra, nos jogando em uma imensa teia narrativa. Quem veio primeiro, não importa; as histórias de Cássia e de Laís ganham contornos a partir da vida de Macabéa. Dialeticamente, a obra clariceana se realiza em sentidos ao ser experienciada por essas mulheres nordestinas migrantes.

Nesse percurso, conduzo meus leitores e minhas leitoras a uma passeio por este "patchwork" teórico. Costuro uma teoria a outra, alinhavando compreensões do mundo que me ajudam a construir análises e entendimentos nesta tese. Sendo assim, o propósito deste capítulo é apresentar os fundamentos teóricos para a compreensão da relação entre texto e leitor, além do entendimento sobre narrativas de migração que assumo ao longo desta pesquisa. Também apresento a percepção da avaliação como condição humana e discursiva essencial para construção de sentidos e a visão sociointeracional da (co)construção de identidades, de estigmas e de instituições que busco entrelaçar aqui; isto é, apresento às minhas leitoras e aos meus leitores os fios que escolho para tecer a narrativa deste estudo. Minhas escolhas teóricas contam essa história junto comigo, me auxiliam nessa tarefa de ser narradora de Cássia e Taís. Existe uma necessidade nessa escrita, porque eu

---

<sup>25</sup> LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998, p. 21.

mesma – mulher, pesquisadora, professora, filha de uma migrante nordestina – só sou enquanto escrevo.

\*\*\*

Desde a introdução da presente tese, falo dessa busca por um entre-lugar entre língua e literatura, fazendo da Linguística Aplicada um chão epistemológico. Para ocupar esse entre-lugar, proponho diálogos teóricos e caminhos diversos para as análises, costurando entendimentos e construindo meus próprios sentidos sobre essas histórias de vida de migração. Como também ressaltai anteriormente, não acredito que exista alguma forma mais ou menos certa de empreender estas análises, mas, ao contrário, creio que os diferentes arcabouços teórico-metodológicos que utilizo se configuram como possibilidades de interpretação dos dados.

Busco, assim, um trabalho interdisciplinar, conectado à ideia de movimento e de fluidez. Para isso, é necessário observar atentamente os dados, ouvindo o que eles podem comunicar. Trabalhos inter ou transdisciplinares são, essencialmente, orientados pelos dados. Por isso, a escolha dos encaminhamentos teóricos se deu a partir do meu contato com as narrativas analisadas. Pennycook (2006, p. 73) reflete sobre a escolha dos enquadramentos teóricos a partir de uma metáfora que cria um pouco mais de clareza sobre este aspecto:

O trabalho interdisciplinar deve ser entendido não como se estivéssemos sentados à mesa da Linguística Aplicada com um menu fixo e escolhendo o que comer (devemos começar com uma tigela de linguística e, a seguir, tentar psicologia como prato principal?), mas, ao contrário, como se estivéssemos naquele momento em um restaurante quando se está examinando o menu e um prato quente e aromático voa em nossa frente nas mãos de um garçom e me pergunto: o que estão comendo? (PENNYCOOK, 2006, p. 73).

Dessa forma, acredito que este arcabouço interdisciplinar me ajuda a pensar sobre as interações entre as participantes e como nós dialogamos com a obra literária a partir de posicionamentos que constroem e reconstroem identidades, estigmas e instituições. Como veremos nos capítulos a seguir, essas mulheres migrantes (re)elaboram suas identidades tomando por base a história de Macabéa, se contrapondo ao final trágico da personagem. Maca ganha vida nas

histórias de Cássia e Laís, o que me encaminha a tratar sobre a relação entre texto e leitor.

#### 4.1

##### **Sobre a relação texto-leitor e a ficção que fala de si mesma**

Segundo Cosson (2014), ler é uma prática social, é uma interação entre autor e leitor, mediada pelo texto. Interpretar é negociar o sentido em um diálogo que envolve o autor, o leitor e a sociedade, tendo como limite o contexto. Quando negociamos com nossos interlocutores e (co)construímos sentidos em um texto também nos tornamos autores. O momento da leitura e desse compartilhamento de significados com o autor, pode nos levar a perceber que todos os sentidos construídos pelo escritor não estão inscritos no livro de maneira estanque, mas são (co)construídos pelo leitor. É somente a partir da interação do leitor com a obra literária que o sentido se faz existir no mundo.

No âmbito dos estudos literários, começou-se a pensar sobre a interação entre texto e leitor a partir de 1979, quando Jauss e Iser, da chamada Escola de Constança, colocam em tela a expressão "estética da recepção" durante a seção "Comunicação literária e recepção" do Congresso da Associação de Literatura Comparada Internacional, realizado na Áustria. Já em 1967, Jauss afirmava, durante uma palestra intitulada "O que é e com que fim se estuda história da literatura", na Universidade de Constança, Alemanha, que a pesquisa literária deveria deslocar o seu foco de investigação, retirando-o da dicotomia autor-obra para buscar a relação entre texto e leitor (SANTOS, 2018).

O objetivo de Jauss é recuperar a historicidade da literatura possibilitada pela valorização da ação do leitor, responsável pela permanente atualização das obras literárias do passado (ZILBERMAN, 2008). O pesquisador considera que, entre a obra e o leitor, estabelece-se uma relação dialógica, que não é fixa. Por um lado, é preciso considerar que as leituras diferem a cada época e, por outro, que o leitor interage com a obra a partir de suas experiências passadas, isto é, ele carrega consigo uma bagagem cultural da qual não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma obra literária. Uma obra literária, portanto, é carregada de histórias de leituras que se agregam a ela. O leitor, por sua vez, independentemente de sua formação ou profissão, carrega também sua história de



leituras, construída a partir de sua relação com a literatura e com outras formas de textos transmitidos pela escrita. Sendo assim, o diálogo entre a obra e o leitor coloca frente a frente duas histórias, a partir da qual se estabelece uma troca.

Nesse sentido, ao pensar sobre a configuração desta pesquisa, as participantes em contato com a obra de Clarice Lispector incorporam a leitura<sup>26</sup> com todos os elementos que a própria obra traz consigo; dialogicamente, o texto tem agregado à sua identidade de obra literária a leitura dessas participantes – leitoras – que constroem entendimentos a partir de sua matriz pessoal e cultural. Conforme nos mostra Zilberman (2008), nenhum leitor fica imune às obras que consome; e as obras também não são indiferentes às leituras que desencadeiam.

Leitores constituem um fator ativo, interferindo no processo como a literatura circula na sociedade. Para Jauss, a ação do leitor não é individualista, ou seja, as épocas e sociedades constituem horizontes de expectativa dentro dos quais as obras se situam. Essas expectativas são provenientes da compreensão prévia do gênero, da forma e da temática das obras anteriormente conhecidas e da oposição entre linguagem poética e linguagem prática (JAUSS, [1967] 1994).

Diferentemente, Iser ([1976] 1996; 1999) percebe a leitura como um fenômeno do âmbito individual, compreendendo o próprio momento de leitura como espaço de preenchimento de vazios e de construção de significados entre autor, texto e leitor. Preencher esses espaços vazios não significa a resolução dos impasses apresentados pelo texto, mas, "desfamiliariza" o leitor com aquilo que a realidade torna automático para o sujeito em sociedade (ISER, 1996 [1976]).

Em sua formulação da teoria do efeito estético, Iser ([1976] 1996) destaca a importância de se observar a função que os textos desempenham em contextos específicos e que experiência eles possibilitam a seus leitores. O texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e só ganha o caráter de acontecimento, i.e., só existe, à medida que traz uma perspectiva nova para o mundo, um olhar que antes não estava contido nele. Sendo a obra constituída de um vazio interno, o leitor não a decodifica, mas dá sentido ao texto. Nesse entendimento, a experiência de leitura é privilegiada.

Um texto se mostra, então, como processo, pois não pode ser fixado nem à reação do autor ao mundo, nem aos processos de formação de sentido que

---

<sup>26</sup> É importante lembrar, como explicitado no capítulo anterior, que as leitoras deste estudo são ouvintes devido aos diversos níveis de letramento leitor.

acontecem na elaboração do mesmo. O texto, como processo, abrange desde a reação do autor ao mundo até sua experiência pelo leitor; tornando-se o dispositivo pelo qual o leitor constrói suas representações. Segundo Iser ([1976] 1996), o texto possui um potencial de efeitos que se atualiza no processo de leitura, não sendo apenas um retrato de algo que existe no mundo, mas uma (re)formulação de uma realidade já formulada previamente pelo autor. Uma obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor, ou seja, é o ser constituído, a partir do texto, na consciência do leitor.

No presente estudo, as narrativas orais geradas a partir da leitura de "A hora da estrela" podem ser consideradas uma materialização dessa construção de sentidos que acontece no momento da leitura. O efeito estético, apesar de ser motivado pelo texto, requer do leitor atividades imaginativas e perceptivas, a fim de obrigá-lo a diferenciar suas próprias atitudes. Sendo assim, o chamado efeito estético pode ser entendido como a relação dialética entre texto e leitor que se constrói na interação.

Para Iser ([1976] 1996), é preciso substituir a velha pergunta sobre o que significa esse determinado texto pela pergunta sobre o que sucede com o leitor, quando com sua leitura dá vida aos textos ficcionais, o que proponho nesta tese a partir das análises empreendidas. Entende-se a literatura como um espaço de (re)organização dos códigos dos sistemas sociais, para que o leitor, provocado pela experiência estética, busque respostas de compreensão do contexto social em que atua (BORBA, 2007). Portanto, a literatura tem a função de fazer com que o leitor repense sua ação em sociedade, experimentando na obra literária uma alusão ao sistema social (ISER ([1976] 1996).

Olhar para a interação, a partir deste entendimento teórico, é examinar as percepções do leitor, deixando de lado um modelo prévio e promovendo uma ruptura com concepções clássicas que entendem a literatura como um objeto estático. Dessa forma, acredito que o embasamento teórico fornecido pela teoria do efeito estético e da teoria da recepção, apesar de suas diferenças, pode se alinhar às teorias de linguagem de base social, justamente pela preocupação com o leitor e com a sua construção de sentidos. Em sua obra, Iser trata das especificidades e diferenças das chamadas teoria do efeito estético e teoria da recepção:

Se a análise da literatura se origina da relação com textos, então não se pode negar que aquilo que nos acontece através dos textos seja de grande interesse. Não consideramos o texto aqui como um documento sobre algo que existe – seja qual for a sua forma –, mas sim como uma reformulação de uma realidade já formulada. Através dessa reformulação advém algo ao mundo que antes nele não existia. Em consequência, a teoria do efeito confronta-se com um problema: como se pode assimilar e mesmo compreender algo até agora não formulado? Uma teoria da recepção, ao contrário, sempre se atém a leitores historicamente definíveis, cujas reações evidenciam algo sobre literatura. Uma teoria do efeito está ancorada no texto - uma teoria da recepção está ancorada nos juízos históricos dos leitores. (ISER, [1976] 1996, p. 16).

Para Cosson (2014, p. 27), essa (co)construção de sentidos da obra é social, pois compartilhamos visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço em uma mesma sociedade, ou seja, de forma situada. Ler não é uma experiência solitária, mas sim solidária (DALVI, 2012; COSSON 2014). Em suma, o ato da leitura implica troca entre escritor e leitor, e com a sociedade em que ambos estão localizados, pois os sentidos são o resultado do compartilhamento de visões de mundo do ser humano situado historicamente no tempo e no espaço. É justamente essa experiência literária que foi produzida a partir da leitura da obra de Clarice Lispector, criando um espaço para as narrativas, isto é, para que as histórias de migração das participantes pudessem existir como forma de (re)organização de suas próprias vidas.

É necessário, em minha percepção, compreender a própria ficção, para que eu possa criar inteligibilidade sobre as narrativas de Cássia e Taís. Clarice, em "A hora da estrela" mostra-se engajada com uma causa social, ao falar sobre um aspecto da realidade brasileira. Contudo, não é possível dizer, no meu entendimento, que trata-se de uma obra realista, no sentido restrito do termo. Segundo Krause (2010), o espelho da ficção não nos devolve a realidade refletida tal como ela supostamente é, mas antes a inverte e nos leva para outro lugar – para o além da realidade. Esse fenômeno estético é chamado de metaficção, no qual, como o próprio nome já sugere, a ficção dobra-se por dentro, falando de si mesma, contendo a si mesma. Como discutirei nas análises apresentadas a seguir, compreendo a obra de Lispector a partir desse conceito, visto que em "A hora da estrela" há reiteradamente uma explicitação de sua condição essencial de ficção.

Refletindo ainda sobre a condição ficcional da obra, que não é dissimulada, e sobre o efeito estético que resulta dessa interação, busco também o conceito de metarrealidade, sugerido por Krause (2010, p. 189). O "além da realidade" seria a

realidade que a ficção constrói e que surge, para o leitor e para o espectador, como "mais real do que o real", ou seja, uma "realidade" possível, mais intensa e viva. Esse entendimento pode ser útil para compreender o efeito estético da obra de Clarice, materializado pelas narrativas orais geradas a partir do contato com o texto literário. Sendo assim, na próxima seção, apresentarei o meu entendimento para as histórias de vida, i.e., para as narrativas de migração geradas a partir da leitura literária.

## 4.2

### **Sobre as narrativas geradas nas interações**

Meu olhar micro conduz o trabalho para a análise das narrativas de migração, entendidas por mim como todas as histórias de vida pré/pós-migração, que emergem a partir da leitura literária realizada com as participantes desta pesquisa. Nos estudos literários, a narrativa é amplamente discutida e possui várias definições, desde Platão. Contudo, nesta pesquisa, assumo o entendimento de narrativas dos estudos do discurso. Esse arcabouço teórico-metodológico fornece instrumental para o entendimento do discurso em interação e pode ser útil na medida em que promove um diálogo interdisciplinar, direciona sua atenção para os atores sociais e em diversos contextos de produção, compreende o discurso narrativo como prática social constitutiva do que chamamos de "realidade", nega a possibilidade de identidades estereotipadas e gera entendimentos dos processos de resistência e reformulação identitária (BASTOS; BIAR, 2015).

O interesse pelo estudo das histórias orais, contadas em contextos espontâneos ou de pesquisa, surge após a virada discursiva que ocorre em meados do século XX, o que impulsiona o desenvolvimento da área. Segundo Bastos e Biar (2015), é no contar que os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentidos sobre si mesmos, o que vai ao encontro de meu próprio entendimento sobre as narrativas contadas pelas mulheres migrantes deste estudo. O estudo de narrativas, ainda segundo Bastos (2004), é um campo que interessa tanto aos estudos linguísticos quanto aos literários, o que indica a relevância desse arcabouço teórico para esta pesquisa que busca a inter e transdisciplinaridade.

Muito se fala sobre narrativa, mas pouco se consegue quando tentamos defini-la. Consoante Riessman (2008), as narrativas estão em toda parte, mas nem

tudo é uma narrativa. Para a autora, ainda, as narrativas não falam por si mesmas, como uma janela para um self, pois elas são compostas para uma audiência particular, em um momento específico da história e representam os discursos de uma determinada cultura, ou seja, as narrativas se constituem por meio de nossas práticas discursivas no mundo, temporalmente situadas e contextualizadas. Logo, não existe uma simples definição que possa dar conta de todas as aplicações em que o termo é empregado ou mesmo de todos os entendimentos que ele pode gerar (RIESSMAN, 2008).

Em cada narrativa oral, o falante conecta eventos em uma sequência que é essencial para a ação e, mais tarde, para o entendimento do significado que ele quer tirar da história. Os eventos percebidos pelo falante como importantes são selecionados, organizados, conectados sequencialmente, e avaliados como significativos para um determinado público-alvo. Dessa forma, as histórias podem ser contadas de inúmeras formas, dependendo de quem as ouve e dependendo de qual aspecto é mais relevante para tornar essa história especial (RIESSMAN, 2008).

Os estudos da narrativa foram introduzidos na Sociolinguística por Labov e Waletzky (1968) e Labov (1972), que priorizavam o estudo de sua estrutura e de suas características formais. Segundo essa concepção, a narrativa é um método para se recapitular uma experiência passada e se constitui como uma combinação de uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos (LABOV, 1972). Essas narrativas, para o autor, representam uma ordem cronológica dos eventos passados, possuindo uma correspondência no "mundo real".

Conforme este arcabouço teórico, as principais características de uma narrativa são: (i) ter um ponto, uma razão de ser da própria narrativa; (ii) ser contável, fazer referência a fatos extraordinários, não comuns, indicando sua reportabilidade (eventos completamente previsíveis não se prestam a serem narrados); e (iii) conter avaliação, que indica o ponto. Labov também propõe uma estruturação básica<sup>27</sup> para a narrativa que contém elementos optativos e obrigatórios, dentre eles: (i) sumário, (ii) orientação, (iii) ação complicadora, (iv) avaliação, (v) resolução e (vi) coda (LABOV, 1972). De acordo com Bastos e Biar (2015, p. 105), Labov convencionou o que chamamos, atualmente, de modelo canônico de narrativa.

---

<sup>27</sup> Explicarei a estruturação básica da narrativa proposta por Labov (1972) com maior nível de detalhamento no próximo capítulo.

Sendo assim, esses estudos foram pioneiros, abrindo portas para as narrativas no campo da Linguagem, e ainda influenciam muitas pesquisas que os utilizam para uma análise formal. Contudo, algumas críticas são feitas por serem estudos que tratam a narrativa de forma descontextualizada, o que limitaria sua força analítica e seu potencial como lócus privilegiado para entender o mundo. O fato de o autor não problematizar a relação entre evento passado, memória e narrativa também é alvo de críticas, ou seja, há a prevalência de uma visão representacionista da narrativa (BASTOS, 2005).

Em minha percepção, alinhando-me aos estudos de Bastos (2005), o ponto problemático do arcabouço teórico de Labov é o entendimento de que há uma realidade verdadeira. Nesse sentido, para o autor, quando contamos uma história, fazemos uma cópia idêntica ao que, de fato, aconteceu. Essa perspectiva que elege uma realidade como verdade também é questionada também no âmbito dos estudos literários, e encontra respaldo nos conceitos de metaficção e metarrealidade (KRAUSE, 2010), com veremos no capítulo sete, alinhando-se com as próprias questões da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013), quando entende que não existe, de fato, uma realidade palpável, verdadeira, um real estático, passível de representação.

Entretanto, embora reconheça as limitações desta proposta, acredito que utilizá-la em interface com perspectivas de análise discursivas em níveis micro e macro pode ser extremamente rico e frutífero para as análises das experiências (re)elaboradas no momento da narração de histórias. Estudos mais recentes problematizam essa perspectiva, compreendendo a narrativa como uma recriação ou reorganização da experiência. Diferente de Labov, o entendimento socioconstrucionista percebe que, quando contamos uma história, podemos recriar nossas lembranças e essa reinterpretação discursiva muitas vezes passa a ser nossa memória do que aconteceu (BASTOS, 2005).

Um dos autores que problematizam essa a perspectiva laboviana, na Psicologia Social, é Bruner. Para o autor ([1990] 1997, p. 34), a vida humana é uma peça que já está em andamento com um enredo um tanto aberto que determina que papéis podemos desempenhar e em direção a que desfechos podemos nos dirigir. Segundo a visão de Bruner ([1990] 1997), é a cultura, e não a biologia, que molda a vida, que dá significado à ação, ou seja, é a cultura que constitui a mente.

Entender o ser humano é compreender como suas experiências e atos são moldados por estados intencionais e como esses estados se realizam apenas por meio da participação em sistemas simbólicos da cultura. O princípio organizador desse sistema simbólico é a narrativa. Para Bruner, a narrativa é a linguagem que considera o particular e o simbólico; é a linguagem em que podemos interpretar os sentidos do mundo e de nós mesmos em uma lógica não formal. Dessa forma, a narrativa seria uma mediadora entre o mundo canônico da cultura e o mundo dos nossos desejos e crenças.

Dentre as contribuições de Bruner ([1990] 1997) para a análise de narrativas está a observação de suas propriedades: (i) sequencialidade, que se refere ao próprio enredo da narrativa, consistindo de sequência de eventos, estados mentais, envolvendo seres humanos como personagens ou atores; (ii) independência da condição de ser verdadeira ou falsa, que refere-se à propriedade da narrativa de ser realidade ou ficção. O que importa é a sequência das sentenças, a configuração geral, o enredo, e não se o fato contado é falso ou verdadeiro; (iii) excepcionalidade, que é a qualidade da narrativa em forjar ligações entre o excepcional e o comum. É por meio da narrativa que tornamos compreensível o que é excepcional e extraordinário em nossas vidas; (iv) dramatismo, que faz menção ao drama ligado aos componentes da estrutura da narrativa, ou seja, há um desequilíbrio, um problema, um conflito.

Há, ainda, outra característica chamada por Bruner ([1990] 1997) de natureza dual das narrativas, cujo postulado mostra que as histórias se passam em dois mundos: o mundo dos interlocutores, onde a história está sendo contada, e o mundo da narrativa, que é o mundo dos personagens, onde a história está sendo relatada. Segundo Bruner (1997 [1990], p. 51), eventos e ações de um "mundo real" que supomos verdadeiro ocorrem concomitantemente com eventos mentais na consciência do protagonista.

Outros estudos ampliaram a contribuição pioneira de Labov (1972) e problematizam a sua concepção realista/representacionista. Para Linde (1993), que traz a concepção da narrativa como histórias de vida, as características principais são: ter um ponto sobre o falante (e não um ponto geral sobre o mundo) e ter reportabilidade estendida, ou seja, possuir a capacidade de ser contada e recontada por um longo período de tempo. Goodwin (1984) é outro estudioso que observa as narrativas na interação social. De acordo com Bastos (2010), o autor

defende uma análise multimodal da ação social cotidiana a partir de uma crítica à tradição logocêntrica, ou seja, à visão de que a linguagem verbal é central na ação social. Goodwin também elucida aspectos úteis para o entendimento da estrutura da narrativa, em que a própria contagem da história pode ser negociada já no início da interação, e sobre como os ouvintes assumem papéis distintos, podendo ocupar, inclusive, papéis de personagens da história narrada.

Os segmentos não canônicos, as chamadas "narrativas breves" ou "curtas" ganham relevância a partir dos estudos de Bamberg e Georgakopoulou (2008). Para os autores, as narrativas breves são um termo guarda-chuva que abrigam uma gama de atividades narrativas, como as narrativas de acontecimentos em curso, narrativas hipotéticas, alusões a eventos conhecidos pelo interlocutor, adiamentos de relatos, e até recusas a contar uma história. Essas histórias, prototipicamente curtas em sua extensão, podem nascer a partir de um momento muito recente ou sobre um momento em desenvolvimento, o que nos leva à necessidade de compartilhar o que acabou de acontecer, ou mesmo nos ajudar na elaboração de algum ponto argumentativo (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

Para pensar sobre as narrativas breves, também trago a concepção de De Fina (2003; 2009) sobre "accounts". Os "accounts" são entendidos aqui como narrativas que fornecem uma justificativa ou explicação para uma ação ou evento em descompasso com as expectativas de normalidade ou com a construção de uma imagem positiva para o narrador (DE FINA, 2009; COSTA; BIAR, 2015). Isso significa, então, que o narrador está constantemente interpretando a avaliação que seu interlocutor faz sobre si mesmo. Segundo De Fina (2009), os "accounts" podem ser definidos como recapitulações de eventos passados construídos como respostas a um "porquê" ou a um "como" explícito ou implícito. Um "account" é fornecido quando pressupõe-se a avaliação de um interlocutor.

Um dos meus objetivos, como mencionei na introdução, é observar como os momentos avaliativos (co)constróem as experiências vividas, a partir da interação com a obra literária, contribuindo para uma (re)construção de identidades, estigmas e instituições no discurso. Nosso relacionamento com um texto nunca é neutro, mas, ao contrário, é perpassado por inúmeros afetos, positivos ou negativos, que constroem significados em interação com o falante/escritor. O texto só pode existir em uma dinâmica de troca que afeta o



leitor de algum modo. Quando olhamos para o discurso, é possível perceber que ele é permeado por avaliações. Nas narrativas, essas avaliações constroem o ponto da história, informando sobre a carga dramática ou o clima emocional da narrativa e comunicando ao ouvinte o ponto de vista do narrador (LABOV, 1972). Para além disso, as avaliações expressam nossos afetos, crenças, e contribuem para a (re)construção identitária. Sendo assim, na próxima seção, apresento o arcabouço teórico sobre a linguagem da avaliação que utilizo neste estudo.

### 4.3

#### **Sobre a linguagem da avaliação e o afeto como construto social**

Todo o tempo expressamos pensamentos, opiniões, sentimentos e atitudes em relação a alguém, a algo que acontece ou a algum objeto, ou seja, o tempo todo, estamos avaliando e sendo avaliados. Segundo Thompson e Hunston (2006), para além da diversidade de terminologias, é possível conceituar a avaliação como uma abordagem da análise do discurso que focaliza atitudes de falantes/escritores que expressam suas atitudes, pontos de vista ou sentimentos sobre entidades ou sobre proposições de seus interlocutores, sendo de caráter subjetivo e podendo assumir um valor positivo ou negativo a depender do contexto no qual se insere. Em consonância com essa definição, Bednarek (2008) mostra que a avaliação pode ser considerada como um aspecto extremamente importante da linguagem, permitindo a expressão de diferentes identidades construídas discursivamente. O uso da linguagem avaliativa, para a autora, é claramente interpessoal, significando a síntese da linguagem como instrumento social (BEDNAREK, 2008).

Em uma perspectiva interacional, assim, entendo a avaliação como um construto macro, pelo qual expressamos nossas emoções discursivamente. Um dos ferramentais teórico-metodológicos que pode auxiliar na observação da linguagem da avaliação em um nível micro, isto é na materialidade do texto, é o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009). Esse sistema foi desenvolvido no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004; GOUVEIA, 2009), que concebe a linguagem como um sistema sociosemiótico, i.e., como um sistema de escolhas à disposição do falante na vida social. O entendimento da Linguística Sistêmico-Funcional se alinha com os demais construtos teóricos já mencionados

nesta tese, pois postula que a linguagem não pode ser compreendida fora de seu contexto, ou seja, é uma teoria de linguagem de base social.

Portanto, o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) pode fornecer embasamento teórico-metodológico para pensar a relação entre linguagem e emoção. É importante mencionar que essa ponte entre as abordagens da área de Análise de Narrativas e do Sistema de Avaliatividade já foi construída anteriormente por Nóbrega (2009), que mostrou como olhar para a avaliação pode proporcionar um maior entendimento das emoções (co)construídas na interação.

Nesse sentido, de acordo com Martin e White (2005), os recursos interpessoais da linguagem, dentre os quais está a linguagem da avaliação, estão preocupados com a negociação de relações sociais, ou seja, como as pessoas estão interagindo, incluindo os sentimentos que tentam compartilhar. É possível conceituar a avaliatividade, então, como um conjunto de significados interpessoais que se inclinam sobre os mecanismos de avaliação, da apreciação e do julgamento emergentes na linguagem. De acordo com Martin e White (2005), os recursos interpessoais estão preocupados com a negociação de relações sociais, ou seja, como as pessoas estão interagindo, incluindo os sentimentos que tentam compartilhar.

O Sistema de Avaliatividade é composto por três subsistemas: (i) atitude, (ii) gradação; e (iii) engajamento<sup>28</sup>. O subsistema da atitude, base mais específica da análise aqui empreendida, abrange três campos semânticos, que são as atitudes de afeto (expressão da emoção), julgamento (atribuição de valor ao caráter humano) e apreciação (atribuição de valor a coisas). Segundo Martin e White (2005), quando expressarmos nossas atitudes, por meio do julgamento e da apreciação, podemos vislumbrá-las como sentimentos institucionalizados.

O julgamento refere-se ao universo das propostas sobre o comportamento, sobre como devemos nos comportar ou não, e a apreciação ao universo das proposições sobre o valor das coisas, se elas valem a pena ou não. Logo, essa é categoria semântica que constrói linguisticamente as avaliações das pessoas de forma positiva ou negativa. Quando julgamos alguém podemos realiza-lo a partir de dois tipos de enquadramentos: (i) estima social (normalidade, capacidade,

---

<sup>28</sup> Como o foco deste estudo recai sobre as categorias da atitude (afeto, julgamento e apreciação), não explicitarei com maior detalhamento as categorias de gradação e engajamento. Para saber mais sobre este arcabouço teórico-metodológico, sugiro a leitura de Martin e White (2005), Nóbrega (2009) e Vian Jr., (2010).

tenacidade<sup>29</sup>) e (ii) sanção social (propriedade e veracidade). O julgamento por estima social refere-se às avaliações morais, sem implicações legais, que elevam ou rebaixam o indivíduo na estima de sua comunidade, e a sanção social implica elogio e condenação, geralmente com complicações legais. Já a apreciação remete às avaliações, também positivas ou negativas, no âmbito da estética e da forma. Por meio dessa categoria, são construídas avaliações sobre coisas, objetos e fenômenos, dividindo-se em três subtipos (i) reação; (ii) composição e (iii) valoração.

O afeto, o centro das atitudes que expressamos (VIAN Jr., 2010), é um recurso semântico utilizado para realizar as emoções linguisticamente no discurso, podendo ser agrupado em três categorias: (i) felicidade/infelicidade; (ii) segurança/insegurança; (iii) satisfação/insatisfação. Ele diz respeito à emoção, isto é, a uma avaliação pautada nos sentimentos dos falantes/escritores indicando como se comportam emocionalmente em relação às pessoas, às coisas, aos objetos e aos acontecimentos.

O modo como as participantes se posicionam e demonstram sua emoção também pode ser compreendido em um diálogo com a obra literária. Segundo Belli, Harré e Íñigue (2010), escritores tentam colocar as emoções em palavras ou, inversamente, tentam construir emoções por meio do texto. Contudo, é somente a partir da interação do leitor com a obra literária que o sentido se faz existir no mundo, como vimos, por meio das (re)construções identitárias, da vivência de estigmas e, também, do compartilhamento de emoções. Essa interação nos afeta, gerando outras emoções, sentimentos e uma experiência subjetiva da leitura literária. Quando lemos uma obra podemos nos identificar (ou não) com os personagens ou até mesmo ter epifanias e catarses. Como mencionei antes, durante a leitura, somos afetados pelo texto e suas tessituras, que nos perpassam e suscitam inúmeros emoções, positivas ou negativas, que constroem significados em interação.

Quando nos envolvemos com uma história, respondemos emocionalmente aos personagens do mesmo modo que respondemos a pessoas na vida real. Essa emoção, para Robinson (2005), nos ajuda na construção do que chamamos de interpretação. De forma similar, Johansen (2010) argumenta que a literatura,

---

<sup>29</sup> Todas as subcategorias mencionadas serão pormenorizadas ao longo dos próximos capítulos, quando se fizer necessário para a análise em tela.

justamente por causa da linguagem, possui a capacidade de criar mundos fictícios que, em muitos aspectos, são semelhantes e relacionados com o mundo real da vida em que vivemos. Por isso, uma das razões para o nosso envolvimento emocional com a literatura é a nossa empatia com os outros. Desta maneira, entendo que na leitura literária, assim como na vida social, carregamos aquilo que nos toca afetivamente.

De acordo com Jouve (2012), se a leitura não gerar imediatamente prazer, frequentemente rejeitaremos o livro antes mesmo de ter uma visão mais precisa do que ele tem a dizer. O prazer de ler é, então, força motriz que respalda nossa interação com a obra, gerando emoções diversas. Barthes ([1973] 2010) completa que o prazer da leitura é proveniente de rupturas, ou seja, das (des)construções efetuadas pelo leitor em interação com o texto. Sendo assim, penso que a literatura como experiência estética pode contribuir para a (re)construção de afetos na narrativa das mulheres migrantes que participam deste estudo.

É importante mencionar que, justamente por meu entendimento sobre como os sentidos do texto são (re)construídos nas interações, adoto uma visão de emoção como construto social, em consonância com a visão de Zembylas (2003). Para o autor, as emoções também são experiências sociais e políticas, ou seja, dependem de convicções ou regras aprendidas na cultura (ZEMBYLAS, 2003). Por conseguinte, as emoções sempre são historicamente situadas, isto é, não são sentimentos universais ou simplesmente psicológicos e individuais.

Nesse sentido, para Belli, Harré e Íñigue (2010), essa compreensão social das emoções só é possível por meio da linguagem. Na leitura de uma obra literária, é impossível deixar de ser afetado por ela, o que proporciona a expressão de nossas emoções, por meio da linguagem da avaliação. Isso pode ser observado na materialização discursiva pelo afeto, pelo julgamento das personagens e pela apreciação da própria obra. Por conseguinte, busco, nesta investigação, compreender como esses posicionamentos avaliativos auxiliam na (re)construção identitárias das mulheres migrantes. Dessa forma, a partir deste embasamento teórico, buscarei compreender como as participantes (re)constroem identidades, estigmas e ambientes de trabalho.

#### 4.4

##### **Sobre as identidades (re)construídas nas narrativas**

Para falar sobre construção das identidades neste contexto de pesquisa, é preciso retornar ao meu ponto de partida – as histórias orais. Segundo Bastos (2008), as narrativas são a forma básica de organização da experiência humana. Então, justamente por estarmos contando histórias em todos momentos da vida, as narrativas são usadas constantemente para refletir sobre a relação entre discurso e identidade. Quando contamos uma história, criamos cenários, personagens, sequencias de ações e nos posicionamos, construindo quem somos, isto é, moldando nossas identidades (BASTOS, 2008). Sendo assim, penso que olhar para essas identidades pode gerar entendimentos sobre quem são essas mulheres, ou melhor, quem elas são ao se projetar nas interações comigo.

Para Oliveira e Bastos (2002), a própria discussão sobre a temática da migração, temática desta investigação, nos leva, necessariamente, a falar sobre as identidades, pois, como conceitua Lisboa (2006), o desenraizamento do sujeito de seu local de origem, seguido de novo enraizamento no local de chegada, envolve uma construção do modo como somos ou como queremos ser vistos no mundo, gerando conflitos e emoções diversas. Considerando que estamos sempre construindo nosso "self" em nossas interações, quando contamos histórias situamos o outro e nós mesmos em uma rede de relações sociais, crenças, valores (BASTOS, 2005) e, acrescento, emoções, ou seja, estamos moldando nossas identidades. Logo, busco entender quais identidades são (re)construídas nas interações comigo e com a obra literária.

Uma grande contribuição para os estudos sobre identidade na narrativa vem de Mishler (1999; 2002). O autor compreende identidade como práxis e refere-se à posição dupla do indivíduo: aquele que atua no mundo e aquele que, reflexivamente, responde a esse mundo (MISHLER, 1999). O conceito de identidade é entendido como uma construção, uma performance situada na prática social. Segundo Mishler (2002), a memória é reescrita na narrativa, e quando recontamos histórias, performamos nossas identidades.

De forma similar, Moita Lopes (2009) compreende a identidade como performance, mostrando que ao narrar não só relatamos eventos de uma narrativa, mas nos envolvemos na própria performance de quem somos na experiência de

contar a história. Usamos a linguagem para performar identidades e não para refletir uma identidade que já existe, ou seja, assim como negociamos sentidos na interação com o texto literário, nas interações face a face negociamos nossas próprias identidades. Para o autor, ainda, as narrativas desempenham um papel na construção de identidades sociais nas práticas sociais em que as pessoas relatam suas vidas e, nesse engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros (MOITA LOPES, 2001).

Outros pesquisadores que elencam as narrativas orais como objeto de estudo também se preocupam com a questão das identidades. Por exemplo, Linde (1993), ao ampliar a perspectiva laboviana, argumenta que as histórias de vida, ou as narrativas de experiência pessoal, funcionam na criação e manutenção de identidades. Estamos sempre negociando o sentido de nós mesmos, de nosso "self" com nossos interlocutores. Por isso, contamos sobre como nos tornamos aquilo que somos e transmitimos ao outro o que eles devem saber sobre nós para nos conhecerem (LINDE, 1993). Bamberg e Georgakopoulou (2008) também observam a emergência de identidades no contexto de utilização das pequenas histórias, ou seja, eles observam a emergência situacional e contextual da identidade.

Dessa forma, usamos a linguagem para performar identidades e não para refletir uma identidade que já existe (GOFFMAN, 1959). Observar como as pessoas desempenham seus papéis na vida social, apontando as tensões da dinâmica de manutenção das aparências era um dos objetivos das pesquisas de Goffman. O autor entendia que as relações sociais estão organizadas em volta mais da aparência do que o conteúdo das coisas, ou do que chamamos comumente de "realidade" (LEMERT, 1997, p. 32). Partindo de uma metáfora teatral, Goffman mostra que sempre pretendemos apresentar a melhor versão de nós mesmos. Já me valendo dos conceitos do sociólogo, sigo, então, para a próxima seção, em que apresento o entendimento de estigma e de instituições totais que me auxiliam na análise dos dados.

#### 4.5

##### **Sobre a construção do estigma e das instituições totais**

Como já mencionado, esta pesquisa também encontra apoio em alguns conceitos de Goffman (1975 [1959]) que, apesar de não ser um teórico dos Estudos

da Linguagem, mas um sociólogo formado pela Escola de Chicago, possuía grande interesse pela interação social. Os estudos de Goffman chegaram ao Brasil na década de sessenta, quando o país passava pelo golpe militar, um momento de extrema repressão política e radicalização teórica nas ciências sociais (VELHO, 2004; GASTALDO, 2008). Nessa época, segundo Velho (2004, p. 38), havia um crescente entusiasmo por uma análise e política do cotidiano, abrindo campo para um entendimento do aspecto micro.

Uma maior observação, por parte de pesquisadores de diversas áreas, como linguistas e sociólogos, da situação social como um componente da comunicação face a face foi o apelo de Goffman. O autor ([1964] 2013) destacava a relevância desse olhar para a situação questionando: "onde ocorre a fala senão em situações sociais?" (GOFFMAN, 2013 [1964], p. 17). Sendo assim, a situação social pode ser definida:

[...] como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão 'presentes' e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. [...] uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e ela dura até que a penúltima pessoa saia (GOFFMAN, [1964] 2013, p. 17).

O convite de Goffman para notar a situação, que estava sendo deixada de lado pelos estudos das Ciências Sociais e Humanas, ou negligenciada em suas próprias palavras, mostra a sua forte preocupação com a análise das interações sociais. Por conseguinte, com o reconhecimento da importância da situação social, o estudo da relação língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos (RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 13).

Portanto, o trabalho de Goffman assume uma perspectiva interacionista, olhando para o encontro social e perguntando: "o que está acontecendo aqui e agora?" (VELHO, 2004). Segundo Gastaldo (2008, p. 150), esse questionamento é central para uma compreensão do modo como as pessoas orientam suas ações na vida cotidiana. Nesse sentido, é possível traçar um diálogo também, no âmbito dos Estudos da Linguagem, com a Sociolinguística Interacional<sup>30</sup>, pelo interesse

---

<sup>30</sup> O termo Sociolinguística Interacional refere-se a uma área de pesquisa em análise do discurso que se preocupa com o uso da língua em situações de interação social (RIBEIRO e GARCEZ, 2013).

especial no estudo das interações face a face. O encanto do autor pela linguagem e pelas estratégias expressivas sempre estiveram presentes desde o início de sua obra, pois a questão básica de seu trabalho era compreender como a vida social se sustenta (LEMERT, 1997).

Penso que o foco de Goffman no detalhe minúsculo das relações sociais pode indicar um caminho teórico para a análise das interações e, de forma mais específica, para como essas mulheres (re)constróem suas identidades, seus estigmas e os seus ambientes de trabalho. De acordo com Velho (2004), a análise do cotidiano e das relações interpessoais em uma perspectiva antropológica estimulou o desenvolvimento de trabalhos e investigações com preocupações interdisciplinares, o que também segue o escopo da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013) já comentado anteriormente. Por conseguinte, meu olhar para essa interação destaca alguns aspectos da obra de Goffman, a saber os conceitos de estigma<sup>31</sup> (1963) e de instituições totais (1961), com um alinhamento, reforço, a uma visão interacional e não essencializada.

O estigma, para o autor, não é uma etiqueta com categorias pré-determinadas a serem aplicadas a um indivíduo ou a um grupo, mas é construído por conta de uma informação social negativa que o sujeito transmite sobre si mesmo, de forma voluntária ou não (GOFFMAN, [1963] 1988). Por outro lado, o estigma seria a observação de um atributo profundamente depreciativo que entra em tensão com o estereótipo, com a expectativa que temos sobre o indivíduo (BIAR, 2015, p. 117).

Inicialmente, o indivíduo estigmatizado é conceituado como aquele que não está habilitado para a aceitação social plena (GOFFMAN, [1963] 1988). É importante lembrar que o sujeito estigmatizado não vive em um mundo à parte, e costuma compartilhar as expectativas sobre identidade e comportamento social com os ditos "normais", aprendendo a perspectiva da normalidade, adquirindo, crenças da sociedade mais ampla em relação ao que significa possuir uma marca de diferença que os outros veem como defeito, e permanece suscetível a essa

---

<sup>31</sup> Segundo Parker (2012), estigma, preconceito e discriminação são conceitos que se relacionam. O estigma e o preconceito estariam associados ao campo das ideias e da ideologia, enquanto a discriminação seria uma resposta comportamental, uma ação concreta desencadeada pelo estigma e pelo preconceito. Preconceito e estigma são processos sociais bastante semelhantes que podem resultar em discriminação, categorização e rotulagem, estereótipos e rejeição social (PARKER, 2012).



perspectiva (GOFFMAN, [1963] 1988). Quando o estigma é reconhecido, o indivíduo é reduzido às características negativas e passa a ser descreditado.

Em consonância, o estigma desempenha um papel fundamental na produção e reprodução de relações de poder e controle: a implantação do estigma faz com que alguns grupos sejam desvalorizados e outros valorizados de maneiras que são inerentemente discriminatórias (PARKER, 2012). Segundo Parker (2012), é preciso pensar o estigma para além da concepção inicial, em que é compreendido como uma espécie de marca negativa. É necessário entender o estigma como processo social de poder e de dominação. Essa percepção é fundamental ao analisar os dados aqui apresentados, visto que o estigma de ser uma mulher nordestina migrante é materializado por meio das histórias que trazem situações de preconceito e discriminação. O estigma é criado e reforçado por um contexto histórico que reproduz estruturas de desigualdade social (PARKER, 2012).

Outro conceito em que busco respaldo para traçar as análises empreendidas ao longo desta pesquisa é a noção de "instituição total" de Goffman. De acordo com o autor, as instituições totais podem ser definidas como um local de residência e trabalho em que indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. O autor entende que locais como manicômios, conventos e internatos, por exemplo, são modelos desse tipo de instituição que significa o todo do mundo para um indivíduo (GOFFMAN, [1961] 1974, p. 11).

Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá "algo de mundo", toda instituição, portanto, possui uma tendência a um fechamento, isto é, de ser uma instituição total. Esse fechamento a que Goffman se refere é simbolizado pela barreira à relação com o mundo social externo. Um dos tipos de instituições totais que Goffman descreve são as instituições estabelecidas para realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho e que se justificam apenas por meio de tais fundamentos instrumentais (GOFFMAN, 1974 [1961], p. 16-17).

Nos próximos capítulos, assim, apresento como esse enquadramento teórico pode me auxiliar a entender o discurso narrativo das participantes Cássia e Taís. Minha intenção, assumindo tanto o papel de pesquisadora quanto o de escritora, é contar uma história começando, no capítulo cinco, com a análise das

histórias de vida, que convencionei aqui chamar de narrativas de migração, e das (re)construções identitárias realizadas a partir da leitura literária. Também, ainda em uma perspectiva micro, lanço mão do Sistema de Avaliatividade para entender como as participantes se posicionam e expressam seus afetos, dialogando com a obra literária. Em seguida, no capítulo seis, meu olhar se direciona para as questões de estigma e para como as interlocutoras constroem seus locais de trabalho, temática recorrente no discurso de ambas. Penso, além disso, sobre as (re)construções e (co)construções identitárias a partir deste foco específico. Embora reflita sobre a recepção da obra literária nesses dois capítulos, ofereço, no capítulo sete, minhas considerações sobre a interação texto-leitor e sobre a literatura como prática social na geração das narrativas orais.

Esta organização, que sugere um direcionamento do mais específico para o mais geral, é útil para facilitar o entendimento dos pontos analíticos com os quais decidi trabalhar. Todas as questões que observo nesta tese – a construção de sentidos narrativos, de identidades, de estigmas, de instituições e a própria recepção da obra – estão interligadas e imbricadas nessa grande teia que é o discurso. Pode parecer redundante dizer, mas tudo acontece em conjunto o tempo todo, isto é, em todas as interações há (re)construções identitárias, construções de estigmas e emoções. Minha própria dificuldade de organização dos capítulos analíticos indica a necessidade de uma visão holística para os fenômenos observados. Dessa forma, no capítulo oito, realizo uma discussão dos dados analisados, buscando essa convergência entre análises e o que podemos pensar, a partir delas, sobre a vida social.

Como mencionei anteriormente, o próprio ofício de escrever esta tese é o similar ao de um narrador que conta uma história. Por isso, as escolhas que aqui empreendo são reflexo do modo como desejo narrar essas memórias. Enfim, todo o arcabouço-teórico mencionado nesta subseção será pormenorizado nos capítulos a seguir em conjunto com os fragmentos analisados. Penso que a partir dessa hibridização, ao tentar não separar de forma estanque os fundamentos teóricos dos trechos analisados, posso buscar a relação intrínseca e dialética entre teoria e prática, tão cara à Linguística Aplicada e ao entre-lugar de inter/transdisciplinaridade que pretende ocupar esta pesquisa.

## O ESPELHO DE CLARICE: (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NARRATIVOS E DE IDENTIDADES

Ela se abraçava a si mesma com vontade do doce nada. Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que deus nos dá.<sup>32</sup>

"Quem sou?" essa é, provavelmente, a pergunta das perguntas – o maior questionamento da humanidade. Macabéa, um sopro de vida, afirmava reiteradamente sua existência mesmo sem saber quem era. Todos os dias contamos histórias sobre quem somos, nos construindo e reconstruindo em partes que formam um todo nunca, porém, visto. Diariamente, nos posicionamos, avaliando emocionalmente nossa experiência no mundo sensível, criando o que costumamos chamar de realidade. O espelho de Clarice, no qual as participantes se olham, incluindo eu mesma, não nos devolve a imagem esperada, mas nos ajuda a (re)construir novos sentidos.

Dessa forma, neste capítulo, introduzo minhas leitoras e meus leitores às primeiras análises desta tese. Começo justamente pelas narrativas de migração geradas a partir da leitura da obra "A hora da estrela", ponto de partida do todo da pesquisa. Penso que existe uma relação intrínseca entre as narrativas orais e a literatura. Portanto, não poderia contar esta história sem olhar para as próprias narrativas dessas mulheres, (co)construídas na leitura do texto literário.

\*\*\*

Como mencionei no capítulo anterior, apresento esta análise dividida por temas semelhantes, apesar de perceber a manifestação deles de formas distintas. Sendo assim, neste capítulo, apresentarei uma análise das narrativas, entendendo a construção de sentidos narrativos a partir da leitura literária. Discuto aspectos da (re)construção e (co)construção identitária das participantes, a partir da

---

<sup>32</sup> LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998, p. 84.

diferenciação de Macabéa, e como eu mesma me incluo nessas narrativas, sendo personagem ou sendo percebida, discursivamente, pelas relações assimétricas que podem ser estabelecidas entre as participantes.

Nas narrativas de migração observadas nesta pesquisa, penso que as identidades podem se relacionar fortemente com o contexto da obra literária, como veremos a seguir. Sendo assim, nesta análise dos dados gerados com Cássia, observo a estrutura básica proposta por Labov (1972) e como a participante transita pelo mundo dual da narrativa, seguindo a conceituação de Bruner ([1990] 1997). Por apresentar uma história de vida, trago a perspectiva de Linde (1993) e discuto, brevemente, a perspectiva de Bamberg e Georgakopoulou (2008) para as narrativas curtas e longas. Observo a (re)construção de identidades a partir de Mishler (1999; 2002) e diálogo com Goodwin (1984), que trata sobre "personagem principal", uma noção de pesquisadora-personagem.

Nos dados gerados com Taís também observo a estruturação laboviana, a perspectiva de Linde (1993) e investigo as narrativas breves (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) também a partir do entendimento de De Fina (2003; 2009) sobre os "accounts". Para buscar uma análise micro discursiva, busco apoio no sistema de avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009), parte da expansão do arcabouço teórico-metodológico da LSF, como explicado no capítulo anterior.

## 5.1

### "Tinha uma cartomante e ela leu o meu futuro"

O primeiro trecho narrativo de Cássia que escolho analisar encontra-se, como mencionado no capítulo três, após o final da leitura da obra literária. Como relatado nesse mesmo capítulo, este foi o primeiro trecho recortado dos dados e analisado, inicialmente, para a disciplina Análise de Narrativas, cursada por mim no primeiro semestre de 2016. Esta narrativa despertou meu interesse, em um primeiro momento, por apresentar um esforço de minha interlocutora em (re)construir a própria vida, a partir do texto, como veremos a seguir.

Em termos labovianos, como vimos no capítulo anterior, Cássia produz uma narrativa canônica, com uma estrutura bem definida. É possível observar a existência de um narrador, que narra um episódio específico, uma sequência

temporal organizada no passado e há, ainda, um drama, um conflito evidenciado pelo episódio que desencadeia toda uma trajetória de vida da interlocutora. Para Labov (1972), a narrativa possui, tipicamente, os seguintes elementos:

resumo	Sumariza a história e anuncia o que está por vir.
orientação	Indica tempo, lugar, pessoas, situação de fala.
avaliação	Informação sobre a carga dramática ou o clima emocional da narrativa. Comunica ao ouvinte o ponto de vista do narrador.
ação complicadora	História propriamente dita.
resolução	Conclusão da ação complicadora.
coda	Marca o fim da narrativa.

Começo esta análise, assim, exemplificando e discutindo a estrutura laboviana na narrativa produzida em minha interação com Cássia, no contexto de leitura da obra literária. No primeiro fragmento, a seguir, Cássia dá início à narração de sua própria história de vida. Configurando o que convencionei chamar de narrativas de migração, ainda no capítulo dois, Cássia relaciona sua infância na Paraíba com sua vida atual no Rio de Janeiro, misturando os momentos pré/pós migração.

### Fragmento 1

702 Cássia [dete] olha né mas- a- ... tinha uma cartomante  
 703 ... lá ... lá em cuité que se dava com a minha mãe ela  
 704 era boazinha ... quando a gente não tinha comida ela  
 705 dividia as coisas com a minha mãe °(era) cartomante ela°  
 706 ... e ela leu o meu futuro ...

707 Odete uhum

708 Cássia e deu certo.

709 Odete o que?

710 Cássia =°entendeu?° ... que eu ... ia morar com homem depois de  
 711 muito tempo quase trinta anos ... um homem branco família  
 712 de fora português não do brasil ... que eu ia morar em  
 713 um quarto em um lugar pequeno não ia ser rica ia morar  
 714 em um lugar pequeno ... ela contou toda a minha vida ela  
 715 botou carta pra mim mesmo dona maria cartomante tinha a  
 716 milene e tinha o valdinho ela deve ter- esses meninos nem  
 717 sei se estão vivos moravam em cuitegi depois eles foram  
 718 morar em campina grande ela mudou ... quando eu for lá  
 719 pro norte eu vou procurar a milene era amiga minha e  
 720 amiga da valéria ... aí ela falou tudo eu ia pra- eu saia

O primeiro elemento proposto por Labov é o resumo. Embora seja um elemento optativo, é muito comum que as narrativas comecem por enunciados que a sumerizem. Nas linhas 702 a 708, podemos observar que Cássia instiga minha curiosidade e abre sua história, como se estabelecesse um prelúdio, indicando seu ponto de partida. Em geral, segue-se ao resumo uma orientação que identifica os personagens, o tempo, o lugar e as atividades narradas. Isso é necessário à contextualização da sequência de eventos, mas, para Labov (1972), esse também não é um elemento obrigatório e pode, inclusive, aparecer em outros momentos da narrativa. No mesmo momento em que a história que se seguirá é resumida, Cássia também fornece esse contexto, essencial, de acordo com meu entendimento, para manutenção de meu interesse pela história.

No fragmento 1, é possível observar essa estrutura inicial que contém, além do resumo e da orientação, uma avaliação. Segundo Labov (1972), a avaliação explicita o ponto de vista do narrador em relação à narrativa, ou seja, comunica ao ouvinte a própria razão da narrativa, o seu ponto, o que justifica sua reportabilidade. Percebemos que a interlocutora avalia a cartomante antes mesmo de fechar o resumo do que vai ser narrado a seguir. Esse dado é importante, pois ao longo de toda a narrativa há uma reiteração de avaliações positivas em relação a cartomante – uma afirmação de que ela é muito boa. Cássia cria vários significados para a "cartomante boa". Começa avaliando-a como uma pessoa que dividia comida com sua mãe, uma pessoa de bom coração, caridosa.

Sendo assim, buscando apoio no ferramental de análise micro do sistema de avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009), vemos que Cássia inicia seu resumo da narrativa com uma série de avaliações positivas sobre a cartomante que conheceu, julgando, no âmbito da estima social, sua normalidade, no que diz respeito ao seu próprio comportamento ("se dava com a minha mãe ela era boazinha" cf. fragmento 1, linha 703 e 704) e sua tenacidade, que refere-se ao grau de confiabilidade, isto é, pode-se contar com ela ("ela dividia as coisas com a minha mãe", cf. fragmento 1, linha 704 e 705). Cássia, em seguida, passa a um julgamento exaustivo da capacidade da cartomante, que indica o grau de competência ("e ela leu o meu futuro e deu certo" cf. fragmento 1, linhas 706 a 708), como veremos ao longo da análise aqui proposta.

No fragmento 1, ainda é possível observar como Cássia reitera a capacidade da cartomante ao dizer "ela contou toda a minha vida ela botou carta pra mim

mesmo" (cf. fragmento 1, linha 714 e 715) e "aí ela falou tudo" (cf. fragmento 1, linha 720), enfatizando determinados itens lexicais, como "mesmo" e "tudo" que conferem alta gradação<sup>33</sup> à avaliação. Dessa forma, vários significados são criados para que eu, enquanto interlocutora, compreenda a cartomante de minha mãe como uma "cartomante boa".

Sendo assim, de acordo com Labov (1972), a avaliação pode ser feita de forma explícita, quando o narrador para o relato, como se fizesse um parêntese, e dá sua opinião direta ou de forma implícita, quando o narrador usa estratégias, recursos expressivos que não interrompem o fluxo dos eventos narrados. Cássia faz uso, em minha percepção, desses recursos, apresentando suas avaliações sempre de forma encaixada na narrativa. No fragmento 1, a avaliação está encaixada no meio do resumo e da orientação, e acredito que ela aparece já no início, pois é relevante para Cássia mostrar para mim seu entendimento sobre quem é a cartomante e seu relacionamento com ela. Essa projeção da cartomante é importante para a sua (re)construção e (co)construção identitária, como veremos nas próximas seções.

O fragmento 2, a seguir, mostra que, ao longo da narrativa, na medida em que a cartomante acerta tudo na vida de Cássia, as avaliações sobre ela ganham significados ligeiramente diferentes. Ela continua sendo uma "cartomante boa", mas agora no sentido daquela que detém um dom divino, um saber oculto. Essa cartomante é muito boa no que faz, seu poder divinatório é de outro mundo.

## Fragmento 2

728 Cássia as mangas pra ela" ... aí ela falou ... que eu ... ia ter  
729 uma filha só ia perder uma criança ... e perdi uma criança  
730 do teu pai ... nós perdemos o primeiro filho dele ia  
731 perder ia abortar eu estava com uma feridinha no colo do  
732 útero ↑perdi ... aí fiz uma coletagem lá na policlínica  
733 pagou teu pai ... e <de>pois do tratamento eu ia ter um  
734 UMA FILHA ... uma filha e que eu ia viver com esse homem  
735 até você ficar maior de idade ... lembro de tudo isso ...  
736 entendeu? ... QUE IA TER UMA MULHER que ia atrapalhar  
737 muito nossa vida que eu deixar ele ... tudo isso ... QUE  
738 QUE você tá fazendo aí ah tá é o negócio pensei que  
739 estava arrancando a porta deixa ele tirar ((interrupção

<sup>33</sup> O subsistema de gradação refere-se aos recursos para intensificar ou minimizar a força ou foco da avaliação. Entretanto, como este não é o foco da análise proposta, não explorei esse aspecto de forma pormenorizada.

740 do gato)) ... que ia atrapalhar muito a minha vida hum  
741 ... MAS ... que essa pessoa ia morar em outro lugar que  
742 ia se arrepender de ter me deixado e ter ficado com a  
743 outra e aconteceu seu pai arrependeu ... tudo MENINA ela  
744 ficou mais de uma hora conversando comigo minha vida ...  
745 tinha dez anos isso hein ... tem cartomante que sabe  
746 mesmo ela tem o dom que tem gente que tem o dom do divino  
747 lá de cima que nasce o dom com a pessoa ... não é essas  
748 cartomante fuleira não SAI DAÍ de cima das minhas coisas  
749 para com isso ((interrupção do gato))

750 Odete esse gato atrapalhando ... a minha narrativa

751 Cássia é

752 Odete rummm ((tom de brincadeira))

753 Cássia =e:: e ... que ele ... e que ele ia morar num lugar e ia  
754 morar em outro lugar e eu ia conhecer outro cara que eu  
755 ia morar ... que esse cara era casado ... que eu ia morar  
756 com esse cara e depois eu ia me arrepender que esse cara  
757 não ia ser um bom marido para mim eu nunca dei importância  
758 para isso ... Ó ... tudo ... e dep- e que o teu pai que  
759 eu nem sabia que eu ia ter ... que:: ... você ia ser  
760 descendente de gente de fora ... <tua vó e teu pai era  
761 português> ... entendeu? ... tudo ligou um dia desses eu  
762 estava lembrando eu estava lembrando de tudo que teu pai  
763 ia morrer só no apartamento ia morar só e ia morrer só e  
764 que a outra ia ficar só perturbando e só pegar o dinheiro  
765 do cara queria só dinheiro do cara ... esse dinheiro do  
766 meu ex-marido ... e que ele ia morar só e que ele ia  
767 morrer quase com oitenta anos ... dito e feito quase  
768 oitenta anos ... essa mulher vou te contar dona maria  
769 cartomante é foda ... entendeu? ... que:: eu tin- eu ia  
770 ter uma filha que ia ser professora ... <impressionante  
771 professora> ... entendeu? ... que não ia- que no momento  
772 não ia casar com ninguém ia morar com um homem com um  
773 rapaz ... está morando com um rapaz [hhhh]

774 Odete [ela] falou isso tudo  
775 quando você tinha DEZ anos de [idade?] ((com tom risonho))

776 Cássia =[dez anos] de idade [dez  
777 anos de idade] o pessoal gostava muito dela

778 Odete [po::]

779 Cássia ela tinha muito (cliente) tudo que ela falava com as  
780 pessoas acontecia ... entendeu? ... e QUE EU ... não ia  
781 também futuramente viver com esse cara que eu ia voltar  
782 a estudar >voltei a estudar< ((faz sinal, trazendo a mão  
783 do ombro para a frente do corpo, apontando para o chão,  
784 como se estivesse ratificando a própria fala)) ... que  
785 eu ia morar em uma casa muito grande morava em um  
786 quartinho mas depois ia morar em uma casa ↑grande ... mas



No fragmento 2, a avaliação também aparece encaixada na ação complicadora, o que acontece com frequência nessa narrativa. Cássia reiteradamente avalia positivamente a cartomante. É interessante observar que ela avalia, por meio de um julgamento de capacidade positivo, que a "cartomante é foda" (cf. fragmento 1, linha 768 e 769), no tempo presente, e também vai ao passado, dizendo que "ela tinha muito (cliente)" e que "tudo que ela falava com as pessoas acontecia" (cf. fragmento 1, linha 779 e 780), logo ela é boa. Creio ser de suma importância que Cássia continue avaliando reiteradamente a cartomante como boa para seu "gran finale" que é a resolução, finalizada pela coda, que apresentarei em seguida.

Essa observação, portanto, já nos indica a importância da linguagem da avaliação, como vimos no capítulo anterior. É possível perceber, assim como pontuam Alba-Juez e Thompson (2014), que a expressão da avaliação está intimamente ligada às emoções humanas. Contudo, essas emoções são não apenas uma expressão particular do ser humano, mas também são aquilo que é esperado e apropriado para determinada prática discursiva. Isso significa dizer, portanto, que a linguagem da avaliação corresponde não apenas ao indivíduo, mas faz parte da cultura correspondente (ALBA-JUEZ; THOMPSON, 2014). Os posicionamentos de Cássia, observados ao longo de sua construção de sentidos narrativos por meio do ferramental de análise micro do Sistema de avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009), constroem o ponto da história e são essenciais para o estabelecimento da carga dramática dos acontecimentos.

Seguindo a estruturação proposta por Labov (1972), o único elemento obrigatório é a história propriamente dita, chamada pelo autor de ação complicadora, o que podemos chamar de parte mínima da narrativa. Ela é constituída de orações narrativas ordenadas temporalmente e, em geral, com verbos no passado. O fragmento 2 também exemplifica parte da longa sequência de ação complicadora que aparece na narrativa de Cássia.

É oportuno observar que Cássia recorre a um evento passado, que é o encontro com a cartomante aos dez anos de idade, para reconstruir toda sua trajetória de vida em um exercício de reorganização de suas experiências e memória, indo desde seu passado, caminhando pelo presente e indo em direção ao futuro. Sendo assim, durante a ação complicadora, para confirmar o acontecimento previsto pela cartomante, Cássia recorre ao mundo da interlocução,

mostrando uma das características propostas por Bruner ([1990] 1997), que é o mundo dual da narrativa. Podemos observar mais um exemplo desse recurso no fragmento 3, a seguir.

### Fragmento 3

779 Cássia ela tinha muito (cliente) tudo que ela falava com as  
780 pessoas acontecia ... entendeu? ... e QUE EU ... não ia  
781 também futuramente viver com esse cara que eu ia voltar  
782 a estudar >voltei a estudar< ((faz sinal, trazendo a mão  
783 do ombro para a frente do corpo, apontando para o chão,  
784 como se estivesse ratificando a própria fala)) ... que  
785 eu ia morar em uma casa muito grande morava em um  
786 quatinho mas depois ia morar em uma casa †grande ... mas  
787 eu também não ia ser feliz lá nessa casa aqui estou sendo  
788 feliz aqui? ((faz sinal, trazendo a mão do ombro para a  
789 frente do corpo, apontando para o chão, como se estivesse  
790 ratificando a própria fala)) ... que eu não ia ser feliz  
791 com esse cara ... E EU TO SENDO? ... não †to ... entende?  
792 ... MAS no futuro que eu ia ser uma mulher bem pros- pro-  
793 pro-

794 Odete próspera

795 Cássia próspera ... que eu ia ter o dom não sei como ela falou  
796 que não sabe que eu ia ser bem de vida muito bem de vida  
797 não que esse cara ia fazer eu bem de vida ... mas que ia  
798 ter muita sorte ... vamos esperar né ... entendeu, depois

No fragmento 3, Cássia conta que a cartomante previu que ela voltaria a estudar, fato que é narrado no mundo da narrativa. Em seguida, ela diz "voltei a estudar" (cf. linha 782), que é um fato contextualizado no mundo das interlocutoras e que só pode ser confirmado como "real", pois eu sou filha de Cássia e compartilho desse conhecimento. Cássia faz esse movimento de sair do mundo da narrativa para o mundo da interlocução com uma fala mais acelerada, utilizando, ainda, um sinal corporal que, sob meu ponto de vista, ratifica sua própria fala, confirmando o acontecimento da previsão da cartomante.

O próximo exemplo, no mesmo fragmento, é a passagem gradual do mundo da narrativa para o mundo das interlocutoras que Cássia faz ao falar da própria casa "não ia ser feliz lá nessa casa aqui" (cf. linha 787). Segundo a interlocutora, a cartomante previu que ela viveria em uma "casa grande", e que ela não seria feliz "lá". Cássia confirma a previsão e se localiza vivendo nessa casa, marcando o advérbio com função dêitica "aqui", com uma ênfase, e me interroga

em uma pergunta retórica (cf. linha 788). Contudo, ela não quer uma resposta se está mesmo infeliz, pois a resposta já é conhecida, ou seja, essa resposta é, na verdade, mais confirmação da previsão da cartomante: uma inferência contextual de sua infelicidade, aspecto que também demonstra seu posicionamento afetivo. Nesse momento, ela repete o sinal corporal que auxilia essa ratificação.

Posteriormente, ela confirma novamente a previsão da cartomante, saindo do mundo da narrativa e vindo ao mundo da interlocução, mais uma vez por meio de uma pergunta retórica (cf. linha 791). Cássia só pode utilizar esse recurso porque eu compartilho do seu contexto de vida. Também acredito que essa confirmação da previsão da cartomante que é contada no mundo da narrativa, por fatos que ocorreram no "mundo real", ou seja, no mundo da interação é essencial para a (re)construção do futuro realizada por Cássia e para que a voz da cartomante seja ratificada.

Essa capacidade de transitar por diferentes camadas da narrativa, o caminhar nesse mundo dual, pode remeter ao próprio conceito de metaficção e, mais especificamente, de metarrealidade (KRAUSE, 2010). Como vimos no capítulo anterior, a metarrealidade seria o efeito estético de "ir além" proporcionado pelo contato com a obra literária. Cássia, em contato com o texto de Clarice Lispector, reconstrói sua história de vida, não necessariamente como um espelho da vida que de fato tem, mas, como diz Krause (2010), mais vívida; é a "realidade mais real que o real". Encontra-se além da realidade o instante exato em que acabamos de ler um livro, ver um quadro ou assistir a um filme que nos impressionou e nos modificou (KRAUSE, 2010, p. 189). E esse é, de fato, o instante exato em que as narrativas de Cássia e Taís encontram sua gênese.

Quando se trata da conclusão de uma narrativa, segundo Labov (1972), a etapa que finaliza a série de eventos que se dá na ação complicadora é a resolução, e a coda é, por sua vez, a marcação de que a narrativa acabou. Na narrativa de Cássia, é possível observar a resolução a partir da linha 792 (cf. fragmento 3), em que a interlocutora conclui os eventos da ação complicadora e (re)constrói seu futuro. Seu ponto, demonstrado nas avaliações, é de que a cartomante é boa e acertou tudo em seu futuro. Cássia ratifica todas as previsões da cartomante na ação complicadora saindo do mundo da narrativa e indo ao mundo da interlocução. Todo esse esforço para, em sua resolução, promover uma mudança, reconstruindo seu próprio futuro. Ela assume a identidade de uma mulher

próspera e, como sua cartomante não erra, é muito boa, é quase certo que isso ocorrerá. Essa resolução está ligada fortemente ao futuro de Macabéa, interpretação que ficará mais clara a seguir, quando abordarei a (re)construção identitária pela diferença. Na coda, ela fecha essa (re)construção, dizendo que devemos esperar esse futuro.

Sendo assim, justamente por conta dos afetos, julgamentos e apreciações demonstrados em nossa interação inicial, Cássia toma um longo turno para (re)construir sua própria história a partir da leitura literária e da interação comigo. Seu conto sobre a cartomante que encontrara aos dez anos de idade dialoga com a obra de Clarice e ressalta a empatia com Macabéa, já que a personagem encontra uma cartomante e, posteriormente, morre. Desde o seu resumo, Cássia entra em uma espécie de diálogo com a obra literária, (re)contextualizando a cartomante para traçar em sua narrativa toda uma trajetória de vida que irá se desenvolver na história propriamente dita, ou seja, na ação complicadora. É possível, então, perceber a importância do postulado da teoria do efeito estético (ISER, [1976] 1996), pois obra literária ganha sentido na própria narrativa da participante-leitora-ouvinte.

Em meu entendimento, o movimento de reinterpretar a própria vida a partir de uma dada perspectiva se aproxima da concepção de Linde (1993) sobre história de vida, que se refere ao que contamos sobre como nos tornamos e o que transmitimos ao outro para que saibam quem nós somos (LINDE, 1993, p. 20). Histórias de vida são as narrativas episódicas, que explicam, por exemplo, porque escolhemos determinado caminho profissional. Na presente pesquisa entendo, portanto, que todas as narrativas juntas contam a trajetória dessas mulheres migrantes. Para Linde (1993), nós somos as narrativas que contamos sobre nós mesmos. Cássia não conta um episódio específico sobre sua vida, contudo (re)contextualiza toda sua história.

Na narrativa em análise é possível observar as duas características básicas das histórias de vida, segundo Linde (1993, p. 21): (i) ter um ponto sobre o falante, o ponto de Cássia – de que a cartomante contou toda a sua vida e é boa – de fato, é um ponto sobre ela mesma e não sobre o mundo em geral. É por meio desse ponto que ela reconstrói toda sua experiência e refaz sua vida a partir do encontro com a cartomante, recriando um futuro de felicidade. É também por meio desse ponto e das avaliações que Cássia (re)constrói sua identidade; (ii) ter

reportabilidade estendida, que é a capacidade de a história ser contada e recontada por um longo período de tempo. Na narrativa de Cássia é possível ver essa característica, visto que o evento passado (a ida a cartomante) gera determinado recorte, uma organização temporal de suas experiências que podem ser recontadas e reorganizadas de outra forma. Em outro momento, fora da contextualização dada pela obra literária e sem a interação comigo, sua história de vida seria contada de outra forma.

Segundo a Linde (1993), a avaliação também é relevante na medida que indica porque o narrador está contando determinado fato e pode revelar uma atitude ou uma crença em relação aos fatos. Dessa forma, "a narrativa é uma apresentação de si mesmo, e o componente avaliativo, em particular, estabelece o tipo de eu que é apresentado" (LINDE, 1993, p. 81). Na narrativa de Cássia, como mostrei, as avaliações são direcionadas a cartomante, que é o ponto da história. Contudo, em meu entendimento, essa não é uma avaliação externa, sobre o mundo, mas sim uma ratificação da voz da cartomante que é sua possibilidade de (re)construção de uma nova vida. O fato de a cartomante ser boa e acertar seu futuro é crucial para a resolução e a coda, como dito anteriormente, e para a (re)construção dessa nova identidade de uma mulher próspera rumo à felicidade.

### 5.1.1

#### **No meio da história tinha uma história**

Há uma grande discussão em torno da oposição entre as narrativas longas, que emergem geralmente em entrevistas e são as mais canônicas nos estudos sociológicos e antropológicos, e as breves que são as narrativas produzidas em um evento específico, em diferentes situações da vida social (BASTOS, 2008, p. 77). Na interação com Cássia, contextualizada pela leitura da obra literária, vejo a produção de uma narrativa longa, bastante canônica em sua forma. Contudo, no meio dessa narrativa, percebo a emergência de duas narrativas breves, encaixadas (cf. fragmento 4).

#### Fragmento 4

710 Cássia =°entendeu?° ... que eu ... ia morar com homem depois de  
 711 muito tempo quase trinta anos ... um homem branco família  
 712 de fora português não do brasil ... que eu ia morar em  
 713 um quarto em um lugar pequeno não ia ser rica ia morar  
 714 em um lugar pequeno ... ela contou toda a minha vida ela  
 715 botou carta pra mim mesmo dona maria cartomante tinha a  
 716 milene e tinha o valdinho ela deve ter- esses meninos nem  
 717 sei se estão vivos moravam em cuitegi depois eles foram  
 718 morar em campina grande ela mudou ... quando eu for lá  
 719 pro norte eu vou procurar a milene era amiga minha e  
 720 amiga da valéria ... aí ela falou tudo eu ia pra- eu saia  
 721 de cuité pra guarabira a pé com ela que ela ia botar  
 722 carta lá pro pessoal aí no caminho tinha um sítio lá de  
 723 um conhecido dela e a gente pegava manga ... e ela ela  
 724 dava pegar manga lá no sítio do homem pra comer ... uma  
 725 vez estava pegando manga e >o homem ele o moço< falou  
 726 "que que tá fazendo aí?" vim pegar manga que a dona maria  
 727 cartomante mandou pegar "ah:: ta:: minha amiga pode levar  
 728 as mangas pra ela" ... aí ela falou ... que eu ... ia ter

Essas narrativas (a primeira sobre os filhos da cartomante e a segunda sobre pegar manga em um sítio), apesar de serem breves e encaixadas na narrativa longa, me parecem possuir mais características da narrativa canônica do que da narrativa breve de Bamberg e Georgakopoulou (2008). Elas possuem organização temporal, reconstrução de eventos passados e estão conectadas com a história principal, que é a trajetória de vida de Cássia. Observando a estrutura básica da narrativa (LABOV, 1972), percebo que há ação complicadora e orientação. O momento de avaliação "aí ela falou tudo" (cf. fragmento 4, linha 720) refere-se à própria cartomante e a sua trajetória de vida. Contudo, acredito que essas narrativas breves, consideradas como um todo, podem ter duas funções: a primeira de orientação e a segunda de avaliação.

Na primeira narrativa breve, podemos observar uma orientação sobre a trajetória de vida que será construída (é importante notar que as duas narrativas breves estão localizadas ainda no começo da longa narrativa), explicando melhor quem é a cartomante e seus familiares, de onde veio essa relação, o ambiente em que elas viviam e como elas eram próximas. Cássia fala aqui de localização geográfica, espaço físico, relações de proximidade e o que acontecia nesse tempo.

Também percebo que essas narrativas funcionam como avaliação, ou seja, como um posicionamento de Cássia, reforçando seu ponto de que a cartomante é boa. Quando um homem pergunta "que que tá fazendo aí?" (cf. fragmento 4, linha

726), e ela explica que está pegando manga para a cartomante, fazendo com que ele mude de posicionamento (de questionador para aquele que dá permissão), me parece que Cássia avalia, de forma implícita, a cartomante como uma mulher boa e influente no contexto em que elas viviam, uma mulher amiga de todos. Sendo assim, posso considerar que ela conta uma pequena narrativa de sua relação de proximidade com a cartomante para avaliá-la. O que pode corroborar essa interpretação é o fato de Cássia reiteradamente avaliar a cartomante de forma positiva, o que é essencial para sua (re)construção identitária e para a (re)construção de seu futuro.

Desse modo, as narrativas produzidas julgam no campo da estima social, que envolve admiração e crítica, observando o comportamento da cartomante dentro da normalidade, pois ela é mãe, e sua tenacidade, afinal ela é uma mulher resoluta. Para além disso, penso que essa narrativa também se aproxima de um julgamento de sanção social, nos termos do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009), visto que Cássia também procura ressaltar a veracidade das informações concedidas pela cartomante, isto é, sua confiabilidade.

É relevante observar que, além de mostrar características canônicas, a primeira narrativa também, de certa forma, foge ao padrão da narrativa prototípica. No momento que chamo de ação complicadora, Cássia insere um enunciado hipotético "quando eu for lá pro norte eu vou procurar a milene" (cf. fragmento 4, linha 718 e 719). Em meu entendimento, esse tópico faz parte da pequena história, quando ela me conta quem são os filhos da cartomante, o que faz ela se posicionar em uma possível busca por essa pessoa que era sua amiga. Creio que essa construção não está desvinculada de sua reconstrução das experiências passadas que a faz projetar seu futuro.

### 5.1.2

#### **Construção pela diferença**

Como já dito anteriormente, a narrativa é um modo de organizar a experiência, por meio de nossas práticas sociais. O ato de contar histórias nos permite agir sobre o mundo e uma dessas formas de ação é a elaboração de nossas próprias identidades, entendidas aqui como uma construção social, dinâmica e

interpretativa (BASTOS, 2005). Sendo assim, as narrativas podem ser entendidas como performances de identidades (MISHLER, 1999; MOITA LOPES, 2001; 2009).

Percebi ao longo de toda a interação, e na produção de outras narrativas, que Cássia se constrói pela diferença de Macabéa. Isso pode ser observado também nesta narrativa. No fragmento, a seguir, é possível observar que nossa interação começa com uma reflexão sobre o trágico futuro de Macabéa. Cássia afirma pela segunda vez não ter gostado do final do livro, que culmina com a morte da personagem. Minha interlocutora gostaria que Macabéa tivesse um futuro (cf. fragmento 5, linhas 672 a 674). Eu retruco que Macabéa teve um futuro dado pela cartomante (cf. linhas 675 e 677), contudo Cássia discorda, dizendo que foi um futuro da morte (cf. linhas 676 a 680).

### Fragmento 5

672                   de noite pra mim dormir entendeu°... MAS eu não gostei  
673                   porque ela devia- ela morreu eu queria que ela tivesse  
674                   dado um futuro melhor pra ela ... ter casa::do

675   Odete        MAS a:: cartomante deu um futuro né,  
676   Cássia       deu o futuro da morte pra ela

677   Odete        NÃO A CARTOMANTE deu um futuro brilhante pra ela

678   Cássia        ela virou estrela morreu virou estrela né hehehe  
679                   brilhante o que? virou estrela né ... [morreu virou  
680                   estrela]

Esse descontentamento inicial com o (não) futuro de Macabéa é fundamental para compreender como Cássia, em (co)construção comigo, tenta se distanciar da personagem de Clarice Lispector. Cássia, assim como Macabéa, consultou uma cartomante, contudo o que aconteceu (e o que vai acontecer) com ela é diferente do destino da personagem literária. Dessa forma, acredito que o ponto da narrativa em análise – Cássia foi em uma cartomante e ela era muito boa – é um recurso para elaborar sua (re)construção identitária que a diferencia e a afasta da personagem principal da obra de ficção.

É possível observar essa (re)construção identitária pela diferença nas avaliações que Cássia promove. Minha interação com Cássia começa com uma reflexão sobre o trágico futuro de Macabéa. Cássia afirma não ter gostado do final do livro que culmina com a morte da personagem, pois ela gostaria que Macabéa



tivesse um futuro. Eu insisto que Macabéa teve um futuro dado pela cartomante, mas Cássia discorda, dizendo que foi um futuro da morte. Ela morreu e virou estrela (cf. fragmento 5, linhas 676 a 680).

Nesse primeiro momento, ao dizer "eu não gostei" (cf. linha 672), Cássia expressa seus afetos negativos de insatisfação não apenas com o destino de Macabéa, cuja avaliação está explicitada, mas também com a cartomante que, em sua interpretação, cometeu um erro. Esse afeto negativo, implicitamente, se configura como um julgamento de incapacidade da cartomante que pode ser observado, discursivamente, no próprio desejo de que a cartomante mudasse a vida da personagem.

Percebo, além disso, que esses afetos e julgamentos culminam em uma apreciação de reação, que diz respeito à qualidade de um objeto. Nesse caso, o objeto avaliado em questão é a própria obra de Clarice que é problematizada e questionada por Cássia. É possível perceber que a participante se sente afetada pela obra pela sua empatia com a personagem principal, como colocam Robinson (2005) e Johansen (2010). Sendo assim, além de estar (re)construindo suas identidades, a participante também está (co)construindo sentidos para a obra literária (ISER ([1976] 1996).

No fragmento 2 (linhas 745 a 748), apresentado anteriormente, Cássia avalia sua própria cartomante positivamente, julgando sua capacidade, pois ela tem o "dom do divino" em contraposição a uma avaliação negativa, de incapacidade, de uma "cartomante fuleira". O pronome demonstrativo "essas", em meu entendimento, faz menção não a qualquer cartomante, de forma generalizada, mas a cartomante de Macabéa, que errou.

Cássia reforça essas avaliações sobre a cartomante ao transitar pelo mundo da narrativa e da narração, como vimos na seção anterior. Esse movimento constitui-se como mais uma avaliação da cartomante, julgando, ao mesmo tempo, sua capacidade e sua veracidade. Nesse caso, o contexto fornecido pela própria obra literária é fundamental para compreender o surgimento dessa narrativa e os movimentos que Cássia promove para se (re)construir como uma mulher com um futuro "próspero", em suas próprias palavras. Ela possui uma cartomante que acerta, diferente da cartomante de Macabéa que erra, e, apesar das avaliações negativas que ela dá sobre sua própria vida e da expressão de um afeto de infelicidade, no futuro ela ficará bem, como é possível observar na resolução (cf.

fragmento 3) em que ela refaz seu próprio futuro. Sua cartomante é uma voz do divino, ou seja, é uma voz de autoridade, o que fará a vida de Cássia dar certo no futuro, mesmo que nem ela nem a própria cartomante saibam como. Então, a coda (cf. fragmento 3) torna-se quase uma certeza de que a cartomante, que já acertou tudo em sua vida, como vimos ao longo na narrativa, vai acertar também seu futuro, transformando-a para sempre, e colocando-a no caminho da prosperidade e da felicidade plena.

Compreendo, assim, que Cássia utiliza sua narrativa para, além de (re)elaborar a própria experiência, (co)construir seus entendimentos da obra literária lida (ISER ([1976] 1996). O afeto expressado por Cássia, em sua história de vida, configura uma força subversiva e um ato de resistência, mediando a construção de sentidos (ZEMBYLAS, 2003). Esse entendimento fica mais claro quando relembramos como Cássia (re)constrói, discursivamente, a própria vida, assumindo uma identidade de mulher próspera, que se afasta do destino final da personagem clariceana.

Podemos observar que Cássia institucionaliza suas emoções por meio dos julgamentos positivos de sua cartomante e da construção de uma avaliação negativa da cartomante de Macabéa. Nos fragmentos 4 e 5, vemos como toda essa construção é importante para a (re)construção da própria participante, visto que Cássia narrativiza sua experiência de vida e sua experiência com a leitura literária para se afastar identitariamente de Macabéa, personagem por quem nutre empatia e uma identificação com sua história de imigrante nordestina.

Todas as avaliações e posicionamentos, observados em uma análise micro pelo Sistema de Avaliatividade da LSF (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009), tornam-se mediadores entre a história de Macabéa e a história pessoal de Cássia, que utiliza a narrativa de migração para (re)construir seus próprios entendimentos sobre obra literária e sobre sua história de modo a transformá-la. Sendo assim, é possível perceber, nos dados analisados, uma narrativização da emoção experienciada por meio da leitura literária e em sua (re)elaboração. É preciso, portanto, entender as emoções na relação com o outro e não na individualidade. Emoções, enquanto discurso, são (re)construídas na experiência, na interação, na troca. Dessa forma, entendo que essa interação com a obra literária e comigo pode se configurar como um espaço de (re)/(co)construção de entendimentos e de (re)significação sobre a própria vida.

Esse entendimento pode ser corroborado ao observarmos os afetos de infelicidade de Cássia ("estou sendo feliz aqui?"; "e eu tô sendo? ... não tô" cf. fragmento 3, linhas 787 a 791), que são, além disso, mais uma forma de julgar a capacidade da cartomante de prever o futuro. Cássia constrói uma cartomante boa, competente e verdadeira no que diz, para criar a oportunidade de ter um ponto de virada em sua própria história, isto é, (re)elaborar e (co)construir discursivamente sua identidade de mulher feliz e realizada ("mas no futuro que eu ia ser uma mulher bem próspera" cf. fragmento 3, linhas 792 e 793), como vimos anteriormente.

Segundo Ricoeur (2000), o final da história possui uma função primordial no processo de todo o enredo, que estabelece a ação humana não apenas no âmbito do tempo, mas também no da memória. Toda a narrativa, para o autor, é governada pelo modo como termina, ou seja, os enredos são governados pelas suas finalizações, mostrando a "mão dupla do tempo" (MISHLER, 2002, p. 104). Essa concepção leva Mishler (2002) a pensar em um modelo de tempo narrativo e não cronológico da narrativa para entendermos como os indivíduos agem no presente em direção a um futuro desejável ou para longe de um futuro indesejável.

O que Mishler (2002) chama de "mão dupla do tempo" é uma alternativa para reinterpretação dos significados dos eventos passados, em que o interlocutor pode redefinir quem é e revisitar o próprio enredo de sua vida. De acordo com o autor (2002, p. 105), "o passado não está gravado em pedra, e o significado dos eventos e experiências está constantemente sendo reenquadrado dentro dos contextos de nossas vidas". Sendo assim, é possível dizer que nossa memória é reescrita na narrativa e que também reescrevemos nossas identidades a partir do modo como nos representamos em nossas histórias pessoais.

Para Mishler (2002, p. 106-107), ainda, são recorrentes nas narrativas de histórias de vida os "pontos de virada", que são eventos modificadores da compreensão sobre determinada experiência passada. Esses eventos levam a um novo senso de si mesmo e a mudanças que trazem consequências para a maneira como o interlocutor se sente e para as coisas que faz. Segundo o pesquisador (2002, p. 110), os pontos de virada, além disso, constituem uma característica geral de nossas múltiplas identidades. Essa resignificação de uma experiência passada, i.e., os pontos de virada levam a uma re-historização do passado e à adoção de

uma identidade que muda o significado das relações passadas (MISHLER, 2002, p.108).

Cássia, ao me contar seu encontro com a cartomante, recontextualiza seu passado, reconstruindo suas memórias e reescrevendo a própria vida. Cássia, ao atribuir significado para o que vive em seu presente, (re)constrói seu futuro, que será diferente do destino da personagem literária – uma identidade construída pela diferença. Quando (re)constrói seu presente, Cássia assume uma identidade de mulher infeliz, que de certa forma se cola à Macabéa. Contudo, percebo que seu ponto de virada, construído discursivamente, em seu futuro (cf. fragmento 3) é realizado no passado pela cartomante – é a cartomante que lhe diz que seu futuro será próspero. Ou seja, em minha percepção, Cássia dá início a toda essa narrativa para se afastar da personagem da obra de Clarice Lispector, recontextualizando suas próprias memórias, construindo um futuro diferente. O evento desencadeado pelo passado, que é a previsão da cartomante, se cumprirá no futuro, e ela se tornará, enfim, uma mulher "bem de vida".

É possível, nessa análise, observar a "mão dupla do tempo": Cássia retorna a um evento no passado distante, quando tinha apenas dez anos de idade, para reconstruir seu passado mais recente, seu presente e o futuro. Em meu olhar, seu ponto de virada não é o acontecimento passado, mas a (re)construção de seu futuro, em que recontextualiza sua própria vida, reenquadra sua história no contexto de um novo final, revisando também sua identidade, isto é, ela não será mais uma mulher infeliz, mas sim uma mulher feliz e próspera.

Entendo que Cássia, ao entrar em contato com a obra de Clarice, reconfigura sua própria história de vida e se tornou autora do passado, do presente e do que virá no futuro. Mesmo colocando sua sorte nas mãos da cartomante, percebi em Cássia uma (re)construção identitária pela diferença. Uma não aceitação do destino da personagem fictícia da obra literária a fez querer mudar o seu próprio futuro discursivamente. Sua cartomante, que é diferente da cartomante de Macabéa, é uma cartomante que acerta e, dessa forma, é certo que ela se transformará em mulher próspera, bem de vida e feliz. Cássia narra uma trajetória de vida rumo à felicidade plena.

Em toda essa reconstrução feita por Cássia, percebo a importância da literatura como prática social, como disse na introdução. Ela reinterpreta a si mesma e o mundo ao seu redor. O movimento que Cássia faz por meio da leitura

e de nossa conversa, além dessa autorreflexão e (re)construção identitária, é a própria reflexão sobre a obra, que possibilita (re)contar a sua trajetória a partir de um ponto de contato com a história – o encontro com a cartomante. Esse passa a ser o ponto de sua narrativa – sua cartomante era muito boa e acertou tudo em sua vida. Cássia faz um exercício de memória, ao (co)construir a própria de vida, revisando suas experiências, baseando-se em um encontro com a obra literária.

Outro ponto que merece destaque é o meu entendimento dessa narrativa como parte do conjunto que defini anteriormente como narrativas de migração, que conectam Cássia com as memórias de pertencimento ao seu lugar de origem e com as memórias do local onde ela constrói seu novo lar. Essa percepção que transcrevo aqui é baseada no próprio entendimento de Linde (1993) para as narrativas como histórias de vida. Como explicitiei acima, a autora entende que as narrativas episódicas são a forma como (re)interpretamos fatos marcantes de nossa existência. No meu entendimento, portanto, as narrativas de migração não são apenas as histórias sobre a viagem, sobre os motivos da saída do local de origem ou sobre a chegada aqui, mas todas as histórias que conectam essas mulheres com sua terra e com o novo mundo.

### 5.1.3

#### **Pesquisadora-personagem**

Na história contada por Cássia, não apenas o tempo ganha uma mão dupla, indo do passado ao futuro, mas a própria interação mostra-se sempre dialética. Dessa forma, o diálogo entre participante e a obra literária e eu mesma foi, em vários sentidos, uma via de mão dupla. Eu não apenas ouvi a história, mas faço parte dela, afinal a participante Cássia é minha mãe.

Segundo Goodwin (1984, p. 237), em análise semelhante, na qual um dos interlocutores se torna o personagem principal da história, esse componente-participante da narrativa não precisa ouvir o que está sendo dito para saber sobre os eventos descritos. Na narrativa em análise, na qual eu sou personagem da vida de Cássia, a partir do meu nascimento, é interessante notar que ela fornece orientações adicionais sobre fatos que ocorreram antes do meu nascimento, cujo conhecimento eu não compartilho, como a perda de um filho. Recupero, a seguir, um trecho do fragmento 2, apresentado anteriormente (cf. linhas 728 a 735).

### Fragmento 6

728 as mangas pra ela" ... aí ela falou ... que eu ... ia ter  
 729 uma filha só ia perder uma criança ... e perdi uma criança  
 730 do teu pai ... nós perdemos o primeiro filho dele ia  
 731 perder ia abortar eu estava com uma feridinha no colo do  
 732 útero ↑perdi ... aí fiz uma coleta lá na policlínica  
 733 pagou teu pai ... e <de>pois do tratamento eu ia ter um  
 734 UMA FILHA ... uma filha e que eu ia viver com esse homem  
 735 até você ficar maior de idade ... lembro de tudo isso ...

Nesse fragmento, Cássia fala, ao longo da ação complicadora, "ia ter uma filha só" e que "ia perder uma criança" e retorna ao mundo da interlocução, assim como o faz em toda a narrativa para ratificar a previsão da cartomante, mostrando o mundo dual da narrativa (BRUNER, [1990] 1997). Em seguida, como não compartilho esse conhecimento, ela dá uma explicação adicional, que entendo aqui como uma orientação sobre o que aconteceu, por que aconteceu, onde aconteceu e que pessoas estavam envolvidas. Essa explicação também pode ser entendida como um "account" (DE FINA, 2003; 2009) na medida em que elucida algo que destoa do suposto "ideal de realidade" a ser representado pela narrativa.

O fato de compartilhar significados sobre os eventos descritos não libera o ouvinte de sua tarefa, pois o mais primordial não são os fatos narrados, mas a maneira como eles são representados (GOODWIN, 1984, p. 237). Ou seja, mesmo que eu compartilhe da história de vida de Cássia, o modo como ela narra é único, indicando a própria reportabilidade de sua história; portanto, entender como eu participo dessa narrativa se faz relevante.

Sendo assim, é necessário compreender como eu me constituo personagem de sua história. Na linha 734 (cf. fragmento 6), Cássia organiza seu discurso mostrando mais uma previsão da cartomante, de que ela teria "UMA FILHA". Em seguida, na linha 735 (cf. fragmento 6), ela liga essa "filha" do mundo da narrativa a mim, por meio do pronome de tratamento dêitico "você", ratificando, mais uma vez, a previsão da cartomante como um acerto e me transformando em uma personagem da narrativa.

Goodwin (1984, p. 237), mostra que o personagem principal pode ser confrontado com a tarefa de estar disponível em um determinado lugar na história e ter o seu comportamento organizado a partir de outros participantes. Observar-me como personagem em uma história alheia gera algum desconforto, algum

constrangimento. É notável que eu tomo o turno e interpelo Cássia justamente quando ela está falando sobre essa filha, que, como já sabemos, se trata de mim (cf. fragmento 7). Quando ela retoma o turno da interação, o encadeamento da história já é outro e, me parece que, de alguma forma, eu tentei, talvez de forma inconsciente, tirar o foco da atenção sobre mim mesma, afinal eu estava consciente de que toda nossa interação estava sendo gravada em áudio e seria convertida, posteriormente, em dados para análise.

### Fragmento 7

768 oitenta anos ... essa mulher vou te contar dona maria  
 769 cartomante é foda ... entendeu? ... que:: eu tin- eu ia  
 770 ter uma filha que ia ser professora ... <impressionante  
 771 professora> ... entendeu? ... que não ia- que no momento  
 772 não ia casar com ninguém ia morar com um homem com um  
 773 rapaz ... está morando com um rapaz [hhhh]

774 Odete [ela] falou isso tudo  
 775 quando você tinha DEZ anos de [idade?] ((com tom risonho))

776 Cássia =[dez anos] de idade [dez  
 777 anos de idade] o pessoal gostava muito dela

778 Odete [po::]

779 Cássia ela tinha muito (cliente) tudo que ela falava com as  
 780 pessoas acontecia ... entendeu? ... e QUE EU ... não ia

Dessa forma, percebo que esta narração foi, de fato, motivada pela contextualização feita pela leitura do livro, pela interação comigo, que sou filha de Cássia, e por contar um evento até então desconhecido por mim (a ida a cartomante aos dez anos de idade). Essa configuração é importante para a própria organização da narrativa. É por meio desse ponto que Cássia estrutura toda sua narrativa e é isso que torna sua história extraordinária – ela foi em uma cartomante, que é muito boa, e que acertou tudo em sua vida.

No momento da interação, apesar de estar assumindo o papel requerido pela própria investigação empreendida, nossa relação de parentesco não é apagada, eu sou pesquisadora e também sou filha; sou interlocutora, mas também sou personagem. É interessante observar como essas relações, por vezes assimétricas, emergem nos dados, como elas são fluídas, deslocando participante e pesquisadora, ora percebidas como mãe e filha, de papéis estáticos e como elas afetam diretamente a pesquisadora, o que indica a própria necessidade, já

apontada pela Linguística Aplicada, de nos despirmos de uma postura de neutralidade diante da vida social. Nesse sentido, essas relações também suscitam uma reflexão autoetnográfica, como já mencionado no capítulo três. O vínculo familiar entre eu e Cássia causa desconforto não apenas por ouvir sua história, mas por fazer parte dessa história. No fragmento a seguir, é possível perceber como esses papéis se tornam fluídos.

### Fragmento 8

- 217 Cássia certas coisas que a gente tem que passar por cima, então  
 218 passar a borracha e deixar pra lá, muita coisa que eu  
 219 tivesse deixado pra lá, tin- tava vivendo com teu pai há  
 220 muito tempo, mas eu era orgulhosa, nariz em pé, parecida  
 221 contigo, entende?, tu também é parecida com teu pai, teu  
 222 pai também era assim nariz em pé, "não quero isso aqui  
 223 não tem" não pode ser assim minha filha, é experiência  
 224 própria vai por mim, tá, fica um, isso fica só um alerta  
 225 pra você.
- 226 Odete [tá]
- 227 Cássia [tinha botado ela pra correr], tinha mandado ele fazer o  
 228 divórcio tinha ficado com ele [mas eu pensava diferente.]
- 229 Odete [vamos lá, vamos seguir.]
- 230 Cássia vamos.

No fragmento 8, a relação "mãe x filha" é observada na espécie de sermão proferido por Cássia; seu desejo parece ser o de fornecer um ensinamento à filha. Minha resposta indica, ao mesmo tempo, a necessidade de um retorno aos papéis de "participante x pesquisadora" e também a ratificação do papel de filha, no qual me encontro. Nesse caso, é interessante observar que a assimetria é fluída, justamente por, nesse momento, eu estar em um papel subalterno, o que parece causar certo desconforto. O papel de filha requer que submissão, mas também permite insurgência – o que pode ser observado em meu posicionamento.

Sendo assim, esta seção explora a minha própria vulnerabilidade no papel de pesquisadora, pois me sinto exposta pelos dados. Passarei, a seguir, para a análise dos dados da segunda participante. Minha leitora e meu leitor podem observar que a divisão das subseções, de forma similar para ambas as participantes, indica a minha busca por mostrar os pontos de contato que percebo na forma como essas duas mulheres nordestinas e migrantes se (re)constroem a partir da leitura-escuta do texto literário. Cássia e Taís, apesar de saírem de um



contexto semelhante em relação à situação socioeconômica no Nordeste, possuem histórias muito distintas em relação ao tempo-espaço em que se situam.

## 5.2

### "Tem uma pré-história na minha cidade e tem uma pré-história no Rio de Janeiro"

O segundo momento de geração de dados em análise nesta tese ocorre posteriormente, quando conheço Taís em uma Instituição de Ensino de Superior na qual atuo como professora. Como veremos ao longo desta análise, Taís, assim como Cássia, se (re)constrói como uma mulher que vence a vida, ao contrário de Macabéa. Dessa forma, ambas constroem para si uma identidade que se opõe a da personagem. Suas narrativas de migração beiram o sofrimento humano, mas são superadas pela força e luta.

Como mencionei no capítulo três, estabelecer um recorte para as narrativas da segunda interlocutora foi bastante dificultoso. O fluxo narrativo de Taís é longo e perceber as nuances sobre onde sua história começa e onde termina foi possível apenas a partir de um olhar demorado sobre os dados. Nessas narrativas, apesar de inicialmente não parecerem organizadas de forma canônica, apresentam uma estrutura bem próxima do que Labov (1972) postulou. Sendo assim, no fragmento 9, a seguir, podemos observar como Taís inicia sua narrativa, seu resumo segundo a nomenclatura laboviana. Taís constrói uma linha do tempo imaginária, a partir do diálogo com a obra literária, dizendo que teve uma "pré-história em sua cidade" e "outra pré-história no Rio de Janeiro". Sua história "de verdade", portanto, está acontecendo no exato tempo em que a narrativa é contada.

#### Fragmento 9

47 Odete e aí, taís, muita coisa né?  
 48 Taís °é muita coisa° como cê falou depois que eu podia  
 49 interromper algumas ... algumas coisas que cê foi falando  
 50 eu fui identificando ... vamos lá quando ela fala de uma  
 51 pré pré-história,  
 52 Odete aham

53 Taís tem uma pré-história na minha cidade e tem uma pré-  
 54 história aqui no rio de janeiro

55 Odete ahn legal interessante

56 Taís é:: ... e passei também por outras pré-histórias eu fui  
 57 pra são paulo e já morei na capital do meu interior que  
 58 se chama natal ... e aí eu tive uma proposta pra vir  
 59 trabalhar no rio de janeiro como empregada doméstica

60 Odete uhum

Taís, assim como a primeira participante, organiza sua sequência narrativa que (re)constrói uma espécie de passado do passado. O resumo de sua história de vida (cf. fragmento 9, linhas 53 e 54) anuncia que a narrativa possui uma pré-história em sua cidade, a vida pré-migração, e uma pré-história no Rio de Janeiro. Dessa forma, entendo que minha interlocutora considera a sua chegada à "cidade grande" não é exatamente o começo de sua jornada; essa pré-história torna-se quase um ensaio para sua vida propriamente dita. Nesse sentido, também posso buscar respaldo no conceito de "mão dupla do tempo" (MISHLER, 1999; 2002) para uma possível compreensão da narrativa de Taís. Mencionando o passado como sua pré-história, que é anterior à sua história propriamente dita, a narradora reconfigura e reinterpreta sua experiência de vida.

Taís toma o texto para si, assim como Cássia, (re)construindo sua própria história de vida, suas identidades, mas também (co)construindo sentidos da obra (ISER ([1976] 1996). Isso pode ser compreendido quando voltamos a obra literária. É interessante notar que a "pré-história" sobre a qual fala Taís é uma referência direta ao texto de Clarice Lispector, como podemos observar a seguir:

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou. (LISPECTOR, C. 1998 [1977]. p. 11).

Como veremos nas próximas páginas, em seu ponto de virada, os seus posicionamentos em relação aos eventos vividos e sua reconstrução identitária também caminham juntos. Similar à Cássia, Taís recontextualiza o seu passado, construindo um presente (e um futuro, subentendido como consequência da ordem dos eventos) de sucesso e superação, diferente do destino de Macabéa. É a partir desse resumo, nas linhas 53 e 54, que Taís começa a narrar sua história de

vida (LINDE, 1993). Também igualmente à Cássia, Taís narra um episódio específico de sua migração – a história sobre como ela veio trabalhar no Rio de Janeiro e foi expulsa do local de trabalho cerca de dois meses depois. Taís, assim como minha mãe, exercia a função de empregada doméstica em uma "casa de família"<sup>34</sup>, local onde também vivia<sup>35</sup>. No fragmento a seguir, vemos como Taís dá continuidade à história ainda em seu resumo.

### Fragmento 10

61 Taís a vizinha de um tio meu mora aqui no rio de janeiro e eu  
62 conversando com ela ela disse que tinha uma pessoa que  
63 era médica e que essa pessoa "uma pessoa muito boa e isso  
64 assim" começou a falar muito bem e aí beleza e aí eu  
65 aceitei a vir para o rio de janeiro e ela conseguiu esse  
66 emprego pra mim sendo que algumas pessoas chegavam pra  
67 mim e me disseram assim "olha só às vezes não é o que te  
68 contam a realidade lá pode ser outra"

69 Odete uhum

70 Taís mas eu não quis acreditar.

71 Odete [você veio pa- para trabalhar?]

72 Taís [eu vim para trabalhar] para que eu pudesse construir uma  
73 casa uma casa minha e poder ... tentar conquistar o meu  
74 sonho que eu queria que era ser professora é:: ... então  
75 essa moça ela me parecia ser tão legal mas ao mesmo tempo  
76 eu notava algo muito diferente ... ela tinha um poder  
77 aquisitivo alto médica formada ganha muito bem mora num  
78 lugar muito bom e eu ia morar lá,

Seguindo a estruturação de Labov (1972), o resumo de Taís apresenta-se ligeiramente maior que o de Cássia. Taís fornece algumas orientações sobre sua chegada ao Rio de Janeiro e, ainda, avalia alguns personagens que já são apresentados de imediato. É importante, já nesse momento, observar os posicionamentos avaliativos (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009) de Taís, que começa reportando uma avaliação sobre médica, sua patroa, julgada positivamente pela sua normalidade (cf. linhas 63 e 64). Em seguida, Taís reforça e

<sup>34</sup> Mesmo não sendo uma expressão utilizada pelas participantes no momento de geração de dados, escolho me referir aos locais de trabalho como "casas de família" por ser a expressão utilizada por Cássia, ao longo de toda a vida, para representar os locais em que ela atuava como doméstica. É importante ressaltar ainda que, apesar de ser uma expressão informal, basta uma rápida pesquisa no Google para observarmos a sua atualidade.

<sup>35</sup> Como já dito nos capítulos anteriores, a construção das instituições de trabalho é um aspecto analisado no próximo capítulo desta tese.

ao mesmo refuta esse julgamento positivo ao dizer que a "moça parecia ser tão legal" (cf. linha 75) mas que ela "notava algo muito diferente" (cf. linhas 75 e 76). Taís ainda completa que a moça "tinha um poder aquisitivo alto, médica formada ganha muito bem mora num lugar muito bom" (cf. linhas 76 a 78). Nesse sentido, me parece que a participante usa esses atributos para construir um julgamento negativo no campo da estima social, relacionado com o fato da riqueza não ser normal. O posicionamento avaliativo de Taís será fundamental para a sua (re)construção identitária, como veremos a seguir.

### 5.2.1

#### No meio da história tinha algumas histórias

Como já mencionei, é possível identificar a estruturação básica de Labov (1972) ao longo da grande narrativa de Taís. Contudo, de forma similar à primeira participante, essa história de vida é permeada de outras narrativas. Perceber esse movimento significa perceber, em suma, que as narrativas não podem ser entendidas linearmente. Dessa forma, ao contarmos uma história vamos e voltamos, costuramos detalhes, damos novos pontos onde algo parece faltar. Taís inicia, então, na linha 92, a série de ações complicadoras que desenrolam a sequência de eventos narrativos e que encontram sua coda na linha 763. No fragmento a seguir, podemos observar parte dos eventos narrados.

#### Fragmento 11

124 Taís =e aí "eu fui perguntei pra ela se você não estava fazendo  
125 as coisas" e ai ela falou de um jeito como se você não  
126 tivesse fazendo ela disse "ah não eu- é:: só pra poder  
127 ajudar ela" "mas aí eu perguntei se você tava aju- fazendo  
128 as coisas ela disse" "é↑ né?" tipo "é né?" é como se não  
129 tava fazendo aí eu fiquei na minha calada e disse "olha  
130 só se eu- se eu tava limpando agora eu vou limpar ainda-  
131 eu vou limpar o dobro porque eu tô aqui- eu vim de longe  
132 que eu tô aqui porque eu preciso e eu tenho coisas pra-  
133 pra realizar que é a minha casa e a minha faculdade ...  
134 se eu tiver que triplicar pra limpar a casa dela eu vou  
135 triplicar pra limpar a casa dela" e ai que foi que ela  
136 fez? ela foi contar pra amiga dela ... e aí fazia dois  
137 meses e quinze dias- exatamente dois meses e quinze dias  
138 que eu estava na casa dessa médica ela:: ... ela disse o  
139 seguinte pra mim no dia do meu aniversário no dia quinze  
140 de outubro eu lembro como hoje ... ela disse "olha só não

141 vai prestar você- você trabalhar aqui não e me faça- eu  
 142 conversei com a tetê e isso e isso e isso você foi dizer  
 143 que eu- que eu estava te humilhando para você fazer as  
 144 coisas aqui" e an- e um dia antes dela chegar pra me  
 145 contar isso ela comprou umas- digamos ela deixava  
 146 dinheiro pra comprar (incompreensível) na feira pra filha  
 147 dela e comprar também o mais barato pra mim o da filha  
 148 dela era bem melhor e aí nesse dia ela não trouxe nenhum  
 149 e nem deixou dinheiro para mim comprar e aí eu abri a  
 150 geladeira ... fechei a geladeira não tinha o que eu- o  
 151 que eu comer aí ela disse "olha só,

152 Odete você não podia pegar determinadas coisas na geladeira?

153 Taís =o que era da filha dela não então é eu (lógico que eu  
 154 vi) eu acho que isso aqui não é pra mim ela também falava  
 155 é chegou pra mim e disse assim "olha só você precisa  
 156 mudar o seu jeito de falar que você fala muito errado ...  
 157 é se você quer é crescer ... é ter uma profissão,  
 158 desculpa, mas você tem que estudar" aí eu abaixei a cabeça  
 159 e não falei nada isso era o que ela falava comigo† e  
 160 deixa pra lá né continuei fazendo lavando roupa fazendo  
 161 isso fazendo aquilo e ela disse pra mim no dia quinze de  
 162 outubro "olha só eu quero que você saia daqui agora que  
 163 você vista- vista uma roupa e saia daqui agora que eu não  
 164 quero nem olhar pra sua cara" me disse coisas ABSURDAS  
 165 que ninguém- não se fala com o [outro]

Na linha 144, Taís começa a narrar uma série de narrativas breves que se encaixam na narrativa maior. Esse movimento é muito similar ao que Cássia faz em menor escala. Podemos observar que a primeira narrativa, no fragmento 11, vai até a linha 154 e é seguida, de imediato, por outro pequeno episódio que é narrado até a linha 161. Em meu entendimento, essas narrativas podem ser entendidas, similar às pequenas histórias de Cássia, como avaliações, pois ambas, nesse caso, corroboram o posicionamento avaliativo anterior de Taís, expresso discursivamente na linha 76 "eu notava algo muito diferente" (cf. fragmento 10).

Taís está narrando a forma como foi expulsa da casa da médica, então sua patroa, e as narrativas breves servem, como um todo, como forma de avaliar, isto é, nos termos da linguagem da avaliação, mostrar o seu posicionamento em relação aos fatos. Narrar outras situações de humilhação no ambiente de trabalho reforçam o julgamento negativo sobre a média e uma apreciação também negativa sobre os episódios ocorridos.

O fato de a participante construir sua história de vida (LINDE, 1993) permeada de vários episódios breves, sobretudo, chamou minha atenção. Trago, portanto, a perspectiva dos "accounts" de De Fina (2003; 2009) para refletir sobre

essa construção narrativa. Como vimos no capítulo anterior, os "accounts" podem ser definidos como uma consideração sobre algo que diverge do que é esperado normalmente e, portanto, é entendida pelo interlocutor como uma explicação para uma divergência de suposições sobre o que normalmente acontecerá ou deve acontecer (DE FINA, 2009).

Sendo assim, entendo que Taís conta essa série de histórias para dar explicações adicionais sobre os fatos que não ocorrem conforme o esperado. Nesse fragmento, em especial, a participante preocupa-se em explicar que a relação entre ela e a sua patroa já não estava bem e que ela passava por situações anormais dentro de seu ambiente de trabalho. Podemos observar isso nas linhas 144 e 145, quando Taís inicia a narrativa breve dizendo "e um dia antes dela chegar pra me contar isso". Esses "accounts" justificam e explicam como ela acabou sendo expulsa da casa onde trabalhava.

Segundo De Fina (2009), ainda, os "accounts" também estão relacionados com a expectativa, por parte do narrador, sobre a avaliação de seu interlocutor. Dessa forma, Taís pode elaborar essas narrativas breves para contornar qualquer tipo de avaliação negativa que eu possa ter sobre ela, ou seja, esse também é um movimento narrativo importante para a construção e para a manutenção de uma imagem positiva sobre o narrador.

Taís apresenta-se como uma narradora habilidosa. Sua capacidade de retomar a narrativa principal pode ser observada na linha 193, quando ela me indica um retorno ao seu fluxo de ideias com o marcador discursivo "vamos lá". Nesse momento, Taís começa a fornecer mais orientações para aquilo que, em meu entendimento, será o seu ponto de virada na narrativa – conhecer o marido.

### Fragmento 12

- 192 Odete [cê acabava] trabalha- trabalhando todo dia?
- 193 Taís exato. e aí, vamos lá, olhei pra porta no dia- no que ela  
194 disse horrores pra mim, pra que lugar que eu vou? aí  
195 exatamente há:: três dias antes de tudo isso acontecer  
196 ... eu conhe- eu há três dias nos estivemos que há um mês  
197 que eu passei um mês conversando com meu esposo pela  
198 internet conheci o meu esposo pela internet,
- 199 Odete você já tava aqui no rio
- 200 Taís [tava aqui no rio]
- 201 Odete [e aí cê tava conhecendo] ele pela internet?
- 202 Taís tem um aplicativo chamando (tinin tinin) nesse  
203 aplicativo- ele é pra- é pra relacionamento, mas eu entrei  
204 com a intenção de conhecer pessoas e [fazer amigos]

É importante observar, novamente, como Taís "brinca" de ir e voltar no tempo, fornecendo orientações para que eu, sua interlocutora, me situe. Taís narra em um tempo e volta dias antes, em diversos momentos, trazendo "accounts" que ajudam a construir sua história de vida (LINDE, 1993). Segundo Bruner (1991, p. 8) as partes de uma narrativa servem como "funções" da estrutura narrativa como um todo. Entretanto esse todo não pode ser construído sem referência às partes apropriadas. Dessa forma, percebo que as muitas narrativas breves que Taís agrega em sua narrativa maior possuem uma função no todo. Entendo, portanto, que os "accounts" ou narrativas breves são parte fundamental da (re)construção de sentidos e de identidades.

## 5.2.2

### Construção pela diferença

Nas subseções anteriores, argumentei que Cássia, ao (re)construir sua identidade como uma mulher que vence na vida, se colocava em oposição à Macabéa. Percebo um movimento ligeiramente similar em Taís. Minha segunda interlocutora, de fato, praticamente não realiza apreciações sobre a obra literária ou tece julgamentos sobre a personagem clariceana. Em determinado momento, na linha 412 (cf. anexo III), faço uma menção à personagem, talvez em uma tentativa de estabelecer conexões com o texto lido por mim e escutado por ela. Taís, por sua vez, não parece prosseguir em qualquer diálogo com a protagonista. Mais adiante, eu pareço aproveitar uma oportunidade na interação para, novamente, me referir à obra literária. Nesse trecho, especificamente, percebo que Taís também se (re)constrói identitariamente em oposição ao que Macabéa significa.

### Fragmento 13

573	Taís	e a minha prima se chama maria josé a que me ajudou e aí
574		tem maria josé [também no livro]
575	Odete	[tem é uma das companheiras] de quarto da
576		macabéa né mas ela não tem muita relação com elas né
577		não se você- se você pegou isso a macabéa ela é muito
578		sozinha nela mesma né até tem uma hora que ... o narrador
579		fala que a conexão dela com o mundo é com a <u>gloria</u> que é
580		a colega de trabalho depois vem o <u>olímpico</u> que é o
581		namorado que não dá certo aí tem o <u>chefe</u> ela já não tem
582		mais família porque os pais faleceram quando ela era

583 pequena não lembra não sabe nem sabe o nome dos pais que  
584 tristeza e:: aí a tia também por criança criada também  
585 já era falecida então ela- macabéa conhece muito poucas  
586 pessoas né na verdade

587 Taís macabéa pa- é assim uma pessoa sem informação

588 Odete uhum

589 Taís parecida com- não sabia o que falar ela não sabia é o  
590 que- o significado das palavras

591 Odete que ela ouvia no rádio né ... ali era a fonte de alguma  
592 coisa externa pra ela né talvez uma fonte de informação  
593 mas ela não sabia nem bem o que fazer com aquilo

594 Taís pois é e aí eu vi que a minha vida- depois que mudou isso  
595 a minha vida foi mudando foi levando as coisas pra frente  
596 vamos lá o meu esposo sempre me incentivou a estudar "eu  
597 quero que você estude você vai voltar a estudar" e sempre  
598 quando ele falava isso pra mim eu ficava com medo ... eu  
599 falava assim eu não sei "eu tô há cinco anos sem estudar  
600 eu não sei falar eu não sei- eu não sei mais escrever  
601 direito eu não sei mais nada eu não sei eu não vou passar  
602 na entrevista porque eu não sei" e- ele passou a me  
603 colocar é:: pra eu fazer prova pra eu fazer concurso pra  
604 eu poder fazer entrevista em faculdade ... quando eu fui  
605 fazer entrevista na faculdade eu tava do lado de pessoas  
606 "eu sou formado em matemática" "faço direito" "faço isso  
607 e faço aquilo e faço aquilo" eu e agora? eu trabalho no  
608 supermercado tô cinco anos sem estudar tô aqui querendo  
609 uma vaga pra poder ... mudar o meu trabalho mudar poder  
610 ter a possibilidade de fazer uma faculdade ... mas eu tô  
611 vendo que as pessoas que vão aqui fazer aqui a prova- me  
612 dá- te dá uma prova pra você fazer,

Na linha 587, Taís avalia a personagem pela primeira vez, por meio de um julgamento negativo de sua capacidade (MARTIN; WHITE, 2005), i.e., Macabéa é uma pessoa sem informação. Em seguida, nas linhas 589 e 590, a participante se alinha a essa construção da personagem, se identificando com essa construção de uma pessoa que não sabia falar; que não sabia o significado das coisas. Essa identificação, como podemos observar a partir da linha 594, é breve. Buscando seu ponto de virada na narrativa, que é o relacionamento com seu atual marido, Taís se (re)constrói identitariamente a partir do oposto da protagonista da obra literária. Taís esforça-se para construir uma identidade de mulher batalhadora, que luta contra seus medos em busca de seus sonhos. Percebo que ela se (re)constrói, saindo de um possível lugar de vitimização; é uma mulher que batalha pelo sonho de ser professora e comemora a entrada para a universidade.



Mais uma vez, Macabéa parece longe de ser uma personagem cuja identidade é aceita pelas participantes. Segundo Krause (2010), nossas identidades são tão frágeis e difusas que comumente nos identificamos com os personagens, tomando para nós mesmos a vida que ele viveu. O esperado de um leitor médio, portanto, é que ele se identifique com o personagem, mas esse não parece ser o caso aqui, já que a personagem atribui uma identidade não aceitável. Essas mulheres, portanto, não podem assumir essa persona para si. Elas se reconstróem, então, a partir do oposto, negando a personagem e tudo o que ela significa.

Essa não identificação com a personagem por parte de ambas as participantes é passível de explicação. Macabéa possui todas as características de uma anti-heroína; é descrita, como vimos no capítulo três, como uma mulher desprovida das características do que se entende como a própria configuração de um herói, nos termos clássicos: "a beleza, a força física e espiritual, a destreza, dinamismo e capacidade de intervenção, a liderança social, a virtudes morais" (MONIZ, 2010, p. 1). De acordo com Silva (2013), ainda:

No caso de Macabéa, o seu anti-heroísmo (além da sua vocação natural, desde a infância, para o fracasso), por um lado, é dado à sua condição de "estrangeira" e "imigrante" na cidade do Rio de Janeiro; por outro lado, a sua própria condição de alienada na sociedade e de incapaz (sem cultura e sem identidade), reflexo de um país que não faculta melhores condições de vida ao seu povo, tornando-a uma cidadã vazia, sem nenhuma consciência dos seus atos. Isto quer dizer que a sua grandeza (como a de um pícaro) é não ter grandeza alguma. Ou mais precisamente: ela é uma anti-heroína moderna, mais próxima daquilo que as sociedades em desenvolvimento conseguem produzir, ignorar e omitir. (SILVA, 2013, p. 6)

Sendo assim, a falta de percepção sobre a própria vida, faz com que Macabéa pouco entenda sobre o mundo a sua volta e sua condição social. Taís, apesar de se perceber neste lugar da falta de compreensão sobre o mundo, não deseja essa identidade para si mesma. O momento de virada em sua narrativa é decisivo para que ela possa se desprender dessa identidade que remete à falta de conhecimento e ignorância, para se (re)construir discursivamente como essa mulher que busca no estudo a sua realização pessoal.

O ponto de virada, como já vimos, é um evento modificador da compreensão de determinada experiência passada. Percebo, assim, que é nesse encontro com o marido que a vida de Taís muda; é ele quem a "salva" e a resgata, após o episódio da expulsão do ambiente de trabalho (cf. anexo III, linhas 241 a

268). Por esse ângulo, a figura masculina é essencial para a (re)construção identitária de Taís, que ganha novas oportunidades e experiências ao conhecer esse homem que a estimula e a auxilia na busca de seus objetivos. Ela já possuía sonhos, mas com o marido, e por meio dele, ela conseguiu realizá-los.

Sendo assim, entendo que Taís constrói discursivamente, em sua narrativa, um herói na figura do marido, o que mais uma vez a coloca em oposição à Macabéa. Taís encontra o amor, enquanto Macabéa possui um relacionamento falido e morre após ouvir a promessa da cartomante de que seu príncipe encantado chegaria. Diferentemente de Macabéa, que vive sem saber o porquê, Taís possui sonhos de estudar e construir uma casa, anunciados desde o resumo de sua narrativa. Para além disso, é uma cartomante que diz ao marido que ele encontrará uma pessoa que "não é daqui"<sup>36</sup> (cf. anexo III, linhas 1 a 40). Essa construção discursiva do herói pode ser observada por meio dos posicionamentos avaliativos de Taís, como podemos observar no fragmento a seguir, em que a participante fornece mais um "account" (DE FINA, 2009).

#### Fragmento 14

336 Taís na comunidade mas aí você tem que se proteger" "tá bom"  
 337 é tinha conhecido esse rapaz que é o meu esposo ... me  
 338 tratou muito bem ... não fez nenhum mal comigo me ajudou  
 339 no momento que eu precisei e aí eu- disse assim a úni-  
 340 falava assim "olha" uma coisa que eu falei pra ele "eu  
 341 não acredito mais no amor ... no amor entre um homem e  
 342 uma mulher" ... porque as pessoas elas não é difícil uma  
 343 pessoa te respeitar te levar à sério isso é difícil "então  
 344 me apresenta o que é o amor" eu falei pro meu esposo e  
 345 ele me apresentou até hoje ... o que é o amor e está  
 346 comigo até hoje né falei ah eu tenho o sonho de casar não  
 347 vamos casar sim nem que seja no papel e foi uma surpresa  
 348 também porque quando eu conheci ele ele não deu tempo de  
 349 falar totalmente tudo sobre ele e aí eu tinha pedido o  
 350 face dele pra poder saber quem- um pouquinho né olhar na  
 351 rede social e ver quem é que era ... e ele tinha um filho  
 352 e pra mim aos (digamos) vinte e três é vinte e três anos  
 353 (então esse negócio) vinte e três anos esse rapaz aqui  
 354 ele tem um filho e ele não me contou aí eu fui e falei  
 355 com ele "olha só cê tem um filho e cê não me falou" "ó  
 356 eu ia te falar é porque não deu tempo de falar" ele "algum  
 357 problema porque eu amo muito o meu filho eu sou um pai  
 358 muito presente" aí eu disse "não é porque na- o pessoal  
 359 da minha cidade são pessoas muito antigas então pra eles  
 360 isso não é normal não que pra mim não seja",

<sup>36</sup> Outros aspectos dessa narrativa, em especial, serão tratados no capítulo sete, a seguir.

361 Odete uhum  
 362 Taís passou isso a ser diferente talvez até uma pessoa mais  
 363 experiente ... e aí eu deixei isso passar e vi realmente  
 364 é uma pessoa maravilhosa e que me- me surpreendeu (e  
 365 muito) ... e aí fez com que eu ficasse- fiquei quase um  
 366 mês na cada da minha prima consegui um emprego num  
 367 supermercado ... como empacotadora e depois passei pra  
 368 caixa passei quase um ano morando lá

É possível perceber, portanto, que Taís julga o seu parceiro de forma positiva em relação à sua tenacidade, isto é, ele é confiável (cf. linha 337 a 339, me tratou muito bem não fez nenhum mal comigo me ajudou no momento que eu precisei). Em seguida, ela o julga positivamente em relação à sua normalidade, isto é, ao seu comportamento; ele é "diferente", "uma pessoa mais experiente", "uma pessoa maravilhosa" (cf. linhas 362 a 364). Taís também expressa seu contentamento, discursivamente, por um afeto de felicidade "me surpreendeu (e muito) e aí fez com que eu ficasse" (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009). Reforço, ainda, que essas avaliações sobre o marido ajudam Taís em sua construção de sentidos na narrativa e, ainda, em sua (re)construção identitária. Tendo isso em mente, passo, a seguir, para a próxima subseção em que discuto o meu papel de pesquisadora-professora nessa interação.

### 5.2.3

#### **Pesquisadora-professora**

O fato de Taís ser minha aluna não pode ser extinguido desta análise, mas, ao contrário, é um elemento fundamental para compreender as (re)construções identitárias que a participante realiza em seu discurso. Dessa forma, Taís assume constantemente o papel de "aluna". Isso ficou claro para mim antes mesmo do início de leitura da obra literária, em que Taís tirou da bolsa um "papel e caneta" para acompanhar a narrativa de Clarice Lispector, mesmo com minha observação de que não seria necessário anotar nada, mas apenas desfrutar daquele momento de escuta.

Isso emerge no corpus, por exemplo, por meio da indicação de que ela consegue identificar algo em minha fala, como se estivesse em uma posição em que fosse necessário apreender e reter conhecimento (cf. fragmento 9, linhas 49 e 50). Nesse mesmo fragmento, é possível observar que a minha fala "aham" válida,

de alguma forma, a posição assumida por Taís. Na linha 473 (cf. anexo III), o mesmo movimento discursivo aparece, como se Taís estivesse comprovando que compreendeu a obra literária ("deixa eu ver aqui, ela fala aqui"). No fragmento a seguir, apresento um exemplo de como nossa relação de professora-aluna influencia em sua (re)construção identitária.

### Fragmento 15

702 Taís e a e a faculdade me deu isso a possibilidade de  
 703 compreensão de não brigar de não toda hora "ah porque  
 704 isso aqui tem que ser do meu jeito↑" não, não pode ser  
 705 assim

706 Odete uhum

707 Taís a faculdade pra mim foi uma porta assim mágica que eu fiz  
 708 assim e agora? eu tô- ainda bem que eu tô fazendo  
 709 faculdade sei que todo mundo tá ali estudando eu sei não  
 710 tem pessoas com grau muito maior que o meu a não ser os  
 711 professores que os professores eles até agora eles o que  
 712 eu pergunto eles me respondem me tratam bem então

Taís se (re)constrói identitariamente como uma mulher estudiosa, que, como já disse, busca uma formação acadêmica como possibilidade de ascensão social, para adquirir também uma identidade profissional, ser uma pessoa especializada, possuir uma qualificação. No fragmento 15, a participante narra, em mais um de seus "accounts" (DE FINA, 2009), como a sua entrada para a faculdade foi uma "porta mágica". Fica implícito, portanto, um afeto de satisfação (cf. linha 707). Para além disso, Taís julga positivamente os seus colegas e os professores pela sua normalidade (cf. linhas 709 a 712) (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009). É importante lembrar que, na época da geração dos dados, eu era, de fato, professora de Taís, logo, apesar da generalização ocasionada pela utilização do número plural, o posicionamento avaliativo da participante se refere também a mim. Novamente, estou de alguma forma inserida na narrativa de minha interlocutora, ocupando não apenas o papel de pesquisadora.

Pensar uma perspectiva autoetnográfica também faz-se necessário aqui, visto que ao assumir o papel de professora sou, de alguma forma, parte da vida de Taís, como ela é parte da minha tanto por ter sido minha aluna, como por ter dividido comigo parte de sua história, tornando-se participante teste estudo. Pude acompanhar o desenvolvimento de Taís durante seis meses e acredito que esse contato mais próximo pode ter sido um facilitador para que o nosso encontro de

leitura acontecesse de forma tão fluída como o foi com Cássia. Conhecer Taís criou, em meu entendimento, um ambiente favorável e de confiança para que essas narrativas, que (re)constroem e (co)constroem a obra literária, pudessem emergir.

Sendo assim, avanço para o próximo capítulo, em que desejo dar um enfoque específico para determinado aspecto que me marcou ao analisar as narrativas de Cássia, e que também pode ser visualizado nas narrativas de Taís. Partindo dos conceitos de Goffman, caros aos estudos na área da Sociolinguística Interacional, observo como as participantes (re)constroem e (co)constroem o estigma de ser mulher, nordestina e migrante, e seus ambientes de trabalho. Como já mencionei, entendo que essas narrativas da vida no Rio de Janeiro também fazem parte desse conjunto de histórias que convenciono chamar de narrativas de migração, justamente por possibilitar uma (re)construção das memórias a partir do contato com o novo mundo, com suas alegrias e dores.

## GAIOLAS DO MUNDO NOVO: (RE)CONSTRUÇÕES DO ESTIGMA E DAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Estavam cansadas demais pelo trabalho que nem por ser anônimo era menos árduo. (...) O céu é para baixo ou para cima? Pensava a nordestina. Deitada, não sabia. Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir<sup>37</sup>.

Já trilhamos um longo percurso até aqui. Desde minhas motivações iniciais para empreender este estudo, mostrei às minhas leitoras e aos meus leitores o contexto da migração de mulheres no Brasil, o enquadramento epistemológico e metodológico; e o "patchwork" teórico que costurei, isto é, quais pesquisadoras e pesquisadores chamo para fazer coro à minha voz ao contar esta história. No capítulo anterior, portanto, expressei meus primeiros entendimentos para o que aconteceu no momento em que li a obra literária "A hora da estrela" com Cássia e Taís. O discurso narrativo de ambas (re)constrói, como já vimos, identidades de uma mulher batalhadora, a nordestina vence na vida. Essas mulheres migrantes usam a linguagem da avaliação, expressando suas emoções e se posicionando, discursivamente, de forma a (re)construir identidades em oposição à Macabéa, uma personagem descrita como fraca de espírito.

Muitas gaiolas estão invisíveis no mundo. Todos os dias naturalizamos o que nada tem de natural. Ligamos o botão "automático" de nossas vidas e seguimos o caminho sem observar as grades que nos cercam. Cássia e Taís se (re)constroem como vitoriosas, mas os percalços pelos quais ambas passaram (e talvez ainda passem) não estão ausentes de suas narrativas. Pelo contrário, todas as dificuldades que uma mulher nordestina migrante são (re)construídas nessa memória discursiva. É preciso, portanto, contar essa história. Desejo, neste capítulo, analisar alguns aspectos específicos observados por mim nas narrativas de migração de Cássia e de Taís, a saber o estigma de ser mulher nordestina migrante e a construção das instituições de trabalho, e como essas mesmas questões são fundamentais para a (re)construção identitária das participantes.

---

<sup>37</sup> LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998, p. 31-32.

Para isso, busco o apoio dos conceitos de estigma e instituições totais, cunhados por Goffman ([1963] 1988; [1961] 1974), como explicitado no capítulo quatro.

\*\*\*

## 6.1

### "Era igual escrava"

O momento de interação com Cássia que escolho analisar agora se encontra exatamente antes da narrativa apresentada no capítulo anterior. Essa escolha deve-se ao meu próprio choque ao escutar diversas vezes os dados. Seria possível imaginar que minha própria mãe passou por tudo isso? Mais uma vez, é impossível deixar as relações familiares e o contexto autoetnográfico do lado de fora da pesquisa, pois eles constituem, em alguma medida, a própria razão de ser do estudo. É minha própria mãe que "era igual escrava"; isso atinge minha sensibilidade tal qual um soco no estômago e torna o próprio ofício de análise e escrita por vezes nauseante. O sentimento se amplia quando imagino quantas mulheres migrantes estiveram (e ainda estão) neste mesmo lugar. No fragmento 16, assim, vemos o início desta interação, em que Cássia me questiona "o que eu acho da obra" (cf. linhas 493 e 494).

#### Fragmento 16

490 Cássia °é no centro, rua acre é perto dá (inaudível) ... lá  
 491 perto do acho que fica perto da praça mauá essa rua por  
 492 ali praça XV, por ali, perto do cais do porto, praça  
 493 mauá, acho que é mais perto da praça mauá° ... que que  
 494 você acha? ↓do livro também. ... você gostou?

495 Odete eu gostei. ... eu acho que:: ... tem uma grande questão  
 496 aí so- em relação a classe social né eu acho que ...  
 497 quando a clarice escreveu esse livro ela ela queria::  
 498 denunciar:: como os nordestinos eles ficam ... é ap- >é  
 499 pelo menos da época dela né ela escreveu esse livro em  
 500 setenta e sete< ... como eles ficavam apagados né acho  
 501 que a macabéa é um:: ... é uma alusão a esse apagamento  
 502 que o nordestino né >em geral o nordestino né< que vem  
 503 aqui pro- migra né do nordeste vem aqui pro Rio e:: quem  
 504 é esse nordestino né e ela vai as vezes- ... é:: o  
 505 narrador fala né

506 Cássia a sociedade antigamente não dava valor só para ser  
 507 empregada domé::↑stica ... [trabalhar ...

508 Odete [ah o narrador fala que:: ela  
 509 não existe que ela não é ninguém:: [que ninguém olha pra  
 510 Cássia [é não é ninguém  
 511 Odete ela então acho que tem uma denúncia aí né.  
 512 Cássia exatamente por que ela era pobre principalmente ser pobre  
 513 SER POBRE sempre foi ... >sempre foi sempre foi< mais a  
 514 humilhação imagina naquela época era pior ... ser pobre  
 515 nordestina e sem pai e sem mãe piorava a situação ...  
 516 Odete °é o caso dela°  
 517 Cássia piorava a situação ... e MAGRA e FEIA com mancha na cara  
 518 ... é mais difícil

Como apresentei no capítulo quatro, na perspectiva teórica dos estudos interacionistas, o contexto ganha relevância, pois todos os significados são situados. Segundo Ribeiro e Garcez (2013, p. 8), o contexto passa a ser entendido como criação conjunta de todos os participantes presentes no encontro e emerge a cada interação em curso. Goffman ([1974] 2012), por sua vez, entende o "contexto", "cenário" ou "pano de fundo" como um enquadre, configurando os princípios e as regras que governam a interação. (GOFFMAN, [1974] 2012).

O contexto também é uma noção fundamental para a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004; GOUVEIA, 2009), grande quadro teórico no qual está situado o ferramental teórico-metodológico do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009). Na LSF, o contexto se dá em dois níveis extralinguísticos: o contexto de cultura e o contexto de situação. O contexto de cultura pode ser considerado o ambiente sociocultural mais amplo, no qual se inclui a ideologia, as convenções sociais e as instituições.

Inseridos no contexto de cultura, temos o contexto de situação, que consiste nas variações de linguagem mais particulares dentro de cada cultura, conforme o momento em que ocorrem e que são descritas por Halliday (1994) por meio do (i) campo, que mostra a natureza da prática social, ao que é dito ou escrito sobre algo, expressando sobre o que falamos; (ii) relações, que indica a ligação entre os participantes da interação, diz respeito à com quem falamos e (iii) modo, que significa como a comunicação ocorre textualmente, relacionando-se à forma como falamos.



Nesse sentido, texto e contexto operam uma relação de interdependência; ao conhecermos o contexto podemos presumir algo do texto; ao conhecermos o texto, podemos inferir o contexto. Nesta dada interação, podemos observar como essa conexão é importante para compreender a situação, isto é, o que está acontecendo naquele exato momento. Pensando no contexto macro, ou contexto de cultura, temos o próprio fenômeno migratório e todas as suas implicações como vimos no capítulo dois. Olhando para o aspecto micro, temos o encontro social de leitura, o momento em que li uma obra literária, cuja temática é a migração, com uma mulher migrante. Sendo assim, o contexto de leitura da obra literária é fundamental para compreensão da interação que se segue.

Refletindo ainda sobre o contexto da leitura e sobre a escolha da obra, é pertinente destacar que o enredo simples da nordestina, pobre, que migra para a cidade grande e morre após consultar uma cartomante não é ingênuo. Segundo Souza (2006, p. 25), "A hora da estrela" mostra uma tomada de consciência social, compressível pelo momento que atravessava o país sob o jugo dos militares e que, certamente, influenciou a obra clariceana, como toda a literatura brasileira produzida no período. Para a autora, ainda, (2006, p. 18), nessa obra em questão "o social é um elemento que compõe com o literário um todo indissolúvel e desempenha papel de agente na constituição da estrutura narrativa". Clarice, comumente analisada pelos teóricos da literatura pelo aspecto intimista de sua obra, mostra-se, neste romance, engajada com a vida social.

[...] Clarice, na contramão, com "A hora da estrela", atira na cara das elites a miséria humana que o grande capital internacional produz em países como o Brasil, periférico aos centros de concentração e acumulação de capitais. (SOUZA, 2006, p. 38).

Entendo que, nesta interação inicial, a situação é definida como uma conversa informal sobre a obra literária que acabamos de ler. Quando Cássia me questiona sobre o que eu achei da obra literária, eu enquadro nossa conversa em um aspecto social da obra, o que, de fato, conduz toda a narrativa a seguir. É curioso perceber que eu trago uma fala acadêmica, alinhada com a performance identitária que eu mesma pretendo construir ao assumir o papel de pesquisadora. Cássia questiona e eu racionalizo, intelectualizando a questão social presente na obra literária.

Esse posicionamento acadêmico é marcado por uma apreciação da qualidade da obra, além da expressão de um afeto de satisfação ("eu gostei tem uma grande questão aí em relação a classe social" cf. fragmento 16, linhas 495 e 496). Essa apreciação também inclui terminologias típicas da academia como "apagamento" (cf. fragmento 16, linhas 500 e 5001) (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009). E, apesar do alinhamento ao tópico, como veremos a seguir, a fala de Cássia (re)cria uma emoção, é muito mais humanizada – ela guarda a experiência de quem viveu algo sobre o que eu posso apenas teorizar.

Outro aspecto essencial para a compreensão dessa interação é a relação entre as participantes, como já analisado no capítulo anterior. É relevante notar, que a própria indagação de Cássia só é possível no contexto situacional da nossa relação de mãe e filha. Dessa forma, a participante não é passiva, mas, ao contrário, possui autoridade para me interpelar. Nós realizamos a leitura com Cássia no papel de participante e eu assumindo o lugar da pesquisadora, todavia nossas relações familiares de mãe e filha não se dissolvem. Penso que esse é um dos fatores que contribuem para nosso alinhamento, ou seja, a postura, a forma como nós nos projetamos uma em relação a outra em relação ao discurso que está sendo construído (RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 107). Cássia, desse modo, continua sua fala em um alinhamento comigo, reenquadrando a conversa de forma a (re)elaborar sua vivência como empregada doméstica no Rio de Janeiro na década de setenta.

Cássia, ao se alinhar com a minha fala sobre o apagamento do nordestino e reenquadrar a conversa para a questão do trabalho doméstico, evidencia, de acordo com meu entendimento, um possível traço do estigma de "ser doméstica", pois, em sua fala, essa não é uma identidade para a qual a sociedade atribui algum valor positivo (cf. fragmento 16, linhas 506 e 507). Como explicitado no capítulo quatro, o estigma não é uma etiqueta com categorias pré-determinadas que podem ser aplicadas a um indivíduo ou a um grupo, mas é construído por conta de uma informação social negativa que o sujeito transmite sobre si mesmo, de forma voluntária ou não (GOFFMAN, [1963] 1988). Esse atributo depreciativo, portanto, é (co)construído na interação por uma violação de expectativas do que é normal em relação ao contexto social em que um indivíduo se apresenta. Cássia (re)constrói o estigma que existe não no mundo da narração, na interação entre comigo, mas sim no mundo da narrativa.

Nesse momento, Cássia se alinha em determinado aspecto com Macabéa, se (re)construindo como uma mulher pobre que sofre humilhações ("principalmente ser pobre sempre foi sempre foi mais a humilhação" cf. fragmento 16, linhas 512 a 514). Em seguida, a participante parece falar apenas da personagem, que além de pobre, é nordestina e sem pai e sem mãe, magra e feia com mancha na cara. Ou seja, minha interlocutora adiciona mais alguns dados para a cota de qualidades pejorativas que Macabéa carrega (cf. fragmento 16, linhas 514 a 518). O estigma, portanto, é a própria observação de um atributo profundamente depreciativo que entra em tensão com o estereótipo, com a expectativa que temos sobre o indivíduo (BIAR, 2015, p. 117). Cássia avalia Macabéa, julgando a personagem pela sua anormalidade, o que também ratifica (re)construção do estigma percebido pela participante.

É importante notar que o estigma atribuído à Macabéa também pode ser compartilhado por ela mesma, doméstica e nordestina. Como já apresentado anteriormente, o estigmatizado não vive em um mundo à parte e compartilha das expectativas sobre identidade e comportamento social com os ditos "normais", aprendendo a perspectiva da normalidade, adquirindo, crenças da sociedade mais ampla em relação ao que significa possuir uma marca de diferença que os outros veem como defeito, e permanece suscetível a essa perspectiva (GOFFMAN, [1963] 1988).

Sendo assim, quando o estigma é reconhecido, o indivíduo é reduzido às características negativas e passa a ser descreditado. Como efeito das práticas sociais nas quais Cássia estava inserida, todas as características destacadas compõem, assim, o seu estigma. O padrão de "normalidade", portanto, seria ter nascido no Sudeste, possuir acolhimento da família, ser de uma classe social superior e ser bonita. Macabéa é definitivamente afetada por sua condição social, na medida em que ela determina todas as suas carências (SOUZA, 2006, p. 85). Como veremos a seguir, Cássia tenta, discursivamente, se afastar das características de Macabéa.

### Fragmento 17

571 Cássia <não ela ficou chateada> porque eu falei que não ia ficar  
 572 lá porque o marido dela Luis tava dando em cima de mim  
 573 ... ela ficou com ciúme do cara de comigo com o cara ...  
 574 E EU ERA DIFERENTE DA MACA- dessa menina eu era morena  
 575 do cabelo cacheado bonita ... entendeu? ... corpo  
 576 magrinho trinta e oito com bundinha empinadinha parecia  
 577 uma formiguinha ... a viviane já me chama de bundinha  
 578 empinadinha (hhhh) e todas as casas que eu trabalhava que  
 579 tinha patrão novo eu saia de lá ficava um mês quinze dias  
 580 saia,

581 Odete hum.

582 Cássia patrão dava em cima da minha porta do meu quarto queria  
 583 me comer me pegar ... queria me pegar ... teve uma casa  
 584 que eu fui trabalhar ... >naquela época eles dava em cima  
 585 mesmo se a empregada desse mole eles comiam mesmo passava  
 586 na frente< ... passava rolo ... teve uma casa que eu fui  
 587 trabalhar fiquei uma semana lá ... a mulher já conhecia  
 588 o marido ... ela falou "é eu sou muito sincera dizer  
 589 cássia não vou ficar com você aqui não porque você é  
 590 muito bonita ... eu conheço meu marido" ele já tava de  
 591 olho realmente em mim ... eu já tava doida pra ir embora  
 592 de lá ela falou isso na minha cara .... que não ia ficar  
 593 comigo porque eu era muito bonita para trabalhar ... lá  
 594 o marido dela era muito safado ... era acostumado a  
 595 (incompreensível) empregada ... eu não queria um marido  
 596 desse eu ficava imaginando assim eu vou querer um marido  
 597 desse que dá em cima da minha empregada ... entendeu?

No fragmento 17, Cássia está concluindo um pequeno episódio que narra um desentendimento com determinada pessoa por uma questão de ciúme. Nesse momento, como apresentei no capítulo anterior, Cássia começa a se (re)construir identitariamente pela diferença de Macabéa, inclusive marcando essa distinção na avaliação em tom mais elevado da voz ("eu era diferente da Maca" cf. fragmento 17, a seguir, linha 574). Quando ela diz ser "morena do cabelo cacheado", "bonita", com "corpo magrinho trinta e oito" e com "bundinha empinadinha" (cf. fragmento 17, linhas 575 a 578), ela está performando uma identidade de gênero, marcando discursivamente o que é ser uma mulher não estigmatizada por sua aparência (MOITA LOPES, 2009).

Compreender o gênero como uma construção social é importante para compreender o estigma que Cássia (re)constrói. Goffman, ao analisar anúncios publicitários, explorando a representação de homens e mulheres formula o conceito de "display" de gênero (GOFFMAN, 1979) para explicar os marcadores ritualizados que indicam o pertencimento a grupos de gênero que são assimilados

de forma tácita (GASTALDO, 2008). Goffman, portanto, desessencializa a noção de gênero como sendo natural, inerente ao ser humano, mostrando que as noções de masculino e feminino são construções sociais. Outra pesquisadora que, na contemporaneidade, trabalha com a noção de gênero como uma construção social é Butler (2004). Para a autora, o gênero é uma performance, constituindo a identidade que ele pretender ser. Sendo assim, o gênero é o que um sujeito faz nos posicionamentos que ocupa, nos modos de agir no mundo e nas narrativas que conta (MOITA LOPES, 2009).

Por conseguinte, se alinhando a essa (re)construção do que é ser feminino, a essa performance de identidade e de gênero social, Cássia pode escapar do estigma da migrante nordestina, magra, feia, representado por Macabéa. Em todas as nossas interações, fazemos um esforço, um trabalho de face, para nos construirmos como a melhor versão de nós mesmos. Queremos apresentar a melhor impressão possível; precisamos nos comportar de determinada forma para que um traço estigmatizado não recaia em nós. Estamos sempre tentando proteger nossa face, estabelecendo a normalidade das coisas. Sendo assim, acredito que, ao se (re)construir em oposição à Macabéa, como uma mulher bonita, Cássia lança mão de uma estratégia discursiva para projetar a melhor apresentação de si mesma.

Entretanto, essa (re)construção identitária da "mulher bonita", pode, dependendo do enquadramento e da definição de situação, do contexto social no qual se está inserido, constituir um estigma. Podemos observar isso na própria narrativa de Cássia, que vive em uma sociedade na qual o sexo feminino está subjugado ao masculino. O fato dela ser uma mulher muito bonita, desejável, aparece como estigma quando, por exemplo, uma patroa a manda embora por ser, novamente, "muito bonita" (cf. fragmento 17, linhas 588 à 593), ou quando Cássia expõe sua opinião sobre aparência física, como veremos mais à frente no fragmento 19. É possível notar, então, que a participante não ignora que o estigma possui uma característica mutável, dependendo do contexto social no qual se está inserido.

Todos os episódios narrados por Cássia, em meu entendimento, estão correlacionados às relações hierárquicas de gênero, que estão presentes em toda a nossa interação. Então, também conectado ao que significa ser homem e mulher, isto é, pertencer ao gênero social masculino e feminino, Cássia conta sobre as

condições de trabalho em que ela vivia nas chamadas "casas de família". Em sua fala, ela mostra como se comportavam os padrões de ambos os sexos, endossando o que seria essa configuração de gênero social, i.e., o que é preciso para se enquadrar no que é considerado adequado ou normativo para a sociedade em questão.

Logo, a ideia de condutas ritualizadas aparece presente na narrativa de Cássia, quando é naturalizado o assédio sexual e até mesmo o abuso sofrido por ela (cf. fragmento 17, linhas 582 e 593). Também é naturalizada, em seu discurso, a culpa pelo abuso como sendo do gênero social feminino. É possível observar isso na fala "se a empregada desse mole eles comiam mesmo passava na frente" (cf. fragmento 17, linha 585 e 586) e, também, na fala reportada de uma das patroas que diz não manter o emprego de Cássia por sua beleza (cf. fragmento 17, linha 586 a 595). Ou seja, a construção discursiva de Cássia mostra que já é esperado, por uma conduta ritualizada socialmente, que o homem, animalesco, vá atrás da fêmea que bem entender, mesmo que ela seja uma funcionária no ambiente de trabalho. Para que a culpa não recaia sobre ela, é a mulher que deve se cuidar, se resguardar.

### Fragmento 18

600 Cássia A MULHER ACEITAVA [algumas aceitavam,]  
 601 Odete [era::] por era aquele casamento  
 602 tradicional né que você::  
 603 Cássia tinha que aceitar o marido e >tinha algumas mulheres< que  
 604 não trabalhavam dependia do marido  
 605 Odete ah::  
 606 Cássia então aceitavam as safadezas dele botavam até a empregada  
 607 para fora ... entendeu? sabia e botava a empregada para  
 608 fora entendeu? ... eu quando me arrumava o trânsito eu  
 609 saia na real grandeza fazia os carros até bater no outro  
 610 hã ... de tão bonita que eu era era↑ cê vê pelas fotos  
 611 de cabelo curtinho né que eu tinha né pelas fotos sua mãe  
 612 era muito bonitinha entendeu? ... aí seu costa dizia  
 613 estuda minha filha estuda se eu tivesse escutado ele ...  
 614 eu tinha estudado mais se tivesse feito um pouco mais de  
 615 esforço tinha estudado mais mas tinha casa que não dava  
 616 ... não dava:: >como é que se diz< permissão para estudar  
 617 a noite tinha que servir janta colocar comida na mesa↑  
 618 tirar↑ a↑ mesa↑ ... e aí eu tinha que parar de estudar  
 619 entrava em uma casa↑ começava↑ a↑ estudar↑ e saia ...  
 620 entendeu? não era mole não naquela época era difícil e

621 eu precisava do trabalho para dormir que eu não tinha  
 622 onde dormir ... OU EU ACEITAVA ... trabalhar na casa para  
 623 dormir IA DORMIR AONDE? na rua, tinha que aceitar isso  
 624 ... entendeu? ... então seria o que? prostituta mulher  
 625 do mangue né eu nunca queria ser isso jamais ... entendeu?  
 626 não é mole não sujeitava a muita, ... CHEGAVA GENTE visita  
 627 cê era igual escrava ... nove dez horas da noite tinha  
 628 que ir pra cozinha fazer café pra visita.

629 Odete acho que é a grande questão da existência né que ela fala  
 630 né

631 Cássia exatamente tinha que fazer as coisas e quando era cedo  
 632 tinha que acordar ... 6 horas da manhã eu tava em pé  
 633 trabalhei muito 6 horas TINHA UMA CASA que eu trabalhei  
 634 que eu acordava 5 e meia 6 horas eu ia pra padaria pegar  
 635 pão 7 horas o café tinha que estar na mesa antes de 7  
 636 horas ... entendeu? ... estudava a noite nessa época  
 637 fazia isso ... eu nem dormia quase dormia muito pouco ...  
 638 e adolescente sente muito sono né

No fragmento 18, Cássia reitera as performance de gênero social e a hierarquia do masculino sobre o feminino, dizendo que a mulher dependia do homem, por isso "aceitava as safadezas dele" (cf. fragmento 18, linhas 600 a 608). Ela segue se (re)construindo como uma mulher muito bonita, que "parava o trânsito" (cf. fragmento 18, linhas 608 a 612). Como já explicitiei, acredito que Cássia utiliza essa construção como uma estratégia para sair de uma posição de estigma da "mulher feia", que não condiz com a forma ritualizada como uma mulher deve se apresentar, isto é com a expectativa de normalidade que é sustentada pela sociedade. Se construir como uma mulher bonita, ainda, pode ser uma maneira de justificar os abusos sofridos em casas de família. Percebo que Cássia recorre a uma (re)construção identitária do feminino para (re)organizar sua experiência e compreender como funcionam as relações entre os gêneros.

Para além disso, apesar dessa aparente naturalização das relações entre os gêneros, existe uma resistência no discurso de Cássia, quando ela fala, por exemplo, que "não queria um marido desse" (cf. fragmento 17, linhas 595 a 597). Também compreendo como forma de resistência a importância que a participante atribui à atividade escolar. Ela usa uma repetição, enfatizando o processo "estudar" como uma ação que poderia ter, talvez, transformado sua vida. Utilizar o processo "tivesse escutado", no modo subjuntivo, me sugere uma dúvida, um momento de vida que ficou incompleto, isto é, algo poderia ter acontecido se ela tivesse seguido o conselho de seu amigo (cf. fragmento 18, linhas 612 a 615). Em sua narrativa,

estudar seria a única saída possível para o confinamento em que ela existia, como mostro a seguir.

Nesse momento, Cássia começa a fornecer maiores detalhes sobre suas relações de trabalho e explicita o motivo pelo qual parou de estudar: "tinha casa que não dava permissão para estudar a noite" (cf. fragmento 18, linhas 615-616). É possível perceber que a relação de trabalho, na qual a participante estava inserida por uma necessidade de sobrevivência, era abusiva. Segundo Lisboa (2006, p. 160), as relações entre trabalhadoras domésticas e patrões são complexas e multidimensionais, porém, em sua essência, configuram um tipo de exploração, perpetuando um sistema de estratificação social que articula necessariamente as categorias gênero, classe e etnia. O abuso e assédio sofridos por Cássia não era apenas o sexual, mas sim a privação de sua própria vontade e de sua liberdade. Sendo assim, entendo que Cássia (re)constrói as chamadas "casas de família" como instituições totais.

Conforme apresentado no capítulo quatro, Goffman ([1961] 1974, p. 11), ao estudar manicômios, conventos e internatos, define essas instituições como "totais" no sentido de serem locais de trabalho ou residência em que indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada por outros sujeitos. Essas instituições, em suma, formam o todo do mundo para o indivíduo.

O fechamento a que Goffman se refere, por parte da instituição, é simbolizado pela barreira no acesso ao mundo social externo. Portanto, um dos tipos de instituições totais que Goffman descreve são aquelas estabelecidas para realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho e que se justificam apenas por meio de tais fundamentos instrumentais (GOFFMAN, [1961] 1974, p. 16-17), características das "casas de família" descritas. O tipo de local que eu busco descrever aqui como uma instituição é, para uns, apenas uma residência de família; para a empregada doméstica migrante, porém, esse lugar configura-se como residência e local de trabalho, o que, muitas vezes, representa o todo do mundo a que ela tem acesso nessa "cidade grande".

Percebo, no discurso de Cássia, que as "casas de família" se tornam o lugar em que ela se alimenta, dorme e trabalha, onde há um grupo hierarquicamente superior (os patrões, atuando como o grupo da supervisão), que administra os seus horários e as suas atividades rigorosamente estabelecidas. Isso fica evidenciado na



fala "tinha que servir janta colocar comida na mesa tirar a mesa" (cf. fragmento 18, linhas 617 e 618). Cássia reitera que precisava do trabalho, pois não tinha local para dormir.

Era preciso se sujeitar a qualquer tipo de humilhação nas "casas de família" para que ela não precisasse se tornar uma prostituta, papel que ela estigmatiza (cf. fragmento 18, linhas 624 e 625). Esse, talvez, seja o efeito de "loop", também descrito por Goffman ([1961] 1974), em que toda tentativa de denunciar a humilhação leva a mais humilhação. Cássia existia em uma supressão de lares reais e potenciais e se coloca no lugar de escrava (cf. fragmento 18, linha 677), termo forte, porém adequado a situação de subsistência e servidão. Ou seja, o self é esfacelado e todo o papel que Cássia poderia exercer no mundo externo, como o de estudante, lhe é negado.

No momento final deste recorte, Cássia conclui sua narrativa de sofrimento, retomando o tema inicial sobre a questão da aparência. Macabéa, personagem de Clarice, é narrada como uma mulher feia, que foge do padrão normativo do que é ser feminino. Cássia se (re)constrói identitariamente na diferença, como vimos em trechos do capítulo cinco, marcando sua beleza como aspecto que pode ou não ser estigmatizado dependendo da definição de situação e do enquadre. O estigma não pode ser entendido, portanto, de forma essencializada, mas sim em uma visão interacional. Goffman mostra, por exemplo, que um atributo que estigmatiza uma pessoa pode confirmar a normalidade de outra ([1963] 1988, p. 13). Cássia percebe essa dualidade ao dizer "é bom pra uma coisa que você é bonita e ruim pra outra coisa né" (cf. fragmento 19, a seguir, linhas 643 e 644).

### Fragmento 19

640 Cássia ah > dezoito pra dezenove anos quando assim que cheguei  
 641 do rio de janeiro dezenove anos dezoito pra dezenove  
 642 anos< ... sentia muito sono ... a gente sente sono né ...  
 643 então minha filha não é mole não entendeu? ... É BOM pra  
 644 uma coisa que você é bonita e ruim pra outra coisa né ...  
 645 que feia que magra é ruim que você não consegue ... que  
 646 quando você É uma pessoa assim ... que tem aparência ...  
 647 que é mais bonita você arranja mais amizades† ... aqui  
 648 no Rio de Janeiro naquela época era assim

649 Odete será que são amizades de verdade né?,

650 Cássia era [só mais para tirar proveito]

651 Odete [que só te querem pela aparência†]

652 Cássia =É- E A SOCIEDADE não sempre foi foi assim? ... entendeu?  
 653 ... ninguém queria ter colega feia naquela época chegar  
 654 em um lugar e apresentar uma colega feia ... entendeu?  
 655 ... e até pra ter amizade naquela época você tinha que  
 656 ter aparência ... ser muito feia ser mal vestida demais  
 657 ninguém queria muita amizade com você ... <é difícil↑  
 658 odete> essa coisa- a sociedade é muito é muito ... a  
 659 sociedade é muito ruim ATÉ HOJE né odete ... até hoje ...  
 660 CHEGA NUM LUGAR AÍ mal vestido e chega um bem vestido pra  
 661 ver quem eles atendem primeiro quem? o bem vestido ...  
 662 VAI DE SANDÁLIA DE DEDO sair por aí pra algum lugar eles  
 663 te botam tu pra fora o que chegar lá bem vestido vai  
 664 atender melhor↑ ... aparência tudo muda odete ...  
 665 aparência é tudo eles vê muito a aparência ... as vezes  
 666 chega um trabalhador lá de roupa meia meia maltrapilha  
 667 uma roupinha mais feia mas chega um cara de terno de  
 668 sapato bonito (então é status) e as vezes é um bandido e  
 669 assaltante agora tá colocando terno e gravata para roubar  
 670 ... entendeu? ... tudo isso. vai dormir que você tá com

Em uma espécie de metalinguagem, Cássia faz reflexões extremamente goffmanianas ao assumir que a sociedade vive de aparências (cf. fragmento 19). Penso que essa concepção encontra respaldo nas performances de gênero social. Cássia diz que "ninguém queria ter colega feia" (cf. fragmento 19, linhas 653 e 654) e que "ser muito feia ser mal vestida demais ninguém queria muita amizade com você" (cf. fragmento 19, linhas 656 a 657), remetendo a características que se esperam do sexo feminino: ser bela e bem cuidada. Compreendendo o self como uma construção social, percebo, no discurso, a tentativa de sustentar uma autoimagem. Cássia se (re)constrói junto à Macabéa, se afastando da personagem, para se colocar sob uma luz favorável. E, de forma a se afastar do próprio estigma, ela estigmatiza o outro.

É importante notar, entretanto, que ao estigmatizar o outro, Cássia está em um exercício de reprodução de estereótipos, indicando que a construção deste estigma também é estrutural, isto é, está no nível macro das relações sociais de poder e dominação. Consoante a construção elaborada pela participante, concluo que "ser mulher" é o atributo depreciativo que marca o estigma na sociedade patriarcal em que Cássia estava inserida e na qual todos nós continuamos vivendo. Ser mulher é, portanto, ser um indivíduo desacreditado.

Nesta primeira seção, vimos, então, como a (re)construção identitária de Cássia passa pela (re)construção do estigma de ser uma mulher migrante nordestina e pela tentativa de afastamento dele. O fator de maior peso em ser

nordestina e migrante parece ser, de fato, a questão de gênero social. O modo como o ambiente de trabalho é narrado também é um ponto marcante nos dados de Cássia. Passarei a seguir a análise dos dados de Taís, segunda participante deste estudo, buscando tecer algumas comparações com os aspectos já observados em Cássia.

## 6.2

### "Mandou embora não, ela me expulsou"

Os momentos narrativos de Taís que trago para esta análise fazem parte de sua narrativa maior, sua história de vida (LINDE, 1993). Como vimos anteriormente, alguns destes trechos podem ser compreendidos como "accounts" (DE FINA, 2009), ou seja, narrativas breves que explicam algo que está, de alguma maneira, fora da normalidade. É importante lembrar, antes de irmos aos dados, que o movimento migratório de Cássia e Taís estão separados por um hiato de quarenta anos. Contudo, como veremos em seguida, Taís narra histórias similares às de Cássia, o que chamou minha atenção. O título desta subseção remete, portando, à história sobre como a segunda participante desta pesquisa foi expulsa do local onde trabalhava e morava. Taís narra, assim como Cássia, histórias de abuso e de assédio nas chamadas "casas de família", compreendidas por mim a partir do conceito de instituição totais de Goffman.

#### Fragmento 20

124 Taís =e aí "eu fui perguntei pra ela se você não estava fazendo  
125 as coisas" e ai ela falou de um jeito como se você não  
126 tivesse fazendo ela disse "ah não eu- é:: só pra poder  
127 ajudar ela" "mas aí eu perguntei se você tava aju- fazendo  
128 as coisas ela disse" "é, né?" tipo "é né?" é como se não  
129 tava fazendo aí eu fiquei na minha calada e disse "olha  
130 só se eu- se eu tava limpando agora eu vou limpar ainda-  
131 eu vou limpar o dobro porque eu tô aqui- eu vim de longe  
132 que eu tô aqui porque eu preciso e eu tenho coisas pra-  
133 pra realizar que é a minha casa e a minha faculdade ...  
134 se eu tiver que triplicar pra limpar a casa dela eu vou  
135 triplicar pra limpar a casa dela" e ai que foi que ela  
136 fez? ela foi contar pra amiga dela ... e aí fazia dois  
137 meses e quinze dias- exatamente dois meses e quinze dias  
138 que eu estava na casa dessa médica ela:: ... ela disse o  
139 seguinte pra mim no dia do meu aniversário no dia quinze

140 de outubro eu lembro como hoje ... ela disse "olha só não  
 141 vai prestar você- você trabalhar aqui não e me faça- eu  
 142 conversei com a tetê e isso e isso e isso você foi dizer  
 143 que eu- que eu estava te humilhando para você fazer as  
 144 coisas aqui" e an- e um dia antes dela chegar pra me  
 145 contar isso ela comprou umas- digamos ela deixava  
 146 dinheiro pra comprar (incompreensível) na feira pra filha  
 147 dela e comprar também o mais barato pra mim o da filha  
 148 dela era bem melhor e aí nesse dia ela não trouxe nenhum  
 149 e nem deixou dinheiro para mim comprar e aí eu abri a  
 150 geladeira ... fechei a geladeira não tinha o que eu- o  
 151 que eu comer aí ela disse "olha só,

152 Odete você não podia pegar determinadas coisas na geladeira?

153 Taís =o que era da filha dela não então é eu (lógico que eu  
 154 vi) eu acho que isso aqui não é pra mim ela também falava  
 155 é chegou pra mim e disse assim "olha só você precisa  
 156 mudar o seu jeito de falar que você fala muito errado ...  
 157 é se você quer é crescer ... é ter uma profissão,  
 158 desculpa, mas você tem que estudar" aí eu abaixei a cabeça  
 159 e não falei nada isso era o que ela falava comigo† e  
 160 deixa pra lá né continuei fazendo lavando roupa fazendo  
 161 isso fazendo aquilo e ela disse pra mim no dia quinze de  
 162 outubro "olha só eu quero que você saia daqui agora que  
 163 você vista- vista uma roupa e saia daqui agora que eu não  
 164 quero nem olhar pra sua cara" me disse coisas ABSURDAS  
 165 que ninguém- não se fala com o [outro]

166 Odete [meu deus]

167 Taís olhei pra ela e não falei uma palavra só falei assim  
 168 "olha só eu espero que um dia você descubra realmente o  
 169 que que aconteceu ... só isso que eu digo pra você que  
 170 deus tá vendo tudo que tá acontecendo" é eu olhei pra  
 171 porta ... em dois meses e quinze dias não tava saindo  
 172 para nenhum lugar eu não conhecia o rio de janeiro ...  
 173 ela dizia pra mim "olha anda de cabelo preso porque você  
 174 tem um cabelo é grande alguém pode vir e cortar o seu  
 175 cabelo pra vender" até isso ela falou pra mim então eu  
 176 fiquei um pouco assustada né? mas beleza ((narra  
 177 chorando))

No fragmento 20, recupero um trecho já analisado no capítulo cinco (cf. fragmento 11). Nesse momento, Taís começa a narrar um episódio específico dentro da história maior - um "account" nos termos de De Fina (2009). Minha interlocutora narra uma separação entre os alimentos da casa. Podemos perceber a tensão entre o que é da filha de sua patroa e o que Taís pode utilizar para consumo próprio por meio dos posicionamentos avaliativos ("comprar também o mais barato pra mim o da filha dela era bem melhor" cf. fragmento 20, linhas 147 e 148) (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009). Taís aprecia a qualidade dos alimentos fornecidos à filha, membro da família, como melhores em relação aos que ela tinha acesso. Em seguida, minha interlocutora conta sobre o dia em que ela

não pôde se alimentar. O movimento de "abrir a geladeira e fechar a geladeira" sem nada retirar (cf. fragmento 20, linhas 149 e 151) avalia a situação como anormal, criando a carga dramática da situação, como vimos no capítulo anterior.

Logo a seguir, na linha 154, Taís inicia um novo "account" para reforçar a situação de anormalidade em que ela vivia. Sua patroa diz que "ela precisa estudar e mudar o seu jeito de falar" (cf. linhas 155 a 158). Por sua vez, Taís narra sua reação de abaixar a cabeça (cf. linhas 158 e 161), que também configura-se como uma avaliação de toda a situação. Como podemos perceber, assim como Cássia, Taís vive uma relação de trabalho extremamente abusiva, em que sofre privações, assédio moral e humilhações. O estigma de ser nordestina aparece aqui (re)construído como marca que a distingue de sua patroa; é Taís quem precisa estudar e mudar o jeito de falar.

Na linha 161, vemos a passagem de um nível de narração a outro. Taís termina seu "account" e volta para a narrativa maior para contar o fatídico episódio em que é expulsa de seu local de trabalho e residência. Podemos notar, nas linhas 164 e 165, que Taís se posiciona de novo, avaliando a anormalidade da atitude de sua então patroa ("me disse coisas absurdas que ninguém não se fala com o outro"). Seguindo, nas linhas 171 e 172, a participante me fornece, discursivamente, um indício para entender, mais uma vez, as "casas de família" como instituições totais (GOFFMAN, [1961] 1974). Taís, recém chegada à cidade, não conhece o Rio de Janeiro, não saía para nenhum lugar.

Para explicar essa colocação, nas linhas 173 a 176, a participante narra, em mais um "account" com carga avaliativa, que sua patroa lhe disse para ter cuidado ao andar na rua sob o risco de ter o cabelo cortado, isto é, sofrer uma violência. Em minha leitura, entretanto, a própria advertência torna-se uma violação do direito de ir e vir de Taís, migrante em uma cidade grande totalmente nova. O "account" serve, assim, para justificar e explicar o porquê de Taís, em dois meses, pouco conhecer do Rio de Janeiro. Minha interlocutora (re)constrói o medo instigado por sua patroa. É curioso notar que o "cabelo grande" é mais um aspecto do que é feminino, da construção performativa do gênero social. De forma similar à Cássia, a (re)construção identitária de Taís também passa pela construção do que é ser mulher, gênero social que ela ocupa e pelo qual sofre assédio moral. Novamente, é possível perceber que o estigma de ser migrante e nordestina é, para além disso,

(re)construído pelo estigma de ser mulher. No fragmento a seguir, vemos a continuação dessa narrativa.

### Fragmento 21

223 e tinha conversado né isso antes tudo de chegar o dia  
 224 quinze de outubro que foi o dia que ela me mandou embora  
 225 Odete [ela sabia que era seu aniversário?]  
 226 Taís [mandou embora não, ela me expulsou] sim ela me expulsou  
 227 ela não me mandou embora não ela me expulsou e aí eu fiz  
 228 eu olhei assim e agora? eu tinha acho que eu tinha mil  
 229 reais na minha conta e aí eu tenho o dinheiro pra dormir  
 230 em algum lugar hoje mas eu não conheço o rio de janeiro  
 231 e agora? que que adianta você ter mil reais dois mil e  
 232 você não conhecer o lugar  
 233 Odete cê fica desnorreada né  
 234 Taís mas aí eu pensei digo agora eu vou ter que pedir ajuda a  
 235 alguém que eu não conheço ... uma pessoa que eu conheci  
 236 há dois dias atrás

No fragmento 21, podemos observar como Taís se posiciona e relação aos eventos narrados. Sua patroa não a mandou embora, a expulsou (cf. linhas 226 e 227). Taís narra a sensação de desespero ao ser colocada na rua sem conhecer a cidade, sem saber para onde ir. Esse é um aspecto fundamental ao analisar o próprio fenômeno migratório. Sair de seu local de origem, no qual estão suas raízes, para reconstruir a vida em um novo lugar, não pode ser entendido como um momento pontual na vida do migrante, mas precisa ser visto como um processo. Isso pode ser percebido na própria maneira como as participantes deste estudo narram suas histórias de migração a partir de episódios que reconstroem o antes e o depois do momento em que se deixa um lugar; do momento em que se chega a um novo local.

Migrar, portanto, é mais do que a viagem para a "cidade grande". Taís nos mostra isso ao focar justamente na falta de conhecimento do lugar, portanto, apesar dos dois meses em que está aqui, sua migração não está "completa". Possuir dinheiro, naquele momento, não solucionava o problema de Taís, afinal, durante o tempo em que viveu na "casa de família", compreendida por mim como uma instituição total, ela não ganhou autonomia para se locomover. Em seguida, no próximo fragmento, podemos observar parte da narrativa de Taís que remonta o

tempo vivido após o episódio de expulsão e que mostra o estigma fora dos muros da "casa de família".

## Fragmento 22

396 Taís e:: resolvemos ir morar juntos ... as pessoas não  
 397 acreditaram é:: não acreditaram "poxa essa menina nova  
 398 será que vai dar certo" a família inteira não chegou a  
 399 acreditar eu via isso. e uma coisa devido o que aconteceu  
 400 isso tudo eu via o quanto meu esposo era inteligente  
 401 quantas pessoas que estavam do lado dele tem  
 402 fisioterapeuta† tem dentista† tem pessoas formadas em  
 403 administração† todo mundo tem uma profissão†

404 Odete uhum

405 Taís eu não tinha† eu não sabia falar e olha só eu não sei  
 406 falar as pessoas tem qualificação para falar as pessoas  
 407 estudaram tem profissão e agora ... "me ajuda- eu falei  
 408 pra ele me ajuda a falar eu não sei" e aí aos poucos ele  
 409 me ensinou a falar também nunca tinha ido (inaudível)  
 410 nunca tinha ido em restaurante eu fui uma vez duas vezes  
 411 com meu esposo

412 Odete parece um pouco com a macabéa né

413 Taís e eu falei assim "olha é não quero muito ir nesses lugares  
 414 não porque eu não sei como pegar não sei como pegar o  
 415 garfo" não sei eu nunca tive nunca fiz isso sempre  
 416 trabalhei pra juntar um pouquinho pensando sempre no meu  
 417 futuro ... não é tanto que quando eu vim estudar eu tinha  
 418 o dinheiro do meu primeiro período de faculdade ...  
 419 primeiro não metade né

No fragmento 22, vemos Taís narrar a decisão de ir morar junto com seu atual esposo. Minha interlocutora constrói discursivamente um vínculo assimétrico em relação ao seu marido, a partir do que era dito por outras pessoas. Isso fica claro quando a participante constrói uma avaliação, julgando a si mesma e o marido pela capacidade, no campo da estima social (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009). Essa avaliação negativa de sua própria imagem em "essa menina nova" (cf. linha 397), me parece ser uma fala das "pessoas que não acreditavam" no relacionamento. No tocante ao marido, temos o julgamento positivo de Taís "eu via o quanto meu esposo era inteligente" (cf. linha 400). Esse posicionamento que coloca os dois em oposição também é expresso por uma linguagem da avaliação mais implícita. Taís é uma migrante, quase sozinha em uma nova cidade e sem estudos, enquanto eu marido possui muitas pessoas ao redor, todos formados e com profissão (cf. linhas 400 a 403).

Recuperando a fala de sua ex-patroa, Taís assume que a sua característica distintiva já é conhecida por todos ou é imediatamente evidente, isto é, ela assume a condição que Goffman ([1963] 1988) conceitua como a de sujeito desacreditado. O indivíduo estigmatizado pode, ainda segundo o autor, tentar corrigir a sua condição, o que podemos observar na fala de Taís (cf. linhas 407 e 408 "me ajuda- eu falei pra ele me ajuda a falar eu não sei"), em que percebo, novamente, a importância da figura masculina para a (re)construção identitária.

É significativo notar como essa (re)construção identitária é fluida; apesar de Taís se colocar nesse lugar de quase infantilização, em que o marido a ensina a falar e a pegar no garfo (cf. linhas 407 a 415), ela também (re)constrói a identidade da mulher batalhadora, que busca transformar o seu futuro. De forma similar à Cássia, a (re)construção identitária é fundamentada na relevância que os estudos possuem na vida de Taís. Para ambas as participantes, assim, o futuro (re)construído na narrativa está fortemente relacionado com a construção identitária da mulher migrante que percebe a educação como porta de acesso a melhores condições de vida. No próximo fragmento, Taís segue sua narrativa sobre a relação com o marido e o desenvolvimento da vida acadêmica.

### Fragmento 23

- 421 Taís então consegui ... e aí quando vim pra cá não conseg- por  
 422 enquanto não consegui emprego ainda que tá um pouco  
 423 difícil e porque você passa a estudar e tem outros olhares  
 424 querer- querer trabalhar na sua área que você tanto quer  
 425 ... deixa eu ver o que eu posso falar ((olha as anotações  
 426 no papel))
- 427 Odete o que que você achou da da história ... como um todo  
 428 assim?
- 429 Taís como um todo em que- ela relata uma realidade porém nem  
 430 todo mundo pode ir pra essa realidade eu fui pra um lado  
 431 bom da realidade mesmo passando por tudo isso eu não  
 432 pensei em nenhum momento em vender meu corpo para poder  
 433 ficar no rio de janeiro
- 434 Odete uhum
- 435 Taís pelo contrário eu queria trabalhar queria estudar pra  
 436 poder realizar os meus sonhos ... então tem uma frase que  
 437 ela fala que de fato- "um fato é um ato e um silêncio uma  
 438 pergunta" então eu (alto) e fiz era o silêncio uma  
 439 pergunta o silêncio é você permanecer em si mesmo uma  
 440 pergunta do tipo por que isso tudo tinha que acontecer  
 441 comigo ... e eu tinha que erguer a cabeça e passar por  
 442 tudo- enfrentar isso



443 Odete aham  
 444 Taís mesmo vindo que as vezes tinha medo. achava que meu esposo  
 445 não ia ficar comigo porque eu era ... uma menina que  
 446 passou cinco anos sem estudar o vocabulário dela é todo  
 447 do nordeste tinha coisas que as pessoas falavam que depois  
 448 eu falava assim "amor que que é isso?" ele tinha que me  
 449 explicar o que que era porque eu não sabia ... e:: HOJE  
 450 quando eu ligo pra alguma amiga minha e falo bem as  
 451 pessoas até brincam fala "taís olha tu tá falando carioca"  
 452 aí eu "não gente é porque as pessoas aqui falam assim é-  
 453 pegam- falam muito as palavras no plural e a gente aí não  
 454 usa" ... a gente usa assim a forma mais direta possível  
 455 ... aí todo mundo brinca comigo aí poxa é isso mesmo mas,

No fragmento 23, mais uma vez, podemos observar uma construção pela diferença não apenas de Macabéa, mas de toda a "realidade" possivelmente representada pela obra literária. Taís vai para o "lado bom da realidade" (cf. linha 430 a 431). Recorrendo ao próprio texto de Clarice Lispector, Taís se esforça para (re)construir sua própria vida, o que também significa construir os sentidos da obra que lemos. Ela não apenas busca o sentido, mas, adicionalmente, edita a obra conforme o seu entendimento, como podemos observar na linha 383, cuja passagem faz referência ao trecho da obra "O fato é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta." (LISPECTOR, C. [1977] 1998. p. 17).

Citando a própria obra literária, portanto, Taís volta a se (re)construir como a mulher que luta, erguendo a cabeça, enfrentando e passando por todos os obstáculos para alcançar o seu objetivo. Penso que é possível relacionar esse olhar de Taís para a obra literária com a ideia de Jauss ([1967] 1994) que um leitor atualiza uma obra literária, a transformando em acontecimento, a partir de suas experiências anteriores, i.e., o leitor carrega consigo uma bagagem sociocultural da qual não pode abrir mão e que interfere na recepção de um determinado texto (ZILBERMAN, 2008).

Em suas próprias palavras, ao contrário do que é posto pelo texto de Clarice, Taís se (re)constrói como uma mulher que busca os seus sonhos e enxerga na educação uma possibilidade de ascensão social. Sendo assim, ela continua narrando a importância do estudo, a batalha pelo seu objetivo de ser professora e a conquista que foi a sua entrada para a universidade. É pertinente notar que Taís recorre às suas anotações no papel (cf. linhas 425 e 426), o que ratifica os papéis de

aluna e professora assumidos por nós ao longo de toda a interação, conforme já analisado no capítulo anterior.

Em sua narrativa, a participante volta a se avaliar como uma "menina" (cf. linha 445), usando a linguagem da avaliação para expressar um afeto de insegurança em relação ao marido; ela tinha medo de que o seu estigma pudesse afastá-lo do relacionamento (cf. linhas 444 e 445). Isso é complementado com mais avaliações, em que Taís, inclusive, fala de si mesma na terceira pessoa (cf. linha 446). Em minha interpretação, a necessidade de sair de si mesma reflete o movimento da participante de se descolar dessa identidade estigmatizada (re)construída no mundo da narrativa. É essencial lembrar que, no mundo da narração, Taís é uma estudante universitária que até mesmo "tá falando carioca" (cf. linha 451).

Novamente, vemos Taís contrapor a ideia de "não saber falar" (cf. fragmento 22, linha 405) e "o vocabulário dela é todo do Nordeste" (cf. linha 446), atributos depreciativos e marcados de forma estigmatizada, a "falar bem" e "tá falando carioca" (cf. linha 451), aspecto de normalidade. Sendo assim, Taís, de forma similar à Cássia, é o sujeito estigmatizado que também estigmatiza o outro, o que mostra o estigma como uma construção interacional responsiva às expectativas sociais e culturais sobre a normalidade. Por exemplo, Taís, assim como a sociedade na qual está inserida, também estigmatiza o papel de ser prostituta (cf. linhas 430 e 433).

É relevante notar como Taís, ao narrar a conversa com a amiga, parece justificar o "falar carioca" que pode, talvez, ser um atributo depreciativo na comunidade nordestina a qual ela pertence. Como Goffman ([1963] 1988) pontua, o mesmo traço que estigmatiza um sujeito, pode ser o que normatiza o outro. Para ser um sujeito passível de aceitação plena, na sociedade para a qual migrou, Taís precisa falar como uma pessoa que nasceu na cidade do Rio de Janeiro. O acesso à educação, assim, significa uma possibilidade de afastamento e superação do estigma de ser nordestina, fortemente conectado, no discurso da participante, às questões linguísticas.

Neste capítulo, portanto, vimos que a (re)construção identitária de Cássia e Taís passa pela reconstrução do que é o ser feminino, do que é ser mulher, além de migrante e nordestina. Em Cássia, vemos a construção de identitária de mulher bonita, atraente, marcada, discursivamente, pelo descrição do cabelo, por exemplo,

além de outros atributos com valor positivo. Na narrativa de Taís, vemos uma construção semelhante, com a mesma temática de construção de um traço de feminilidade, que é o cabelo comprido. Como vimos no capítulo anterior, ambas se contrapõem a Macabéa, que beira o grotesco. Mais uma vez, esse aspecto corrobora o que já foi dito anteriormente sobre uma construção identitária pela diferença.

Para além disso, também é possível perceber a construção identitária da mulher batalhadora. Na narrativa de Cássia, há a interdição, a impossibilidade; ela deveria ter estudado. Em Taís, observo a construção da mulher que tem força de vontade, que luta pelos seus sonhos – ela conquista a entrada para a faculdade e, agora, está mais próxima de ser professora. O estigma (re)construído só pode ser percebido por meio de um recorte interseccional – não é apenas ser nordestina migrante ou mulher ou pobre ou sem estudo, é ser tudo isso.

Para além das semelhanças, também há idiossincrasias na forma como Cássia e Taís (re)constróem e (co)constróem o próprio estigma que sofrem. Percebo o estigma de Cássia muito mais conectado ao ser mulher, enquanto Taís direciona sua narrativa para a falta de estudo, fruto de condições socioeconômicas adversas. Sendo assim, as duas participantes (re)constróem e (co)constróem histórias de sofrimento, tornando-as narrativas de superação, diferentemente da narrativa de Clarice.

Como minhas leitoras e meus leitores devem ter observado, escolhi não dividir este capítulo em subseções, visto que entendo a construção do estigma e das instituições totais como um grande entrelaçamento; ser migrante nordestina e mulher as leva às condições de similitude com um cárcere proporcionadas pelos ambientes de trabalho. Sigo, portanto para o próximo capítulo, fechando as análises que proponho para os dados gerados em um encontro social de leitura, pensando, de forma mais específica, sobre os efeitos da obra literária e como "A hora da estrela" possui uma voz que reverbera não apenas nas interações e nas histórias de vida das participantes, mas para além do tempo.

## RECONSTRUINDO VIDAS NA LEITURA LITERÁRIA: RECEPÇÃO E EFEITO ESTÉTICO

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. E se for triste a minha narrativa? Depois na certa escreverei algo alegre, embora alegre por quê? Porque também sou um homem de hosananas e um dia, quem sabe, cantarei loas que não as dificuldades da nordestina.<sup>38</sup>

Quando falamos em literatura, o pensamento corre aos livros – objetos de desejo e aversão, amados e atirados ao fogo através dos tempos. Mas o que contém uma obra literária, afinal, para causar tamanho efeito? Já na introdução deste estudo, disse que percebia a relação intrínseca entre as narrativas orais e o fazer literário. Escrevemos porque contamos histórias. Nas interações analisadas nesta investigação, histórias foram contadas porque lemos algo que foi escrito.

Sendo assim, retorno aos estudos de Jauss ([1967] 1994) e Iser ([1976] 1996; 1999) buscando mais uma possibilidade de compreensão dos sentidos narrativos que são construídos pelas participantes nesse contato com a obra de Clarice Lispector. Recorro também aos conceitos de metaficção e metarrealidade, na concepção de Krause (2010), de forma a gerar entendimentos sobre o que acontece quando lemos "A hora da estrela" de Clarice Lispector.

Esses construtos teóricos já apareceram nas análises anteriores, visto que, como já mencionei, pretendo construir um olhar mais holístico sobre os dados. Contudo, neste capítulo, depois de um olhar micro para a construção de identidades, estigmas e instituições, promovo uma reflexão que retorna ao macro, entendido aqui como o próprio contexto de interação, para perceber a relação texto-leitor e indagar como essas mulheres (re)constróem sentidos para as suas próprias vidas e para a obra literária. Creio que esse olhar mais atento para os Estudos Literários busca o equilíbrio necessário para me situar no entre-lugar com os Estudos da Linguagem de base social, espaço que elegi desde a introdução desta

---

<sup>38</sup> LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998, p. 19.

tese para situar minhas reflexões em consonância também com os pressupostos da Linguística Aplicada Contemporânea e Crítica (MOITA LOPES, 2006; 2013).

\*\*\*

No capítulo quatro, ao passear pelos construtos que costurei ao constituir meu "patchwork" teórico, vimos que, de acordo com Iser ([1976] 1996; 1999), o texto literário só se torna um acontecimento no mundo a partir da reação do leitor, na medida em que traz uma nova perspectiva, um olhar que antes não estava contido nele. O texto literário seria, então, constituído em si mesmo de um vazio interno. Dessa forma, não caberia dizer que o leitor decodifica o texto, mas sim que ele constrói os seus sentidos; o leitor possui a tarefa de examinar o potencial de sentidos de um texto, que se atualizam no momento da leitura. Uma obra só é realizada por essa convergência entre texto e leitor.

Jauss ([1967] 1994), apesar de também deslocar o olhar da relação autor-texto para a relação texto-leitor, pensa sobre a historicidade da literatura possibilitada pela ação do sujeito. É o leitor, carregado de sua bagagem sociocultural, que atualiza uma obra literária em seu tempo, a partir de suas experiências de vida e de sua própria relação com a literatura. Nesse sentido, o autor também se propõe a pensar sobre o horizonte de expectativas do leitor, que é constituído pela época e pela sociedade na qual o sujeito que lê se situa. Sendo assim, para Jauss ([1967] 1994), a recepção de um texto possui um caráter de coletividade, um saber prévio, que corresponde aos códigos vigentes, às normas estéticas e sociais, às formas de comunicação consideradas cultas ou populares, preconceitos e ideologias dominantes (ZILBERMAN, 2008, p. 93).

Dessa forma, olho para a interação com as participantes percebendo as marcas discursivas que indicam a construção de uma relação texto-leitor, isto é, de uma conversa com o texto literário lido por mim para Cássia e Taís. Como veremos a seguir, Cássia parece elaborar reflexões sobre a obra que constituem, de fato, um grande tópico de análise para estudiosos da obra de Clarice Lispector – a figura do narrador. Na interação com Taís, chamo atenção para o fato de que ambas as participantes parecem buscar pontos de contato similares entre a própria vida e a obra, encontrando na figura da cartomante uma possibilidade de (re)construção de sentidos.

## 7.1

## Sobre o narrador-autor-personagem

O fragmento 24, a seguir, mostra o início de minha interação com Cássia. Nesse momento, realizo uma pausa na leitura que, como indicado no capítulo três, não havia antes sido programada por mim. Essa interrupção demonstra uma preocupação com o fato de Cássia estar acompanhando ou não a leitura, talvez pela minha própria insegurança na condução desse encontro, indagação também já mencionada anteriormente, ou mesmo pela complexidade que percebo nas primeiras vinte páginas da obra de Lispector. Nesse momento, o narrador Rodrigo elabora um grande monólogo sobre o ato de escrever e suas dificuldades; para ele não é confortável falar sobre a nordestina. Esse narrador, que é autor da história de Macabéa e que também é personagem, inclusive apresentando-se dessa forma na página treze, suscita, portanto, algumas reflexões em Cássia. Já é possível notar aqui o início de uma quebra de expectativas da participante.

## Fragmento 24

- 1 Odete deu pra entender alguma coisa [até agora?]
- 2 Cássia [deu pra entender alguma  
3 coisa sim<] pelo seguinte essa nordestina que veio de  
4 alagoas com vestido de chita igual a eu que vim com um  
5 vestido de chita (hh) eu cheguei aqui em junho com vestido  
6 de chita naquela época aqui no rio de janeiro fazia frio  
7 vestido aqui no meio da da coxa sentia um frio na  
8 rodoviária chega tremia assim ↑magrinha (hh) que era bem  
9 magrinha mesmo entendeu MAS esse cara fazendo o livro,  
10 esse cara que tá fazendo o livro é ela mesmo?
- 11 Odete não, tem um narrador que é ele que tá [falando aqui]
- 12 Cássia [mas não é ela não?]
- 13 Odete ele vai escrever sobre essa nordestina
- 14 Cássia não é ela que tá dando uma- que tá parecendo que é ela  
15 que tá se passando por homem fazendo o livro
- 16 Odete não ↑sei será?
- 17 Cássia não dá pra entender
- 18 Odete ↑não sei ué pode ser será que é ela que tá se passando  
19 por um homem
- 20 Cássia é. porque naquela época (pra fazer livro) as mulheres não  
21 eram muito respeitadas ... entendeu ... eles não davam  
22 [muito valor entendeu]
- 23 Odete [NÃO. tem tem a escritora], e aí a escritora [é uma né]  
24 ela escreveu um livro.

25 Cássia [aham]

26 Odete mas aqui a história é contada por um narrador que é o  
27 rodrigo né ele falou o nome dele

28 Cássia é o rodrigo, mas eu acho que o rodrigo é ela mesma não  
29 sei ne

30 Odete que o rodrigo e a personagem?

31 Cássia do da da autora do livro

32 Odete que é a nordestina?

33 Cássia não sei, eu acho

34 Odete não- é.

35 Cássia eu acho que a nordestina é ela mesma e que o rodrigo é  
36 ela mesma. Tenho a impressão (incompreensível)

37 Odete todo mundo é a mesma pessoa (hh)

38 Cássia eu acho, não sei né, pode ser que seja seja a nordestina  
39 mesmo [mas isso aí (incompreensível)]

40 Odete [é o rodrigo o rodrigo] que é o narrador ele tá  
41 falando aqui nesse início que ele vai contar a história  
42 dessa nordestina né

43 Cássia eu sei, mas eu tenho a impressão que esse rodrigo ela que  
44 tá se fazendo passar por rodrigo pra narrar o livro, eu  
45 que tenho a impressão, não sei se é

No fragmento 24, podemos observar como eu tento racionalizar a questão de Cássia, trazendo, novamente, a voz acadêmica, assumindo o papel de pesquisadora. Enquanto isso, Cássia tece considerações que dialogam com sua bagagem sociocultural (JAUSS, [1967] 1994), como veremos a seguir. Eu tento proceder à cisão entre escritora e narrador, intelectualizando a interação, ao passo que Cássia chega à conclusão, sem maiores delongas, de que a autora, o narrador e a nordestina sobre quem se fala – Macabéa – são a mesma pessoa. Cássia percebe, portanto, essa relação intrínseca entre narrador-autor-personagem, em que Clarice se mistura a Rodrigo e em que Rodrigo se assemelha à Macabéa pela própria condição de personagem (cf. linhas 35 e 36).

É importante mencionar que o entendimento construído por Cássia pode ser percebido na tese de Nunes (1989). Nesta análise, o autor mostra que a narrativa de "A hora da estrela" comporta, na verdade, três histórias. Podemos dizer que a primeira delas é a narrativa sobre a vida de uma nordestina, Macabéa, contada por Rodrigo; a segunda seria a própria história de Rodrigo, dos seus percalços com a tarefa da escrita, com seu desgosto em precisar falar sobre a nordestina; a terceira história, afinal, seria o nível da própria narrativa cuja autora é Clarice (NUNES, 1989). Sendo assim, noto que a obra literária se dobra para

dentro de si mesma. Rodrigo é o narrador da história de Macabéa, na primeira camada. Em um segundo plano, Rodrigo é um autor, um escritor que fala sobre suas próprias incertezas. E, por fim, Rodrigo, é um personagem de Clarice.

Esse narrador-autor-personagem da história de Macabéa nos diz, como vimos na epígrafe do capítulo três, que a história é verdadeira, porém inventada (LISPECTOR, [1977] 1998, p. 12.). Rodrigo, portanto, reafirma em vários momentos o caráter metaficcional do relato. Sendo assim, Clarice Lispector escreve sobre uma realidade possível, mas não única. Esse entendimento também pode ser encontrado em Souza (2006, p. 33), para quem a obra da autora opera em uma linguagem que aponta para uma ruptura com o real. Para a autora:

[Em "A hora da estrela"] o social é um elemento que compõe com o literário um todo indissolúvel e desempenha papel de agente na constituição da estrutura narrativa. Porém diferentemente de toda literatura que faz mimeses do real, nesta, o processo é inverso: quanto mais, por meio da linguagem, desfigura-se o mundo, mais fascinante surge outro. É, pois, na desfiguração do real, operada pelo projeto estético, que, em "A hora da estrela", apreendeu-se o ser social entrevistado no texto. (SOUZA, 2006, p. 18).

Dessa forma, a própria narrativa de Clarice pode ser considerada metaficcional, quando não tenta se esconder em um ideal de "realidade". Esse entendimento de que a obra configura-se como um texto metaficcional encontra fundamento não apenas nas indicações, ou confissões, do narrador-personagem-autor, Rodrigo, mas nas próprias camadas nas quais o texto se dobra dentro de si mesmo, formando diferentes níveis de ficção, uma contendo a outra, similar a uma boneca russa.

Como explicitado no capítulo quatro, segundo Krause (2010, p. 181), a metaficção é a ficção que explicita sua própria condição de ficção, quebrando o suposto contrato de ilusão entre autor e leitor. Dessa forma, ao retratar a realidade, o autor mostra que ela não passa de uma imagem no espelho – é sempre um simulacro. Entendo, portanto, que o texto de "A hora da estrela" pode ser compreendido nesse movimento, que, de acordo com Krause (2010, p. 65), não representa a realidade para repeti-la, mas para dobrá-la, para recriá-la outra.

Embora escreva uma obra cuja temática social é urgente, Clarice não tem a intenção ou a preocupação, em meu entendimento, de ser realista no sentido "stricto" do termo. E, por mais que não seja o objetivo deste estudo analisar as tendências literárias, acredito que seja importante esclarecer que trabalhar com



uma temática social não necessariamente torna um texto alinhado à uma estética realista que, construída no século XIX, é marcada por uma ficção que nega a própria ficção, confiante na capacidade humana de descobrir e relevar a "verdade" (KRAUSE, 2010).

Já inserido na estética pós-modernista, o texto de Clarice nasce no cenário da Ditadura Militar brasileira, na década de setenta do século passado, e, apesar de possuir todos os ingredientes para transformar-se mimeticamente em uma narrativa confirmadora dos valores vigentes, de ordem e de progresso, caminha na contramão (SOUZA, 2006, p. 35). Dessa forma, a partir de meu alinhamento às discussões propostas pela Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013), que já vimos nos capítulos anteriores, e também ao entendimento de Krause (2010), acredito na necessidade de questionar a suposta superioridade do realismo e de uma crença na existência de uma realidade concebida como verdadeira. Em meu entendimento, "A hora da estrela" é um texto que parte da realidade, ou da perspectiva que Clarice tem da realidade, para interferir nela. O texto é portanto uma construção social, é um "entre" que se realiza no leitor.

Sendo assim, Cássia, ao analisar a figura do narrador-autor-personagem, está elaborando uma análise sobre a sociedade em que vive. Por exemplo, de forma mais específica, os posicionamentos avaliativos de Cássia em relação ao papel da mulher (cf. linhas 20 a 22) constroem sentidos sobre o texto literário e sobre a vida social. Essas avaliações parecem, em minha percepção, embrionárias para toda a reflexão sobre o estigma de ser mulher, analisado no capítulo anterior. Esse raciocínio também encontra-se em Souza (2006, p. 100), cuja tese mostra que Rodrigo é o avesso de Clarice, é uma espécie de "alter-ego" da autora, criado por ela para dar uma voz masculina ao texto. É por meio de Rodrigo que a voz da escritora pode ecoar em um mundo hostil às vozes femininas (SOUZA, 2006, p. 100).

É importante mencionar que esse encontro social de leitura não teve o objetivo de ser um momento de estudo da obra ou de elaborações sobre a construção do texto em si mesmo. Contudo, a partir dos posicionamentos e reflexões de Cássia, acredito que esse momento de contato com uma obra literária possa ser entendido como uma oportunidade de letramento literário crítico<sup>39</sup>, isto

---

<sup>39</sup> Reforço que o objetivo desta investigação não era propor um momento de letramento literário, mas vislumbro essa possibilidade na análise dos dados. Dessa forma, como indico

é, um momento em que a participante elaborou reflexões críticas sobre a obra literária e sobre a sociedade na qual estão inseridas.

Posto isso, percebo, assim como Iser ([1976] 1996; 1999) que se apropriar de uma história não é uma atividade passiva, em que recebemos uma mensagem pronta do autor; ao contrário, o leitor recebe a mensagem do texto ao compô-la. O leitor é portanto um sujeito engajado no preenchimento desses espaços vazios da obra; é um sujeito ativo ao interpretar o potencial de significados de um texto.

## 7.2

### Sobre as cartomantes que habitam esta história

O fragmento de Taís que enfoco agora também está localizado exatamente no início de nossa interação. Neste momento, quando a participante me interrompe, estamos quase no final da leitura da obra, acompanhando o clímax da história de Clarice Lispector. Macabéa está na sala com a cartomante e se dá conta de que ela havia acertado tudo em sua vida. No último trecho lido por mim, Macabéa está descobrindo uma nova vida.

Num súbito ímpeto (explosão) de vivo impulso Macabéa, entre feroz e desajeitada, deu um estalado beijo no rosto da madama. E sentiu de novo que sua vida já estava melhorando ali mesmo: pois era bom beijar. Quando ela era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede. Ao acariciar ela se acariciava si própria. Madama Carlota havia acertado tudo. Macabéa estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como disse, até então se julgava feliz. (LISPECTOR, [1977] 1998, p. 78-79).

Macabéa sai da casa da cartomante no parágrafo seguinte do texto, tornando-se uma outra mulher. Era, agora, "uma pessoa grávida de futuro" (LISPECTOR; 1998 [1977], p. 79). É interessante notar que a personagem parece ganhar existência na ficção da cartomante; mais uma vez, temos a ficção que se dobra em si mesma (KRAUSE, 2010). Contudo, o destino resolve dar às caras e Macabéa é atropelada; seu corpo aparece no chão, inerte no canto da rua, já na página seguinte. Podemos observar, no fragmento 25, que Taís interrompe a leitura para me contar uma história que conversa com o trecho lido por mim.

---

na (in)conclusão deste estudo, penso que trabalhar o encontro social de leitura como espaço de mediação e construção de saberes literários (sobre a literatura e por meio da literatura) é um dos caminhos possíveis para a continuidade dessa pesquisa.

## Fragmento 25

1 Taís é:: ... o que eu achei interessante no que você falou aí  
 2 dessa car- dessa cartomante

3 Odete aham

4 Taís o meu esposo ele me contou faz um tempinho que ele me  
 5 contou que um amigo del- a mãe de um amigo dele era  
 6 cartomante

7 Odete aham

8 Taís e ai ele tinha ido na casa desse amigo que ele tava vendo  
 9 se conseguia comprar um apartamento ... é:: há um tempo  
 10 atrás e aí essa cartomante po- pelo meu esposo ser muito  
 11 educado com as pessoas olhou pra ele e falou assim "é::  
 12 posso falar uma coisa pra você?" aí ele assustado olhou  
 13 e disse "sim" é "você vai comprar um apartamento você vai  
 14 comprar o apartamento e vai morar mas não vai dar certo"  
 15 aí ele ficou assustado,

16 Odete [seu esposo?]

17 Taís [ele "porque"] sim. ele "porque?" "não vai ser o momento  
 18 certo pra você" e ele ficou sem entender né e não é tanto  
 19 que ele foi correu atrás e não conseguiu comprar esse  
 20 apartamento e ela disse também "você vai conhecer uma  
 21 moça que ela vai vir de- cê conhece alguém de outro  
 22 lugar?" ele disse "não, não conheço ninguém de outro  
 23 lugar" os pais dele vieram do nordeste e ele nasceu aqui  
 24 e se tornou carioca da gema né porque nasceu aqui, mas  
 25 os pais são do nordeste são da paraíba ... é:: ele disse  
 26 "não conheço" vai vir uma moça que vai mudar a sua vida  
 27 e ele depois de muito tempo ele conseguiu lembrar isso e  
 28 me contou

29 Odete mas ele que foi na cartomante? [ele que foi procurar um  
 30 amigo?]

31 Taís [não ele não foi, não  
 32 ele não foi nessa cartomante], por coincidência era mãe  
 33 de um amigo dele

34 Odete ah:: sim não tinha entendido isso

35 Taís e essa mãe do amigo dele disse isso pra ele "não quero  
 36 te cobrar nada só quero te falar isso porque eu gostei  
 37 você tem uma presença positiva" e aí ele disse, "mas eu  
 38 não conheço" e ele botou assim, "mas eu não conheço outra  
 39 pessoa de outro lugar", "mas eu vi uma pessoa você- tem  
 40 certeza que você não conhece?" ela insistiu e aí,

É importante notar que o ponto de virada da vida de Macabéa - sua ida a uma cartomante - é (re)construído e (re)contado pelas duas participantes deste estudo, mulheres migrantes e leitoras-ouvintes, junto comigo, da obra literária. Sendo assim, como já apresentado no capítulo cinco, Cássia (re)constrói toda sua história de vida (LINDE, 1993) em uma narrativa cujo ponto é "ela possui uma

cartomante melhor que a de Macabéa". Isso significa que seu destino não será o mesmo que o da personagem, visto que Madama Carlota promete uma vida de riquezas e luxos para a nordestina que encontra a morte ao atravessar rua (cf. análise proposta no capítulo cinco). Nesse sentido, acredito que Cássia (re)constrói sentidos não só para a própria vida, mas também para a obra literária que lemos.

Taís, como podemos observar no fragmento 25, curiosamente também narra uma história sobre uma cartomante. Segundo a participante, muito antes de sua vinda para o Rio de Janeiro, seu atual marido encontra uma cartomante, por acaso, na casa de um amigo, que conta detalhes de sua vida futura. Dessa forma, o marido de Taís recebe a previsão de que iria conhecer uma moça de outro lugar (cf. linhas 20 à 22). Na época, o marido de Taís responde que "não conhecia ninguém de outro lugar" (cf. linhas 22 e 23). Entretanto, a coda de minha interlocutora confirma, no mundo da narração, o que se passou no mundo da narrativa. O "e aí" de Taís (cf. linha 40) mostra o ponto de sua narrativa – sua união com o marido estava predestinada a acontecer. Como nossa interação se situa no futuro dessa narrativa, lembrando a mão dupla do tempo da qual Mishler fala (1999; 2002), eu sei que essa cartomante, que de alguma forma habitou a vida de Taís e de seu marido, acertou a previsão. Isto é, assim como Cássia, a segunda participante também tem uma cartomante boa, ao contrário de Macabéa.

Isso indica, em meu entendimento, que o clímax da história de Macabéa afeta essas leitoras, se tornando um ponto de contato para a (re)construção de suas vidas, o que atribui sentidos para a obra. Esse clímax é essencial para a (re)construção identitária das participantes, afinal tanto Cássia como Taís (re)elaboram suas histórias de sofrimento e luta tornando-as narrativas de superação e vitória partindo desse evento que lhes parece familiar – um encontro com a cartomante que tudo muda. Dessa forma, percebo que a leitura literária pode ser considerada uma mediadora para a construção dos sentidos narrativos elaborados por essas mulheres nordestinas migrantes que, ao contrário de Macabéa, vencem e desbravam uma cidade que é feita toda contra elas.

Os sentidos construídos para as suas próprias vidas, nessa dada interação, só são possíveis a partir da leitura literária. Isso significa que essas histórias podem ser contadas e recontadas inúmeras vezes, mas a interação com a obra literária as torna únicas. Essa (re)elaboração de experiências vividas acontece na própria elaboração dos sentidos do texto literário, o que indica a importância de momentos

como o que propus neste estudo. O que acontece quando lemos uma obra literária? Talvez essa seja a pergunta das perguntas, que segue, ainda, na mesma direção dos postulados de Jauss ([1967] 1994) e Iser ([1976] 1996; 1999), levando o foco dos estudos para a relação entre texto e leitor.

Para além disso, minhas impressões do contato direto com as participantes indicam que a obra literária, de fato, afeta essas mulheres para além do momento de leitura. Cássia, com quem tenho maior convivência por ser sua filha, relembra Macabéa todos os dias, ao ponto de relatar tê-la visto no supermercado. Esse movimento parece mesmo ser um aceite do pedido do narrador-autor-personagem Rodrigo, em que, no texto da epígrafe deste capítulo, nos pede que cuidemos de Macabéa, pois ela pode ser reconhecida na rua. Dessa forma, Macabéa ganha vida a partir da leitura de Cássia; a personagem ganha imagem e representação corporificadas em uma mulher na fila do pão. Cássia recontextualiza a obra literária na vida social.

De forma similar, Taís, ao final de nosso encontro, me disse que a história do livro era a história de sua vida. Sabemos, contudo, que a segunda participante (re)escreve a narrativa de Macabéa, ou seja, os sentidos da obra são os sentidos atribuídos por minha interlocutora; a obra não é, de fato, sua vida, mas Taís busca o texto literário para (re)construir os sentidos que ela atribui a sua própria vida. Portanto, a leitura-escuta da obra literária parece fundamental para a criação de um ambiente de (re)construção identitária. Segundo Krause (2010, p. 188), a metaficção representa em si mesma essa busca por uma identidade que é agônica, pois significa uma busca impossível; dizer quem somos exige sair de nós mesmos para nos vermos, desse modo, ao correr atrás da própria imagem, encontramos ela por meio do outro, do personagem:

Quanto mais me pergunto quem sou, menos sei quem sou, quem fui ou quem serei nos próximos instantes. A catarse promovida pela ficção desnuda esse paradoxo da identidade. Quando sinto me identificar com um personagem, imagino que aquele personagem diz algo que eu sempre quis dizer, como se o autor estivesse pensando especificamente em mim para criar eu personagem. Ora, se eu pensar um pouquinho, reconhecerei que antes de ler o livro ou assistir àquele filme nunca desejei dizer o que tal personagem disse apenas invento o que desejava, já que caiu tão bem na boca do outro.

[...]

Como nossa sensação de identidade é difusa, tanto que gaguejamos se forçados a responder à pergunta "quem é você", e como o personagem ficcional tem uma

identidade melhor definida, tomamos emprestada a identidade do personagem e nos comove. A catarse não implica uma identificação que me acalme porque afinal sei quem sou, mas sim a invenção tanto de uma identidade quanto de uma realidade que confortavelmente a circunde. (KRAUSE, 2010, p. 186).

Buscamos, ao ler uma obra literária, construir nossa própria identidade por meio da identidade do personagem. Na obra em questão, como já vimos no capítulo cinco, a identificação por completo é impossível, ela acontece pela sua própria negação. Macabéa é uma anti-heroína por excelência, é o avesso do que almejamos ser. Cássia e Taís, assim, provocadas pela catarse promovida pela leitura da obra, isto é, pelo terror e pela piedade que Macabéa desperta, se (re)constróem em oposição ao que a personagem representa. O efeito provocado pela catarse as permite esse espaço de (re)construção das experiências vividas, um ambiente em que elas podem se tornar a melhor versão de si mesmas. Cássia e Taís constroem para suas vidas, por meio de suas cartomantes, o futuro brilhante prometido pela cartomante de Macabéa; um futuro prometido a todos nós pelo capitalismo, como diria Sousa Santos (1995), apresentado no capítulo dois.

Segundo Souza (2006), a obra de Clarice não apenas expõe a condição social de uma entre tantas nordestinas, mas pode ser a história da própria autora e de nós mesmos, pois é a história de um ser humano no mundo que o barbariza e o expõe a situações de miséria (SOUZA, 2006, p. 30). Para a pesquisadora, ainda, existe na obra um projeto contra-ideológico, cujo objetivo não é construir uma literatura de protesto ou denúncia, mas que caminha na contramão do ideário burguês vigente. Macabéa, portanto, se desenvolve na direção contrária à ideologia burguesa, que, no seio de uma sociedade moderna, surge junto ao capitalismo, dizendo que somos sujeitos livres, autônomos e iguais; que podemos forjar nosso próprio destino por meio do próprio esforço e do trabalho. Dessa forma, a personagem de Clarice instaura a contradição, e quebra as expectativas, quando derruba esse imaginário (SOUZA, 2006, p. 28).

Cássia e Taís também são forjadas nessa sociedade que exige a luta pessoal e individual. Sendo assim, o horizonte de expectativas de Cássia e de Taís é o de que a obra seja um espelho, refletindo, de alguma forma, suas vidas – ou a vida que elas esperam possuir ao tomar emprestada para si a identidade da personagem. Isso não é possível, afinal, com a morte de Macabéa. O paradoxo da promessa suspensa de sucesso e glória, contracenando com a sarjeta em que jaz a personagem, atinge as leitoras; a contradição precisa ser resolvida. Essa quebra de

expectativas, portanto, abre também um espaço para uma (re)construção de sentidos não apenas da própria vida, mas também da obra. Macabéa, uma anti-heroína, está fadada ao insucesso, nasceu do nada para morrer; o mesmo não ocorre com Cássia e Taís, que (re)elaboram e (re)constroem suas experiências, criando para si mesmas o futuro de sucesso e glória, que é esperado por elas e que também é exigido delas pela sociedade em que vivem, e na qual nós – eu e vocês, minhas leitoras e meus leitores, também vivemos.

Então, percebo o texto de Clarice Lispector tanto como uma possibilidade de transformação da realidade, justamente por assumir que não há uma única verdade, como uma oportunidade de (re)construção das histórias de vida das participantes. É a metaficção que proporciona a construção de metarrealidades. Essas mulheres performam a própria vida por meio da literatura – (re)construindo uma história verdadeira porém inventada, como diria o narrador-personagem Rodrigo. É a partir dessa ficção que não se declara única "realidade" possível ao assumir sua condição de invenção que Cássia e Taís inauguram uma nova "realidade" possível para suas vidas, o que constitui, em meu entendimento, a metarrealidade. Observo, assim, que a literatura é uma instância criadora, cujo potencial permite um espaço de acolhimento e de (re)criação de nossas próprias vidas.

Mesmo estando as falas de Cássia mais ligadas à obra clariceana, entendo que ambas as participantes ressignificam suas vivências migratórias a partir do contexto da obra literária lida. Independentemente de Taís não fazer menção de forma mais direta à Macabéa, ou às situações por ela vividas no texto, é fato que as narrativas produzidas pelas participantes fazem emergir questões semelhantes às vividas pela personagem. Posso inferir, desse modo, que há uma relação de proximidade discursiva entre o contexto literário e o contexto da produção da pesquisa, por intermédio da leitura literária, que pode ser entendida como mediadora para essa dupla construção de sentidos – da vida e do texto de Clarice Lispector. Sendo assim, passo ao próximo capítulo para retomar alguns pontos da análise e discuti-los à luz de uma reflexão sobre a vida social.

## DE VOLTA PARA CASA?

Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. Deus é o mundo. A verdade é sempre um contato interior inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduziu-se ao próprio último ou primeiro pulsar. A dor de dentes que perpassa esta história deu uma fisgada funda em plena boca nossa. Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade. Felicidade? Nunca vi palavra mais doída, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.<sup>40</sup>

Foi um longo percurso até aqui. Sinto-me sem fôlego, como se não houvesse mesmo nada mais a dizer. Penso em terminar antes do fim e deixar minhas leitoras e meus leitores com aquela sensação de ausência, de falta; com aquela vontade de virar a página para constatar, afinal, se não haveria mais qualquer palavra ali perdida. Queria deixá-los com esse vazio. Provavelmente, termino essa escrita habitando essa espécie de nada que ao mesmo tempo é tudo. Precisava dizer o que foi dito, e isso é muito. Tudo o que essa tese virá a ser depois depende agora também de quem a lê. Contudo, não posso deixar-me ir antes de olhar sobre os ombros e refletir um pouco mais sobre o caminho. Será que se volta para algum lugar ou se segue sempre em frente?

O passeio por essas páginas começou, com efeito, no capítulo dois, quando descrevi um recorte de estudos sobre o fenômeno migratório, entendido como contexto macro em que se localizam as narrativas geradas por meio da leitura literária. Em seguida, apontei o caminho que percorri ao empreender essa pesquisa, indicando meu enquadramento metodológico e minha base epistemológica. No capítulo quatro, apresentei meu "patchwork" teórico, ou seja, como costurei o arcabouço teórico-metodológico localizado no entre-lugar dos Estudos da Linguagem e dos Estudos Literários, lugar elencado por mim mesma e respaldado pelos fundamentos da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013).

Finalmente, no capítulo cinco, apresentei os primeiros dados analisados, cujo foco direciona o olhar para as próprias narrativas de migração contadas pelas

---

<sup>40</sup> LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998, p. 11.



participantes. Neste capítulo, ainda, mostrei como as participantes (re)constróem e (co)constróem suas identidades em interação comigo e com a obra literária. Em seguida, no capítulo seis, usei o arcabouço teórico de Goffman ([1963] 1988; [1961] 1974) como uma lente microscópica, enfocando as questões de estigma e observando a (re)construção dos ambientes de trabalho como uma instituição total. No capítulo sete, retornei às questões literárias, mostrando como esse aspecto é fundamental para compreender os sentidos narrativos criados pelas participantes ao (re)construírem suas identidades. No presente capítulo, assim, discuto os dados analisados nos capítulos cinco, seis e sete à luz das questões sociais que os circundam. Para além disso, mostro como os meus objetivos de pesquisa, elencados na introdução, me guiaram ao longo desta jornada.

\*\*\*

Como diz o narrador-autor-personagem Rodrigo, no texto da epígrafe deste capítulo, existe uma dor de dente que perpassa esta história e que dá uma fisgada funda em plena boca nossa (LISPECTOR, [1977] 1998, p. 11). Da mesma forma percebo as narrativas de Cássia e de Taís. Como mencionei na introdução deste estudo, é preciso refletir criticamente sobre as migrações que se situam nesse tempo-espaço; a de Cássia e de Taís – migrações forçadas, principalmente, por questões socioeconômicas – e minha própria, uma migração possível (ou voluntária) apesar do conturbado contexto de investimento em educação e pesquisa<sup>41</sup>.

Essas migrações me levam a pensar na minha própria construção como sujeito social e como pesquisadora. Filha de uma nordestina, migrante, empregada doméstica, com baixo letramento social, fui a primeira da família a ingressar no ensino superior, a concluir um mestrado e a cursar um doutorado. É preciso, ainda, levar a discussão mais a fundo, ao pensar "o que, de fato, me separa de Taís?".

---

<sup>41</sup> No ano de defesa desta tese, mesmo ano em que retornei de meu estágio de doutoramento sanduíche no exterior, a pesquisa científica, principalmente nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, passa por severos ataques no Brasil. Dessa forma, pesquisadores vivem um cenário de incertezas com anúncios de cortes nas agências de fomento à pesquisa, como a CAPES e o CNPq, instituição que financiou a presente investigação.

Nascidas e criadas em regiões distintas do país – eu no Sudeste e ela no Nordeste –, estamos na mesma faixa etária e somos fruto de uma mesma geração.

Quando penso na migração da segunda participante desta pesquisa, me espanto, me entristeço e percebo a necessidade e a relevância deste estudo. É preciso falar que ainda nos dias atuais, mulheres nordestinas saem de suas cidades, do seio de sua família, por necessidade e migram para a "cidade grande", ocupando os famigerados "quartos de empregada" nos edifícios do Rio de Janeiro. Pensar sobre as colocações de Cássia, em relação ao que foi vivido por ela nas "casas de família" na década de setenta<sup>42</sup>, e, em seguida, perceber que quarenta anos depois mulheres como Taís ainda passam por situações similares é alarmante.

Olhar para as questões de linguagem, portanto, pode nos ajudar a criar inteligibilidade sobre o que acontece nos meandros da vida social e como ela é percebida por essas participantes. Sendo assim, nas próximas subseções, exploro cada um dos objetivos que orientou meu olhar para os dados, refletindo sobre que entendimentos do macro podem ser apreendidos com esse olhar micro para a interação entre as participantes e a obra literária de Clarice Lispector.

## 8.1

### **O que contamos quando contamos uma história**

Sabemos que uma narrativa é quase sempre uma história sobre o passado, mas também já estamos conscientes de que é impossível capturar a experiência; nossa memória não funciona de forma linear, assim como a vida. Estamos sempre imersos em pensamentos e emoções. Isto demonstra que as narrativas não são uma simples representação da experiência, tal e qual ela teria sido vivida, mas uma (re)construção constante, que ocorre no dado momento da interação.

Os eventos passados, portanto, são sempre uma interpretação de algo que foi vivido de acordo com um determinado ponto de vista. Logo, as narrativas aqui apresentadas pretendem lembrar esse passado, reconstruído na interação, criando o presente em que se vive e imaginando o futuro. Podemos observar, assim, que vida e narrativa estão intrinsecamente interligadas; a vida antecipa um conto

---

<sup>42</sup> Cássia narra sobre a sua situação ser similar à de uma pessoa escravizada. Esta análise micro, que busca analisar as questões de estigma e da construção das casas da família como instituições totais, encontra-se no capítulo seis.

possível e desenha o seu significado enquanto a narrativa versa sobre a vida e é parte dela.

Uma narrativa, portanto, não necessariamente é, de fato, algo que aconteceu; ela não pressupõe ou precisa assumir uma condição de verdade. Segundo Bruner (1991, p. 4), "construções narrativas só podem alcançar verossimilhança", e não verificabilidade. Portanto, as narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenções sociais e culturais, e não por verificação empírica e precisão lógica. Isso significa, como já mencionei, que não importa se essas histórias aconteceram ou não conforme foram contadas.

Bruner (1991, p. 12) mostra que a narrativa mais do que referir a "realidade", pode criá-la da mesma maneira que a "ficção" cria um mundo para si própria. Organizando a experiência humana, a narrativa é a própria vida imitando a arte. O autor indica, assim, uma aproximação entre o estudos da narrativas orais e das narrativas ficcionais, o que também apresentei neste estudo. Pensar o que contamos quando contamos uma história foi, assim, o fio que conduziu meu olhar para essas narrativas.

Dessa forma, o objetivo principal desta investigação foi analisar a interação entre as leitoras-ouvintes, Cássia e Taís, e o texto literário, observando quais sentidos as participantes constroem para as suas próprias história de vida de migração a partir da obra "A hora da estrela" de Clarice Lispector. Meu olhar esteve direcionado também para o acontece na interação entre as participantes e para a (re)elaboração de experiências nas narrativas, a partir da leitura literária. No tocante a relação texto-leitor, compreender o que nos acontece na interação com o texto literário é, pois, o interesse de Jaus ([1969] 1994) e de Iser ([1976] 1996). Como a obra nos afeta e o que resulta disso?

Nesse sentido, pensar sobre recepção e efeito estético, em meu entendimento, é uma necessidade dos tempos atuais em que um olhar crítico sobre a vida social e sobre a literatura, entendido aqui também como parte da vida social e como produto dela, se faz urgente. Precisamos sair do questionamento sobre "o que o autor queria dizer?" para nos perguntar "o que acontece com o leitor quando entra em contato com determinada obra?". Esta investigação me permitiu, assim, observar como a leitura constrói o texto literário. Precisamos deixar de entender o autor como o criador máximo da obra para perceber o leitor como aquele que dá o

sopro de vida às linhas escritas no papel. Segundo Iser (1976), a qualidade dos textos literários se fundamenta na capacidade de produzir algo que eles próprios não são. Considero, portanto, as narrativas orais das participantes deste estudo como esse produto além da literatura; se constituem como a reflexão dessas leitoras sobre a própria vida e sobre este eterno "quem sou".

Por mais que seja impossível narrar a experiência como se olhássemos uma fotografia, cada escuta e leitura dos dados de Cássia e Taís parecem torná-los mais dolorosos. É o eterno retorno às memórias da fome, da ausência e do abuso. Quanto mais ouvidas e lidas, mais ficcionais as narrativas das participantes se tornavam para mim e, por isso mesmo, mais "reais" (KRAUSE, 2004; 2010). Nesse sentido, pensar sobre essas narrativas me leva a mais uma reflexão sobre o próprio estar com elas.

Principalmente no que tange à Cássia, minha mãe, essas narrativas expõem minha vulnerabilidade e me expõem aos julgamentos de meus interlocutores-leitores. É preciso, portanto, aceitar a falta de controle que tenho sobre o que será interpretado a partir de minhas próprias interpretações. E isso faz parte do que entendo como fazer pesquisa no âmbito da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013) e da autoetnografia (ELLIS, ADAMS; BOCHNER, 2010).

Sendo assim, a análise e a interpretação dos fragmentos apresentados neste estudo me remetem às ponderações de Oliveira e Bastos (2002), Lisboa (2006) e Diniz e Coelho (2007), no que tange à complexidade do fenômeno migratório. Podemos observar na fala das participantes deste estudo instâncias discursivas que ilustram momentos de conflitos e de resistências vividos por Cássia e Taís. Em todos os momentos, as narradoras se (re)constroem como mulheres migrantes a partir de vivências pautadas em aspectos relacionais, culturais, educacionais, econômicos, dentre tantos outros atravessamentos. Nesse sentido, no discurso narrativo de Cássia e Taís, há um retorno às suas experiências migratórias, (re)construindo, por meio da linguagem da avaliação, identidades, estigmas e instituições, como discutiremos a seguir.

## 8.2

### Uma soma de todos os afetos

O ser humano é uma entidade de emoção e também de linguagem, por isso não é de se espantar que a língua seja um dos canais pelos quais expressamos nossos sentimentos, em forma de afetos, julgamentos e apreciações (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009). No capítulo quatro, vimos que Thompson e Hunston (2006) consideram a linguagem da avaliação como um conceito macro, por meio da qual expressamos nossas emoções. Portanto, a partir desse entendimento e das análises propostas, entendo a linguagem da avaliação como uma soma de todos os afetos materializados no discurso. É por meio da avaliação que expressamos nossa relação com o outro, o que escolhemos representar e como o fazemos com nossos interlocutores. Nossos posicionamentos, portanto, expressam nosso envolvimento emocional com a vida social e nos permite (co)construir e (re)construir nossas experiências.

Os estudos de narrativas também levam em consideração a avaliação, sendo Labov (1972) um pioneiro no campo. Segundo o pesquisador, conforme já vimos, uma das características das narrativas é apresentar uma avaliação, que indica o ponto da narrativa, isto é, a sua razão de ser. Nesse sentido, a avaliação contém toda a carga dramática da narrativa, sendo responsável pela transmissão do estado emocional do narrador (NÓBREGA, 2009). Curiosamente, de acordo com Labov (1972), o elemento obrigatório de uma narrativa é a ação complicadora, isto é, uma sequência de enunciados organizados cronologicamente e, em geral, elaborados com verbos no tempo passado.

Entretanto, após todas as análises empreendidas, podemos considerar, de fato, a ação complicadora como o único elemento obrigatório de uma narrativa se o modo como nos posicionamos, isto é, expressamos nossas emoções, parece essencial para a construção do mundo, das relações e das identidades? Parece-me improvável que alguma narrativa não contenha uma avaliação, visto que, sendo um elemento obrigatório ou não, é uma peça fundamental para compreensão do mundo de acordo com a perspectiva de um interlocutor.

Por meio das análises aqui empreendidas, vimos, assim, que não é possível centrar as análises apenas na identificação da estrutura da narrativa, fruto da natureza estruturalista das pesquisas realizadas na primeira metade do século

passado (NÓBREGA, 2009). Dessa forma, este estudo também reforça a necessidade de um olhar contemporâneo e socioconstrucionista para as narrativas, o que vem sendo realizado por diversos pesquisadores, com destaque, no Brasil, para os estudos desenvolvidos por Bastos (2005; 2008).

Nesse âmbito, o estudo de Nóbrega (2009) mostrou, a partir de uma análise dos momentos avaliativos, a estreita relação entre avaliação e reportabilidade. O ato de avaliar histórias, expresso pelos interlocutores, ratifica a relevância das mesmas (NÓBREGA, 2009, p. 226). Dessa forma, como aponta Nóbrega (2009), a compreensão da linguagem da avaliação e a utilização do ferramental teórico-metodológico do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) pode trazer uma visão complementar proveitosa para pensar a avaliação em narrativas. Nesta investigação, vimos como a análise micro dos afetos, julgamentos e apreciações foi importante para a construção de entendimentos sobre as (re)construções de identidades, estigmas e instituições.

### 8.3

#### **Ser mulher, nordestina, migrante: do estigma ao confinamento**

O discurso de Cássia e de Taís mostram uma sociedade profundamente marcada pela diferença, pela individualização do ser humano. Penso que os conceitos de estigma (GOFFMAN, [1963] 1988) e de instituições totais (GOFFMAN, [1961] 1974) foram de grande auxílio para pensar o que (re)construímos, discursivamente, a partir da leitura literária. Como já salientei no início deste capítulo, é preciso colocar as migrações das participantes em uma linha do tempo e discutir os aspectos sociais de um hiato de mais de quarenta anos entre as duas.

Em seu discurso, Cássia mostra que a sociedade, na década de setenta, não atribuía valor para o serviço doméstico. Quase meio século se passou e mulheres migrantes como Taís ainda passam pelos mesmos abusos que Cássia sofreu. Dessa forma, o cenário descrito pela primeira participante deste estudo não parece ter mudado. Em ambas as narrativas, percebi a construção desses ambientes de trabalho – as "casas de família" – como instituições totais (GOFFMAN, [1961] 1974), isto é, locais que promovem o confinamento do indivíduo, roubando o todo de seu tempo. Portanto, quando pensamos nas situações experienciadas pelas

participantes em seus ambientes de trabalho, é impossível deixar de pensar na relação entre poder e desigualdade.

O problema da precariedade do trabalho doméstico, assim, persiste no Brasil ainda nos dias atuais. Segundo Souza (2017), os conflitos de classe na modernidade do nosso país envolvem a exploração de uma nova classe de escravizados, agora de todas as cores de pele, mas que herdaram o desprezo social que antes era atribuído somente ao negro<sup>43</sup>. Para o sociólogo, ainda, o Brasil passou de um mercado de trabalho escravocrata para um mercado formalmente livre, mantendo toda a estrutura do escravismo.

Como instrumento de uma sociedade profundamente desigual, essa classe "escravizada" continua sendo explorada, principalmente, pela sua força de trabalho braçal. Por exemplo, salienta o autor, o recurso utilizado pelas empregadas domésticas é, antes de tudo, o corpo, trabalhando horas de pé em funções repetitivas, com a barriga no fogão quente (SOUZA, 2017, p. 102-103). Essa é uma reflexão necessária a partir das narrativas de Cássia e de Taís, que nos provoca a pensar sobre as relações de trabalho na contemporaneidade e na invisibilidade e silenciamentos pelos quais tantas mulheres passam. Existe uma elite com poder cultural e econômico, composta por uma classe média e alta, que procura explorar o trabalho de uma outra.

Para além da compreensão da dinâmica dessa situação de trabalho, é essencial discutir o estigma que Cássia e Taís (re)constróem a partir do próprio estigma de Macabéa. Ser nordestina, sem família, pobre, doméstica, feia ou bonita. Ser mulher. Estigmas construídos socialmente e que reverberam ainda hoje. Como vimos no capítulo seis, as condições de trabalho pelas quais Cássia e Taís passam possuem uma estreita relação com o estigma sofrido por elas.

Na narrativa de Cássia, o estigma está intimamente ligado à construção do gênero social. Ser mulher é o traço que a torna um sujeito desacreditado (GOFFMAN, [1963] 1988). Sendo assim, é preciso falar sobre os estereótipos de gênero social que circulam em nossa sociedade e que são culturalmente aceitos e ratificados. Quantas vezes justificamos atitudes reprováveis do gênero social

---

<sup>43</sup> Apesar de não trabalhar, neste estudo, com um recorte étnico/racial, acredito na relevância deste aspecto para uma leitura interseccional. Esta é, pois, outra possibilidade de expansão desta investigação que poderá ser explorado em análises futuras.

masculino com a justificativa de que "é homem, é assim mesmo"? Isso aparece na fala de Cássia por meio de uma naturalização da atitude de seus patrões.

O estigma de Taís, por outro lado, aparece muito mais relacionado à questão do letramento social. Sua marca distintiva é não "possui estudo", o que é materializado discursivamente por "não saber falar" e "não possuir uma profissão intelectualizada". Essa questão também aparece nas narrativas de Cássia, para quem a possibilidade de ascensão social por meio do estudo foi negada. Minha primeira interlocutora narra a interdição; ela poderia ter estudado, mas a "casa de família" onde trabalhava não dava permissão (cf. capítulo seis). Cássia não concluiu os estudos e, de alguma forma, se realiza em mim, sua filha que se tornou professora. Percebo, assim, a necessidade de estudar como um ato de resistência das participantes. O estudo significa a saída do confinamento da instituição total e do estigma de ser uma mulher nordestina ignorante, que fala errado.

O reconhecimento de um estudo formal indica que as participantes possuem consciência sobre a distinção entre trabalho braçal, de menor valor, e trabalho intelectual, valorizado em nossa sociedade. Souza (2017) analisa essa questão, mostrando que a exclusão dessa classe de trabalhadores de um aprendizado formal é um projeto para manutenção da desigualdade social e do poder na mão de uma classe dominante que explora o trabalho barato e braçal de outra. Segundo o autor:

Como o caminho do aprendizado escolar é fechado desde cedo para a imensa maioria dessa classe, não é o conhecimento incorporado no trabalhador que é a mercadoria vendida no mercado de trabalho, mas a capacidade muscular, comum a todos os animais. Uma classe reduzida ao corpo, que representa o que há de mais baixo na escala valorativa do Ocidente. Por conta disso, essa classe, do mesmo modo que os escravos, é desumanizada e animalizada. Passa a não valer como ser humano que vimos exigir, em alguma medida, a dimensão do espírito, ou seja, no nosso caso, do conhecimento útil incorporado. (SOUZA, 2017, p. 102-103)

Justamente por não viverem em um mundo à parte, as participantes compartilham expectativas sobre o comportamento social da normalidade. Isso pode ser percebido, por exemplo, nas falas em que Cássia e Taís estigmatizam o outro em um exercício de reprodução de estereótipos; para elas é importante estabelecer uma diferença do sujeito estigmatizado para sair dessa condição. Percebo, portanto, a construção do estigma nas interações está condicionada pelas



questões estruturais, isto é, está no nível macro das relações sociais de poder e dominação.

Sendo assim, penso que utilizar as lentes de Goffman para olhar a vida social e a interação entre as leitoras – Cássia e Taís – e uma obra literária foi proveitoso para pensarmos o macro, as relações sociais de desigualdade em que mulheres migrantes vivem ainda hoje em nosso país. De acordo com Lemert (1997, p. 13), a experiência dos efeitos de Goffman é a de colonizar um novo lugar em que o leitor entra e do qual ele nunca sai o mesmo. Em meu entendimento, essa é a sensação exata que estas análises me proporcionam; é impossível "desver" o que percebi partir dessas narrativas, por isso me parece impossível enxergar a vida social do mesmo modo que antes. É preciso deixar a conveniente ilusão de que as experiências são exclusivamente nossas, individuais, para perspectivar nossa visão do mundo, por vezes tão essencializada.

#### 8.4

#### O "eu" que resta depois do fim

Foi a partir das narrativas de migração, entendidas aqui como histórias de vida (LINDE, 1993), que observei as identidades (re)construídas nas interações. Conforme Fabricio e Moita Lopes (2002), nas situações sociais, as identidades são (re)elaboradas por condicionamentos aos diversos aspectos da ordem macro. Sendo assim, um encontro social, na ordem do micro, pode revelar a fluidez com a qual (re)construímos quem somos. Por meio da leitura literária, Cássia e Taís voltam-se para suas próprias histórias de vida resignificando suas construções como mulheres migrantes.

Nas análises propostas no capítulo cinco, vimos que Cássia, assim como Taís, se afasta de Macabéa, protagonista da obra de Clarice Lispector, (re)construindo suas identidades pela diferença. Considerando que toda a interação tangencia questões sociais e antropológicas sensíveis à vida das participantes, esse afastamento da personagem pode ser compreendido também como um esforço, mesmo que não consciente, de autoproteção. Cássia e Taís (re)constróem as identidades, transformando a imagem de uma nordestina crédula em relação à sociedade, ignorante, de baixo letramento social e sofredora de abusos e injustiças na mulher trabalhadora, batalhadora, estudiosa e vencedora.

Dessa forma, ao (re)construir suas identidades, assim como o estigma e as instituições, elas (re)constróem o próprio ser migrante, avaliando sua experiência de vida por meio das narrativas. Cássia e Taís esforçam-se para construir uma noção de pertencimento ao local onde chegaram e à sociedade na qual, agora, estão inseridas. Nesse sentido, é importante lembrar o conceito de estrangeiro, de Simmel ([1908] 2005), e de homem marginal, de Park ([1928] 2017), apresentados no capítulo dois. O estrangeiro seria, portanto, aquele que está no limiar, na tensão entre proximidade e distância: embora já pertença a um grupo, espacialmente determinado, sua posição é condicionada pelo próprio não pertencimento (SIMMEL, [1908] 2005). O homem marginal, por sua vez, é entendido como aquele que encontra-se eternamente em uma crise de identidade. O migrante é, desse modo, um ser híbrido, mestiço, porque vive entre dois mundos e, por fim, acaba sendo um pouco estrangeiro em ambos (PARK, [1928] 2017).

Cássia e Taís, em meu entendimento, performam esse sujeito que vive entre fronteiras. Em suas (re)construções identitárias há um esforço em se construir pela diferença do que Macabéa significa, justamente porque essa identidade expressa uma ausência de pertencimento à "cidade grande". Nas narrativas de Taís, percebo esse trânsito constante, no limiar entre pertencer às suas raízes ou assumir as novas identidades do sujeito que vive no Sudeste. Noto essa concepção ainda nas (re)construções identitárias de Cássia, mesmo quarenta anos após sua migração. Como o fator econômico parece ser o principal motivador da migração, apesar de não ser o único, é importante que Cássia e Taís (re)construam para si essa identidade de mulher próspera, da mulher que conseguiu superar as dificuldades e atingir seu objetivo, apesar de ser parte integrante de um grupo historicamente marginalizado – o grupo dos nordestinos.

Relembrando também as considerações de Mondardo (2007) e Póvoa-Neto (1997), creio que é preciso olhar para a dimensão subjetiva dessas mulheres migrantes para construir um entendimento sobre o movimento migratório, suas motivações e razões. Dessa forma, para entender o que é ser migrante é necessário ouvi-las. Essa escuta, em meu entendimento, se alinha ao que Moita Lopes (2006; 2013) chama de valorização das vozes do Sul, em um apelo para o reconhecimento dos sujeitos que constituem e são constituídos nas práticas sociais e históricas em que nos situamos. Considero, nesse sentido, que esta investigação proporcionou

uma valorização das vozes do Nordeste, fornecendo alguns entendimentos sobre a vida social a partir de um olhar para o discurso em interação.

Percebo que tanto Cássia quanto Taís, ao (re)construírem suas identidades, compõe um retrato possível para essa mulher migrante que chega ao Rio de Janeiro. Essa migrante (re)construída nas narrativas orais, assim, representa as próprias participantes, mas também todas as mulheres nordestinas que chegam à "cidade grande" na mesma situação de baixo letramento social. Elas falam de si mesmas, mas constroem uma experiência representativa, que não é apenas de uma delas, isto é, suas histórias se tornam um exemplo das diversas histórias de vida de mulheres migrantes nordestinas. Sendo assim, Cássia e Taís, mesmo que de forma inconsciente, contam essa narrativa não apenas para mim, sua interlocutora no dado momento da geração dos dados, mas para todas as pessoas que partilham do mesmo contexto de cultura, como vocês, minhas leitoras e meus leitores que me acompanharam até aqui.

**(IN)CONCLUSÕES**

Porque há o direito ao grito. Então eu grito.<sup>44</sup>

Este estudo teve como seu maior propósito analisar a interação entre as leitoras-ouvintes e o texto literário, percebendo quais sentidos as participantes constroem para as suas próprias histórias de vida de migração a partir da obra "A hora da estrela" de Clarice Lispector. Observei, portanto, o discurso narrativo das participantes no que diz respeito às suas experiências migratórias, a partir de teorias de linguagem de base social. Sendo assim, persegui um diálogo teórico-metodológico entre as áreas de análise de narrativa e os estudos de identidade (LABOV, 1972; BRUNER [1990] 1997; MISHLER, 1999; 2002; LINDE, 1993; BASTOS, 2005; 2008); da sociolinguística interacional, a partir de alguns conceitos cunhados por Goffman (1961; 1963; 1979); e da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004; GOUVEIA, 2009), mais especificamente, me apoiando no Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009).

No âmbito dos Estudos Literários, recorri aos estudos da recepção e do efeito estético, principalmente aos postulados de Jaus ([1969] 1994) e de Iser ([1976] 1996), que se preocupam com a relação entre texto e leitor. Busquei a contribuição, ainda, do conceito de metaficção e metarrealidade (KRAUSE, 2010) para compreender a relação entre a obra literária e a construção de sentidos narrativos elaborada pelas participantes. Procurei, assim, me alinhar a concepções que deslocam o foco da análise literária, deixando de olhar apenas para a relação entre autor-obra para entender a relação do sujeito com o texto lido.

Nesse sentido, acredito ter construído pontes entre saberes, alinhando perspectivas de análise do discurso a um entendimento da literatura como prática social. Dessa forma, penso esta investigação situada no entre-lugar dos Estudos da Linguagem e dos Estudos Literários, posicionamento permitido pela Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013) a partir do seu próprio entendimento sobre

---

<sup>44</sup> LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998. p. 13.

o que é o fazer científico. Essa articulação entre diferentes campos do saber pode se mostrar como um ganho para o próprio campo da Linguística Aplicada Contemporânea e Crítica que, de acordo com minha percepção, precisa cada vez mais de trabalhos que exerçam a inter/transdisciplinaridade que ela reivindica. O entendimento epistemológico sobre o que é fazer pesquisa em Linguística Aplicada é fundamental para a compreensão da própria pesquisa e do pesquisador como partes integrantes do mundo sobre o qual se fala.

Percebo, além disso, que a temática central deste trabalho – a migração – é um assunto de grande relevância social para o mundo atual. É preciso falar sobre a questão migratória, não apenas atestando-a em números, mas olhando para a subjetividade dos próprios migrantes. Dessa forma, esse estudo pode também ser uma contribuição para as áreas da demografia e da geografia por buscar essa escuta do migrante, como salientam Mondardo (2007) e Póvoa-Neto (1997). Por conseguinte, gerar entendimentos sobre como as mulheres migrantes que participam deste estudo (re)construem suas experiências em narrativas orais, por meio da leitura literária, pode nos levar a uma maior compreensão das práticas sociais que constituem o mundo.

Nessa perspectiva, por meio do olhar micro do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; NÓBREGA, 2009), observei como as participantes se posicionam, em seus discursos, (re)construindo identidades, estigmas e instituições. Considerando as análises sugeridas, observamos como as participantes tentam se afastar de Macabéa, (re)construindo identidades de uma mulher trabalhadora, batalhadora, estudiosa e vencedora. Mostrei, além disso, como minhas interlocutoras (re)construem o estigma em suas narrativas. Para Cássia o estigma está intimamente ligado à construção do gênero social. Ser mulher é o traço que a torna um sujeito desacreditado (GOFFMAN, [1963] 1988). Taís, por sua vez, narra o estigma muito mais relacionado à questão do letramento social. Sua marca distintiva é não possuir um estudo formal.

Fortemente relacionado à construção do estigma, apresentei como as "casas de família" emergem nessa prática discursiva e são compreendidas por mim como instituições totais, que roubam todo o tempo do indivíduo levando-o ao confinamento (GOFFMAN, [1961] 1974). Pensar a construção do estigma e das "casas de família" como instituições totais fomentou uma discussão sobre desigualdade e poder. Chego ao final acreditando na necessidade de expansão

deste estudo para uma maior compreensão da vida social a partir de um recorte interseccional, incluindo aspectos étnico/raciais não trabalhados nesta pesquisa.

Devo considerar, ainda, que esta investigação se pauta também em minhas próprias crenças sobre a função da literatura e de sua capacidade de permitir (re)escrever nossa própria história; sobre o meu modo de perceber o fazer literário como modo de ser e de estar no mundo. Minha intenção foi mostrar que identidades são (re)construídas nessas interações, a partir da expressão da linguagem da avaliação em um diálogo com a obra literária. O texto literário nos afeta emocionalmente porque é possibilidade de sermos outros tantos, de (re)construir nossas identidades, de (re)estabelecer conexões com a vida social e de (co)criar sentidos. Desse modo, apresentei a importância de pensar a recepção e o efeito estético (JAUS ([1969] 1994); ISER ([1976] 1996), em tempos nos quais é urgente um olhar crítico sobre a vida social e sobre a literatura.

Um dado interessante para entender como essas mulheres se relacionam e dialogam com a obra de Clarice é o fato de as duas participantes narrarem histórias sobre cartomantes, clímax da história de Macabéa. Elas utilizam esse ponto chave da obra literária para (re)construírem suas próprias identidades. Dessa forma, me parece interessante aqui olhar para a literatura como mediadora dessa construção de sentidos narrativos. Por isso, como mencionado no capítulo sete, acredito que esse encontro social de leitura possa ser entendido como um momento de letramento literário crítico. Logo, que sentidos e reflexões críticas sobre a literatura podem ser construídos a partir de um momento de leitura literária? Esse é, portanto, um dos questionamento com os quais chego ao final desta tese. Creio que propor encontros de leitura, em outros contextos, como espaço de mediação e construção de saberes literários (sobre a literatura e por meio da literatura) pode ser um dos caminhos possíveis para a continuidade dessa pesquisa.

Novamente, aqui, posso pensar em minha própria reconfiguração como filha de uma mulher migrante nordestina e, depois, professora de uma; isto é, o que essas narrativas significam para minha própria (re)construção identitária. Posto isso, a inspiração autoetnográfica (ELLIS, ADAMS; BOCHNER, 2010) é condição "sine qua non" para este estudo, pois se apresenta de forma indissociável do tema e do contexto de pesquisa, do qual faço parte pela relação pré-estabelecida com as participantes. Desse modo, percebo que a pesquisa é um rio que corre por si mesmo, apesar do caminho traçado por mim, no papel de pesquisadora. Em

suma, pesquisa é algo que achamos que fazemos, mas muitas vezes é ela que faz a gente.

Minha escrita, por vezes menos acadêmica, também é um ato de resistência e de reexistência – é possível construir uma pesquisa em que a sensibilidade esteja presente. Por mais que esse seja o próprio clamor da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; 2013) e da autoetnografia, grandes áreas nas quais este estudo se localiza, acredito que ainda é necessário marcar e reafirmar este lugar constantemente. Sendo assim, acredito na relevância desta análise e de sua contribuição (i) social, ao gerar entendimentos sobre a vida, sobre o mundo e sobre as experiências humanas; (ii) acadêmica, ao estabelecer pontes entre áreas do conhecimento e pensar a questão migratória sobre outro ângulo; e (iii) pessoal, ao me possibilitar expandir horizontes e amplitude de olhar para questões tão sensíveis, que incluem minha própria subjetividade.

Chego ao final refletindo sobre a própria pesquisa em Linguística Aplicada. O fazer científico, não entendido como desvelador de uma "verdade", pode ser construído no afeto e aproximado do fazer artístico, sendo entendido em si mesmo como arte poética. Isso talvez possa ser observado no futuro em como esta tese reverberará em outros espaço-tempos, em outras pessoas – em mim mesma que penso, respiro, escrevo e bordo "A hora da estrela" e, agora, em vocês, minhas leitoras e meus leitores, ao construir os sentidos deste texto e da história aqui contada. É possível reiterar, portanto, a ciência como uma verdade temporária, uma ficção possível (KRAUSE, 2010; 2004) sem que isso signifique menos valia, mas, ao contrário, sendo o reconhecimento de seu valor fundamental.

Neste momento de (in)conclusão, acredito que é proveitoso expressar o quão poderoso foi, para mim, me colocar no papel de ouvinte, como interlocutora que escuta o que o outro tem a narrar. Todos somos autores de pequenas histórias. Todos os dias temos algo muito importante para contar, quando chegamos em casa do trabalho ou da escola, sejamos adultos ou crianças, e sabemos como fazer isso discursivamente. E essa é a grande maravilha de estudar o discurso em sociedade. Todas as histórias passam a existir no momento em que são (re)construídas no aqui e agora. E essas mesmas histórias existem muitas vezes, sempre que as contamos, das diferentes formas que as contamos.

Creio que Clarice tentou, a partir da história de Macabéa, traçar uma crítica social, gritando para a sociedade as condições vividas por muitas nordestinas na

década de setenta, incluindo minha mãe. Os ecos da voz da autora ressoam nesta tese, que é o próprio direito ao grito reclamado por ela. Finalmente, vejo que esta pesquisa já existia antes mesmo de ser iniciada, afinal são entendimentos que nascem de minha própria ancestralidade, da minha empatia por compartilhar o ser mulher nesta estrutura social que por vezes nos tona invisíveis e silenciadas. Não tenho, pois, conclusões. Este estudo é inconcluso por natureza e espero que ele se fortaleça assim, pois é apenas pelo e no diálogo com minhas leitoras e meus leitores, assim como na própria leitura literária, que é possível (co)construirmos seus significados.

Se em algum momento consegui borrar as tais fronteiras entre Língua e Literatura, terei obtido êxito nesta empreitada. Essa pretensão nasceu talvez por eu mesma ver tantas aproximações possíveis entre a ciência e a arte. Bordei esta tese com palavras e com afeto, criando um desenho que conecta a mim mesma nessa linha ao costurar os sentidos. Histórias se transformam em novas ideias; são sementes para cada um de nós (co)criarmos e (re)criarmos nossa realidade. Essa talvez seja mesmo a maior magia do mundo. Espero, assim, que minhas leitoras e meus leitores possam ser migrantes de si mesmos, deslocando-se por dentro para construir novas percepções sobre o mundo que nos cerca.





ALBA-JUEZ, L; THOMPSON, G. **Evaluation in context**. John Benjamins Publishing Company, 2014.

ARAÚJO, A. de A. Barbosa. **Migrantes nordestinos na literatura brasileira**. Tese (Doutorado em Letras - Ciência da Literatura). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres imigrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 2007.

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text & Talk**, 28(3), 377-396. 2008.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Trad. I. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, [1973] 2010.

BASTOS, L. C. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Caleidoscópio** v. 3, n. (2), p.74-87, 2005.

BASTOS, L. C. Diante do sofrimento do outro – Narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. **Calidoscópio** v. 6, n. 2, p. 76-85, mai./ago. 2008.

BASTOS, L. C. Interação, múltiplas semioses e corpo? Uma interlocução com Charles Goodwin. **Calidoscópio**, v. 8, p. 99-102, 2010.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA** [online]. 2015, vol.31, n.spe, pp.97-126.

BECKER, Howard. A Escola de Chicago. **Mana**, vol.2, Rio de Janeiro, 1996 [1990].

BEDNAREK, Monika. Introduction. **Functions of Language**. 15/1: 1-6. John Benjamins Publishing Company, 2008.

BELLI, S.; HARRÉ, R.; ÍÑIGUEZ, L. 2010. What is love? Discourse about emotions in social sciences. **Human Affairs**, 20, 249-270.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad. ÁVILA, M.; REIS, E. L. de L., GONÇALVES, G. R. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BIAR, L. Desvio e estigma: caminhos para uma análise discursiva. **Calidoscópio**, 2015.

---

<sup>45</sup> Devo agradecer ao professor Gustavo Bernardo, da UERJ, por inspirar o título deste capítulo de referências bibliográficas. Estão listados aqui todos os livros e artigos (mesmo que eles não se sustentem de pé nas prateleiras) utilizados e citados por mim ao longo desta tese.

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Uma estética do performativo: concepção de literatura pela teoria do efeito estético. **Revista de Letras**, São Paulo, 47 (2): 57-73, jul./dez. 2007.

BRUNER, J. S. **Atos de Significação**. Porto Alegre, Artes Médicas, [1990] 1997.

BRUNER, J. S. A Construção Narrativa da Realidade. Trad. Waldemar Ferreira Netto. **Critical Inquiry**, 18(1), pp. 1-21. 1991.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Nova York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. Nova York: Routledge, 2004.

CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, Vol. 8, No. 1, 2005, p. 101-122.

CHAUÍ, M. Brasil: **Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. Ed. Perseu Abramo, 2000.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. (2ªed.) São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Flávia Huber; BIAR, Liana de Andrade. "Já era uma perseguição velada": narrativas de discriminação homofóbica no contexto militar em perspectiva interacionista. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 409-435, 1º sem. 2015.

DALVI, M. A. Ensino de Literatura: algumas contribuições. In: UYENO, E. Y.; PUZZO, M. B.; RENDA, V. L.B. da S. (Org.). **Linguística Aplicada, Linguística e Literatura: intersecções profícuas**. 1ed.Campinas: Pontes, v. 1, p. 15-43. 2012.

DE FINA, Anna. **Identity in narrative: a study of immigrant discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 252 p., 2003.

DE FINA, Anna. Narratives in interview: the case of accounts. **Narrative inquiry**, v. 19, n. 2, p. 233-58, 2009.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. (2ª ed.). Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DINIZ, G.; COELHO, V. L. D. Gênero, migração e saúde mental: dimensões da experiência de mulheres nordestinas no Distrito Federal. In: Terezinha Féres-Carneiro. (Org.). **Família e Casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 01, p. 35-54, 2007.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: Researcher as subject. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of Qualitative Research** (pp. 733-768). London: Sage, 2000.

ELLIS, C; ADAMS, T.; BOCHNER, A. P. **Autoethnography**: An Overview. Forum: Qualitative Social Research, 12(1), Art. 10. 2010. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs1101108>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

FABRÍCIO, B. F. MOITA LOPES, L. P. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Veredas - Rev. Est. Ling.**, Juiz de Fora, v.6, n.2, p.11-29, jul./dez. 2002.

FREITAS, Lúcia Gonçalves de. **Discurso e identidade em narrativas de migrantes**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GARCEZ, Pedro de Moraes. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, Letícia; JUNG, Neiva Maria (Org.). **Fala-em-interação social**: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, p. 17-38, 2008.

GASTALDO, E. **Goffman e as relações de poder na vida cotidiana**. In: RBCS, vol. 23, no. 68, 2008.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975 [1959].

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974 [1961].

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre: Age, [1964] 2013.

GOFFMAN, E. **Estigma** - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, [1963] 1988.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, [1974] 2012.

GOFFMAN, E. **Gender advertisements**. Nova York: Harper and Row, 1979.

GOODWIN, C. Notes on story structure and the organization of participation. In J.M. ATKINSON & J. HERITAGE (Eds.), **Structures of social action** (pp. 225-246). Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

GOUVEIA, C. **Texto e gramática**: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. Matraga, v. 16, n. 24, Rio de Janeiro, jan./jun. 2009, pp. 13-47.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, [1992] 2005.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. (2ª ed.). London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. (3ª ed.). Londres: Hodder Arnold, 2004.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores**. Rio de Janeiro, 2016.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, [1976] 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, [1976] 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, [1969] 1994.

JOHANSEN, J.D. Feelings in Literature. **Integr. Psychol. Behav. Sci.** Sep; 44(3): 185-196. 2010.

JOUVE, V. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcio-lino. São Paulo: Parábola, 2012.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. **A ficção cética**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

LABOV, W. **Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. Ed. **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LEE, E. S. **A Theory of Migration**. *Demography* 3:47-57. 1966.

LEMERT, C. Goffman. In: LEMERT, C.; BRANAMAN, A. (Orgs.). **The Goffman Reader**. Malden, Mass; Oxford: Blackwell, 1997.

LIMA, Rosania de Almeida de. **Trabalho, família, amigos: construções de identidade de um migrante nordestino no Rio de Janeiro em entrevista de pesquisa**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

LINDE, C. **Life stories: the creation of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

LISBOA, T. K. Gênero e migrações - trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**1. Ano XIV - Números 26 e 27 - 2006. p. 151-166.

LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, [1977] 1998.

LOPES, A. R.; SILVA, L. G. S. Neoliberalismo, identidade e preconceito: discursos sobre o Nordeste nas eleições de 2018. **Anais 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, Belém, 2019.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave, 2005.

MISHLER, E. **Storylines: craftartists' narratives of identity**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

MISHLER, E. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (orgs.) **Identidade - recortes multi e interdisciplinares**. (p. 97-119) Campinas, Mercado de Letras/CNPQ, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. IN: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, pp. 85-107, 2006.

MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa do jogador Ronaldo como um fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. **Revista da ANPOLL**, v. 27, p. 129-160, 2009.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. e ROCA, P. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, p. 11-24, 2011.

MOITA LOPES L. P. (Org.), **Linguística aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MONDARDO, M. L. Estudos migratórios na modernidade e na pós-modernidade: do econômico ao cultural. **Terra livre**, 2007.

MONIZ, António. Anti-herói. In: CEIA, Carlos (Org.). **E-Dicionário de Termos Literários**. Lisboa: CETAPS, 2010. Disponível em <<http://www.edtl.com.pt>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

NÓBREGA, A. N. **Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico: abordagem sociocultural e sociossemiótica**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2009.

NOGUEIRA, Olioto José Oliveira. **Migrações Internas: tentativas de buscar uma teoria. Análise e Conjuntura.** Belo Horizonte, v. 6, n.1, p. 38-47, jan/abr, 1991.

NUNES, B. **O drama da linguagem:** uma leitura de Clarice Lispector. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

OLIVEIRA, Marcos Santos de. **O resgate do social na obra de Clarice Lispector.** Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte, Minas Gerais, 2007.

OLIVEIRA, M. C. L.; BASTOS, L. C. A experiência de imigração e a construção situada de identidades. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, v.11, n. 2, p. 31-48, 2002.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve contextualização. In: **Migrações Nordestinas no Século 21 - Um Panorama Recente.** São Paulo: Blucher, p. 11-26., 2015.

PARK, Robert Ezra. A migração humana e o homem marginal. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia**, v.1, n.3, p. 114-123, [1928] 2017.

PARKER, Richard. Estigma, preconceito e discriminação na saúde pública global. **Cad. Saúde Pública.** vol.28, n.1, pp.164-169, 2012.

PENNYCOOK, A. **Critical applied linguistics: a critical introduction.** Chapter 1. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, Mahwa: New Jersey, 2001.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editora, pp. 67-84., 2006.

PÓVOA-NETO, Helion. **Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual:** novos desafios para a análise. *Experimental*, São Paulo, v.2, n.2, p. 11 a 24, 1997.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editora, pp. 149-168., 2006.

RAVENSTEIN, E. G. The Laws of Migration. **Journal of the Statistical Society of London.** vol. 48, No. 2, pp. 167-235., 1885.

RICOEUR, P. Narrative Time. *Critical Inquiry*. Vol. 7, No. 1, **On Narrative** (p. 169-190). Chicago: The University of Chicago Press Stable, 1980.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional.** (2ªed.). São Paulo: Edições Loyola, 2013.

REISSMAN, C. K. Looking Back, Looking Forward. In: **Narrative Methods for the Human Sciences**. (Chapter 1, pp.1-19). Los Angeles: SAGE, 2008.

ROBINSON, J. **Deeper than reason**. Emotion and its role in literature, music, and art. Oxford University Press Inc., New York, 2005.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation. **Language, Baltimore** vol. 50, nº 4, pp. 696-735., 1974.

SALGADO, O. F. A. **As representações de Deus em "Caim", de José Saramago: um estudo sistêmico-funcional**. Dissertação (Mestrado em Letras) - UERJ. 2014.

SALIM, C. A. **Migração: o fato e a controvérsia teórica**. In: VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais, vol. 3, São Paulo, ABEP, pp.119-144., 1992.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino americano. In: SANTIAGO, S. (Org.). **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, [1971] 2000.

SANTIAGO, S. Literatura é paradoxo. Entrevista com Carlos Eduardo Ortolan Miranda. **Revista Trópico**. 2010. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2375,2.shl>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SANTOS, Joice Lemos dos. **A recepção da obra de Jorge Amado na França**. 275 fl. II. Tese (Doutorado em regime de co-tutela). Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, Salvador, 2018.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAIS FILHO, E. de (org.). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, [1908] 2005.

SILVA, F. M. Entre o narrador e o narratário: Macabéa, uma anti-heroína brasileira. **Revista Athena**, v. 3, p. 5-18, 2013.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. **O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do "ser" social em A hora da estrela**. São Paulo: Musa editora; Editora UEMS, 2006.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. 4º edição: Junho de 1995.

TANNEN, D. **Talking Voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse**, Cambridge England; New York: Cambridge University Press, 1989.

THOMPSON, G; HUNSTON, S. Evaluation in text, in BROWN, K. (ed.) **The Encyclopedia of Language and Linguistics** (2nd ed.) Oxford: Elsevier, Volume 4, 305-312, 2006.

VARGAS, S. M. Migração, Diversidade Cultural e Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Educação & Realidade**, n.28(1) jan/jul, p.113-131. 2003.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, G. Becker, Goffman e a antropologia no Brasil. In: GASTALDO, E. (Org.). **Erving Goffman, desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

VIAN JR. O. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem de avaliação em língua portuguesa. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

VILLA, M. A. **Quando eu vim-me embora**: história da migração nordestina para São Paulo. São Paulo, Leya: 2017.

ZANFORLIN, S. C. Migração e Escola de Chicago: caminhos para uma comunicação intercultural. **ESFERAS - Revista Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação do Centro Oeste**, v. 2, p. 161-168, 2014.

ZEMBYLAS, M. **Emotions and Teacher Identity**: A poststructural perspective. *Teachers and Teaching: Theory and practice*, Vol. 9, No. 3, 2003.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 85-97, 2008.



## ANEXO I

## Convenções de transcrição

...	Pausa não medida
.	Entonação descendente ou final de elocução
?	Entonação ascendente
,	Entonação de continuidade
-	Parada súbita
=	Elocuções contíguas, enunciadas sem pausas entre elas
<u>sublinhado</u>	Ênfase
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	Palavra em voz baixa
>palavra<	Fala mais rápida
<palavra>	Fala mais lenta
::	Alongamentos
[	Início de sobreposição
]	Término de sobreposição
( )	Fala não compreendida
(( ))	Comentário do analista, descrição de atividade não oral
"palavra"	Fala relatada, reconstrução de diálogo
hh	Aspiração ou riso
↑	Subida de entonação
↓	Descida de entonação

Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989), apud Bastos e Biar, 2015.

ANEXO II  
TRANSCRIÇÃO CÁSSIA

ÁUDIO 01 (01:49:50)

24:36 Odete interrompe a leitura.

"Sim, e talvez alcance a flauta doce em que eu me enovelarei em macio cipó" (LISPECTOR, C. [1977] 1998, p. 20).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº I612630/CA

- 1 Odete deu pra entender alguma coisa [até agora?]
- 2 Cássia [ >deu pra entender alguma  
3 coisa sim<] pelo seguinte essa nordestina que veio de  
4 alagoas com vestido de chita igual a eu que vim com um  
5 vestido de chita (hh) eu cheguei aqui em junho com vestido  
6 de chita naquela época aqui no rio de janeiro fazia frio  
7 vestido aqui no meio da da coxa sentia um frio na  
8 rodoviária chega tremia assim ↑magrinha (hh) que era bem  
9 magrinha mesmo entendeu MAS esse cara fazendo o livro,  
10 esse cara que tá fazendo o livro é ela mesmo?
- 11 Odete não, tem um narrador que é ele que tá [falando aqui]
- 12 Cássia [mas não é ela não?]
- 13 Odete ele vai escrever sobre essa nordestina
- 14 Cássia não é ela que tá dando uma- que tá parecendo que é ela  
15 que tá se passando por homem fazendo o livro
- 16 Odete não ↑sei será?
- 17 Cássia não dá pra entender
- 18 Odete ↑não sei ué pode ser será que é ela que tá se passando  
19 por um homem
- 20 Cássia é. porque naquela época (pra fazer livro) as mulheres não  
21 eram muito respeitadas ... entendeu ... eles não davam  
22 [muito valor entendeu]
- 23 Odete [NÃO. tem tem a escritora], e aí a escritora [é uma né]  
24 ela escreveu um livro.
- 25 Cássia [aham]
- 26 Odete mas aqui a história é contada por um narrador que é o  
27 rodrigo né ele falou o nome dele
- 28 Cássia é o rodrigo, mas eu acho que o rodrigo é ela mesma não  
29 sei ne
- 30 Odete que o rodrigo é a personagem?
- 31 Cássia do da da autora do livro

- 32 Odete que é a nordestina?
- 33 Cássia não sei, eu acho
- 34 Odete não- é.
- 35 Cássia eu acho que a nordestina é ela mesma e que o rodrigo é  
36 ela mesma. Tenho a impressão (incompreensível)
- 37 Odete todo mundo é a mesma pessoa (hh)
- 38 Cássia eu acho, não sei né, pode ser que seja seja a nordestina  
39 mesmo [mas isso aí (incompreensível)]
- 40 Odete [é o rodrigo o rodrigo] que é o narrador ele tá  
41 falando aqui nesse início que ele vai contar a história  
42 dessa nordestina né
- 43 Cássia eu sei, mas eu tenho a impressão que esse rodrigo ela que  
44 tá se fazendo passar por rodrigo pra narrar o livro, eu  
45 que tenho a impressão, não sei se é
- 46 Odete uhum
- 47 Cássia se é pra contar a história da nordestina, todos os dias  
48 vem essas meninas lá do norte pra cá sempre
- 49 Odete e ela é datilógrafa né
- 50 Cássia é terceira série, terceira série lá mesma coisa que fosse  
51 primeiro,
- 52 Odete aqui e aqui deu um curso pra ela né
- 53 Cássia datilógrafa ... a gente começa a bater assim só com o  
54 dedinho que não sabe direito e aí vai eu nunca quis  
55 aprender isso porque achava (incompreensível) muito chato  
56 aquilo
- 57 Odete uhum
- 58 Cássia entendeu, muito chato, mas é legal você ter aquilo. acho  
59 que teu pai tinha uma lá antiga ele pegou vendeu, devia  
60 nem que ter vendido né.
- 61 Odete o que?
- 62 Cássia uma máquina de datilógrafa tinha uma pequenininha que a  
63 gente comprou depois vendeu "ah ninguém bate mais nada"  
64 vamos vender isso "vende não, deixa isso aí" hoje em dia  
65 é você tem que guardar por antiguidade mas vamos.
- 66 Odete tá, aí ele continua.

**27:32 Odete retoma a leitura.**

**29:47 Odete interrompe a leitura.**

**"Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só quereria ter o que eu tivesse sido e não fui." (LISPECTOR, C. [1977] 1998, p.21).**

- 67 Odete ele continua falando isso que vai escrever né que ... ele  
68 fala também- ele fala bastante sobre a questão dela ser  
69 [miserável né dela ser,]
- 70 Cássia [pobre, magrela]
- 71 Odete [pobre, magra]
- 72 Cássia acho que ela também devia ser um pouco feia né
- 73 Odete isso ele não fala né mas a gente pode::,
- 74 Cássia magra, pode ser que ela passava fome, né porque lá no  
75 norte a pessoa passa muita necessidade né não tem comida  
76 direito pra se comer ... como mostrou no interior, ainda  
77 hoje tem no interior de do maranhão uma comunidade que  
78 vi a reportagem que as crianças têm lá tem dia que tem  
79 um punhado de farinha pra comer ... será que a dilma não  
80 manda cesta básica para o prefeito ... bolsa família,  
81 eles devem pegar e gastar ... falaram aí o pessoal estava  
82 falando "pois é, eles falaram que ia dar cesta básica pra  
83 gente, bolsa família, mas até agora não veio" ... e é  
84 muito triste ver uma criança passando fome, que eu já  
85 passei fome, então com bolsa família com tanto recurso  
86 que ela gasta um dinheirão lá, ainda tem gente no interior  
87 passando fome, pior que tem ainda odete.
- 88 Odete é com certeza.
- 89 Cássia entendeu é uma tristeza né [(incompreensível)]
- 90 Odete [bolsa família ajuda mas,]
- 91 Cássia essas crianças [quebrando castanha]
- 92 Odete [tem gente (incompreensível)]
- 93 Cássia pra pegar um dinheirinho pra poder comprar comida e o  
94 dinheirinho [não dá pra nada]
- 95 Odete [trabalho escravo né]
- 96 Cássia e o trabalho escravo ... que dizer que eles enchem aquele  
97 saco de castanho pro dono, aí o dono manda pra são Paulo  
98 pra ... lá é interior de natal ... pra todas as capitais  
99 e ele ganha um dinheirão o dono das castanhas que é que  
100 é o dono do sítio das castanhas, aqueles coitadinhos lá  
101 que tá batendo marretando as castanhas ganha mixaria com  
102 as mãos todas todas todas todas manchadas, criança,  
103 começa com criança, menino com 16 anos 17 anos foi tirar  
104 a identidade a identidade quase não saiu direito a:: ...  
105 porque o sumo da castanha ela queima tem um liquidozinho

106 que é um ácido que queima as mãos e queima toda sua  
 107 digital é uma tristeza ver isso né pra ganhar tão pouco  
 108 dá comprar um quilo de farinha um quilo de feijão pra  
 109 pode comer então é horrível e o cara falou assim "você  
 110 não fazem um meio melhor pra essas crianças ter uma vida  
 111 melhor" de manhã elas estudam depois vão pra- pra um  
 112 lugar pra quebrar com a marreta quebrar as castanhas  
 113 torradas né pra colocar num saquinho mas aí o cara não  
 114 faz nada não faz um meio dele ganhar dinheiro

115 Odete eles estão nem aí né

116 Cássia estão nem aí pras crianças ... então vai odete

117 Odete é:: aí ele continua, aí ela tem 19 anos né

118 Cássia é 19 anos

119 Odete aí continua falando- o narrador o rodrigo

**32:40 Odete retoma a leitura.**

**44:20 Odete interrompe a leitura.**

**"Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acredita. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa - basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé." (LISPECTOR, C. [1977] 1998, p.26).**

20 Odete é:: interessante essa cena aqui do:: ... dela com o patrão  
 21 né

22 Cássia (incompreensível)

23 Odete cê entendeu essa parte?

124 Cássia entendi.

125 Odete vamos continuar então.

126 Cássia que vai mandar ela embora, mandar ela embora porque ela  
 127 estava fazendo errado e borrava os papeis todos

128 Odete isso né e aí o::

129 Cássia deu aviso prévio pra ela.

130 Odete isso, aí o:: narrador ele fala ele ele sinaliza o modo  
 131 como ela responde né pra ele também né ... assim

132 Cássia desculpa por por pelo aborrecimento né.

133 Odete isso que ela ela ela não não tem uma força né

134 Cássia é, eu sei, esse pessoal essas mosca morta, se dá assim,  
 135 a gente fala mosca morta no norte, mosca morta ... lá no

- 136 norte a gente chama de mosca morta essas pessoas que não  
137 tem muita ... muita firmeza que é bobinha diz "ih aquela  
138 menina é mosca morta, aquela mulher é mosca morta",
- 139 Odete de repente porque ela estava chegando agora aqui
- 140 Cássia é quando eu cheguei também aqui era mosca morta (fui uma)  
141 mosca morta, é bobinha as pessoas... deixa todo mundo  
142 fazer o que você quer, gato e sapato de você depois que  
143 você vai pegando a manha ...
- 144 Odete aí ele continua aqui ... e aí fala também- é muito bonito  
145 aqui ... que ela, que ela, ele fala assim "ela não sabia  
146 que era infeliz" né, "!que ela acreditava", e como se ela  
147 ela tava sempre acreditando nas pessoas né e ela não  
148 (incompreensível)
- 149 Cássia =quando eu vim pro rio também aqui eu era assim também  
150 sempre acreditava nas pessoas nem sempre você tem que  
151 acreditar em todo mundo que as vezes você está acreditando  
152 naquela pessoa, está tendo amizade com aquela pessoa,  
153 isso é como é que se diz, isso é, isso é escola própria  
154 minha, porque as vezes a pessoa é tua amiga "tá tudo bem  
55 com você?" e por trás tá sendo fingida tá sendo falsa  
56 contigo entende? as pessoas do norte acreditam muito nas  
57 pessoas da cidade grande e as vezes elas usam muito você  
58 entende como eu já fui muito usada, faz amizade tomam  
59 coisa emprestada, tinha uma que fez amizade comigo fiquei  
60 com peninha que estava com resfriado, emprestei meu xale  
61 ... xale amarelo lindo, mas era bem clarinho, comprei em  
62 quatro prestações, maria tá até vendendo um branco ali  
63 parecido, um creme com negocinho branco tá querendo dez  
64 reais, falei com ela que se eu tivesse eu compraria ...  
65 aí ela levou o xale, que ela fazia faxina na casa do seu  
66 manuel português, nunca mais ela apareceu com o xale para  
67 me entregar, entendeu, então pessoa do norte é muito  
68 boazinha, muito bestinha, tem pena de todo mundo, acha  
169 que todo mundo é bom igual a ela é bobinha entendeu- a  
170 outra que eu também emprestei leite pra pra pra pra mulher  
171 do paladino comprar leite pro filho do paladino ficou  
172 desempregado que era primo do carlos- paladino do meu  
173 namorado, nunca mais me emprestou, nunca mais me pagou,  
174 eu andava pela calçada da riachu-, lá da ... lá de  
175 botafogo pela, pela real grandeza ela me via e mudava pra  
176 outra calçada.
- 177 Odete quem era essa (hh)?
- 178 Cássia a viviane, mulher do paladino, que traia o paladino,  
179 entendeu,? então você aprende muita coisa, nossa, quando  
180 você chegar a minha idade, deus queira que você chegue,  
181 você vai aprender muita coisa, você vai dizer "minha mãe  
182 tinha razão", se eu for viva, não sei se eu vô tá viva,  
183 minha mãe- muita gente falsa, pô cê vai encontrar muita

184 gente falsa ... homem que mente pra você, entendeu, nossa,  
 185 cê só encontrou o leandro, mas cê já encontrou alguns  
 186 também que já deve ter mentido pra tu, com certeza, que  
 187 diz, (bem) como aquele que foi o teu primeiro, que não  
 188 vivia bem com a mulher, tudo mentira odete, homem mente  
 189 para conseguir aquilo que quer ... homem casado, diz  
 190 assim to me separando da mulher ... não está se separando,  
 191 é mentira dele, eu tenho experiência própria, entende?  
 192 então nunca queira homem que es- tenha mulher, que ainda  
 193 esteja em casa de mulher ou que tenha filho, não vai dar  
 194 certo, isso é experiência própria, queira viúvo que o  
 195 filho já tenha morrido, entendeu, livre, aí sim não vai  
 196 te dar problema, isso é experiência própria, QUE HOJE do  
 197 jeito que eu penso, que eu já penso melhor, tenho  
 198 cinquenta e poucos anos, jamais queria milton, nunca na  
 199 minha vida queria milton, eu ia continuar com o teu pai  
 200 ... mesmo com aquela puta perturbando lá, eu ia dar uma  
 201 surra nela de cabo de vassoura na porta ia botar pra ela  
 202 correr, que eu na época ainda era meia bobinha ainda do  
 203 norte, ainda tinha aquela bobeirinha do norte, sabe? sabe  
 204 de ... de ser orgulhosa, de ser, por isso que eu falo pra  
 05 você, orgulho e a pessoa ser prepotente, nariz em pé, não  
 06 leva a nada, a gente tem que ser mais humilde, mais  
 07 simples, (inaudível) das coisas, as pessoas (inaudível)  
 08 das coisas, relevar, teu pai era orgulhoso, eu era  
 09 orgulhosa, se eu perdoasse ele alguma coisa e se ele me  
 10 perdoasse todo mundo vivia bem, é isso que eu quero dizer,  
 11 quando teu marido briga contigo e você briga com ele,  
 12 releva alguma coisa, isso não leva a nada, que vai fazer  
 13 o que? vai se separar↑, aí depois você pode sentir falta  
 14 dele ou ele sentir falta de você, então vocês tem que  
 15 procurar, tem certas coisas que viver os dois junto é  
 16 difícil ... é muita, muito sabe tititizinho o dia a dia,  
 17 certas coisas que a gente tem que passar por cima, então  
 18 passar a borracha e deixar pra lá, muita coisa que eu  
 219 tivesse deixado pra lá, tin- tava vivendo com teu pai há  
 220 muito tempo, mas eu era orgulhosa, nariz em pé, parecida  
 221 contigo, entende?, tu também é parecida com teu pai, teu  
 222 pai também era assim nariz em pé, "não quero isso aqui  
 223 não tem" não pode ser assim minha filha, é experiência  
 224 própria vai por mim, tá, fica um, isso fica só um alerta  
 225 pra você.

226 Odete [tá]  
 227 Cássia [tinha botado ela pra correr], tinha mandado ele fazer o  
 228 divórcio tinha ficado com ele [mas eu pensava diferente.]  
 229 Odete [vamos lá, vamos seguir.]  
 230 Cássia vamos.

**51:04 Odete retoma a leitura.**

## 53:08 Odete interrompe a leitura.

"Enquanto isso as nuvens são brancas e o céu é todo azul. Para que tanto Deus. Por que não um pouco para os homens." (LISPECTOR, C. [1977] 1998, p. 27).

231 Odete aí, é isso que a gente tava falando agora né, o:: narrador  
232 ele ... fica chateado porque ela não [toma uma atitude,  
233 uma iniciativa né]

234 Cássia [ela não toma  
235 inicia- inicia-, não toma iniciativa] mas a maioria das  
236 pessoas do norte é assim, obediente ... chega e todo  
237 mundo fala as coisas com ela baixa a cabeça, entendeu?  
238 porque são pessoas mais ignorantes, entende? não tem  
239 muita iniciativa, que já criou, ela já é criada obedecendo  
240 a tia::, obedecendo a pai e a mãe, as pessoas do norte é  
241 assim. por exemplo, lá no norte é assim, você acorda de  
242 manhã, você vai dormir "benção mãe", aí vai dormir "benção  
243 pai", "benção mãe", a cultura do norte é diferente, aqui  
244 os filhos não dá benção a mãe pra dormir ... quando acorda  
45 de manhã benção mãe, entendeu, que lá eles acham que a  
46 benção da mãe e obedecer está mais protegido, vai ficar,  
47 vai ter um dia mais feliz, que a mãe dizer assim "deus  
48 abençoe", entendeu? a cultura daqui é diferente, cê não  
49 vê, trabalhei em casas por aí e não via o respeito assim,  
50 como a gente tem lá pela nossa mãe, pelo nosso pai, mesmo  
51 que a nossa mãe não tem nada pra dar pra gente, é pobre,  
52 é lascada, não sabe ler, não tem nada pra dar pra gente,  
53 tem respeito, a cultura lá é diferente, a criação é  
54 diferente daqui da cidade grande, entende? por isso que  
55 ela é assim, assim sabe uma pessoa calma, não fala nada,  
56 tudo tá bom, se der farinha seca pra ela, ela come, tá  
57 ótimo, as pessoas do norte, quando eu cheguei aqui é  
58 assim,

259 Odete ele fala que o cão dele tem mais comida que ela né.

260 Cássia entendeu? e ela não vai falar, não vai reclamar, ela vai  
261 aceitar, ela já foi criada assim, entende, é a cultura  
262 ... é a cultura, vê que tem gente lá que come farinha,  
263 lá com açúcar, ou com um pouquinho de sal pra poder pra  
264 poder matar a fome e não reclama das coisas, pra eles é  
265 tudo bom, entendeu, e aqui uma criança não vai comer  
266 isso, vai reclamar, é diferente ...

267 Odete então, ele volta a falar sobre ela

268 Cássia hum

## 55:20 Odete retoma a leitura.



## 56:36 Odete interrompe a leitura.

"Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio." (LISPECTOR, C. [1977] 1998, p. 27).

- PUC-Rio - Certificação Digital Nº I612630/CA
- 269 Odete interessante né, que que significa ela ser um café frio?
- 270 Cássia ah porque devia ser, devia ser com aquelas manchas, devia  
271 ser uma menina feia, magra, sem corpo, ainda feinha, mal  
272 vestida. que lá o pessoal a maioria, agora, inda tem  
273 gente ainda lá no norte, lá no interior, que carrega água  
274 para beber e tomar banho, então a maioria das pessoas lá  
275 toma banho uma vez na semana ... então ela deve ter  
276 chegado aqui e deve ter pensado que era igual no norte  
277 tem que tomar banho uma vez na semana, então por isso que  
278 ela tem esse cheiro assim (hh) pessoal lá não toma banho  
279 todo dia, falta d'água, então ela já acostumou com isso,  
280 entendeu? ... eu (era) sempre eu gostava de tomar banho,  
281 eu era diferente, não tinha água em casa, ia pro rio  
82 tomar banho (hhhh) pegava sabão, adora- minha mãe dizia  
83 "cuidado menina, cê não vai se afogar na água", um dia a  
84 água tava muito forte, me levou e eu peguei na- no galho  
85 de árvore aí subi a barreira e pronto, eu era danada  
86 encapetada (hhhh)
- 87 Odete que que é subir a barreira?
- 88 Cássia a barreira não tem assim uns galhos de árvore assim ...  
89 e ali tem o rio e as pedras, aí cê bota o pé e sobe na  
90 barreira pra subir pra pra terra ((toca a campainha))  
91 quem será? ((pausa na gravação))
- 92 Cássia então tá, for lá para meio dia e meia eu vou fazer a  
93 comida pra gente, fala.
- 294 Odete tá bom. onde é que eu tava, pera aí...
- 295 Cássia e também a maioria delas, (inaudível), a maioria delas,  
296 das pessoas que vem do norte não tem mania de raspar  
297 debaixo do braço.
- 298 Odete ah é?
- 299 Cássia é, porque mora no interior ... então aqueles pelinhos  
300 deixam aquele cheirinho esquisito ... quando eu cheguei  
301 aqui que eu comecei a raspar debaixo do meu braço, não  
302 raspava embaixo do braço, aí a minha colega falou que tem  
303 que raspar tirar os pelinhos que aqueles pelinhos dá mau  
304 cheiro deve ser isso que dava mau cheiro (inaudível)  
305 agora não na cidade grande elas raspam, mas as meninas  
306 que moram no sítio no interior essas meninas assim essas  
307 ignorantezinhas não raspam embaixo do braço não raspam a

- 308 virilha tudo cabelo grande, tudo parece aquela gente da  
309 caverna
- 310 Odete (hh)
- 311 Cássia entendeu, por isso que fedia, fala.

**59:06 Odete retoma a leitura.**

**01:02:32 Cássia interrompe a leitura.**

**"Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual - a tia que não se casara por nojo - é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem." (LISPECTOR, C. [1977] 1998, p. 28).**

- 312 Cássia sei como é que é, rígida, esse pessoal rígido
- 313 Odete como é que é?
- 14 Cássia esse pessoal rígido que não, que não deixa namorar↑, que  
15 não deixa fumar↑ ...
- 16 Odete sim, mas ela também tinha medo que a menina virasse uma  
17 prostituta né.
- 18 Cássia tinha medo que ela virasse, fosse (inaudível) Mas tem  
19 umas que pegam pesado, algumas pessoas do norte, mãe,  
20 [pega pesado]
- 21 Odete [ó ele continua] ele continua assim "embora a menina não  
22 tivesse dado mostras de no futuro vir a ser vagabunda de  
23 rua"
- 24 Cássia uhum. eu sei mas::
- 325 Odete (inaudível)
- 326 Cássia =minha tia também fazia isso comigo, quando eu fui pra  
327 lá com 10 anos, ela não queria que eu fumasse, não queria  
328 que eu conversasse com as meninas da minha idade com 10  
329 11 anos porque achava que as outras meninas iam ser puta  
330 que eu ia ser puta também ... então ela falava mal das  
331 vizinhas, tinha que ficar na casa dela lavando louça  
332 sendo empregada dela e varrendo casa, aí eu fui estudar  
333 e fiz só o C.A. lá em João Pessoa, não em Guarabira, fiz  
334 o C.A., só chegava no colégio atrasada porque ela me  
335 botava eu pra varrer casa↑ é ... me explorava por um  
336 prato de comida que a minha mãe não tinha nada meu pai  
337 foi embora,
- 338 Odete hum

- 339 Cássia aí depois eu saí da escola ela falou "ah vai embora lá  
340 pra casa da tua mãe que daqui a pouco aqui em João Pessoa,  
341 aqui em Guarabira, você vai virar puta igual às outras"  
342 então é esse tipo de gente assim que são muito rígido e  
343 acha que toda menina vai fazer igual às outras, não queria  
344 minha amizade com as meninas da vizinha, a minha prima  
345 uma vez deu uma surra em mim
- 346 Odete por que?
- 347 Cássia porque:: ... é como é que se diz, eu pedi a:: ... a  
348 combinação dela, que a gente usava muita combinação, (até  
349 tenho uma que tá na gaveta)
- 350 Odete ah, que elas falam aqui. o que que é essa combinação?
- 351 Cássia combinação é aquele, aquele tipo uma camisolinha para  
352 botar por baixo do vestido para não ficar transparente  
353 que eu tenho ali
- 354 Odete ah↑ tá
- 355 Cássia entendeu, então eu pedi emprestado então ela soube que  
356 eu pedi emprestado, aí deu- bateu em mim só por causa  
357 disso (hhhh)
- 358 Odete mas quem, quem bateu em você foi sua (tia)?
- 359 Cássia foi a minha prima,
- 360 Odete e a combinação era dela?
- 361 Cássia não, não era da minha colega lá vizinha, ela não queria  
362 que eu pedisse emprestado pros outros ... pra minha  
363 colega, ela me bateu, entendeu? é ...
- 364 Odete difícil conviver com isso, com os outros né, é família  
365 mas...
- 366 Cássia é família mas tinha eu como empregada né na casa dela,  
367 né ... aí eu falei com a minha mãe, minha mãe "então  
368 vamos embora, vamos pra lá, o que a gente for comer lá,  
369 você come". aí nisso fui embora de lá da casa dela, fui  
370 pra minha casa, fui pra minha mãe, pedi pra minha mãe me  
371 levar embora, entendeu? as pessoas no norte é assim,  
372 assim mesmo, NÃO QUERIA que eu pintasse unha, porque quem  
373 pintava unha naquela época era puta ... não queria que  
374 fumasse, nada disso podia fazer...
- 375 Odete você tinha quantos anos?
- 376 Cássia eu tinha onze anos. é mais ou menos isso, onze pra doze  
377 anos, NÃO QUERIA NEM QUE EU CONVERSASSE nem com a vizinha  
378 com as meninas do meu lado da filha da vizinha lá que  
379 tinha a mesma idade né conversar, brincar lá no quintal  
380 de roda, nem isso podia fazer, ficar só dentro de casa  
381 lá com ela ... entendeu? aí depois ela foi morar em João

382 Pessoa aí eu não quis ficar na casa dela ela queria que  
383 eu fosse lá para ser- trabalhar para ser empregada dela  
384 (inaudível) vai.

**01:06:04 Odete retoma a leitura.**

**01:31:32 Odete interrompe a leitura.**

**"Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam."  
(LISPECTOR, C. [1977] 1998, p.40).**

385 Odete (hhhh) isso já aconteceu contigo né mãe?

386 Cássia o que?

387 Odete de comer gato?

388 Cássia lá no norte a gente comeu gato eu e valéria eu comi tem  
389 um gostinho de carne de galinha levemente ... é que o  
390 filho da dona maria fez aniversário e lá na casa dele não  
391 tinha nada ele pegou dois gatos gordo eu falei "você é  
92 muito ruim seu maldito filho da puta ainda fez eu comer"  
93 depois que eu comi que ele me falou pra mim aí agora a  
94 valéria vai comer e você não vai falar (hhhh) e eu deixei  
95 (hhhh) valéria queria botar até as tripas pra fora (argh)  
96 eu digo não adianta valéria eu comi você comeu todo mundo  
97 comeu, ele falou que era, dona maria falou que não era  
98 que era mentira, agora não sei se era ou se não era, que  
99 ele dizia ele gostava de pregar, entendeu

00 Odete nunca vai saber né

01 Cássia ele era muito safado foi pro exército depois com 18 anos,  
02 muito safado, muito sapeca, nem sei por onde ele anda,  
03 fala.

**01:32:36 Odete retoma a leitura.**

**Fim do primeiro áudio.**

**"Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada  
acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos" (LISPECTOR,  
C. [1977] 1998, p.47).**

**ÁUDIO 02 (01:53:48)**

**44:46 Odete interrompe a leitura.**

**"É a minha vingança." (LISPECTOR, C. [1977] 1998, p. 69).**

404 Odete e aí, até aí, tá gostando?  
 405 Cássia to, isso é o (médico) falando?  
 406 Odete NÃO, aí é o narrador que tá falando.  
 407 Cássia aí é o narrador ah tá  
 408 Odete o médico mandou ela para o raio que parta né só porque  
 409 ela não sabia  
 410 Cássia (inaudível) coitada  
 411 Odete não [conhecia as coisas]  
 412 Cássia [não conhecia as coisas] ele achou que ela ela  
 413 tava debochando dele ... falta muito? [vai logo acaba  
 414 logo com isso]  
 415 Odete [não ... falta pouquinho]

**45:40 Odete retoma a leitura.**

**01:21:06 Odete termina a leitura.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº I612630/CA

16 Odete acabou  
 17 Cássia gostei não que ela morreu (hhhh)  
 18 Odete ah (hhhh) porque?  
 19 Cássia sei lá, porque eu acharia que ela devia ter encontrado o  
 20 o (como é que é) o gringo  
 21 Odete hum.  
 22 Cássia um gringo lindo pra casar com ela né? ... um casaco de  
 23 pele  
 424 Odete o que, o que que isso significa?  
 425 Cássia ah?  
 426 Odete o que que isso significa?  
 427 Cássia significa que a cartomante mentiu pra ela  
 428 Odete mas é- na verdade a cartomante não sabia de nada né? o o  
 429 que a cartomante falou pra outra menina né? que a outra  
 430 menina ia ser atropelada né? aconteceu com ela né?  
 431 Cássia °com ela né°  
 432 Odete mas assim o que que significa ela encontrar é encontrar  
 433 o rapaz rico e e encontrar esse casaco de pele ... o que  
 434 que isso significa?

435 Cássia ... °(não sei muito bem o que significa)° significa que  
436 a outra que saiu chorando que ela deu deu deu a história  
437 errada pra outra foi ela que ia ser atropelada, quer  
438 dizer a outra que deve ter casado com o gringo entendeu

439 Odete aí a gente nunca vai saber né

440 Cássia e ela foi uma pessoa muito infeliz assim infeliz né

441 Odete por que?

442 Cássia uma pes- uma pessoa pobre na miséria morando num quarto  
443 com quatro pessoas trabalhando batendo naquela  
444 maquinazinha não se arrumava não tinha dinheiro pra nada  
445 tinha um cara que namorou ela que não gostou dela deixou  
446 ela pra ficar com outra ela era uma pessoa muito infeliz  
447 infeliz né ela achava que era feliz né mas era uma pessoa  
448 carente carente de amor, né, carente de família, carente  
449 de tudo né não aparenta ser carente de tudo?

450 Odete será que ela era mesmo infeliz?

451 Cássia eu acho, eu acho que ela fazia- fingia que era feliz ...  
452 ela fingia que era feliz pra ninguém pra ninguém achar  
453 que ela era infeliz entendeu? tem muitas maneiras da  
454 pessoa de fingir que é feliz mas não é feliz que a vida  
455 dela não tinha jeito EEEEEEE ((interrupção do gato))  
456 tange ele aí tá acabando com a cama

457 Odete shiii sai daqui

458 Cássia pô, seu xexelento, vem pra cá só pra rasgar a cama você  
459 e o faisca fora fora ((expulsa gato do quarto)) sem  
460 entrasse ficasse deitadinho não fica ela sempre foi uma  
461 pessoa, eu acho que ela foi uma pessoa carente ... não  
462 foi uma pessoa muito amada arrumou um namorado que não  
463 se interessou por ela deixou ela porque ela era feia  
464 magra magricela né com mancha na pele arranjou outra mais  
465 interessante mais gordinha né a tia era uma tia ruim não  
466 era uma tia boa não deu amor suficiente pra ela  
467 ((bocejando))

468 Odete mas mesmo assim ela ela não parecia ela não tinha muita  
469 percepção né

470 Cássia é, porque a tia dela não ensinou a ela

471 Odete mas isso é uma questão também de sentimento né o que que  
472 cê acha?

473 Cássia é, a tia não passou muito (sentimento)

474 Odete como a gente se sente em relação- mas eu não sei se não  
475 ... é algo que a gente é como- a forma como a gente se  
476 coloca

- 477 Cássia vem cá, aqui agora virou creche agora fora todo mundo  
 478 fora ((expulsa gatos do quarto)) depois vai (rasgar) a  
 479 cama pode deixar assim tá bom ((odete fecha a porta do  
 480 quarto)) encostada aqui que eles não vão
- 481 Odete assim talvez como a forma como a gente se coloca no mundo
- 482 Cássia é, isso é ela né ((aponta para o livro))?
- 483 Odete [é um desenho né mãe]
- 484 Cássia [é um desenho dela escutando radinho]
- 485 Odete [é, ela escutando o rádio né]
- 486 Cássia escutando o radinho, umas casinhas, né, a vilazinha assim  
 487 das casas onde ela morava ainda tem essa rua ainda acho  
 488 que já ouvi o nome dessa rua acre
- 489 Odete é lá no centro né
- 490 Cássia °é no centro, rua acre é perto dá (inaudível) ... lá  
 491 perto do acho que fica perto da praça mauá essa rua por  
 492 ali praça XV, por ali, perto do cais do porto, praça  
 93 mauá, acho que é mais perto da praça mauá° ... que que  
 94 você acha? ↓do livro também. ... você gostou?
- 95 Odete eu gostei. ... eu acho que:: ... tem uma grande questão  
 96 aí so- em relação a classe social né eu acho que ...  
 97 quando a clarice escreveu esse livro ela ela queria::  
 98 denunciar:: como os nordestinos eles ficam ... é ap- >é  
 99 pelo menos da época dela né ela escreveu esse livro em  
 00 setenta e sete< ... como eles ficavam apagados né acho  
 01 que a macabéa é um:: ... é uma alusão a esse apagamento  
 02 que o nordestino né >em geral o nordestino né< que vem  
 03 aqui pro- migra né do nordeste vem aqui pro Rio e:: quem  
 04 é esse nordestino né e ela vai as vezes- ... é:: o  
 05 narrador fala né
- 506 Cássia a sociedade antigamente não dava valor só para ser  
 507 empregada domé::↑stica ... [trabalhar ...
- 508 Odete [ah o narrador fala que:: ela  
 509 não existe que ela não é ninguém:: [que ninguém olha pra
- 510 Cássia [é não é ninguém
- 511 Odete ela então acho que tem uma denúncia aí né.
- 512 Cássia exatamente por que ela era pobre principalmente ser pobre  
 513 SER POBRE sempre foi ... >sempre foi sempre foi< mais a  
 514 humilhação imagina naquela época era pior ... ser pobre  
 515 nordestina e sem pai e sem mãe piorava a situação ...
- 516 Odete °é o caso dela°
- 517 Cássia piorava a situação ... e MAGRA e FEIA com mancha na cara  
 518 ... é mais difícil

- 519 Odete e ela- a:: personagem ela ... era magra e tudo porque ela  
520 não↑ se↑ alimentava↑ direito↑ né↑
- 521 Cássia é porque não tinha comida o que ela ganhava era muito  
522 pouco
- 523 Odete provavelmente ela ganhava [pouco
- 524 Cássia [ganhava (incompreensível)
- 525 Odete E ATÉ em um momento fala né que ela ganhava menos de um  
526 salário mínimo ... como datilógrafa ...
- 527 Cássia é mas tem muitas dessas que vem pra cá acontece isso  
528 mesmo dete naquela época >naquela época< ... eu vim pra  
529 cá em setenta e quatro ... entendeu? ... então naquela  
530 época realmente era se você não encontrasse amigo ...  
531 legal pra te ajudar você passava fome mesmo entendeu? ...  
532 quando eu fiquei desempregada eu tinha um amigo seu costa  
533 foi meu segundo pai ... eu fiquei na loja lá dele de  
534 disco que eu fiquei desempregada ele trazia comida pra  
535 mim dividia comida para mim,
- 536 Odete uhum
- 537 Cássia por causa da esposa dele não tinha nada comigo ele era  
538 meu segundo pai uma pessoa boa que eu arranjei aqui seu  
539 costa ... entendeu?
- 540 Odete você trabalhou para ele?
- 541 Cássia não↑ não↑ ele era conhecido da:: da raquel e da ruth lá  
542 de botafogo do prédio ... que o miguel↑ marido da ruth  
543 era amigo trabalhou com ele ... ele fazia móveis seu  
544 costa tinha uma lojinha de disco antigo aqueles disco de  
545 vinil que () botou pra ele. ↑então o pessoal me apresentou  
546 ... aí aí depois ele me arranjou um trabalho na dona leka  
547 (desse pessoal judia) ... a ruth arranjou pra mim através  
548 dele EU TRABALHAVA LÁ PERTO da da real grandeza perto das  
549 furnas,
- 550 Odete uhum
- 551 Cássia naquela ruazinha então a loja de disco era bem perto das  
552 furnas agora faz parte (incompreensível) ele sempre foi  
553 uma pessoa boa que me ajudou
- 554 Odete que bom né [mãe]
- 555 Cássia [entendeu?] então ele saia de manhã ele saia  
556 pra casa dele fechava a loja eu ficava fechada lá ...  
557 dormia [lá]
- 558 Odete [ficar] aqui sozinho né é muito difícil,
- 559 Cássia é ... a valéria foi morar com um cara lá no balança ...  
560 eu fui lá ficar um dia dois dias o cara deu em cima de  
561 mim ... o tal do luis marido dela ... aí eu falei com ela



562 que ia pro trabalho que não ia ficar lá ela DE VEZ ME  
563 APOIAR ... ela ficou de cara feia pra mim que achou que  
564 eu estava dando bola pro cara entendeu? a valeria nunca  
565 me apoiou não

566 Odete mas se você tava saindo de lá† é porque você não queria  
567 né mãe?

568 Cássia entendeu?

569 Odete ou ela ficou chateada por você tava saindo né? de forma  
570 geral?

571 Cássia <não ela ficou chateada> porque eu falei que não ia ficar  
572 lá porque o marido dela luis tava dando em cima de mim  
573 ... ela ficou com ciúme do cara de comigo com o cara ...  
574 E EU ERA DIFERENTE DA MACA- dessa menina eu era morena  
575 do cabelo cacheado bonita ... entendeu? ... corpo  
576 magrinho trinta e oito com bundinha empinadinha parecia  
577 uma formiguinha ... a viviane já me chama de bundinha  
578 empinadinha (hhhh) e todas as casas que eu trabalhava que  
579 tinha patrão novo eu saia de lá ficava um mês quinze dias  
580 saia,

81 Odete hum.

82 Cássia patrão dava em cima da minha porta do meu quarto queria  
83 me comer me pegar ... queria me pegar ... teve uma casa  
84 que eu fui trabalhar ... >naquela época eles dava em cima  
85 mesmo se a empregada desse mole eles comiam mesmo passava  
86 na frente< ... passava rolo ... teve uma casa que eu fui  
87 trabalhar fiquei uma semana lá ... a mulher já conhecia  
88 o marido ... ela falou "é eu sou muito sincera dizer  
89 cássia não vou ficar com você aqui não porque você é  
90 muito bonita ... eu conheço meu marido" ele já tava de  
91 olho realmente em mim ... eu já tava doida pra ir embora  
92 de lá ela falou isso na minha cara .... que não ia ficar  
93 comigo porque eu era muito bonita para trabalhar ... lá  
594 o marido dela era muito safado ... era acostumado a  
595 (incompreensível) empregada ... eu não queria um marido  
596 desse eu ficava imaginando assim eu vou querer um marido  
597 desse que dá em cima da minha empregada ... entendeu?

598 Odete é mas EU ACHO QUE muitos casamentos antigamen- É ATÉ hoje  
599 né...

600 Cássia A MULHER ACEITAVA [algumas aceitavam,]

601 Odete [era::] por era aquele casamento  
602 tradicional né que você::

603 Cássia tinha que aceitar o marido e >tinha algumas mulheres< que  
604 não trabalhavam dependia do marido

605 Odete ah::

606 Cássia então aceitavam as safadezas dele botavam até a empregada  
607 para fora ... entendeu? sabia e botava a empregada para  
608 fora entendeu? ... eu quando me arrumava o trânsito eu  
609 saia na real grandeza fazia os carros até bater no outro  
610 hã ... de tão bonita que eu era era↑ cê vê pelas fotos  
611 de cabelo curtinho né que eu tinha né pelas fotos sua mãe  
612 era muito bonitinha entendeu? ... aí seu costa dizia  
613 estuda minha filha estuda se eu tivesse escutado ele ...  
614 eu tinha estudado mais se tivesse feito um pouco mais de  
615 esforço tinha estudado mais mas tinha casa que não dava  
616 ... não dava:: >como é que se diz< permissão para estudar  
617 a noite tinha que servir janta colocar comida na mesa↑  
618 tirar↑ a↑ mesa↑ ... e aí eu tinha que parar de estudar  
619 entrava em uma casa↑ começava↑ a↑ estudar↑ e saia ...  
620 entendeu? não era mole não naquela época era difícil e  
621 eu precisava do trabalho para dormir que eu não tinha  
622 onde dormir ... OU EU ACEITAVA ... trabalhar na casa para  
623 dormir IA DORMIR AONDE? na rua↑ tinha que aceitar isso  
624 ... entendeu? ... então seria o que? prostituta mulher  
625 do mangue né eu nunca queria ser isso jamais ... entendeu?  
626 não é mole não sujeitava a muita, ... CHEGAVA GENTE visita  
27 cê era igual escrava ... nove dez horas da noite tinha  
28 que ir pra cozinha fazer café pra visita.

29 Odete acho que é a grande questão da existência né que ela fala  
30 né

31 Cássia exatamente tinha que fazer as coisas e quando era cedo  
32 tinha que acordar ... 6 horas da manhã eu tava em pé  
33 trabalhei↑ muito↑ 6 horas TINHA UMA CASA que eu trabalhei  
34 que eu acordava 5 e meia 6 horas eu ia pra padaria pegar  
35 pão 7 horas o café tinha que estar na mesa antes de 7  
36 horas ... entendeu? ... estudava a noite nessa época  
37 fazia isso ... eu nem dormia quase dormia muito pouco ...  
38 e adolescente sente muito sono né

639 Odete você tinha quantos anos nessa época?

640 Cássia ah > dezoito pra dezenove anos quando assim que cheguei  
641 do rio de janeiro dezenove anos dezoito pra dezenove  
642 anos< ... sentia muito sono ... a gente sente sono né ...  
643 então minha filha não é mole não entendeu? ... É BOM pra  
644 uma coisa que você é bonita e ruim pra outra coisa né ...  
645 que feia que magra é ruim que você não consegue ... que  
646 quando você É uma pessoa assim ... que tem aparência ...  
647 que é mais bonita você arranja mais amizades↑ ... aqui  
648 no Rio de Janeiro naquela época era assim

649 Odete será que são amizades de verdade né?,

650 Cássia era [só mais para tirar proveito]

651 Odete [que só te querem pela aparência↑]

652 Cássia =É- E A SOCIEDADE não sempre foi foi assim? ... entendeu?  
 653 ... ninguém queria ter colega feia naquela época chegar  
 654 em um lugar e apresentar uma colega feia ... entendeu?  
 655 ... e até pra ter amizade naquela época você tinha que  
 656 ter aparência ... ser muito feia ser mal vestida demais  
 657 ninguém queria muita amizade com você ... <é difícil  
 658 odete> essa coisa- a sociedade é muito é muito ... a  
 659 sociedade é muito ruim ATÉ HOJE né odete ... até hoje ...  
 660 CHEGA NUM LUGAR AÍ mal vestido e chega um bem vestido pra  
 661 ver quem eles atendem primeiro quem? o bem vestido ...  
 662 VAI DE SANDÁLIA DE DEDO sair por aí pra algum lugar eles  
 663 te botam tu pra fora o que chegar lá bem vestido vai  
 664 atender melhor ... aparência tudo muda odete ...  
 665 aparência é tudo eles vê muito a aparência ... as vezes  
 666 chega um trabalhador lá de roupa meia meia maltrapilha  
 667 uma roupinha mais feia mas chega um cara de terno de  
 668 sapato bonito (então é status) e as vezes é um bandido e  
 669 assaltante agora tá colocando terno e gravata para roubar  
 670 ... entendeu? ... tudo isso. vai dormir que você tá com  
 671 o olhinho já vermelho pra dormir ... °vou escovar o dente  
 672 de noite pra mim dormir entendeu°... MAS eu não gostei  
 73 porque ela devia- ela morreu eu queria que ela tivesse  
 74 dado um futuro melhor pra ela ... ter casa::do  
 75 Odete MAS a:: cartomante deu um futuro né,  
 76 Cássia deu o futuro da morte pra ela  
 77 Odete NÃO A CARTOMANTE deu um futuro brilhante pra ela  
 78 Cássia ela virou estrela morreu virou estrela né hehehe  
 79 brilhante o que? virou estrela né ... [morreu virou  
 80 estrela]  
 81 Odete [não a cartomante deu] um futuro mas ela nem aproveitou  
 82 né ela atravessou a rua e,  
 83 Cássia acho que ela não ↑olhou ↑o ↑sinal ↑fechado ... °entendeu?  
 684 °  
 685 Odete assim eu eu acho que:: ... a intenção é- era de fato  
 686 mostrar que a personagem tinha uma vida totalmente  
 687 miserável,  
 688 Cássia é  
 689 Odete e:: quando ela tinha a a a possibilidade de[:: ...]  
 690 Cássia [ter uma vida  
 691 melhor]  
 692 Odete u::ma::  
 693 Cássia uma vida digna [uhum]

694 Odete [mas que] mas que é uma possibilidade de  
695 sonho né [porque ...]

696 Cássia [de sonho]

697 Odete a cartomante é um,  
698 Cássia é um sonho

699 Odete não é uma possibilidade real né sei lá ela não não não  
700 ganhou:: ... não ganhou ... um emprego melhor não é uma  
701 mudança [real]

702 Cássia [dete] olha né mas- a- ... tinha uma cartomante  
703 ... lá ... lá em cuité que se dava com a minha mãe ela  
704 era boazinha ... quando a gente não tinha comida ela  
705 dividia as coisas com a minha mãe °(era) cartomante ela°  
706 ... e ela leu o meu futuro ...

707 Odete uhum

708 Cássia e deu certo.

709 Odete o que?

10 Cássia =°entendeu?° ... que eu ... ia morar com homem depois de  
11 muito tempo quase trinta anos ... um homem branco família  
12 de fora português não do brasil ... que eu ia morar em  
13 um quarto em um lugar pequeno não ia ser rica ia morar  
14 em um lugar pequeno ... ela contou toda a minha vida ela  
15 botou carta pra mim mesmo dona maria cartomante tinha a  
16 milene e tinha o valdinho ela deve ter- esses meninos nem  
17 sei se estão vivos moravam em cuitegi depois eles foram  
18 morar em campina grande ela mudou ... quando eu for lá  
19 pro norte eu vou procurar a milene era amiga minha e  
20 amiga da valéria ... aí ela falou tudo eu ia pra- eu saia  
21 de cuité pra guarabira a pé com ela que ela ia botar  
22 carta lá pro pessoal aí no caminho tinha um sítio lá de  
23 um conhecido dela e a gente pegava manga ... e ela ela  
724 dava pegar manga lá no sítio do homem pra comer ... uma  
725 vez estava pegando manga e >o homem ele o moço< falou  
726 "que que tá fazendo aí?" vim pegar manga que a dona maria  
727 cartomante mandou pegar "ah:: ta:: minha amiga pode levar  
728 as mangas pra ela" ... aí ela falou ... que eu ... ia ter  
729 uma filha só ia perder uma criança ... e perdi uma criança  
730 do teu pai ... nós perdemos o primeiro filho dele ia  
731 perder ia abortar eu estava com uma feridinha no colo do  
732 útero ↑perdi ... aí fiz uma coletagem lá na policlínica  
733 pagou teu pai ... e <de>pois do tratamento eu ia ter um  
734 UMA FILHA ... uma filha e que eu ia viver com esse homem  
735 até você ficar maior de idade ... lembro de tudo isso ...  
736 entendeu? ... QUE IA TER UMA MULHER que ia atrapalhar  
737 muito nossa vida que eu deixar ele ... tudo isso ... QUE  
738 QUE você tá fazendo aí ah tá é o negócio pensei que  
739 estava arrancando a porta deixa ele tirar ((interrupção

740 do gato)) ... que ia atrapalhar muito a minha vida hum  
741 ... MAS ... que essa pessoa ia morar em outro lugar que  
742 ia se arrepender de ter me deixado e ter ficado com a  
743 outra e aconteceu seu pai arrependeu ... tudo MENINA ela  
744 ficou mais de uma hora conversando comigo minha vida ...  
745 tinha dez anos isso hein ... tem cartomante que sabe  
746 mesmo ela tem o dom que tem gente que tem o dom do divino  
747 lá de cima que nasce o dom com a pessoa ... não é essas  
748 cartomante fuleira não SAI DAÍ de cima das minhas coisas  
749 para com isso ((interrupção do gato))

750 Odete esse gato atrapalhando ... a minha narrativa

751 Cássia é

752 Odete rummm ((tom de brincadeira))

753 Cássia =e:: e ... que ele ... e que ele ia morar num lugar e ia  
754 morar em outro lugar e eu ia conhecer outro cara que eu  
755 ia morar ... que esse cara era casado ... que eu ia morar  
756 com esse cara e depois eu ia me arrepender que esse cara  
757 não ia ser um bom marido para mim eu nunca dei importância  
758 para isso ... Ó ... tudo ... e dep- e que o teu pai que  
59 eu nem sabia que eu ia ter ... que:: ... você ia ser  
60 descendente de gente de fora ... <tua vó e teu pai era  
61 português> ... entendeu? ... tudo ligou um dia desses eu  
62 estava lembrando eu estava lembrando de tudo que teu pai  
63 ia morrer só no apartamento ia morar só e ia morrer só e  
64 que a outra ia ficar só perturbando e só pegar o dinheiro  
65 do cara queria só dinheiro do cara ... esse dinheiro do  
66 meu ex-marido ... e que ele ia morar só e que ele ia  
67 morrer quase com oitenta anos ... dito e feito quase  
68 oitenta anos ... essa mulher vou te contar dona maria  
69 cartomante é foda ... entendeu? ... que:: eu tin- eu ia  
70 ter uma filha que ia ser professora ... <impressionante  
71 professora> ... entendeu? ... que não ia- que no momento  
72 não ia casar com ninguém ia morar com um homem com um  
73 rapaz ... está morando com um rapaz [hhhh]

774 Odete [ela] falou isso tudo  
775 quando você tinha DEZ anos de [idade?] ((com tom risonho))

776 Cássia =[dez anos] de idade [dez  
777 anos de idade] o pessoal gostava muito dela

778 Odete [po::]

779 Cássia ela tinha muito (cliente) tudo que ela falava com as  
780 pessoas acontecia ... entendeu? ... e QUE EU ... não ia  
781 também futuramente viver com esse cara que eu ia voltar  
782 a estudar >voltei a estudar< ((faz sinal, trazendo a mão  
783 do ombro para a frente do corpo, apontando para o chão,  
784 como se estivesse ratificando a própria fala)) ... que  
785 eu ia morar em uma casa muito grande morava em um  
786 quartinho mas depois ia morar em uma casa ↑grande ... mas

787 eu também não ia ser feliz lá nessa casa aqui estou sendo  
788 feliz aqui? ((faz sinal, trazendo a mão do ombro para a  
789 frente do corpo, apontando para o chão, como se estivesse  
790 ratificando a própria fala)) ... que eu não ia ser feliz  
791 com esse cara ... E EU TO SENDO? ... não ↑to ... entende?  
792 ... MAS no futuro que eu ia ser uma mulher bem pros- pro-  
793 pro-

794 Odete próspera

795 Cássia próspera ... que eu ia ter o dom não sei como ela falou  
796 que não sabe que eu ia ser bem de vida muito bem de vida  
797 não que esse cara ia fazer eu bem de vida ... mas que ia  
798 ter muita sorte ... vamos esperar né ... entendeu, depois  
799 que eu vim de lá que eu fui embora de lá que eu fui pra  
800 outra cidade nunca mais falei com dona maria cartomante  
801 nunca mais voltei em cuité tenho vontade de ir lá em  
802 cuité pra procurar não sei se ela é viva mas a milene  
803 deve ser viva a filha dela né pra procurar eles lá e ela  
804 falava pra mim "minha filha eu sou cartomante eu ganho  
805 meu dinheirinho mas eu não sou eu não sou charlatona eu  
806 oro todos os dias e deus me dá também orientação do que  
07 que eu tenho que falar pras pessoas e eu vou ser também  
08 bem de vida". nessa casa que ela morava perto da igreja  
09 no centro antigamente no tempo do, no tempo do do dos  
10 colonizador das pessoas ricas não tinha banco pegavam  
11 aquelas panelas de barro botava moeda de outro e enterrava  
12 ela achou um caldeirão todo- assim cheinho de ouro ((faz  
13 movimento com os braços como se estivesse segurando o  
14 caldeirão ou indicando seu tamanho)) de moeda de ouro ela  
15 não contou pra ninguém mas aí todo mundo já- a girlene  
16 passou alguma coisa assim pra pra minha mãe (inaudível),  
17 então ela mudou morar lá perto de campina grande num  
18 lugar porque dizem ela dizia "se você achar uma panela  
19 de ouro enterrada no quintal da sua casa, na sua casa,  
20 achar ouro, ouro, você tem que mudar da cidade senão um  
821 parente seu morre"

822 Odete SÉRIO? mas qual qual a lógica disso?

823 Cássia não sei dete...

824 Odete (hhhh) é é metafísico

825 Cássia (inaudível) se você não mudar da cidade, não mudar de  
826 lugar ou da cidade que você tá, algum parente seu morre.  
827 ahn se ela era cartomante se ela era- tinha experiência  
828 de bruxa do outro tempo ela sabia de alguma coisa ela  
829 mudou comprou sítio comprou casa (comprou isso isso isso)  
830 ela mudou

831 Odete hhhh

832 Cássia essa casa era alugada que ela morava entendeu e lá- eu  
833 morei numa casa que que o heraldo uma vez sonhou lá perto

834 do fogão um homem mostrando que tinha uma botija lá de  
835 dinheiro lá enterrado pessoal antigo enterrava muito aí  
836 heraldo dizia que via via vulto dentro de casa via coisa  
837 e heraldo falou que viu o homem mostrando pra ele lá  
838 debaixo do fogão ele falou "vou mexer lá debaixo o que  
839 eu quero lá saber" eu digo "mas deixa de ser bobo"...

840 Odete tinha que quebrar tudo né?

841 Cássia quebrar embaixo do chão deixa de ser de ser bobo o cara-  
842 a casa lá era alugada depois (inaudível) deixa de ser  
843 medroso eu tinha doze anos na época "eu não vamos mudar  
844 daqui" aí mudamos da casa heraldo era bobo tinha um medo  
845 danado digo "aí meu deus do céu" mas tem um tem um tem  
846 um segredo diz que tem que mudar da cidade da casa e da  
847 cidade porque entendeu é tipo uma:: como fosse uma:: como  
848 é que se diz- uma maldição né uma coisa assim que você  
849 tem que pega aquele dinheiro e você muda de lá pra não  
850 acontecer o que (aconteceu) e ela falou que diz que teve  
851 alguém que já tinha achado e não mudou de cidade e aí  
852 perderam parente da pessoa, não sei se foi o filho ou a  
853 filha que morreu, então ela dizia se um dia eu achasse  
54 ela se mudava de cidade e ela falou "você já sabe se eu  
55 me mudar daqui se eu sumir você já sabe" então eu sabia  
56 digo "ah, ela deve ter achado a botija mesmo" foi embora  
57 não deu nem notícia pra gente saiu do dia pra noite sem  
58 ninguém saber entendeu assim de madrugada saiu da cidade  
59 não deu endereço não deu nada porque a casa era alugada  
60 podia ser que algum parente (dono daquela casa) quisesse  
61 alguma coisa também a casa não era dela era alugada

62 Odete ah sim ainda tem isso

63 Cássia aí ela tampou o buraco tampou direitinho botou tudo no  
64 lugar tampou direitinho (inaudível) e se evaporou  
65 evaporou entendeu? mas a vida da roça é difícil mas é bom  
66 muito bom lá a gente cria é- a gente lá no norte a gente  
867 tomava banho de rio, pegava manga, ia pro sítio a vida  
868 lá na roça é boa quando não tem chuva pra pra pra contar  
869 né aí vocês passa necessidade passa muita necessidade mas  
870 quando tem a fartura lá quando chove ninguém passa fome  
871 o rio fica cheio de peixe ia pescar com a minha mãe ela  
872 tinha um puçá e fazia assim na ribanceira vinha peixe  
873 camarão de água doce, camarão de água doce, piaba, muita  
874 piaba aqui chama manjubinha né

875 Odete uhum

876 Cássia nossa, ela fazia no coco aquilo com camarão, aqueles  
877 camarãozinho, camarão de água doce é muito gostoso não  
878 dá alergia hein ... camarão de água doce não dá alergia  
879 não dá coceira pode comer à vontade é uma delícia fazer  
880 no coco coentro com tomate cebola cebola roxa lá do norte  
881 é tudo pequenininha ... é diferente das daqui são

882 pequenininha gostosa chega arde a boca ... tudo natural  
883 tudo natural tudo orgânico um tomate desse tamanhinho no  
884 mercado enquanto o tomate é maior mais cheio de veneno  
885 tomate menorzinho é melhor entendeu? é isso mas eu não  
886 gostei porque ela devia ter- ter vivido o sonho dela né  
887 da mulher a mulher devia ter vivido o sonho dela né  
888 tadinha sofreu tanto morou num quarto pobre sem nada

889 Odete tem tem tem gente como como você que vence

890 Cássia é entendeu não tem não tem como é que se diz é não tem  
891 uma felicidade de ter um namorado ter uma pessoa que  
892 goste dela entendeu que possa casar e ter um filho  
893 entendeu ter alguém na vida entendeu mas o que a dona  
894 maria cartomante falou comigo é tudo verdade até agora é  
895 tudo verdade até agora aconteceu tudo direitinho já tava  
896 me lembrando disso já há muito tempo eu falei "nossa  
897 lembro de dona maria cartomante" veio assim na minha  
898 mente digo "pô o que aquela mulher falou tudo tá  
899 acontecendo na minha vida" que coisa hein que coisa e eu  
900 nunca acreditei muito negócio de cartomante agora essa  
901 aqui no rio de janeiro nunca acreditei não tudo charlatona  
02 quer só pegar dinheiro dos outros aquela não tinha como  
03 é:: ela sempre era procurada era uma pessoa- ia fazer  
04 trabalho em campina grande as pessoas chamavam pra botar  
05 carta nos lugar aí as pessoas não tinham dinheiro as  
06 pessoas davam pra ela mantimento galinha ela aceitava  
07 qualquer coisa não ligava muito pra dinheiro por isso que  
08 ela deu sorte na vida entendeu ela sempre arrumava um  
09 jeito de ter comida na casa dela não tinha dinheiro mas,

10 Odete tá certa ela pega uma galinha que tá bom

11 Cássia isso

12 Odete mas aí gostou no final das contas não gostou- do livro  
13 todo?

914 Cássia não, eu não gostei do final

915 Odete (hhhh)

916 Cássia mas do livro eu gostei da maca- maca- macabéa

917 Odete macabéa

918 Cássia macabéa não gostei foi do final da morte dela que devia  
919 ter ter dado um final

920 Odete mas todo mundo morre mãe

921 Cássia mas sim mas ela morreu nova sem ter nada

922 Odete mas tanta gente que morre nova

923 Cássia mas assim sem ter nada sem ter conhecido a felicidade que  
924 ela não era feliz



- 925 Odete mas ela se dizia feliz
- 926 Cássia mas do jeito que tá no livro ela não era feliz odete que  
927 fala no livro
- 928 Odete felicidade externa né que se diz, a gente julgando ela,  
929 a gente avaliando a vida dela, mas ela não conhecia outra  
930 vida pra ela aquela simplicidade dela
- 931 Cássia simplicidade dela do norte do jeito que ela foi criada
- 932 Odete tava- era o que ela conhecia ... era a existência que ela  
933 conhecia
- 934 Cássia mas tem muita criança no norte que é que é cuidada assim  
935 por tia por irmão por parente e são maltratada são criada  
936 igual bichinho ela foi criada igual um bichinho né? levava  
937 cascudo não tinha amor a tia não devia dar amor por pra  
938 ela não devia ser uma pessoa carinhosa com ela entendeu?  
939 então ela se criou assim igual a um bichinho não conhecia  
940 nada da vida que que é certo que que é errado que que é  
941 as coisas que que não é tá com um pouquinho de olheira  
942 se dormiu tarde ontem
- 43 Odete dormi
- 44 Cássia amanhã quando acordar bota um pouquinho de ... de coisa  
45 no olho ... vai dormir escova seu dente e vai dormir  
46 entendeu
- 47 Odete eu vou

ANEXO III  
TRANSCRIÇÃO TAÍS

02:04:38 Taís interrompe a leitura.

"Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto (...)" (LISPECTOR, C. [1977] 1998. p. 79)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº I612630/CA

- 1 Taís é:: ... o que eu achei interessante no que você falou aí  
2 dessa car- dessa cartomante
- 3 Odete aham
- 4 Taís o meu esposo ele me contou faz um tempinho que ele me  
5 contou que um amigo del- a mãe de um amigo dele era  
6 cartomante
- 7 Odete aham
- 8 Taís e ai ele tinha ido na casa desse amigo que ele tava vendo  
9 se conseguia comprar um apartamento ... é:: há um tempo  
10 atrás e aí essa cartomante po- pelo meu esposo ser muito  
11 educado com as pessoas olhou pra ele e falou assim "é::  
12 posso falar uma coisa pra você?" aí ele assustado olhou  
13 e disse "sim" é "você vai comprar um apartamento você vai  
14 comprar o apartamento e vai morar mas não vai dar certo"  
15 aí ele ficou assustado,
- 16 Odete [seu esposo?]
- 17 Taís [ele "porque"] sim. ele "porque?" "não vai ser o momento  
18 certo pra você" e ele ficou sem entender né e não é tanto  
19 que ele foi correu atrás e não conseguiu comprar esse  
20 apartamento e ela disse também "você vai conhecer uma  
21 moça que ela vai vir de- cê conhece alguém de outro  
22 lugar?" ele disse "não, não conheço ninguém de outro  
23 lugar" os pais dele vieram do nordeste e ele nasceu aqui  
24 e se tornou carioca da gema né porque nasceu aqui, mas  
25 os pais são do nordeste são da paraíba ... é:: ele disse  
26 "não conheço" vai vir uma moça que vai mudar a sua vida  
27 e ele depois de muito tempo ele conseguiu lembrar isso e  
28 me contou
- 29 Odete mas ele que foi na cartomante? [ele que foi procurar um  
30 amigo?]
- 31 Taís [não ele não foi, não  
32 ele não foi nessa cartomante], por coincidência era mãe  
33 de um amigo dele
- 34 Odete ah:: sim não tinha entendido isso

35 Taís e essa mãe do amigo dele disse isso pra ele "não quero  
 36 te cobrar nada só quero te falar isso porque eu gostei  
 37 você tem uma presença positiva" e aí ele disse, "mas eu  
 38 não conheço" e ele botou assim, "mas eu não conheço outra  
 39 pessoa de outro lugar", "mas eu vi uma pessoa você- tem  
 40 certeza que você não conhece?" ela insistiu e aí,  
 41 Odete isso foi antes de vocês se conhecerem?  
 42 Taís muito antes  
 43 Odete caramba que coisa né (hhhh)  
 44 Taís (então) isso foi muito interessante  
 45 Odete vou continuar então (hhhh) vamos ver o que vai acontecer  
 46 com a macabéa

**02:07:00 Odete retoma a leitura.**

**02:21:24 Odete termina a leitura.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº I612630/CA  
 47 Odete e aí, taís, muita coisa né?  
 48 Taís °é muita coisa° como cê falou depois que eu podia  
 49 interromper algumas ... algumas coisas que cê foi falando  
 50 eu fui identificando ... vamos lá quando ela fala de uma  
 51 pré pré-história,  
 52 Odete aham  
 53 Taís tem uma pré-história na minha cidade e tem uma pré-  
 54 história aqui no rio de janeiro  
 55 Odete ahn legal interessante  
 56 Taís é:: ... e passei também por outras pré-histórias eu fui  
 57 pra são paulo e já morei na capital do meu interior que  
 58 se chama natal ... e aí eu tive uma proposta pra vir  
 59 trabalhar no rio de janeiro como empregada doméstica  
 60 Odete uhum  
 61 Taís a vizinha de um tio meu mora aqui no rio de janeiro e eu  
 62 conversando com ela ela disse que tinha uma pessoa que  
 63 era médica e que essa pessoa "uma pessoa muito boa e isso  
 64 assim" começou a falar muito bem e aí beleza e aí eu  
 65 aceitei a vir para o rio de janeiro e ela conseguiu esse  
 66 emprego pra mim sendo que algumas pessoas chegavam pra  
 67 mim e me disseram assim "olha só às vezes não é o que te  
 68 contam a realidade lá pode ser outra"  
 69 Odete uhum  
 70 Taís mas eu não quis acreditar.

71 Odete [você veio pa- para trabalhar?]

72 Taís [eu vim para trabalhar] para que eu pudesse construir uma  
73 casa uma casa minha e poder ... tentar conquistar o meu  
74 sonho que eu queria que era ser professora é:: ... então  
75 essa moça ela me parecia ser tão legal mas ao mesmo tempo  
76 eu notava algo muito diferente ... ela tinha um poder  
77 aquisitivo alto médica formada ganha muito bem mora num  
78 lugar muito bom e eu ia morar lá,

79 Odete uhum

80 Taís ia trabalhar durante o dia e tinha um quartinho de  
81 empregada e eu ia ficar lá ... e aí o que que acontece a  
82 pessoa que conseguiu o emprego pra mim ela mesma conseguiu  
83 o emprego pra mim e destruiu o emprego pra mim

84 Odete destruiu?

85 Taís sim

86 Odete por que?

87 Taís porque o que que acontece a:: ... resumidamente porque é  
88 uma história- é uma história muito longa a- a ex- a ou-  
89 a ex-empregada que existia lá na casa ela mal estava  
90 fazendo as coisas

91 Odete [uhum]

92 Taís =[então] tava tudo uma zona ... e aí essa minha patroa  
93 disse pra mim que eu poderia arrumar as coisas mas não  
94 poderia mexer no quarto del- não era para arrumar o quarto  
95 dela porque quem ia arrumar o quarto dela era essa amiga  
96 dela que conseguiu esse emprego ... então eu só tinha que  
97 varrer- varrer o quarto e passar um paninho assim e não  
98 mexer em nada porque quem ia arrumar era junto (então)  
99 com a amiga então eu disse tá bom o que eu tava fazendo  
00 eu tava limpando a casa† fazendo tudo direitinho mas o  
101 quarto dela eu não mexia em nada deixava do jeito que tá  
102 e tudo que eu fosse mexer na casa tudo que eu fosse limpar  
103 tudo que eu fosse fazer eu tinha que comunicar pra ela  
104 ... então eu fazia isso ... e aí o que que acontece ela  
105 viu que tinha muito serviço e eu tava trabalhando até  
106 tarde é:: ela disse eu vou- eu vou falar com a tetê ela  
107 chamava a amiga dela de tetê pra me ajudar- pra te ajudar  
108 um pouco porque tem algumas coisas que estão fora do  
109 lugar e aí pra mim poder mexer tinha que perguntar então  
110 ela foi e falou com essa tetê sendo que a tetê ela- não  
111 sei como foi que ela falou só sei que essa tetê chegou  
112 pra mim que foi quem conseguiu o emprego e disse "taís  
113 se não tá limpando a casa dela não?" eu fiz "eu estou  
114 limpando" "cê está limpando o cantinho da- do rodapé da  
115 casa?" "estou limpando o cantinho do rodapé da casa, se  
116 você for ver não tem nenhuma poeira eu limpo todos os

117 dias embaixo eu faço uma faxina na casa o único lugar que  
118 eu não limpo é o quarto dela faço apenas limpar o chão  
119 porque ela disse que é você que vai ajudar ela a organizar  
120 o quarto dela" inclusive ela tava um pouco depressiva  
121 porque tava num relacionamento que não deu certo então  
122 ela ficou muito depressiva

123 Odete uhum

124 Taís =e aí "eu fui perguntei pra ela se você não estava fazendo  
125 as coisas" e ai ela falou de um jeito como se você não  
126 tivesse fazendo ela disse "ah não eu- é:: só pra poder  
127 ajudar ela" "mas aí eu perguntei se você tava aju- fazendo  
128 as coisas ela disse" "é, né?" tipo "é né?" é como se não  
129 tava fazendo aí eu fiquei na minha calada e disse "olha  
130 só se eu- se eu tava limpando agora eu vou limpar ainda-  
131 eu vou limpar o dobro porque eu tô aqui- eu vim de longe  
132 que eu tô aqui porque eu preciso e eu tenho coisas pra-  
133 pra realizar que é a minha casa e a minha faculdade ...  
134 se eu tiver que triplicar pra limpar a casa dela eu vou  
135 triplicar pra limpar a casa dela" e ai que foi que ela  
136 fez? ela foi contar pra amiga dela ... e aí fazia dois  
37 meses e quinze dias- exatamente dois meses e quinze dias  
38 que eu estava na casa dessa médica ela:: ... ela disse o  
39 seguinte pra mim no dia do meu aniversário no dia quinze  
40 de outubro eu lembro como hoje ... ela disse "olha só não  
41 vai prestar você- você trabalhar aqui não e me faça- eu  
42 conversei com a tetê e isso e isso e isso você foi dizer  
43 que eu- que eu estava te humilhando para você fazer as  
44 coisas aqui" e an- e um dia antes dela chegar pra me  
45 contar isso ela comprou umas- digamos ela deixava  
46 dinheiro pra comprar (incompreensível) na feira pra filha  
47 dela e comprar também o mais barato pra mim o da filha  
48 dela era bem melhor e aí nesse dia ela não trouxe nenhum  
49 e nem deixou dinheiro para mim comprar e aí eu abri a  
50 geladeira ... fechei a geladeira não tinha o que eu- o  
151 que eu comer aí ela disse "olha só,

152 Odete você não podia pegar determinadas coisas na geladeira?

153 Taís =o que era da filha dela não então é eu (lógico que eu  
154 vi) eu acho que isso aqui não é pra mim ela também falava  
155 é chegou pra mim e disse assim "olha só você precisa  
156 mudar o seu jeito de falar que você fala muito errado ...  
157 é se você quer é crescer ... é ter uma profissão,  
158 desculpa, mas você tem que estudar" aí eu abaixei a cabeça  
159 e não falei nada isso era o que ela falava comigo e  
160 deixa pra lá né continuei fazendo lavando roupa fazendo  
161 isso fazendo aquilo e ela disse pra mim no dia quinze de  
162 outubro "olha só eu quero que você saia daqui agora que  
163 você vista- vista uma roupa e saia daqui agora que eu não  
164 quero nem olhar pra sua cara" me disse coisas ABSURDAS  
165 que ninguém- não se fala com o [outro]

166 Odete [meu deus]

167 Taís olhei pra ela e não falei uma palavra só falei assim  
168 "olha só eu espero que um dia você descubra realmente o  
169 que que aconteceu ... só isso que eu digo pra você que  
170 deus tá vendo tudo que tá acontecendo" é eu olhei pra  
171 porta ... em dois meses e quinze dias não tava saindo  
172 para nenhum lugar eu não conhecia o rio de janeiro ...  
173 ela dizia pra mim "olha anda de cabelo preso porque você  
174 tem um cabelo é grande alguém pode vir e cortar o seu  
175 cabelo pra vender" até isso ela falou pra mim então eu  
176 fiquei um pouco assustada né? mas beleza ((narra  
177 chorando))

178 Odete você tinha folga taís?

179 Taís tinha é:: tinha folga no sábado e no domingo e feriado  
180 porém como eu tava na casa dela né eu falei assim "olha  
181 só no sábado eu posso trabalhar até meio dia eu tô aqui  
182 né? aí ela "ah" e também- ela ficou meio assim porque  
183 também eu fui falar com ela de que- depois eu mudei de  
184 ideia- (eu disse) "eu posso trabalhar só de segunda à  
85 sexta" eu tava cansada não tava conseguindo dormir  
86 direito aí ela disse "não porque eu preciso- eu preciso  
87 organizar as minhas coisas você não fica aqui você não  
88 come aqui" eu calei a boca e "tá bom, não tudo bem eu só  
89 queria conversar com você se- se teria essa possibilidade  
90 mas se não tem não tem problema" ... eu aceitando isso  
91 [tudo],

92 Odete [cê acabava] trabalha- trabalhando todo dia?

93 Taís exato. e aí, vamos lá, olhei pra porta no dia- no que ela  
94 disse horrores pra mim, pra que lugar que eu vou? aí  
95 exatamente há:: três dias antes de tudo isso acontecer  
96 ... eu conhe- eu há três dias nos estivemos que há um mês  
97 que eu passei um mês conversando com meu esposo pela  
198 internet conheci o meu esposo pela internet,

199 Odete você já tava aqui no rio

200 Taís [tava aqui no rio]

201 Odete [e aí cê tava conhecendo] ele pela internet?

202 Taís tem um aplicativo chamando (tinin tinin) nesse  
203 aplicativo- ele é pra- é pra relacionamento, mas eu entrei  
204 com a intenção de conhecer pessoas e [fazer amigos]

205 Odete [fazer amigos né]

206 Taís que às vezes cê entra num aplicativo não pensando que é  
207 só para relacionamento cê pode do nada fazer uma amizade  
208 com uma pessoa. e aí eu tinha marcado um encontro eu e o  
209 meu esposo ... é que hoje é meu esposo né? ... conheci  
210 ele falei um pouco da minha vida ele falou um pouco da

211 vida dele mas ele não tinha me contado uma coisa o tempo  
212 foi curto porque a minha- eu também ia conhecer a minha  
213 prima que ela só me via desde pequena essa minha prima  
214 ela mora numa comuni- numa comunidade chamada maré e aí  
215 ela ia na casa da irmã dela e isso ela me pass- ela falou  
216 "ah eu vou passar no shopping e aí nesse feriado cê fica  
217 com a gente e a gente vai lá na casa da minha irmã" eu  
218 disse "ah então que legal eu vou sim" depois que eu  
219 conversei com esse rapaz que se chama marcelo que é meu  
220 esposo† ... ele ficou no shopping esperando a minha prima  
221 passar junto com o filho dela e a esposa ... fomos lá na  
222 casa da minha prima foi uma coisa maravilhosa aí cheguei  
223 e tinha conversado né isso antes tudo de chegar o dia  
224 quinze de outubro que foi o dia que ela me mandou embora

225 Odete [ela sabia que era seu aniversário?]

226 Taís [mandou embora não, ela me expulsou] sim ela me expulsou  
227 ela não me mandou embora não ela me expulsou e aí eu fiz  
228 eu olhei assim e agora? eu tinha acho que eu tinha mil  
229 reais na minha conta e aí eu tenho o dinheiro pra dormir  
230 em algum lugar hoje mas eu não conheço o rio de janeiro  
31 e agora? que que adianta você ter mil reais dois mil e  
32 você não conhecer o lugar

33 Odete cê fica desnorreada né

34 Taís mas aí eu pensei digo agora eu vou ter que pedir ajuda a  
35 alguém que eu não conheço ... uma pessoa que eu conheci  
36 há dois dias atrás

37 Odete que- que era a tua prima?

38 Taís a minha prima eu conhecia desde pequena, mas ela estava  
39 muito mais longe

40 Odete [hummm]

241 Taís =[eu] tava na tijuca e ela estava na maré e o meu esposo  
242 estava aqui no sampaio então muito mais perto ele- eu  
243 (fiz) assim vou falar com ele ((bate palma como sinal de  
244 resolução)) e aí eu falei com ele eu fiz "olha só é posso  
245 te contar o que que tá acontecendo só sei que eu preciso  
246 de um lugar ... pra eu dormir só hoje só hoje ((narra  
247 chorando)) é:: você pode me encontrar em algum lugar?"  
248 ele disse "posso estou saindo agora do trabalho" e aí  
249 beleza "vou sair umas cinco horas do trabalho" no caminho  
250 ele pegou trânsito ... então seis e meia cadê? ele não  
251 apareceu. eu liguei "por favor onde é que você está?" "eu  
252 tô no trânsito desculpa pega um táxi quando chegar aqui  
253 eu pago" "não" "eu tô num táxi não tô conseguindo sair  
254 do trânsito mas eu vou chegar" fiquei numa praça no  
255 shopping no shopping não no supermercado extra tinha uma  
256 praça de alimentação e aí chorando né ... não liguei pra  
257 minha mãe no momento porque eu não sabia como minha mãe

258 iria reagir ... é ele disse pra mim ... ele chegou (tocou  
259 em mim assim) "tudo bem?" "desculpa" e chorando cê não  
260 vai fazer- a primeira coisa que eu perguntei "você não  
261 vai fazer nenhum mal comigo? desculpa você é um estranho  
262 pra mim mas agora não tenho pra- não tenho nem noção pra  
263 onde é que eu vou" e aí ele disse "pode confiar em mim  
264 que eu não vou nem tocar em você tô aqui pra te ajudar"  
265 ... (e aí) ele me levou pra casa dele e eu falei pra ele  
266 "no dia do meu aniversário que seria o dia mais feliz pra  
267 mim eu nunca passei por isso eu sempre trabalhei já fui  
268 empregada doméstica já fui babá já fui vendedora,

269 Odete [era sua primeira vez aqui no rio?]

270 Taís [eu sempre tive onde morar] eu sempre tive onde morar eu  
271 sempre paguei minhas contas eu sempre me vi- tentei me  
272 virar sozinha e porque acontecer isso comigo agora" e aí  
273 eu tinha também uma prima minha que tinha falado comigo  
274 antes pelo amor de deus onde você tá? aí a minha  
275 explicação foi a seguinte "olha só eu vou pra uma pousada  
276 é mas não- fica tranquila que não vai acontecer nada  
277 comigo eu vou pra uma pousada ... depois eu te mando uma  
78 mensagem dizendo que tá tudo bem" minha prima "tá tudo  
79 bem e aí se você quiser eu vou lá te buscar" não

80 Odete cê contou pra ela né o que- o que tava acontecendo?

81 Taís exato eu fiz "olha a moça me tratou muito mal disse isso,  
82 isso e isso eu não fiz nada pelo contrário se ela  
83 contratou eu pra limpar eu tinha que limpar eu tava ali  
84 pra limpar a casa dela" ... pra ir em três supermercados  
85 olhar onde era as coisas mais baratas pra poder comprar  
86 quase todos os dias ela fazia eu fazer isso e eu fingindo  
87 que era tudo meu trabalho pela minha necessidade ... e:::  
88 cheguei na casa do meu esposo ele me tratou bem eu  
89 chorando liguei pra minha mãe e comecei a explicar para  
90 a minha mãe eu disse eu tô numa num ... como é que eu  
291 posso dizer eu acabei de falar?

292 Odete pousada?

293 Taís isso uma pousada estou numa pousada mas tá tudo bem,  
294 amanhã eu vou tentar resolver como é que eu vou fazer pra  
295 pegar minhas coisas [e isso]

296 Odete [ah, e você] saiu sem as suas coisas  
297 de lá?

298 Taís eu só peguei uma roupa

299 Odete [caramba]

300 Taís [e aí o que que acontece] no dia seguinte ela tinha falado  
301 que eu tinha que pegar minhas coisas às sete horas da  
302 manhã porque ela tinha o que fazer e eu não cheguei às  
303 sete horas da manhã porque o meu primo só ia chegar às



304 onze, às onze horas pra poder pegar minhas coisas pra mim  
305 [poder ir]

306 Odete [de carro]

307 Taís exato pra mim poder ir pra- pra essa comunidade que eu  
308 não conhecia quando eu cheguei lá minha prima apresentou  
309 a comunidade como que era

310 Odete cê ia ficar uns dias com sua prima então?

311 Taís exato [é::]

312 Odete [até você se] arrumar né

313 Taís =exato e aí o:: eu fa::lei com ela era umas nove horas e  
314 ela disse pra mim "olha só é:: passou do horário que eu  
315 combinei com você hoje você não vem pegar as suas coisas  
316 se você quiser você vai vir pegar amanhã" eu mandei uma  
317 mensagem pra ela "pelo amor de deus por favor a única  
318 coisa que eu quero é pegar as minhas coisas não me tira  
319 esse direito ... eu só quero pegar minha roupa me dê  
320 cinco minutos pra poder pegar a minha roupa" ... ela  
321 disse "olha eu já proibi a sua entrada no prédio lá na  
322 portaria tá? ... quando você chegar avisa porque eu te  
323 proibi de entrar" e eu ... implorando me humilhando pra  
324 poder pegar as minhas coisas a minha roupa porque eu já  
325 tinha até pra onde ir que minha prima tinha dito "ó cê  
326 pode ficar aqui se organizar cê pode ver um novo emprego"  
327 e aí eu fiquei naquele desespero↑ ... é:: isso passou ...  
328 fui pra casa da minha prima vi uma realidade do que se  
329 passava numa televisão eu vi de perto bandido com uma  
330 arma onde na minha cidade a única pessoa que você vê com  
331 arma é um policial que anda na rua pra acontecer uma  
332 ocorrência é mínima ... digamos aconteceu duas  
333 ocorrências num ano e nem tem arma na rua ... então ela-  
334 a minha prima disse "olha essas pessoas elas não faz mal  
335 para morador não mas de vez em quando tem operação aqui  
336 na comunidade mas aí você tem que se proteger" "tá bom"  
337 é tinha conhecido esse rapaz que é o meu esposo ... me  
338 tratou muito bem ... não fez nenhum mal comigo me ajudou  
339 no momento que eu precisei e aí eu- disse assim a úni-  
340 falava assim "olha" uma coisa que eu falei pra ele "eu  
341 não acredito mais no amor ... no amor entre um homem e  
342 uma mulher" ... porque as pessoas elas não é difícil uma  
343 pessoa te respeitar te levar à sério isso é difícil "então  
344 me apresenta o que é o amor" eu falei pro meu esposo e  
345 ele me apresentou até hoje ... o que é o amor e está  
346 comigo até hoje né falei ah eu tenho o sonho de casar não  
347 vamos casar sim nem que seja no papel e foi uma surpresa  
348 também porque quando eu conheci ele ele não deu tempo de  
349 falar totalmente tudo sobre ele e aí eu tinha pedido o  
350 face dele pra poder saber quem- um pouquinho né olhar na  
351 rede social e ver quem é que era ... e ele tinha um filho

352 e pra mim aos (digamos) vinte e três é vinte e três anos  
353 (então esse negócio) vinte e três anos esse rapaz aqui  
354 ele tem um filho e ele não me contou aí eu fui e falei  
355 com ele "olha só cê tem um filho e cê não me falou" "ó  
356 eu ia te falar é porque não deu tempo de falar" ele "algum  
357 problema porque eu amo muito o meu filho eu sou um pai  
358 muito presente" aí eu disse "não é porque na- o pessoal  
359 da minha cidade são pessoas muito antigas então pra eles  
360 isso não é normal não que pra mim não seja",

361 Odete uhum

362 Taís passou isso a ser diferente talvez até uma pessoa mais  
363 experiente ... e aí eu deixei isso passar e vi realmente  
364 é uma pessoa maravilhosa e que me- me surpreendeu (e  
365 muito) ... e aí fez com que eu ficasse- fiquei quase um  
366 mês na cada da minha prima consegui um emprego num  
367 supermercado ... como empacotadora e depois passei pra  
368 caixa passei quase um ano morando lá

369 Odete com a sua prima?

370 Taís é:: o que foi que eu fiz- não passei um mês com a minha  
71 prima e aluguei um quitinete na mesma rua [que ela]

72 Odete [aham]

73 Taís morava eu tava próximo dela mas eu passei a morar sozinha  
74 algumas coisas a minha- a minha prima me emprestou outras  
75 foi dou- a isso aqui (inaudível),

76 Odete aí cê montou sua casinha né

77 Taís aquele quartinho com uma cama com- ... com uma geladeira  
78 pequenininha eu comprei um fogão aquela coisa toda e  
79 fiquei assim feliz "nossa eu consegui isso" consegui- tô  
80 conseguindo me manter sozinha foi maravilhoso eu chorei  
81 (quando eu isso aqui é pra mim chorar como se fosse um  
382 brinde) maravilhoso mas eu sabia que quando eu saía dali  
383 o cenário era outro ... mas eu não podia falar isso para  
384 as pessoas que o cenário era outro porque as pessoas da  
385 minha cidade jamais- não iriam compreender isso ... como  
386 é que você tá num lugar que você vê pessoas o tempo todo  
387 arma::das que não é policial ... cê vê o tempo todo  
388 dro::gas ... cê vê o tempo todo pessoas que falam toda  
389 semana tem baile fico assim "gente vou pra casa dormir  
390 cê é- vou pra casa dormir" do trabalho pra casa e final  
391 de semana quando eu estava de folga só tinha duas folgas  
392 no mês vinha pra casa do meu esposo ele ia me buscar lá  
393 e aí eu pegava dois ônibus pra chegar aqui sempre dois  
394 ônibus pra ir e pra voltar

395 Odete °caramba°

396 Taís e:: resolvemos ir morar juntos ... as pessoas não  
397 acreditaram é:: não acreditaram "poxa essa menina nova

398 será que vai dar certo" a família inteira não chegou a  
399 acreditar eu via isso. e uma coisa devido o que aconteceu  
400 isso tudo eu via o quanto meu esposo era inteligente  
401 quantas pessoas que estavam do lado dele tem  
402 fisioterapeuta↑ tem dentista↑ tem pessoas formadas em  
403 administração↑ todo mundo tem uma profissão↑

404 Odete uhum

405 Taís eu não tinha↓ eu não sabia falar e olha só eu não sei  
406 falar as pessoas tem qualificação para falar as pessoas  
407 estudaram tem profissão e agora ... "me ajuda- eu falei  
408 pra ele me ajuda a falar eu não sei" e aí aos poucos ele  
409 me ensinou a falar também nunca tinha ido (inaudível)  
410 nunca tinha ido em restaurante eu fui uma vez duas vezes  
411 com meu esposo

412 Odete parece um pouco com a macabéa né

413 Taís e eu falei assim "olha é não quero muito ir nesses lugares  
414 não porque eu não sei como pegar não sei como pegar o  
415 garfo" não sei eu nunca tive nunca fiz isso sempre  
416 trabalhei pra juntar um pouquinho pensando sempre no meu  
17 futuro ... não é tanto que quando eu vim estudar eu tinha  
18 o dinheiro do meu primeiro período de faculdade ...  
19 primeiro não metade né

20 Odete uhum

21 Taís então consegui ... e aí quando vim pra cá não conseg- por  
22 enquanto não consegui emprego ainda que tá um pouco  
23 difícil e porque você passa a estudar e tem outros olhares  
24 querer- querer trabalhar na sua área que você tanto quer  
25 ... deixa eu ver o que eu posso falar ((olha as anotações  
26 no papel))

27 Odete o que que você achou da da história ... como um todo  
28 assim?

429 Taís como um todo em que- ela relata uma realidade porém nem  
430 todo mundo pode ir pra essa realidade eu fui pra um lado  
431 bom da realidade mesmo passando por tudo isso eu não  
432 pensei em nenhum momento em vender meu corpo para poder  
433 ficar no rio de janeiro

434 Odete uhum

435 Taís pelo contrário eu queria trabalhar queria estudar pra  
436 poder realizar os meus sonhos ... então tem uma frase que  
437 ela fala que de fato- "um fato é um ato e um silêncio uma  
438 pergunta" então eu (alto) e fiz era o silêncio uma  
439 pergunta o silêncio é você permanecer em si mesmo uma  
440 pergunta do tipo por que isso tudo tinha que acontecer  
441 comigo ... e eu tinha que erguer a cabeça e passar por  
442 tudo- enfrentar isso

- 443 Odete aham
- 444 Taís mesmo vendo que as vezes tinha medo. achava que meu esposo  
445 não ia ficar comigo porque eu era ... uma menina que  
446 passou cinco anos sem estudar o vocabulário dela é todo  
447 do nordeste tinha coisas que as pessoas falavam que depois  
448 eu falava assim "amor que que é isso?" ele tinha que me  
449 explicar o que que era porque eu não sabia ... e:: HOJE  
450 quando eu ligo pra alguma amiga minha e falo bem as  
451 pessoas até brincam fala "taís olha tu tá falando carioca"  
452 aí eu "não gente é porque as pessoas aqui falam assim é-  
453 pegam- falam muito as palavras no plural e a gente aí não  
454 usa" ... a gente usa assim a forma mais direta possível  
455 ... aí todo mundo brinca comigo aí poxa é isso mesmo mas,
- 456 Odete ((espirra)) desculpa
- 457 Taís eu acho- não- mas (inaudível) que uma coisa muito forte  
458 que é realmente ela chega a falar aí eu disse será que  
459 ela tá falando mal da nordestina ela não chega a falar  
460 mal é que ela tá relatando que algumas vão por esse  
461 caminho
- 62 Odete chega a ser cru né assim né na verdade tem um homem aí  
63 que é o narrador né ele se apresenta lá no início que é  
64 como se não fosse a clarice ... tem um narrador aí que  
65 diz que tá contando essa história da macabéa né e ele  
66 chega em alguns momentos a ser duro é isso né é:: mas  
67 assim aquela parte do- que fala da prostituição era a  
68 madame né que ela colocava que ela se prostituía né ...  
69 macabéa nunca passou por isso na verdade aquela mada- a  
70 cartomante quando ela chega lá na cartomante e ela começa  
71 a contar pra macabéa como é que era a vida dela no manguê  
72 né?
- 73 Taís pois é, deixa eu ver aqui, ela fala aqui, tem um momento  
74 que ela fala aqui sobre a classe alta média e baixa como  
475 que essas pessoas olhavam pra ela ... então realmente é  
476 aterradoramente realmente é isso ... a gente vê que poxa  
477 tu não vai- pra tu ser inserido cê não tem possibilidade  
478 nenhuma ... então outra coisa nunca perdi a fé nunca  
479 perdi a fé me sentia solitária? muito eu tinha que  
480 enfrentar tudo e as pessoas dos relacionamentos que  
481 apareciam pra mim não eram de verdade ... as pessoas não  
482 queriam me respeitar as pessoas só queriam "ah me conhecer  
483 e ir pro finalmente" "obrigada".
- 484 Odete relacionamento que cê diz amoroso?
- 485 Taís exato e isso pra mim era terrível porque eu não aceitava  
486 olha só se você quiser ficar comigo sou uma pessoa que  
487 quero casar ... então se não for pra isso desculpa  
488 obrigada e as pessoas desistiam de ter um relacionamento  
489 comigo porque não era a pessoa que ia pro finalmente ...

490 e aí essas pessoas pra mim também não se tornaram de  
491 verdade essas pessoas não eram verdadeiras,

492 Odete uhum

493 Taís então cê passa a não acreditar nas pessoas cê acaba  
494 vivendo uma vida só é isso que eu penso o tempo todo  
495 sempre vivi só porque eu não confiava nas pessoas ... ao  
496 ponto que eu cheguei a confiar (na mulher do emprego) eu  
497 achei que eu iria que eu iria ... levando certo que eu  
498 sei que sou uma pessoa muito organizada é não gosto de  
499 bagunça faço tudo direitinho e como é que eu faço as  
500 coisas direitinho e alguém me trata mal e fala tão mal  
501 de mim e me expulsou da casa dela como se eu tivesse  
502 feito um crime ... e eu não fiz nada ... é que que eu  
503 posso dizer

504 Odete é duro né

505 Taís (inaudível) conversei com a minha mãe e ela disse assim  
506 "minha filha a dor que eu tô sentindo eu espero que um  
507 dia ela sinta não tô desejando mal para ela não mas é  
508 como você saiu de uma cidade pequena ... as oportunidades  
09 são poucas você foi pra uma cidade grande você queria  
10 conhecer o rio de janeiro e essas pessoas te trataram  
11 assim? ... um dia elas vão saber o que é isso um dia pode  
12 ser a filha dela ou alguém que ela tanto goste que seja  
13 expulso e não tenha nem pra onde ir" porque não se faz  
14 isso nem com animalzinho colocar na rua sem saber pra  
15 onde a pessoa vai ... e a outra pessoa que me ajudou pra  
16 mim- me disse assim "ah já sabe que ela vai ser expulsa  
17 do trabalho" é falou pra outra prima minha que tá aqui  
18 tem outra prima minha que foi ela também que ajeitou o  
19 emprego essa prima minha mas afinal (inaudível) também  
20 saiu ela fez curso de cabelereiro e trabalha com isso e  
21 aí fiz "olha só eu não desejo o que eu passei pra ninguém"  
22 mas com um mês que isso tudo tinha acontecido na casa  
523 dessa médica que eu fui trabalhar na casa dela ela tinha  
524 uma cachorrinha que ela- ela- ela era muito apegada à  
525 cachorrinha ela tratava como filha ela tinha uma filha  
526 de oito anos e tinha essa cachorrinha (que era tratada  
527 como filha) ... e aí essa cachorrinha morreu,

528 Odete logo quando você chegou?

529 Taís quando eu saí

530 Odete ah tá

531 Taís essa cachorrinha morreu e ela chorou muito eu fiquei  
532 sabendo né assim eu lamento muito pela cachorrinha mas  
533 eu acho que pelo menos ela chorou um pouquinho não queria  
534 mas chorou

535 Odete entendo

536 Taís essa- essa mulher que ajeitou aqui o emprego pra mim ela  
537 tinha uma mãe que era idosa ... nesse mesmo mês ... a mãe  
538 era idosa ela pagava uma cuidadora pra ficar com a mãe  
539 lá na paraíba ... e aí ela passou muito mal e veio a  
540 falecer ... e aí essa pessoa que ajeitou o emprego foi  
541 pro nordeste pra fazer o enterro da mãe ... ela sofreu a  
542 mesma dor que a minha mãe sofreu de saber o que é que ela  
543 poderia fazer é:: então (inaudível) ... é então ela disse  
544 assim que queria falar com a minha mãe eu disse assim "ué  
545 mãe eu não sei o que ela vai falar de mim que se ela foi  
546 capaz de fazer isso comigo eu não sei o que ela vai falar"  
547 minha mãe disse "olha eu nunca briguei com ninguém nunca  
548 disse nada pra ninguém ... mas- mas se ela vir na minha  
549 casa dizer alguma coisa eu vou falar pra ela uma coisa o  
550 que ela fez co- com você o que ela- aquela senhora fez  
551 com você ... é:: ... não se faz com ninguém por qualquer  
552 motivo por qualquer coisa que você tivesse feito DE ERRADO  
553 você poderia ser punida por isso mas não ser expulsa não  
554 ser jogada na rua cê foi jogada na rua" e:: ... uma coisa  
555 que ela falou pra mim eu tô tentando lembrar deixa eu ver  
556 se eu lembro ... fugiu da minha mente o que que eu ia  
57 falar sobre o que ela tinha dito pra mim ela até me disse  
58 que esse rapaz que eu poderia ir correr atrás dele pra  
59 me ajudar ele iria me dar um chute na minha bunda

60 Odete ela sabia [do::]

61 Taís [ela sabia] porque no dia que eu ia conhecer  
62 ele eu falei pra ela "olha eu conheci uma pessoa na  
63 internet" eu avisei pra ela pra que ela pudesse saber  
64 onde é que eu tô ... onde eu tô indo

65 Odete claro até por uma questão de segurança né a [gente não  
66 sabe né

67 Taís [exato  
68 né] e tem mais outra coisa que eu não lembro que ela me  
569 falou e que pra mim foi chocante o que ela me falou ...  
570 não lembro agora não mas aí vamos mudar de assunto depois  
571 eu lembro

572 Odete não não tem problema depois você conta

573 Taís e a minha prima se chama maria josé a que me ajudou e aí  
574 tem maria josé [também no livro]

575 Odete [tem é uma das companheiras] de quarto da-  
576 da macabéa né mas ela não tem muita relação com elas né  
577 não se você- se você pegou isso a macabéa ela é muito  
578 sozinha nela mesma né até tem uma hora que ... o narrador  
579 fala que a conexão dela com o mundo é com a gloria que é  
580 a colega de trabalho depois vem o olímpico que é o  
581 namorado que não dá certo aí tem o chefe ela já não tem  
582 mais família porque os pais faleceram quando ela era

583 pequena não lembra não sabe nem sabe o nome dos pais que  
584 tristeza e:: aí a tia também por criança criada também  
585 já era falecida então ela- macabéa conhece muito poucas  
586 pessoas né na verdade

587 Taís macabéa pa- é assim uma pessoa sem informação

588 Odete uhum

589 Taís parecida com- não sabia o que falar ela não sabia é o  
590 que- o significado das palavras

591 Odete que ela ouvia no rádio né ... ali era a fonte de alguma  
592 coisa externa pra ela né talvez uma fonte de informação  
593 mas ela não sabia nem bem o que fazer com aquilo

594 Taís pois é e aí eu vi que a minha vida- depois que mudou isso  
595 a minha vida foi mudando foi levando as coisas pra frente  
596 vamos lá o meu esposo sempre me incentivou a estudar "eu  
597 quero que você estude você vai voltar a estudar" e sempre  
598 quando ele falava isso pra mim eu ficava com medo ... eu  
599 falava assim eu não sei "eu tô há cinco anos sem estudar  
600 eu não sei falar eu não sei- eu não sei mais escrever  
01 direito eu não sei mais nada eu não sei eu não vou passar  
02 na entrevista porque eu não sei" e- ele passou a me  
03 colocar é:: pra eu fazer prova pra eu fazer concurso pra  
04 eu poder fazer entrevista em faculdade ... quando eu fui  
05 fazer entrevista na faculdade eu tava do lado de pessoas  
06 "eu sou formado em matemática" "faço direito" "faço isso  
07 e faço aquilo e faço aquilo" eu e agora? eu trabalho no  
08 supermercado tô cinco anos sem estudar tô aqui querendo  
09 uma vaga pra poder ... mudar o meu trabalho mudar poder  
10 ter a possibilidade de fazer uma faculdade ... mas eu tô  
11 vendo que as pessoas que vão aqui fazer aqui a prova- me  
12 dá- te dá uma prova pra você fazer,

13 Odete uhum

614 Taís difícil eu "ô meu deus" eu sai dali correndo eu queria  
615 sair daquele lugar correndo porque eu não sabia ... então  
616 as- ao redor dá-o que eu olhava pras pessoas era assim  
617 "como será que essas- essas pessoas estão me vendo? ...  
618 será que elas tão tendo pena de mim?"

619 Odete uhum

620 Taís "será que é talvez o meu esposo que é muito inteligente  
621 teria que ter uma mulher estudada já com com uma  
622 qualificação e aí poderia dar mais certo do que com uma  
623 pessoa que não sabe falar direito que tá há muito tempo  
624 sem estudar?" eu tenho a força de trabalho mas não tenho  
625 conhecimento ... são duas coisas diferentes,

626 Odete uhum

627 Taís mas você pode ter os dois eu posso ter isso ... mas ele  
628 foi uma pessoa que foi muito positiva comigo olha só- me  
629 colocava sempre pra pra cima falava que eu iria conseguir  
630 é tão difícil (num concurso agora pouco) que eu consegui  
631 passar mas não fiquei classificada [mas consegui passar]

632 Odete [mas já é um caminho]

633 Taís eu não tinha passado em nenhuma prova sempre sempre que  
634 eu passava sempre eu chegava próximo eu não chegava a  
635 passar dessa vez eu cheguei a passar e não fui  
636 classificada pra vaga

637 Odete então tá caminhando né de alguma forma progredindo

638 Taís quando pego o papel eu tento lê o que é aquela pergunta  
639 tá querendo me dizer e eu consigo uma compreensão um  
640 pouco mais diferente

641 Odete uhum

642 Taís saiu (da operação) da força de trabalho,

643 Odete é a macabéa ela ela não não refletia muito né acho que  
44 ela tinha- é um pouco essa visão do que a autora quer  
45 falar dessa condição de de de vida miserável ainda mais  
46 antigamente né ela escreveu em setenta e sete essa  
47 história né então lá atrás ((estala os dedos)) ela era  
48 datilógrafa né? batia na máquina de escrever e ela tinha  
49 dificuldades com as palavras e eu acho que ela não  
50 refletia muito sobre a vida sobre o que ela podia ser  
51 até- tanto que em diversas fala- vez- fala assim ah ela  
52 era feliz ela era feliz até porque ela não sabia que  
53 existia uma outra condição de vida né

54 Taís eu pelo menos (eu não sei dizer) eu era muito feliz eu  
55 só me sentia sozinha solitária,

56 Odete uhum

657 Taís porque chega um momento da sua vida que você pensa assim  
658 poxa, e agora eu queria falar sobre o dia de trabalho não  
659 tinha ninguém pra falar minhas amigas estão ocupadas e  
660 agora eu tenho quem ah eu tenho a minha mãe minha mãe tem  
661 um pensamento antigo cê falo alguma coisa pra ela ela não  
662 vai entender pelo contrário ela vai criticar porque ela  
663 é mãe porque é o conhecimento dela tem que respeitar  
664 passei a entender e a compreender que é o jeito dela que  
665 é o jeito dela pensar ... "mãe mas eu tenho a senhora ah  
666 tá bom a minha opinião é essa e a da senhora é essa eu  
667 aceito a da senhora e a senhora tem que aceitar a minha  
668 mas [porém,]

669 Odete [uhum]

670 Taís eu sigo o que eu achar que é melhor pra mim eu cresci" é  
671 ... ela fala "tá bom" ... ela tenta hoje me com- me



672 compreender que eu falo assim "ó que legal que eu converso  
673 sempre com você te conto as coisas se você não me entender  
674 não conversar comigo eu vou ter que ter uma pessoa pra  
675 conversar comigo e eu escolhi você que é minha mãe você  
676 é a pessoa certa pra entender" ela diz assim "não, não  
677 minha filha pode conversar comigo" e aí o pensamento  
678 passa a mudar [(e outra coisa eu passei)]

679 Odete [é, é o teu jeitinho de lidar com ela]

680 Taís o meu pai é uma pessoa muito ignorante ... e eu nunca  
681 tive o amor do meu pai ... e eu passei um tempo sem falar  
682 com ele e aí ele disse pra minha mãe assim eu perguntava  
683 por ele mas eu não falava com ele

684 Odete uhum

685 Taís e ele falou pra minha mãe perguntando se não teria pai  
686 ... e aí eu passei a ir pra uma igreja evangélica que se  
687 chama maranata lá em são paulo

688 Odete uhum

689 Taís e aí essa minha concepção de esperar que a pessoa viesse  
90 perdoar ... eu teria que perdoar não só quando ela pedir  
91 perdão eu teria que perdoar sem ela me pedir perdão porque  
92 ali é a consciência dela ela acha que nunca errou então  
93 se ela acha que não errou como ela vai me pedir desculpa?

94 Odete uhum

95 Taís eu vou ter- (inaudível) eu não vou ser feliz eu vou  
96 perdoar ... passei a perdoar hoje meu pai me adora aí as  
97 vezes minha mãe fala assim "ah sei pai disse isso isso  
98 isso" "mãe deixa ele" "mas antes tu brigava agora tu  
99 defende ele" eu falo assim "mãe é o jeito dele" você  
00 acaba que tem que respeitar o jeito das outras pessoas

01 Odete aprender a lidar né

702 Taís e a e a faculdade me deu isso a possibilidade de  
703 compreensão de não brigar de não toda hora "ah porque  
704 isso aqui tem que ser do meu jeito↑" não, não pode ser  
705 assim

706 Odete uhum

707 Taís a faculdade pra mim foi uma porta assim mágica que eu fiz  
708 assim e agora? eu tô- ainda bem que eu tô fazendo  
709 faculdade sei que todo mundo tá ali estudando eu sei não  
710 tem pessoas com grau muito maior que o meu a não ser os  
711 professores que os professores eles até agora eles o que  
712 eu pergunto eles me respondem me tratam bem então

713 Odete uhum

714 Taís beleza, mas pra mim foi uma dose chegar até aqui e falar  
715 assim “nossa eu consegui estudar” porque disseram que eu  
716 não iria conseguir quando eu falava que queria ser  
717 professora todo mundo “professora? ganha tão pouco né nem  
718 né nem visto na sociedade” só- o aluno bate no professor  
719 e não sei o que só falando mal é mas “é um sonho meu é o  
720 que eu quero né” [então,]

721 Odete [você (tem que acreditar)]

722 Taís não posso um dia reclamar não posso um dia reclamar porque  
723 eu estudei pra aquilo dali não posso achar ruim se  
724 acontecer alguma coisa tenho apenas que saber como lidar

725 Odete uhum

726 Taís e na família por enquanto só eu que estou fazendo  
727 faculdade eu tenho

728 Odete aham na sua família né?

729 Taís é meu pai- minha mãe fez o segundo o segundo grau terminou  
730 os estudos o meu pai parou na quinta, na quarta série

31 Odete uhum

32 Taís a minha irmã muito estudiosa se não tiver enganada ela  
33 tá no primeiro ano e assim estuda o dobro do que eu  
34 estudava quando eu estudava no ensino no ensino médio ...  
35 e aí o meu irmão era uma pessoa inteligente que poderia  
36 sim estudar pra passar num concurso ter uma profissão mas  
37 também não quer foi escolha dele

38 Odete eles estão em natal?

39 Taís tão. numa cidade de no interior de natal porque é na-  
40 natal é a capital da minha [cidade]

41 Odete [uhum]

742 Taís a minha cidade é rio grande do norte não deixa de ser  
743 Odete estado né?

744 Taís é apenas uma cidade bem menos desenvolvida do que [natal]

745 Odete [uhum]

746 Taís ah quando eu saí pra trabalhar em são paulo pra trabalhar  
747 em natal eu saí pra trabalhar como vendedora e na minha  
748 cidade trabalhei como babá e trabalhei como empregada  
749 doméstica

750 Odete entendi. ... aí você você daqui pro rio cê veio da sua  
751 cidade ou de são paulo como é que foi?

752 Taís não eu vim da minha cidade

753 Odete hummm mas antes você já tinha morado em são paulo?

754 Taís já tinha morado em são paulo

755 Odete aí voltou pra lá

756 Taís já tinha morado em natal

757 Odete entendi.

758 Taís aí recebi essa proposta pra vir que era uma proposta que  
759 parecia financeiramente boa que era o que eu ganhava como  
760 vendedora pra trabalhar de segunda à sexta ... e ainda  
761 não ter que pagar aluguel ter que pagar despesa [pensei],

762 Odete [entendi]

763 Taís que fosse bom pra mim mas não foi ... quer dizer não  
764 posso dizer isso eu posso falar que foi ruim mas que me  
765 trouxe algo muito bom que é o meu esposo que que é  
766 maravilhoso comigo a:: minha família- os meus primos que  
767 tem aqui me ajudaram foram muito bons comigo ... e  
768 enfrento talvez esse lugar que passa direto na televisão  
769 só coisa ruim lá na minha cidade a minha mãe e o meu pai  
770 ah cê tá morando aonde aonde mãe tô morando em tal lugar  
771 fica tranquila (incompreensível) não fica pensando que  
772 vai acontecer que cê vai sofrer antes vai acontecer nada  
773 fica tranquila ah minha filha você não sabe não é bom  
774 você sair pra faculdade não é bom sair pra trabalhar mãe  
775 [pelo amor de deus as pessoas vivem]

776 Odete [tadinha (hhhh)]

777 Taís: o que que acontece no rio de janeiro as pessoas não podem  
778 deixar de viver não como é que elas vão se manter no rio  
779 de janeiro que as coisas são muito caras ... que o custo  
780 de vida dos lugares que eu já morei o custo de vida mais  
781 alto ... e aqui exige mais qualificação ... então se eu  
782 não estudar eu não vou ter uma profissão eu não vou ter  
783 eu vou trabalhar em quê futuramente? vou ter que trabalhar  
784 como operadora de caixa que quando tem alguém que tem um  
785 nível superior a você te trata mal te humilha o que o que  
786 eu passei no supermercado as pessoas porque era fiscal  
787 fiscal "por que cê tá- cê tá pedindo cancelamento de um  
788 produto que você passou duas vezes? tem que prestar  
789 atenção" ... então era o trabalho delas mas elas te  
790 cobrava inclusive que cê não podia não poderia errar como  
791 operadora de caixa e se- e se no final do expediente  
792 tivesse faltando alguma coisa tipo você passou algum  
793 troco errado alguma coisa você que paga ... então tinha  
794 todo um (incompreensível) e as pessoas que eu tive lá no  
795 supermercado a maioria a maioria são pessoas de outras  
796 cidades que vieram pro rio de janeiro e que moram em uma  
797 comunidade e que acham que tudo aquilo dali é normal ...  
798 quando chega o final de semana o baile ... durante a  
799 semana eu via meninas não quero falar mal delas mas eu

800 via meninas que trabalhavam comigo que se envolviam com  
801 bandido que viravam esposa de bandido

802 Odete aham

803 Taís as vezes meu esposo entrava na comunidade pra ... me  
804 buscar digamos eu só tinha duas folgas na semana então  
805 nessas duas folgas dava pra ele ir me pegar no sábado à  
806 noite e quando eu trabalhava no domingo e como era- eu  
807 saia cedo dava pra eu vir pra cá no domingo,

808 Odete uhum

809 Taís no domingo assim umas sete horas aí quando era segunda-  
810 feira eu ia pra casa mas aí todo o final de semana estava  
811 com o meu esposo mas dois dias que eu ficava mais ... e  
812 aí esses dois dias que ele ia me buscar é:: ele por ser  
813 sério por ser branco por ser careca é pelo andar dele as  
814 pessoas olhavam pra ele e::,

815 Odete tinha o estereótipo

816 Taís e os bandidos já tinham parado ele duas vezes pra  
^17 perguntar quem ele era o que era que ele estava fazendo  
18 ali ... porque identificavam ele como policial e aí ele  
19 "taís já duas vezes que tinham parado" ele e ele não  
20 respondia grosseiramente aí eu "meu deus não faz isso  
21 não" por que ele falou pra ele eu moro aqui que tinha que  
22 entrar na comunidade falando que era de lá e que tava  
23 indo no supermercado pegar a namorada dele aí ele disse  
24 "não eu fui parado aqui já duas vezes e aí isso é muito  
25 chato né eu tô aqui vou fazer nada não só vou pegar minha  
26 esposa namorada- [ô quer dizer a minha namorada",]

27 Odete [na época, namorada]

28 Taís é beleza ele me pegava ele falava "taís eu entrava com  
29 medo não tem noção" e eu falava ... inclusive o filho  
830 dele também morava numa comunidade,

831 Odete o filho?

832 Taís é. mas:: é:: era milícia ... e aquela coisa é bem  
833 esquisita também mas é diferente porque ele já morou lá  
834 um tempo e::

835 Odete então ele já é conhecido né?

836 Taís é então isso era muito bizarro até no supermercado as  
837 meninas viram que ele tava me esperando ... as meninas  
838 chegaram a me perguntar se ele era policial falei "não  
839 gente ele trabalha num RH de uma empresa",

840 Odete engraçado isso tem um estereótipo branco careca sério  
841 [tem cara]

842 Taís [(inaudível)] se falar as pessoas observam então isso é  
843 terrível (então disse não) talvez eu ter vindo morar com  
844 ele é a gente ia casar a gente já vai casar ... é:: foi  
845 talvez eu pensei poxa mas aí ele tá vindo- não precisa  
846 cê vir me buscar não que eu dou um jeito mas ele falava  
847 não eu vou te buscar sim

848 Odete ele queria te proteger de alguma forma. taís eu tô um  
849 pouco preocupada com a hora porque eu acho que a gente  
850 precisa entregar a chave daqui

851 Taís vai dar dez horas

## ANEXO IV



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada(o) a participar como voluntária(o) da pesquisa “Reconstruindo vidas na leitura literária: uma análise de narrativas de migração sob uma perspectiva sociodiscursiva”. Este estudo será realizado em minha pesquisa de Doutorado na PUC-Rio e tem como objetivo compreender um encontro com a obra literária e como as histórias de migração constroem identidades e afetos.

Se você aceitar participar deste estudo, eu e você vamos ler um livro de literatura e conversar sobre assuntos relacionados à obra, o que pode envolver sua experiência de migração. Nossa conversa será gravada em áudio, para que eu possa ouvi-la mais tarde e utilizá-la durante a pesquisa. Quanto aos dados e informações mencionados, você pode escolher o que posso usar na pesquisa. Sua privacidade será respeitada e suas informações serão confidenciais, ou seja, não divulgarei nenhum dado sem sua permissão.

Nosso momento de leitura e de conversa não possui nenhum risco. Talvez você possa sentir desconforto em falar sobre algum tema ou assunto. Não se preocupe: você pode se recusar a falar ou até mesmo desistir de sua participação a qualquer momento, sem nenhum problema ou prejuízo. O maior benefício de sua participação será o próprio momento de leitura do livro, de troca e de conversa sobre sua história de vida, afinal contamos para nos entender melhor.

Este projeto segue as normas éticas estabelecidas na Resolução de Nº 510 de 7 de abril de 2016. De acordo com essa resolução, se você aceitar participar deste trabalho, são seus direitos:

1. ter informações sobre a pesquisa;
2. desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo;
3. ter sua privacidade respeitada;
4. ter garantida a confidencialidade das informações pessoais;
5. decidir se sua identidade será divulgada e quais são as informações, dentre as que você forneceu, que podem ser tratadas de forma pública;
6. recusar falar sobre algum tema ou assunto que gere qualquer tipo de constrangimento, incomodo ou sofrimento;
7. ser indenizado por qualquer dano ou despesa decorrente da pesquisa.

**Dúvidas e reclamações:**

Pesquisadora: Odete Firmino Alhadas Salgado  
Telefone: 99058-5884  
E-mail: [odete.lettras@gmail.com](mailto:odete.lettras@gmail.com)

Orientadora: Adriana Nogueira Accioly Nóbrega  
Telefone: 3527-1770  
E-mail: [adriananobrega@puc-rio.br](mailto:adriananobrega@puc-rio.br)

**Declaração:**

Declaro que li, ou que foram lidas para mim, todas as informações deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Tive a oportunidade de discutir e entendi todas as informações deste termo e compreendi que possuo a garantia de confidencialidade e de sigilo de meus dados e identidade. Todas as minhas perguntas foram respondidas e estou satisfeita(o) com as respostas. Concordo em participar voluntariamente deste estudo e sei que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou penalidade. Eu aceito, ainda, que os dados gerados possam ser utilizados em eventos científicos ou acadêmicos, periódicos ou livros. Entendo que vou receber uma via deste documento assinada e datada e que outra via assinada e datada ficará com a pesquisadora responsável.

**Dados da participante da pesquisa:**

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora